

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO *STRITO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

LUCIANA DA SILVA MARTINS

**A PARTICIPAÇÃO DA INTELLECTUAL AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA
NO MOVIMENTO ESCOLANOVISTA EM GOIÁS - 1937 a 1963**

GOIÂNIA

2018

LUCIANA DA SILVA MARTINS

**A PARTICIPAÇÃO DA INTELLECTUAL AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA
NO MOVIMENTO ESCOLANOVISTA EM GOIÁS - 1937 a 1963**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Teorias e Processos Pedagógicos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Elianda Figueiredo Arantes Tiballi.

GOIÂNIA

2018

M386p

Martins, Luciana da Silva

A participação da intelectual Amália Hermano Teixeira no movimento escolanovista em Goiás-1937 a 1963 [recurso eletrônico]/ Luciana da Silva Martins.-- 2018. 234 f.; il.

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2018.
Inclui referências f. 159-164

1. Teixeira, Amália Hermano, 1916-1991 - Intelectual. 2. Educação - História - Goiás (Estado). 3. Intelectuais - História - Goiás (Estado). 4. Educação - Estado Novo - Goiás (Estado). 5. Escola nova. I. Tiballi, Elianda Figueiredo Arantes. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 37(091)(043)

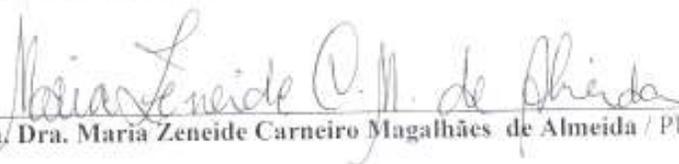
**A PARTICIPAÇÃO DA INTELLECTUAL AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA NO
MOVIMENTO ESCOLANOVISTA EM GOIÁS - 1937 A 1963**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 21 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Elianda Figueiredo Arantes Tiballi / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida / PUC Goiás



Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva / UFG - (Prof. Colaborador da PUC Goiás)



Prof. Dr. Bento Alves Araujo Jayme Fleury Curado / IHGG

Prof. Dra. Beatriz Aparecida Zanatta / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dra. Sandramara Matias Chaves / UFG (Suplente)

À

Vovó Jerônima (in memoriam), todos os dias sinto sua falta, e a vovó Josefa, pelo amor abrangente demonstrado a mim.

Aos meus filhos Thiago e Heitor, por completar os meus dias de alegria e amor.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Elianda Figueiredo Arantes Tiballi pela exigência, generosidade e atenção dedicada, oportunizando-me a crescer e atravessar “a ponte”.

Aos professores da Banca examinadora, professor Dr. Bento Jaime Fleury Curado, professora Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida, professor Dr. Wilson Alves de Paiva pelo convite aceito e pelas contribuições.

Ao Vilmar Moraes, meu esposo e companheiro pela serenidade em dias afoitos e excessivos e pelo carinho demonstrado a mim.

Aos meus amados pais, Agnel Martins e Selma Martins pela torcida, ajuda e atenção incondicional.

Aos meus irmãos Paulo e Ana Paula, sobrinhos, cunhados e familiares que sempre me deram apoio, estímulo e auxiliaram-me quando em falta de tempo, acudiam-me nas diversas jornadas.

Aos amigos por minha ausência, pois compreenderam e apoiaram-me.

Ao professor Bento que com dedicação, possibilitou-me expressivas informações ao doar-me materiais fecundos à pesquisa e favorecer-me a desenvolver um trabalho mais amplo.

A Rosinha Hermano e Eleuzenira de Menezes pelas dedicadas entrevistas cedidas.

Aos funcionários do Instituto Histórico Geográfico Goiano, pela atenção a mim dispensada durante as pesquisas.

A James Martins pela imensa ajuda.

A Cleiciane pela contribuição na formatação e pela amizade.

A Erisânia pelo despertar, contínua amizade e estímulo.

Aos professores Libâneo, Zeneide, Raquel, Esperança, Beatriz, Lila, Elianda, Cláudia e Antônio, pelas aulas ministradas, oportunidade de diálogo e as diferentes situações de aprendizagens.

Aos colegas e amigos concebidos no mestrado e no grupo de estudo. Por oportunizar debates e aprendizagens que muito contribuíram em apropriação à pesquisa.

Aos órgãos competentes administrativos: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás, Secretaria de Educação Municipal de Indiara e FAPEG, pelas licenças concedidas e pela bolsa de estudo. Oportunidades que favoreceram as atividades de estudo.

E um agradecimento especial aos meus filhos Thiago Martins e Heitor Martins, que, nos diversos contextos doaram-se, cheios de carinho e amor, fortalecendo-me nos percursos mais conturbados.

A Deus toda honra.

A escola é uma invenção social que, com suas imensas consequências, pode ser comparada à escrita, com a qual sempre se encontra intimamente associada. Escola e escrita perturbam a lógica da produção-reprodução cultural e social.

André Petitat

RESUMO

Este trabalho expressa os resultados de uma pesquisa sustentada pela história dos intelectuais; tem como objeto de estudo as contribuições de Amália Hermano Teixeira no movimento escolanovista em Goiás. O procedimento metodológico que sustentou esta pesquisa consiste no Contextualismo Linguístico, fundamentado por Quentin Skinner, pela ótica de Vieira (2008; 2015; 2017) e Silva, Ricardo (2010). A elucidação dos resultados desta pesquisa está dividida neste trabalho em três capítulos; sendo que o primeiro trata da contextualização histórica do cenário goiano, no início do século XX, que se instaurou a partir de enfrentamentos político-sociais e ideológicos e a colaboração com o sistema de poder firmados pelo apoio escolanovista, por meio do qual se buscou uma compreensão dada pelos escritos de Amália Hermano Teixeira (1916-1991) e sua visão em relação a todo esse processo. O segundo capítulo busca responder ao objetivo de instaurar uma explicação sobre a participação dos intelectuais na consolidação do ideário educacional goiano; retrata as relações institucionais, sociais e intelectuais de Amália Hermano e os nexos desta intelectualidade, que constituiu-se no estado goiano e em contribuições à expansão e permanência de um ideário pautado na proposta governamental. O terceiro capítulo assume a função de apresentar um foco à intelectual Amália Hermano Teixeira e ressaltar as suas contribuições enquanto professora e participe na estruturação do processo educacional goiano, com vistas à Escola Nova. Conclui-se este trabalho, com o convencimento de que Amália Hermano Teixeira atuou no contexto educacional goiano, como militante do movimento escolanovista, combinando estratégias e ideários advindos do governo, de forma a concretizar uma ação educativa voltada para novos padrões sociais em que a sociedade engrenava-se. Configurou-se assim, um pertencimento a um cenário em que Amália Hermano fez-se parte integrante e ativa, com propósitos pensados e normatizados à época, constituindo-se como parte importante da história da educação em Goiás.

Palavras-chave: Amália Hermano Teixeira; Intelectual; Escolanovista; Educação em Goiás; Estado Novo em Goiás.

ABSTRACT

This work expresses the results of a research supported by the history of intellectuals; a an object of study, it has the contributions of Amalia Hermano Teixeira in the 'escolanovista' movement in Goiás. The methodological procedure that supported this research consists of the Linguistic Contextualism, founded by Quentin Skinner, the optics of Vieira (2008; 2015; 2017) and Ricardo Silva, (2010). The elucidation of the results of this research is divided into three chapters; the first deals with the historical contextualization scenario of the people of Goiás in the beginning of the twentieth century, which introduced socio-political and ideological confrontation and collaboration with a power system established by 'escolanovista' support, which sought an understanding given by the writings of Amalia Hermano Teixeira (1916-1991), her vision of this whole process. The second chapter; seeking to respond to the objective of establishing an explanation about the participation of the intellectuals in the consolidation of educational ideals in Goiás, depicts the intellectual, social and institutional relations of Amalia Hermano and the nexus of this intellectual that constituted in the state of Goiás and its contributions to expansion and permanence of an ideology based on the government's proposal. The third chapter assumes the function of presenting an intellectual focus on Amalia Hermano Teixeira and emphasize these intellectual contributions as a teacher and participant in the structuring of the educational process of Goiás, with a view of Escola Nova. We conclude this work, with the conceit that Amalia Hermano Teixeira, acted in the Goiano educational context as a militant 'escolanovista' movement, combining upon itself ideas and strategies from the government in order to achieve an educational action aimed for new social patterns, to which the society engaged in. Configures a belonging to a scenario in which the same became integral and active, with purposed thoughts and standardization of the era, becoming an important part of the history of education in the state of Goiás.

Keywords: Amalia Hermano Teixeira; Intellectual; Escolanovista; Education in Goiás; New Statein Goiás.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Demonstrativo das arrecadações no Estado de Goiás	34
Quadro 02	Esquema de aula explicativa da Professora Amália Hermano Teixeira	138
Quadro 03	Esquema de organização mental de explicações da Professora Amália Hermano Teixeira	138
Quadro 04	Sequência lógica do pensamento de aula da Professora Amália Hermano Teixeira	139
Quadro 05	Explicação e organização das aulas da Professora Amália Hermano Teixeira	140

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Foto de Amália Hermano Teixeira.....	14
Figura 02	Foto de Amália Hermano Teixeira com as alunas em aula prática 1947.....	49
Figura 03	Foto de desfile dos alunos do Grupo escolar de Bonfim de Goyaz .	54
Figura 04	Rede de sociabilidade Amália Hermano Teixeira	57
Figura 05	Foto de Amália Hermano Teixeira no Palácio das Esmeraldas com Dr. Pedro Ludovico Teixeira-1955.....	61
Figura 06	Foto de Amália Hermano Teixeira, Cid Morais, Goiandira do Couto em exposição cultural de Octo Marques – 1980	96
Figura 07	Foto de Amália Hermano Teixeira na Cidade de Goiás - 1938.....	100
Figura 08	Foto de Amália Hermano Teixeira em Natividade (TO) com autoridades locais - 1965.....	106
Figura 09	Foto de Amália Hermano Teixeira em convívio social com as amigas em Natividade (TO) - Homenagem a Lourdinha Maia - 1990	106
Figura 10	Foto de Amália e Maximiano da Matta em congresso de Botânica – 1984	115
Figura 11	Foto de Amália Hermano Teixeira e membros do Tribunal de Justiça	116
Figura 12	Criação do Grupo Pró-Arte de Goiás - 1946 - Palácio das Esmeraldas	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
BALANÇO DA PRODUÇÃO	15
ORIENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA	16
A COLETA DE DADOS	19
Entrevistas	20
Diário de campo	21
Análise documental	22
1. OS ENFRENTAMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS NO CONTEXTO GOIANO - O MOVIMENTO ESCOLANOVISTA	24
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO GOIANO QUE ANTECEDE A REVOLUÇÃO DE 1930	24
1.2 A REVOLUÇÃO DE 1930 E AS MUDANÇAS OCORRIDAS	29
1.3 OS ESCOLANOVISTAS EM CENÁRIO BRASILEIRO	37
1.4 AS BASES ESCOLANOVISTAS NO CENÁRIO GOIANO	42
1.4.1 Do contexto vivenciado por Amália Hermano Teixeira: escolanovismo e ações políticas do Estado Novo	48
2. A REDE DE SOCIABILIDADE DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA	56
2.1 REDE SOCIAL E INSTITUCIONAL A BASE DO GOVERNO	58
2.1.1 Amália Hermano Teixeira e o Governo – um vínculo institucional perpetuado por décadas	61
2.1.2 No cenário da Escola Normal Oficial: Amália X Ofélia, entre ofensas e desafetos	68
2.1.3 <i>Revista Oeste e Revista de Educação</i>: propagação dos intelectuais	74
2.1.4 As relações sociais de Amália Hermano Teixeira e suas configurações a base do governo	79
2.1.4.1 Lourenço Filho	80
2.1.4.2 Bernado Élis	84
2.1.4.3 Regina Lacerda	85
2.1.4.4 Gustavo Capanema	87

2.2 AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA ENTRE OUTROS CENÁRIOS DE SOCIABILIDADE	88
2.2.1 Cora Coralina	89
2.2.2 Pablo Neruda.....	91
2.2.3 Zélia Gattai	93
2.2.4 Amália Hermano Teixeira e os jovens artistas	95
3. AMÁLIA POR AMÁLIA - AS MULTIFACETAS INTELCTUAL E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM GOIÁS.....	97
3.1 AMÁLIA POR AMÁLIA – DA SAÍDA DA CIDADE DE NATIVIDADE À CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UMA INTELCTUAL	100
3.2 AMÁLIA E MAXIMIANO - UMA TRAJETÓRIA AMOROSA E INTELCTUAL...	107
3.3 AS PUBLICAÇÕES E INTERESSES DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA: PROCESSO DE ACULTURAÇÃO NOS DISCURSOS	116
3.4 A PROFESSORA AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA E AS PRÁTICAS DE ENSINO ESCOLANOVISTAS.....	127
3.4.1 Amália Hermano Teixeira e os Clubes Agrícolas e o Ensino Rural	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICES	159
ANEXOS	164

INTRODUÇÃO

A escolha da trajetória e contribuição da intelectual Amália Hermano Teixeira como objeto de pesquisa, teve como primeira motivação a leitura do livro *A Ilusão Pedagógica 1930-1945: estado, sociedade e educação em Goiás*, de Maria de Araújo Nepomuceno (1994), que despertou interesse por compreender quais intelectuais goianos contribuíram para a divulgação e introdução do ideário escolanovista no Estado de Goiás.

Este primeiro estímulo foi reforçado pela participação no Grupo de Pesquisa *Pensamento Educacional Brasileiro - GEPPEB*, orientado pela Professora Dra. Elianda Figueiredo Arantes Tiballi, que promoveu estudos sobre o *movimento escolanovista*, com ênfase no Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova de 1932 e, na contribuição dos escolanovistas na luta pela educação pública brasileira. Ser professora da Educação Básica Pública, suscitou o interesse em estudar aquele movimento; entender o contexto histórico vivenciado pelos seus participantes e a sua repercussão no Estado de Goiás.

Intrigou conhecer quais foram os intelectuais que atuaram naquele período no Estado; quais relações intelectuais, institucionais e sociais foram estabelecidas e quais estratégias utilizaram para propagar e instituir o ideário escolanovista em Goiás.

Nesse contexto, Amália Hermano Teixeira surgiu como expoente, com sua história já registrada, como intelectual que muito contribuiu para a organização educacional goiana em tempos em que a história do Estado estava sendo reconstruída com novos marcos políticos, década de 1930. Além de caracterizar-se como profissional da educação, sua atuação teve múltiplas facetas, foi advogada, e professora, com ampla participação na produção e direção de revistas pedagógicas e informativas.

Assim, esta pesquisa teve o propósito de investigar mais detidamente, a história intelectual e profissional de Amália Hermano Teixeira, que atuou como participante do movimento escolanovista goiano e como professora no contexto histórico de mudanças políticas e educacionais em Goiás, no período compreendido entre as décadas de 1930 a 1960.

Nascida na cidade de Natividade em 23 de setembro de 1916, região do norte de Goiás, atualmente Estado do Tocantins, Amália Hermano Teixeira mudou-se para

a cidade de Itaberaí ainda criança, acompanhada de seus pais, Manoel José Hermano, vulgo Manduca e Archângela Pereira Hermano; eles eram fugitivos da "Revolta do Duro" (em São José do Duro, hoje Dianópolis). Teve as suas primeiras aulas com a professora Maria Cazuza Hermano que era tia de Amália Hermano Teixeira.

Posteriormente, em companhia da família, mudou-se para a antiga Capital do Estado, Cidade de Goiás; nesse local, a sua família manteve por vários anos uma pensão conhecida por abrigar jovens do norte goiano que vinham estudar na cidade; a "Pensão Manduca, que era uma pensão do tipo refúgio dos nortenses, que vinham de onde é hoje o Estado do Tocantins". (CURADO, 2017, entrevista).

Já moradora da Cidade de Goiás, Amália Hermano Teixeira cursou o primário no Grupo Escolar de Goiás, tendo como professora Emília Perillo Argenta, e o ensino secundário no Lyceu de Goiás. Tornou-se normalista em 1935 e em 1936, foi para o Rio Janeiro para representar Goiás na Universidade Rural do Brasil. Ao retornar-se, em 1937, casa-se com o então advogado Maximiano da Mata Teixeira e muda-se para a nova capital de Goiás; lugar em que construirá uma complexa e ampla campanha em prol da Educação Nova, iniciando sua jornada como profissional na Escola Normal Oficial e estendendo-se para diversos outros campos. Amália Hermano faleceu em 1991, na cidade de Goiânia.

Figura 01- Foto de Amália Hermano Teixeira



Fonte: Acervo do Professor Dr. Bento Fleury Curado

BALANÇO DA PRODUÇÃO

Após a definição do assunto, realizou-se o levantamento bibliográfico de estudos relacionados à Amália Hermano Teixeira, publicados de 1997 a 2017, na Internet, nos sites SCIELO, GOOGLE ACADÊMICO, CAPES, Banco de Dados de Teses e Dissertações da UFG e PUC-GO, repositório da UFSCar, repositório UNESP, repositório da UNICAMP; nos quais, foram encontrados trabalhos que, apesar de não se referirem diretamente ao objeto de estudo, foram relevantes para esta pesquisa, por evidenciar o contexto histórico e social do período que foi considerado para esta pesquisa, vivenciado por Amália Hermano Teixeira¹.

As bases de dados estabelecidas, foram os artigos, teses e dissertações, na área de Educação, estendida à outras áreas como, Ciências Agrárias, Direito e Geografia, por compreender que Amália Hermano Teixeira transitou-se também por estes campos de conhecimento.

Como descritores foram considerados: 1. Amália Hermano Teixeira. 2. Educação em Goiás. 3. Escolanovismo em Goiás. 4. Amália Hermano Teixeira e os intelectuais goianos. 5. Intelectuais goianos. 6. Revista Educação em Goiás. 7. Goiás 1930-1963 e Amália Hermano Teixeira. 8. Revista Oeste. 9. Escolanovismo e ruralismo em Goiás. 10. Clubes agrícolas em Goiás.

Localizou-se ao todo, quinze (15) trabalhos que atenderam aos critérios parciais estabelecidos para seleção, ou seja, o período cronológico em que o objeto foi pesquisado, a educação em Goiás no período de 1930 a 1963, a participação de Intelectuais nas revistas que circularam em Goiás naquele período e contribuições na construção do ideário escolanovista no Estado.

No entanto, referente ao objeto próprio do estudo, Amália Hermano Teixeira, como intelectual participante do movimento escolanovista em Goiás, não foi identificado nenhum trabalho. Os trabalhos encontrados foram organizados em um gráfico exposto no apêndice desta dissertação.

Constatou-se que Amália Hermano Teixeira tem sido continuamente citada em trabalhos de pesquisadores, que elegeram o Estado de Goiás, a educação rural, o

¹ Mesmo por não atender ao tempo cronológico da pesquisa, julga-se importante fazer referência a obra publicada em 2017, pela UFG, que ressalta verbete sobre Amália. Cf. RODRIGUES, A. B.; ARAÚJO, J.V.P. e CATÃO, A. M. L. Amália Hermano Teixeira (1961-1991) In: VALDEZ, Diane. *Dicionário de educadores em Goiás: séculos XVIII-XXI*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017.

cerrado, os grupos agrícolas, as orquídeas, dentre outros objetos de suas preocupações; sem, contudo, ter sido tomada antes como objeto de estudo.

Neste percurso, foram encontradas notas de publicações referentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, que propagavam o lançamento do livro póstumo de Amália Hermano Teixeira, *História de Goiás*, organizado por Eleuzenira Maria de Menezes e Janete Romano Fontanezi.

A partir dos dados obtidos, trilhou-se um caminho metodológico que pudesse orientar a pesquisa e respondesse ao objetivo proposto.

Com base na escolha do procedimento metodológico e do objetivo da pesquisa, procedeu-se à estruturação da coleta e análise dos dados, que posteriormente, possibilitou uma triangulação dos dados obtidos com a pesquisa bibliográfica, a análise da documentação escrita, fontes primárias e fontes secundárias; a história oral com as entrevistas realizadas e o diário de campo, na busca por explicitar os espaços sociais que segundo Viera (2017), permitem compreender as relações objetivas e subjetivas com as quais o intelectual esteve associado.

ORIENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

Ao amparar-se no entendimento de que “a pesquisa enquanto ato de investigação e de produção de conhecimento necessita de alguns requisitos básicos na trajetória de sua elaboração” (GOHN, 2005, p. 254); realizou-se uma pesquisa ancorada na História dos Intelectuais, com a metodologia Contextualismo Linguístico, fundamentada na teoria de Quentin Skinner (1966), Silva, Ricardo (2010) e Vieira (2008; 2015; 2017).

Uma característica preponderante desta metodologia, de acordo com Vieira (2017), consiste no foco de refletir acerca da enunciação produzida historicamente, estabelecendo vínculos entre o plano subjetivo dos sentidos que caracterizam as concepções e os discursos e o plano objetivo das práticas sociais. “Nessa acepção, as ideias não são essenciais ou arquétipos plenos de autonomia e, muito menos, reflexos ou efeitos passivos dos movimentos estruturais” (VIEIRA, 2017, p. 54).

São elementos importantes que circulam no processo histórico em que o intelectual encontra se envolvido; sendo que este processo insere e interfere na

produção do discurso. Assim, entende-se pela ótica de Quentin Skinner (1966), que a linguística utilizada pelo autor está inteiramente aferida de significados do momento explicitado pelo mesmo, daí a relevância de compreender os nexos que permeiam este discurso, atentando-se para o tempo histórico, o espaço circunstancial e as influências políticas e sociais que se aglutinaram a este processo.

Vieira (2017, p. 46) explica que o procedimento metodológico que ampara o Contextualismo Linguístico tem suas origens na escrita da história do pensamento político; mas se disseminou para outras áreas e se fundamenta como referência importante para o debate da história dos intelectuais.

Para Skinner (2010), o processo de averiguação dos dados deve partir do próprio texto, pois acredita que as ações, historicamente constituídas são intencionadas e pensadas. Assim, quando o autor realiza a obra, encontra-se implícito todo um pensamento significativo já efetuado:

Toda ação historicamente significativa deve ser reconstruída tendo em vista o pensamento do agente que a efetuou. Collingwood distingue entre os aspectos externos (eventos) e os aspectos internos de um acontecimento. Embora possa começar pela descoberta do exterior de um acontecimento, o trabalho do historiador só irá completar-se na medida em que ele consiga relacionar o evento descoberto como interior do acontecimento. Para isso, o historiador “tem de recordar-se sempre de que sua tarefa essencial é meter-se ele próprio no interior dessa ação, é discernir o pensamento de seu agente” (SKINNER, 1966, p. 267 apud SILVA, 2010, p. 306).

No Contextualismo linguístico compreende-se que todo autor, “por mais inovador que seja, está irremediavelmente situado num universo de convenções linguísticas que são, ao menos em parte, exclusivas do contexto de enunciação” (SILVA, 2010, p. 306). Tal fato, implica em estabelecer nexos que concebem o contexto histórico, imbuído não de situações autônomas de linguagem, e sim na preocupação de compreensão de todo um processo percorrido intelectualmente pelo autor, que consiste em buscar discernir qual o objetivo do autor em produzir aquela obra naquele momento específico.

Skinner (1966) estabeleceu um posicionamento amparado na proposta de equalizar a compreensão do significado de um texto na reconstituição da intenção ilocucionária do autor deste texto; em outras palavras, a compreensão do significado de um texto deve ser o mesmo que revelar as ações e pensamentos do autor ao escrevê-lo. Assim, faz-se necessário estudar “o modo como a intenção do autor se

inscreve no contexto de convenções linguísticas em que o texto foi produzido”. (SKINNER, 1969, p. 49 apud SILVA, 2010, p. 307).

Ainda é acentuado pela ótica do Contextualismo Linguístico, que compreender o significado do texto não é realizar ações de caráter psicológico; mas, sim, situar o texto pesquisado no cenário das convenções linguísticas dos temas e problemas a que este se propõe:

De modo a recuperar tais intenções, é normalmente tido como essencial cercar o texto dado com o contexto apropriado de pressuposições e convenções a partir do qual o significado exato intencionado pelo autor pode ser decodificado. Isso acarreta a conclusão crucial de que o conhecimento das pressuposições e convenções deve ser essencial para a compreensão do significado do texto. (SKINNER, 1975, p. 216 apud SILVA, 2010, p. 309).

A ênfase concebida por Skinner (1966) às convenções linguísticas, que buscam explicar as intenções do autor, inicia-se com o pressuposto de que todos os autores estão envolvidos em um ato de comunicação no momento em que escrevem ou publicam seus trabalhos, de maneira que para se fazer compreendido por seus leitores, estabelece como instrumento de seu discurso, os padrões convencionais de comunicação acerca dos quais deseja chamar a atenção.

Para Quentin Skinner (1966), a linguagem convencional utilizada pelo autor ressalta seu envolvimento em um ato de comunicação, que reflete a sua intenção e o significado que ele intenta produzir.

Ao optar pela pesquisa dos intelectuais, buscou-se utilizar este procedimento sugerido pelo Contextualismo Linguístico; uma vez que se propõe neste trabalho uma compreensão que busca estudar a intenção de Amália Hermano Teixeira ao produzir suas obras, principalmente significados por ela atribuídos ao seu discurso, ao ressaltar-se como escolanovista e quais foram as suas intenções na participação do movimento pela Escola Nova em Goiás.

O conceito de intelectual que respalda esta pesquisa, institui da concepção apresentada por Vieira (2008), que compreende o termo como polissêmico e carregado de significados atrelados à cultura social. Segundo Vieira, (2015, p. 07) “os intelectuais formam um estrato social quantitativamente reduzido, porém com poder significativo, guardadas as peculiaridades de cada conjuntura social e histórica”.

O mesmo autor acrescenta ainda, que o reconhecimento desses intelectuais não demanda necessariamente do termo. Entretanto, outros termos semanticamente correlatos podem designar o mesmo intuito como, no caso do Brasil, o termo profissionais da educação que foi o termo utilizado pelos intelectuais associados ao movimento escolanovista, os quais o utilizaram para se autorrepresentarem no Brasil nos anos 30.

Do ponto de vista da pesquisa histórica as teorias sociais e as representações sociais presentes em torno da ação política da intelligentsia ou dos intelectuais são indícios da polissemia das palavras, dos conflitos ideológicos, das posições políticas e dos interesses de investigação dos envolvidos nesta discussão. O conhecimento e a sensibilidade em relação à história das palavras, ao deslize dos sentidos, bem como em relação às principais teorias sociais e seus suportes lógicos e epistemológicos são fundamentais para evitarmos a condição de reféns desses significados e representações muitas vezes naturalizados nos nossos círculos de comunicação (VIEIRA, 2008, p. 09-10).

Porém, ao respeitar as diferentes possibilidades para o termo intelectual formuladas nos diferentes âmbitos das ciências sociais, nesta pesquisa, utilizou-se o conceito explicado por Vieira (2015, p. 6), que compreende o intelectual como partícipe de um estrato social e atuante no processo político, vindouros de diferentes lugares sociais prestigiados, em favor de determinados projetos. Nesta ótica, Amália Hermano Teixeira por ser reconhecida enquanto intelectual², seja pela sua militância no campo da educação, ou por suas posições políticas, ou ainda pelo projeto educativo defendido no âmbito do movimento escolanovista em Goiás.

A COLETA DE DADOS

A opção metodológica orientada pelo Contextualismo Linguístico foi complementada pela coleta de dados que possibilitassem ampliar o âmbito de compreensão do contexto de enunciação das ideias defendidas por Amália Hermano em seus escritos. Nesse sentido, a História Oral se mostrou apropriada para a obtenção de dados a serem fornecidos por pessoas de sua convivência pessoal, que, por meio das lembranças e dos registros guardados na memória, pudessem ampliar as informações necessárias para a conclusão deste estudo investigativo.

² Compreende-se Amália Hermano Teixeira como intelectual diferente do conceito de intelectual orgânico apontado por Antônio Gramsci. Caracteriza-se, um conceito de intelectual para Amália Hermano Teixeira, em uma análise do intelectual como partícipe do contexto histórico, uma intelectual liberal, desgarrada de uma posição única em relação as situações políticas e sociais.

História oral é um método de pesquisa [...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. [...]. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 1990, p. 1-2).

Assim, o procedimento da História Oral, nesta pesquisa, orientou a maneira pela qual a pesquisadora relacionou-se com os entrevistados, como procedeu a seleção dos documentos analisados, definiu o procedimento das entrevistas e os registros no caderno de campo. Os dados obtidos com estes procedimentos tornaram-se “documentos recuperados e recriados por intermédio da memória dos seus informantes” (FERREIRA, 2015, p. 17). A história Oral, nesta perspectiva, assumiu a função de rememorar as vozes, um tempo vivido, uma história percorrida; as memórias de um tempo histórico, por intermédio de seus informantes.

Entrevistas

Foram realizadas três (03) entrevistas, com o objetivo de propiciar voz às pessoas que conviveram com Amália Hermano Teixeira, outra maneira de buscar compreender o discurso formulado pela autora. De acordo com Fraser (2004) uma das vantagens da entrevista consiste em:

Favorecer a relação intersubjetiva do entrevistador com o entrevistado, e por meio das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais. (FRASER, 2004, p. 140).

As entrevistas atenderam, neste trabalho, a dois objetivos. O primeiro foi um diagnóstico do contexto histórico de Amália Hermano Teixeira, ao permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores incluídos e das opiniões emitidas nos documentos analisados, tendo como ponto de partida o espaço/tempo vivenciado por Amália Hermano Teixeira.

O segundo objetivo percorreu o espaço temporal da história intelectual da autora, ao visar ampliar a coleta de dados documentais e a compreensão dos documentos, o que permitiu uma maior guarnição da análise documental realizada.

As entrevistas possibilitaram ainda, triangular os discursos dos entrevistados com os dados obtidos e com as análises dos documentos escritos. Buscou-se, interpretar a visão de mundo dos entrevistados, as crenças e significados atribuídos por eles à Amália Hermano Teixeira.

A entrevista, de acordo com Duarte (2004, p. 215) tem a tarefa de “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados”. Nesta pesquisa, as entrevistas, orientadas pelo procedimento da História Oral, permitiram mapear o contexto histórico social de Amália Hermano Teixeira e a sua rede de sociabilidade configurada ao longo de sua vida, enquanto professora.

A modalidade das entrevistas utilizada foi face a face, conforme explicitada por Fraser e Gondim (2004, p. 143); refere-se àquela modalidade em que o entrevistador e entrevistado se encontram um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais (o que é dito e perguntado). A escolha dos entrevistados pautou-se em pessoas que de alguma forma, direta ou indiretamente conviveram com Amália Hermano Teixeira e fizeram parte de sua rede de sociabilidade³.

Diário de campo

O diário de campo, também um procedimento metodológico utilizado com foco na história oral, teve o propósito de registrar as conversas informais durante as visitas de estudo realizadas no Instituto Histórico Geográfico de Goiás, especialmente durante as entrevistas informais com o professor Bento Fleury Curado⁴.

Pela proximidade do professor Bento Fleury Curado com Amália Hermano Teixeira, buscou-se enriquecer o trabalho ao registrar as declarações espontâneas realizadas informalmente, ao registrar dados aparentemente secundários, tais como um processo, uma relação de parentesco, um julgamento espontâneo, um episódio

³ Ressalta-se sobre os pesquisados: 1- Eleuzenira Maria de Menezes, Historiadora que organizou o livro póstumo de Amália, *História de Goiás*; 2- Rosinha Hermano, irmã caçula de Amália Hermano; 3- Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, funcionário e amigo de Amália Hermano Teixeira.

⁴ Bento Alves Araújo Jaime Fleury Curado é doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, possui Mestrado em Letras e Linguística - UFG (2003) e mestrado em Geografia – UFG (2013). Professor titular do Instituto Aphoniano de Ensino Superior, funcionário público, atua junto ao Instituto Histórico Geográfico de Goiás. Amigo pessoal de Amália Hermano Teixeira, trabalhou com a autora como datilógrafo no final da década de 1980. Optou-se neste trabalho, e com aprovação do mesmo, pela abreviação do nome para Bento Fleury Curado.

acontecido, a lembrança de um fato, tudo foi considerado nexos que se ligavam na construção de uma análise mais rica e completa.

Informou-se também, que era de interesse que o Professor Fleury lesse o relatório e que o assinasse, para a comprovação da autenticidade das afirmações ali contidas, de forma a utilizá-lo como documento para construção dos dados da pesquisa.

Todas as anotações realizadas no decorrer do trabalho foram formalmente caracterizadas e aprovadas com as assinaturas dos depoentes, com o intuito de firmar -se assim a legalidade de uso das informações como fonte, como dado e como documento. Tais estratégias possibilitaram uma melhor apreensão das relações sociais e das posições ocupadas por Amália Hermano Teixeira, no campo educacional goiano.

Análise documental

Para sustentar a análise documental foram utilizados como fonte de pesquisa os documentos: *Revista Oeste* (1942, 1943, 1944, 1945) em formato digital, exemplares *Revista Educação* (1959; 1960; 1962); Exemplares do *Jornal O Popular* (2018); Exemplares do *Jornal Diário da manhã* (2017); livros publicados pela autora e documentação pessoal, como o caderno de planos de aulas registrados pela própria Amália Hermano Teixeira, com data de 1940; além de fotografias, adquiridas via Instituto Histórico Geográfico de Goiás. Na compreensão que cabe a análise documental “que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sociopolítico do autor e daqueles a quem foi destinado” (SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 8). Também, foi analisado o conteúdo das entrevistas e do diário de campo.

Todo esse processo investigativo, teve como propósito responder a indagação que norteou esta pesquisa: Quais as contribuições de Amália Hermano Teixeira para o movimento escolanovista em Goiás? Mais especificamente esta pesquisa teve o propósito de identificar a organização do ensino em Goiás no período de 1937 a 1963, período em que Amália Hermano Teixeira atuou como professora; evidenciar historicamente o papel que intelectuais goianos desempenharam no movimento escolanovista; elucidar as contribuições de Amália Hermano Teixeira como partícipe do movimento escolanovista e de consolidação da escola pública em Goiás.

O resultado desta investigação está apresentado em três capítulos: 1 - O Movimento escolanovista e os enfrentamentos políticos sociais no contexto goiano; 2 - A rede de sociabilidade de Amália Hermano Teixeira; 3 - Amália por Amália, as contribuições de Amália Hermano Teixeira como professora - intelectual partícipe na estruturação do processo educacional goiano. Nas considerações finais evidencia-se os resultados obtidos com esta pesquisa, fundadas nas análises realizadas, do contexto histórico do movimento escolanovista em Goiás nas décadas de 1930 e início da década de 1960, quando se tem Amália Hermano Teixeira como uma expoente protagonista daquele movimento.

1. OS ENFRENTAMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS NO CONTEXTO GOIANO

MOVIMENTO ESCOLANOVISTA

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO GOIANO QUE ANTECEDE A REVOLUÇÃO DE 1930

Antes da década de 1930, a concorrência política entre os grupos dirigentes em Goiás fundava-se no dissenso entre oligarquias, representadas pelo comando coronelista e político que controlava os bens econômicos, quanto mais dinheiro e bens possuía, mais poder político advogava. Assim, Goiás enquadrava-se em um contexto econômico pautado por um cenário agropastoril, comandado por grandes produtores que possuíam o controle da terra, conforme demonstra Silva, A. L. (2005_a):

No plano estadual, as oligarquias, isto é, os grupos de dominação cujo poder político real emana da propriedade da terra e do consequente controle que exercem sobre o comportamento dos que nela trabalham são peças fundamentais no funcionamento do pacto oligárquico-coronelista. (SILVA, 2005, p. 43).

Com a decadência da mineração, o crescimento agropecuário constituiu-se com o latifúndio, com imensas fazendas de gado, dando início à expansão do povoamento do Estado, consolidado no início do século XX. Teixeira (2011), ressalta que houve em Goiás dois momentos migratórios que contribuíram para o povoamento da região, o primeiro relacionado à mineração e o segundo, relacionado à aquisição de terras:

Uma vez rompidas as fronteiras e abertos os primeiros caminhos, os fluxos migratórios em direção ao sul e ao norte daquele Goiás de então seguiram os rastros do ouro e semearam pelo território afora os primeiros embriões de cidades - os arraiais coloniais. Um século mais tarde, novas levas de migrantes foram atraídas por outras riquezas do território, como a abundância de terras à espera de pessoas para ocupá-las e colonizá-las. Os novos colonizadores chegaram espontaneamente e se instalavam por toda parte, mas o uso e posse da terra sempre foram marcados por conflitos que perduram até hoje. Não obstante essas dificuldades, desses movimentos surgiram, sobretudo, as cidades ligadas à agropecuária tradicional [...] (TEIXEIRA, 2011, p. 24-25).

Araújo (2012) acrescenta que, em Goiás, a migração foi constituída principalmente por mineiros e paulistas que vinham em busca de terras com preços baixos, “[...] esse fluxo migratório foi impulsionado pelo avanço das relações capitalistas de produção e pelas políticas de expansão da fronteira agrícola” (ARAÚJO, 2012, p. 22).

O poder de comando no Estado atendia à lógica subjacente ao processo colonialista, ou seja, o poder do comando da terra subjugava as esferas políticas, econômicas e educacionais. Quem possuía terras; também detinha o poder, que se constituíam em vilarejos e pequenas cidades. Silva, A. L. (2005) explica que o domínio dos proprietários de terra não restringia-se ao meio rural e aos seus trabalhadores; mas, estendia-se às cidades e a todos os níveis de poder político (SILVA, 2005, p. 44). Nepomuceno, também, assegura que “até 1930, as necessidades do país, delineadas pelo padrão agroexportador, comportavam um tipo de educação voltado exclusivamente para o atendimento dos interesses oligárquicos” (NEPOMUCENO, 1994, p. 21).

Em Goiás, o poder oligárquico sempre foi grande, que mesmo no meio urbano sua força social fora expressiva e mesmo a população civil, trabalhadora em diferentes ambientes, tornava-se totalmente dependente do universo econômico, político e cultural das oligarquias rurais, e até mesmo aqueles que trabalhavam por conta própria ou eram assalariados apresentavam de alguma forma uma dependência em relação aos coronéis; dependência essa que ocorreu, devido aos cargos e funções que em sua maioria eram obtidos por indicações ou parcerias políticas.

Nesta conjuntura, encontravam-se subordinados às forças oligárquicas; tanto os trabalhadores rurais, e a denominada classe média que incluía os funcionários públicos, militares, profissionais liberais, quanto a classe desprovida de recursos materiais, que compreendia, os camaradas, agregados, arrendatários e outros. Não existia força política expressiva que questionasse as forças oligárquicas e, caso existisse, não eram expressadas publicamente a ponto de ressaltar lutas de classes. Neste sentido, concorda-se com Silva, (2005) ao afirmar que:

A sociedade goiana, mesmo que funcione com base nos mecanismos da sociedade de classes, não tem suas classes plenamente constituídas como classe, pelo incipiente desenvolvimento das forças produtivas locais, sendo, portanto, difícil que os interesses divergentes entre as diferentes classes apareçam como tal (SILVA, 2005, p. 44).

Assim, compreende-se que as transformações ocorridas no Estado, não tenham sido relativas a uma luta de classe, mas derivadas de rachaduras ocasionadas no decorrer das concorrências políticas, no próprio seio oligárquico.

Outro ponto a ser considerado, refere-se à falta de estrutura para a educação escolar pública em Goiás, evidenciada desde o período colonial até início do século XX. O Estado de Goiás, ao inverso do que ocorreu em outros estados do sudeste e nordeste do país, não foi atendido com construções de escolas jesuíticas⁵. Bretas (1991), confirma esse posicionamento ao explicar que:

Das experiências realizadas na Companhia de Goiás, com as missões jesuíticas, ao longo dos fatos que acabamos de expor, se pode concluir que a companhia de Jesus não fundou nenhuma escola, propriamente dita, nos sertões por eles explorados, como fizeram em outros lugares (BRETAS, 1991, p. 23).

A educação com base jesuítica, ofertada em Goiás, de acordo com Bretas (1991) ocorreu de forma espaçada e sem continuidade, subsidiada por interesses governamentais, o trabalho escolástico dos jesuítas não teve grandes avanços; conforme explica-se:

De todas as incursões dos Jesuítas pelo Rio Tocantins, em somente duas penetraram o Rio Araguaia, em distâncias não muito acima dos dois grandes rios. No Rio Tocantins não parecem terem penetrado senão pouco acima da cachoeira de Itaboca, e nenhuma aldeia fundaram em território hoje pertencente a Goiás [...]

Encerradas, com a última entrada de 1722, as atividades jesuíticas no Rio Tocantins, só vamos encontrar jesuítas em terra dos *goiases* na década de 1750. Com efeito estavam eles no Norte da Capitania administrando aldeias indígenas nos anos de 1751 a 1759, ano de sua expulsão (Ibidem, p. 19).

As aulas-régias⁶, ocorridas após a expulsão dos jesuítas com a reforma pombalina, também não foi um projeto bem sucedido. De acordo com Bretas (1991),

⁵ As missões jesuíticas foram responsáveis pelo trabalho de catequização indígena, organizada por um currículo único de estudos que dividiam-se em técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo (Ratio Studiorum), como guias intelectuais muito colaborou para a construção de um modelo educacional nos grandes centros, entretanto, não se chegou em Goiás em formato de prédios / escolas, mas deixou marcas de doutrina cristã. Entretanto, parte-se da posição que a educação em Goiás não se caracterizava por nenhum modelo específico, mas imitações dos processos utilizados por outros professores. Cf. Bretas, 1991 p. 77. Sobre as missões jesuíticas em Goiás, ver Bretas, 1991.

⁶ Sobre as aulas régias, foi uma proposta trazida ao Brasil por marquês de Pombal, em um processo de secularização do ensino que propunha aulas de disciplinas isoladas, essa proposta não apresentava um plano sistematizado de estudo, não propunha uma educação seriada, nem apresentava um currículo ordenado. Perdurou no Brasil ente 1759-1808 e foram propostas advindas da expulsão dos jesuítas, motivadas por interesses de regalismo econômico e político da metrópole. Essa criação marcou o surgimento do ensino público oficial e laico visto que, até então, a educação formal em todos os seus níveis estava sob o controle da Igreja. Sobre as Escolas régias em Goiás ver Bretas (1991, p. 71-77).

aconteceu em algumas regiões goianas até boas orientações, no entanto, a grande maioria da educação goiana consistiu em um processo de barateamento educacional, “que atravessou os tempos imperiais e que chegou à década de 20 do nosso século” (BRETAS, 1991, p. 72).

O autor esclarece em relação às aulas régias, que cada Capitania era responsável para enviar um funcionário a inspecionar a qualidade das aulas, mas em Goiás esse trabalho nunca existiu. Bretas acentua ainda que:

Além desse motivo haveria outro: o visitador não encontraria nas escolas régias de Goiás, pelo menos na maioria delas, a desejada assiduidade dos mestres e alunos; não encontraria livros nas mãos dos mestres nem dos alunos para censurar; não encontraria nem ordem, nem disciplina, nem coisa parecida com método de ensino [...] Encontraria sim queixa dos pais contra os mestres, e lamurias destes contra o Governo que não lhes pagava os ordenados atrasados [...] (Ibidem, p. 70).

O autor ressalta, ainda, que a educação goiana muito empobrecida e limitada possuía como parâmetro para a base metodológica o aproveitamento dos alunos, se os alunos tivessem bom aproveitamento, o método era bom, se tivessem um ruim aproveitamento o método era ruim.

O certo é que, nas Escolas Régias, o padrão de eficiência metodológica do professor de Latim e do mestre de Primeiras Letras, continuou a ser mediado pelo maior ou menor aproveitamento dos alunos. [...] Na realidade professor nenhum encontrava orientação nesse sentido, nem nas instruções oficiais, nem em livros específicos a que pudesse recorrer [...]. Cada professor ensinava imitando os processos usados pelo professor com quem havia apreendido, [...] Esses processos se limitavam a imitar, copiar, repetir e memorizar letras (Ibidem, p. 76-77).

Dessa forma, compreende-se que nas décadas referentes ao período colonial, no império até a década de 1920, a educação goiana pautou-se em um processo extremamente empobrecido, de falta de materiais, de professores e de escolas.

Na década de 1920, enquanto no restante do país já ocorriam as “Reformas Educacionais⁷”, pautadas pelos princípios da Escola Nova, em Goiás o cenário revelava falta de estrutura e uma educação tardia e escassa.

Conforme apresentado em uma reportagem da revista Oeste (1942):

⁷ As Reformas Educacionais ocorridas no final da década de 1910 e início da década de 1920 em alguns estados brasileiros tais como São Paulo, RJ. Ceara e Bahia, ressaltam indícios de renovação educacional já em foco na Escola Nova. Sampaio Dória, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo são alguns dos principais nomes dos intelectuais que realizaram estas reformas na década de 1920.

Os municípios goianos ingressaram na República e ingressaram no século XX sem largos surtos de expansão, sem grande movimentação de progresso. Gravavam dentro de órbitas estreitas, estranguladas pela falta de transportes, pela falta de estímulos ao seu desenvolvimento (COSTA, 1942, p. 102-103. In: *REVISTA OESTE*, 1942, p. 102-103).

A precariedade da educação goiana permaneceu ainda a partir de 1920; década que, segundo Brzezinski (2006)⁸, devido ao desenvolvimento agrário na região sul do Estado, ocasionado pela construção da estrada de ferro (1913) ampliou-se os limites da rede de comunicação do Estado, que foi fundamental para um tímido porém importante desenvolvimento econômico de Goiás; e que proporcionou uma ocupação pequena mas crescente das terras goianas, ocupação que veio a promover medidas que facilitaram a inserção do Estado na economia de mercado interno, conforme informa Teixeira (2011):

Ao longo do tempo e por influência de fatores dos mais diversos (sobretudo a exploração aurífera do século XVIII, o advento da agricultura como forma permanente de atividade do século XIX e as transformações espaciais provocadas pela chegada da ferrovia e pela abertura dos grandes eixos rodoviários de integração nacional e as migrações inter-regionais que, no século XX, estes fatores provocaram), o povoamento e a urbanização do território goiano resultaram em um arranjo espacial e urbano-municipal que durou exatos 251 anos (1727-1988). No decorrer desse processo, devido sobretudo, ao aumento dos fluxos populacionais em direção às terras mais férteis do território estadual e de melhor articulação espacial com estados brasileiros de onde saíram os maiores contingentes humanos-principalmente Minas Gerais, no sul, e Maranhão, no norte-, o território foi se povoando e se redividindo internamente em ritmo acelerado (TEIXEIRA, 2011, p. 24).

Silva (2005), também afirma que a construção da estrada de ferro foi importante para construir uma rodagem entre os municípios, e para dinamizar a circulação de mercadorias da região sul e da região sudeste do estado e destas com as grandes regiões da economia brasileira.

Entretanto, mesmo com a expansão dos meios de transporte mais modernos, Goiás continuava à margem da economia dos grandes centros. A explicação dada é de que “os municípios goianos não estavam aparelhados para oferecer os serviços mínimos à população” (SILVA, 2005, p. 45), e quanto ao mercado que comandava a

⁸ A pesquisa de Iria Brzezinski, apresentada em 2006, como trabalho de comunicação individual no VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, em Uberlândia-MG, por meio do recorte no artigo “Instituto de Educação de Goiás (1937-1972): O movimento instituinte- instituído” 2006.

economia do Estado cabia a função de abastecer as cidades com as condições necessárias, exportando os excedentes.

Pelo censo do ano de 1920, a população de Goiás era de 511.919 habitantes; de acordo com Silva, (2005, p. 39) “23,17% da população estavam ligados a atividades primárias, 4,60% assentavam seus recursos na atividade secundária, ou seja 23.684 pessoas e o setor terciário correspondia 0,53%, ou seja, 2.829 pessoas”. Portanto, um montante de 71,70% da população cerca de 366.520 pessoas estavam incluídas no cadastro de profissão não definida.

Neste cenário empobrecido, a população goiana estava predestinada a atividades agropastoris e os seus núcleos urbanos caracterizavam-se por pequenas vilas em meio ao contexto rural. “As cidades eram as intermediárias locais de colonialismo interno” (SILVA, 2005, p. 45).

Enquanto a sociedade atendia aos interesses sociais e econômicos apresentados, não havia interesse da parte governamental em promover educação escolar e o sistema social vigente adequava-se aos interesses políticos oligárquicos:

Numa sociedade como a goiana, em que as relações de produção atavam os produtores diretamente aos proprietários dos meios de produção, não lhes permitindo sair das condições de trabalho que lhes eram impostas [...] o predomínio das oligarquias era absoluto. Tendo a dominação uma estrutura do tipo patrimonialista, o controle do aparelho do Estado permitia, de forma mais eficaz, manter a hegemonia diante de toda a sociedade, tendo em vista que, a partir dele, se processava a contagem com cargos [...] com a perpetuação no poder (SILVA, 2005, p. 50).

A revolução de 1930 surge, neste cenário, como uma salvação à sociedade. Salvação àqueles que buscavam libertar-se desse poder até então mantido e representado pelos conflitos e cisões em torno do domínio político oligárquico.

1.2 A REVOLUÇÃO DE 1930 E AS MUDANÇAS OCORRIDAS

A revolução de 1930 representou o movimento que possibilitou ao Estado de Goiás um dinamismo de modernidade, gerado por um surto de ações que favoreceram a industrialização em cenário nacional e à modernização agropecuarista em nível estadual; mas, com um discurso em prol do valor do ser

humano como sujeito de direitos e igualdade de condições, e valorização das aptidões.

Em reportagem à *Revista Oeste* (1942)⁹ considerada grande marco da imprensa local, Oderico Costa fez uma ampla e detalhada exposição sobre as mudanças ocorridas a partir da revolução outubrista, ao acenar que o Estado de Goiás tornara-se outro estado, com uma ampla modernização econômica:

Os municípios goianos, a partir da vitória do outubrismo, começaram a receber os mais generosos impulsos no andamento de seu progresso, na marcha de seu desenvolvimento.

O Sr. Dr. Pedro Ludovico Teixeira, honrado e esclarecido interventor federal em Goiás, desde os primeiros atos de seu governo, procurou rehabilitar os municípios goianos, libertando-os do ronco de uma política nefasta e procurando fornecer-lhes todos os meios de evolução (*REVISTA OESTE*, 1942, p. 102).

O que não foi discutido neste contexto é que toda essa transformação que se buscou, seja ela social, econômica e/ou política, esteve estreitamente ligada à mesma classe social. Na luta pelo domínio do poder, as oligarquias dividiram-se em discursos entre a Nova e a Velha República, e nessa contenda a revolução de 1930, constituiu-se como mudanças planejadas e efetuadas pela mesma classe dominante, ou seja, as oligarquias rurais.

Sobre as divergências nas oligarquias e a sua organização para a tomada de poder, Miceli (1979), afirma que a Revolução de trinta foi uma luta ideológica e política entre as próprias oligarquias:

Em 1930, as oligarquias dissidentes dos Estados situados fora do circuito de exportação e cuja produção se destinava basicamente ao mercado interno, aliadas a certas facções oligárquicas dos Estados Nordestinos, aos movimentos oposicionistas em São Paulo e Minas Gerais e a certas alas do tenentismo, deflagram uma insurreição armada e assumem o controle do governo (MICELI, 1979, p. 18-19).

A histórica Revolução de 1930, desencadeou mudanças substantivas no cenário político nacional e na economia do país, ao proporcionar investimentos em

⁹ A *revista Oeste*, representou a maior visibilidade da imprensa local, entretanto dentre esta, pode-se citar vários jornais e revistas organizados na época, decidimos citar alguns utilizadas por Amália Hermano Teixeira, objeto de estudo deste- dentre eles o Jornal "O Araguatins, fundado por Maximiano da Mata Teixeira. Sendo sua esposa Amália Hermano Teixeira chefe do jornal. A *Colméia*- órgão do clube agrícola, fundado em 1944. *Folha de Goiás* 1943. *O Estado de Goiás*-1945. *Revista Oeste*.1942-1945. *O popular*,1952. *Jornal OIO*-1957. *Revista Terra e gente*-1958. *Revista de Educação*1959-1962. Dentre outras. Ver- Escritores em ação - UBEG – Goiânia,1986.

áreas antes isoladas e deslocamentos populacionais para áreas despovoadas do território brasileiro, até então consideradas fora da articulação econômica dos centros hegemônicos.

A Marcha para o Oeste, com a abertura de portos de circulação foi uma das ações que ressaltaram os interesses do Governo Vargas, em integrar as diversas regiões do país. Segundo Teixeira (2011), a partir da Marcha para o Oeste, o Estado de Goiás teve outro reconhecimento, nesta prerrogativa, esclarece os propósitos desta ação:

A “Marcha para o Oeste”, comandada pelo Estado brasileiro, teve por espírito e propósitos interiorizar o povoamento, acelerar a urbanização do Brasil contemporâneo e inserir essa grande retaguarda territorial- o Centro Oeste- na economia de mercado. Nesse processo a ferrovia, os grandes caminhos e as frentes pioneiras que se abriram por todo lado desempenharam o papel de autênticas pontas-de-lança e de bases de conquista, povoamento e urbanização (TEIXEIRA, 2011, p. 25).

Constata-se, nesta explicação da autora Amália Hermano Teixeira: que presenciou esse tempo como testemunha ocular, que o discurso de progresso no processo desenvolvimentista estava às claras, ao caracterizar-se como algo necessário e urgente no âmbito goiano; isto leva a compreender que os intelectuais que participavam deste momento histórico envolviam-se ativamente como cúmplices e aprovadores deste processo governamental, que elucida, mesmo de forma parcial, a inserção de representações de diferentes camadas sociais a este propósito e a amplitude dada pela sociedade a tais movimentos nos mais diversos setores.

Uma alegação plausível e que corresponde a uma análise mais social, atende a motivação dada pelo Estado por meio de um discurso em defesa da homogeneidade de direitos e deveres. Nepomuceno (1994), destaca que a partir da revolução de 1930, o Estado, oficialmente, assumiu o papel de árbitro, “justo e neutro” a favor da sociedade, ao promover por meio do chefe de Governo, discursos favoráveis à homogeneidade e a “coesão”, conforme se observa no discurso de Getúlio Vargas:

No fundo e na forma, a Revolução escapou, por isso mesmo, ao exclusivismo de determinadas classes. Nem os elementos civis venceram as classes armadas, nem estas impuseram àqueles o fato consumado. **Todas as categorias sociais, de alto a baixo, sem diferença de idade e de sexo, comungaram em um idêntico pensamento fraterno e dominador:** - a construção de uma Pátria nova, igualmente acolhedora

para grandes e pequenos, aberta á colaboração de todos os seus filhos (VARGAS¹⁰, 1930, p. 15 grifos da autora).

Esse discurso, aclamado e bem recebido pela população, logrou o ideário de que não havia apenas um vencedor; e que pela revolução todos faziam parte importante desta nova pátria, e todos deveriam ser coparticipantes para o desenvolvimento da nação. Estava lançado o ideário da nacionalidade e da unidade.

Esta mesma ideia de unidade caracterizava-se em Goiás, no mesmo formato que ocorria no país, marcada pelas mesmas questões sociais e econômicas, os mesmos ideais nacionalistas e o mesmo ideal educacional.

O processo educacional implantado no país e em Goiás naquele período foi pautado pelo discurso renovador de modificação dos valores da sociedade e foi concomitante com o discurso que elegia os professores como agentes para este processo de mudança de perspectivas. Neste âmbito, modificou-se a dinâmica das identidades destes profissionais.

Havia a necessidade de profissionais que estivessem habilitados em um saber fazer e não mais no saber pelo saber, as práticas, a utilidade e o cientificismo atendiam a estas perspectivas. Fortaleceu-se em Goiás a proposta de civilizar os sertanejos, que até então não tinha sido visto como uma necessidade.

No cenário goiano caracterizado pela falta de cultura letrada, acentuada pelo estado de pobreza da maioria da população e escassas escolas, fazia sentido que uma proposta de construção do “Novo”¹¹, para que todas camadas da população fossem assistidas. Neste cenário, surgem propostas de construção de escolas, grupos escolares e a necessidade urgente de formar profissionais para efetivar o progresso iniciado.

A organização oficial e permanente da Escola Normal foi uma das ações estabelecidas. A esta Escola foi dada a responsabilidade de formar profissionais capazes de modificar todo este cenário triste, pobre e sem atendimento, que outrora estava abandonado, mas que neste Novo projeto, fazia-se importante e acessível.

¹⁰ Discurso de posse proferido por Getúlio Vargas- Documento disponível pela Biblioteca da Presidência da República- no original - Ver referências.

¹¹ Sobre a Escola Normal Oficial em pesquisa realizada por Brzezinski, acentua-se que o processo de organização da Escola Normal efetivou-se em 1929, antes funcionava como apêndice do Lyceu. Cf. BRZEZINSKI. Escola Normal de Goiás, nascimento, apogeu ocaso (re)nascimento, 2006.

Este ideário é perceptível ao analisar as reportagens da *Revista de Educação*, ao qual os intelectuais, representados por professores e gestores escolares, se propuseram como agentes na formação desse novo homem:

Crescem, nessas paragens, num mundo de isolamento, vendo apenas o que lhes cerca da pobreza e de toda sorte de necessidades, muitos meninos em idade escolar! São crianças arredias, tímidas, às vezes, revoltadas. Somente depois de inúmeras dificuldades por parte do professor, tornar-se ao socializadas, livres para os caminhos largos dos estudos. (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1959, p. 27).

A dinâmica instaurada no Estado rural e arcaico não atendia às urgências impostas pelo projeto do Estado Novo Goiás, e Pedro Ludovico Teixeira era o homem certo para tal façanha, neste cenário, instaurou-se em Goiás, um discurso de valorização do “Novo”, de uma longa e destacada rescisão a tudo que ressaltasse o velho, antiquado e desatualizado.

Fez-se um novo discurso, centrado na ideia de um estado promissor que representava o futuro, a renovação e o progresso. Ao se confirmar esta proposta, em entrevista concedida à pesquisadora (Anexo III), Curado (2017), explica a vinda da professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro do Nascimento, de São Paulo para Goiás, imbuída deste novo ideário iniciado na década de 1920; mas que se concretizou somente a partir da década de 1930:

Pode-se caracterizar que Ofélia e Amália se compreendiam escolanovistas. Ofélia quando chegou em Goiás, trouxe toda uma bagagem de inovações, ela tinha feito o curso na escola Normal do Brás, em São Paulo, uma das melhores do País, era filha de goianos, então voltou para Goiás para dar um novo “Apple” à educação e deu. Tanto é que Ofélia foi uma das primeiras a publicar um livro didático em Goiás. O que Ofélia representou nos anos 1920, Amália representou nos anos 1940 (CURADO, 2017, entrevista).

A *Revista Oeste*, entre outros meios de comunicação, atendeu a necessidade de divulgação do novo ideário e das novas propostas educacionais, ao tornar-se um instrumento muito utilizado pelo governo para esta finalidade. Em reportagem publicada pela *Oeste*, Odorico Costa (1943) apresenta, detalhadamente, uma ampla explicação para a importância econômica do Estado, a partir da revolução de trinta, demonstrando por meio de um gráfico as arrecadações dos municípios com períodos anteriores e posteriores.

Quadro 01 - Arrecadações no Estado de Goiás¹²

Arrecadação goiana nos períodos apresentados pela Revista Oeste (1942)			
1887-1890		1940-1942	
1887	Cr\$ = 28.780,10	1940	Cr\$ = 10.183 012,61
1888	Cr\$= 32.303,14	1941	Cr\$= 11.908705,87
1889	Cr\$= 31.329,36	1942	Cr\$= 13.800000,00
1890	Cr\$= 41.453,32		

Fonte: Revista Oeste (1943, p. 102/103).

Nota-se que o quadro faz registros das arrecadações do Estado, evidencia-se uma produção acentuada a partir da década de 1940, ou seja, posterior à Revolução de 1930. A perspectiva do projeto progressista e capitalista implantado no Estado foi ressaltado pelos jornais da época como algo bastante interessante e próspero.

O autor da reportagem ainda ressalta que “o Estado Nacional alterou o metabolismo da evolução de Goiás. Abriu clareadas veredas para o exercício de todas as iniciativas” (*REVISTA OESTE*, 1942, p. 103). Nesta perspectiva e tomando por base este gráfico apresentado pela reportagem, compreende-se as expectativas que surgiram no contexto econômico goiano a partir da revolução de trinta.

Essas diferenças ficaram explícitas nos discursos políticos, na visão econômica e na política educativa de Getúlio Vargas, que acentuava que a democracia política havia substituído a econômica, e quem comandava o poder era o povo, daí a importância dada a cada membro da população em estabelecer-se como também responsável:

Passou a época dos liberalismos imprevidentes, das demagogias estéreis, dos personalismos inúteis e semeadores de desordem. A democracia política substitui a democracia econômica, em que o poder, emanado diretamente do povo e instituído para defesa de seu interesse, organiza o trabalho fonte de engrandecimento nacional e não meios e caminhos de farturas privadas. Não há mais lugares para regimes fundados em privilégios e distinções, subsistem, somente os que incorporam toda Nação nos mesmos deveres e oferecem equitativamente, justiça social e oportunidades na luta pela vida (GETÚLIO VARGAS, 1943, p. 104).

¹² O quadro de arrecadação é representado em valor monetário pela revista Oeste equivalente a cruzeiro. Réis é o plural do nome das unidades monetárias do Brasil, vindoura de herança portuguesa e foi utilizada até 1942 quando foi substituída por Cruzeiro- Conto de réis (Rs 1:000\$000) - Cruzeiro. O Decreto-lei nº 4.791, de 05.10.1942 (D.O.U. de 06.10.42), instituiu o CRUZEIRO como unidade monetária brasileira, com equivalência a um mil-réis. Foi criado o centavo, correspondente à centésima parte do cruzeiro (Cr\$).

Neste cenário, a educação passa a ser vista como uma conveniência para orientar o “novo sujeito” e a escola assume o papel fundamental para essa tarefa. Por meio da educação acreditava-se que ocorreria as transformações na sociedade. Estava nas obrigações da escola transformar os hábitos da sociedade, mudando-a de uma sociedade passiva para uma sociedade ativa, produtora, construtora de uma nova pátria. O discurso de ordem centrava-se em produzir e cabia à escola a construção de novos hábitos, ao inculcar, coletivamente, uma nova forma de pensar, de participar da sociedade que, mais ativa, tornaria -se mais produtiva.

Estas mudanças buscaram alcançar a cultura; a relação estabelecida com o trabalho e a própria identidade docente. Ao se utilizar o mecanismo de valorização e reconhecimento social e profissional do êxito escolar; buscou-se um coletivismo que destacou a reestruturação organizacional do Estado; conforme exposto na reportagem publicada na *Revista Oeste* (1943):

O golpe de 30 substituiu o regime. Deu nova fisionomia à nação instituições sociais, concepções de vida mais realistas, mais profundas, mais humanas. Os nossos legisladores baixaram os olhos para a terra e edificaram o nosso mundo jurídico-político segundo as nossas realidades telúricas, sociais e anímicas. Daí, com a direção pelo Estado, dos negócios públicos, o novo surto de progresso que passou a ritmar os progressos da nossa Pátria. Adveio um regime de responsabilidade e de responsabilidades [...]
Goiás de ontem não era uma ficção, mas uma realidade, uma triste, uma dolorosa realidade: riquezas se perdendo; a gente sofrendo, anulada em doenças e analfabetismos: o governo desgovernando [...]
A história verdadeira, a história com ‘H’ maiúsculo, de Goiás, esta só começou em 30. Com Pedro Ludovico Foi este quem restaurou a nossa economia, organizou a nossa administração, moralizou os nossos processos políticos (REVISTA OESTE, 1943, p. 180).

Entende-se, que as mudanças ocorridas, acrescidas de um pensamento em prol de um crescimento econômico e incorporado em uma forma mais extensa do Capitalismo, gerou uma expansão agrícola que configurou um novo propósito educacional, pois, a necessidade de transformar Goiás em um Estado produtor rural, e de inseri-lo entre os grandes produtores do país gerou de forma concomitante, mudanças de comportamento dos produtores e dos empregados.

Fez-se urgente a implantação de um novo pensamento; um pensamento renovador que efetivasse o ideal de crescimento econômico e de uma escola redentora, e que preparasse para as novas tecnologias que a política agropecuária necessitava.

Ribeiro (2003), ao analisar a agricultura no Centro Oeste naquele período, afirma que foi realizado no interior do país uma ocupação que favoreceu o povoamento e o uso de terras até então não produtivas, e que esta ocupação foi beneficiada pela utilização de técnicas modernas de produção, seguindo os modelos do sul do país.

Foram introduzidas novas técnicas de trabalho baseadas na nova racionalidade técnica e científica, que se sobrepuseram a uma economia caracterizada pela agricultura extensiva com produção de excedentes e pela pecuária extensiva que atendia ao mercado paulista (grandes frigoríficos do Oeste Paulista). A estrutura produtiva anterior fazia com que tal porção do Brasil Central fosse pouco utilizada para o cultivo de lavouras temporárias, pois o cerrado era considerado área de vegetação pobre e seus solos tidos como pouco férteis. A utilização de técnicas modernas de produção aplicadas às áreas de cerrado era condição fundamental à adequação do solo, qualificando-o para o cultivo intensivo, dentro do modelo de agricultura modernizada (RIBEIRO, 2003, p. 25).

O *status* dado ao Estado como um estado agrícola e rural fez parte do processo que almejava construir uma identidade nacional, característica do desenvolvimento econômico do Brasil propagado por Getúlio Vargas e reproduzido por Pedro Ludovico Teixeira. Araújo (2012) explica que:

O projeto nacionalizador de Vargas, cuja preocupações subjacentes era a de incorporação de espaços à economia de mercado, possibilitou o fortalecimento de mecanismos de ruralização do ensino, que se consubstanciavam na criação de escolas rurais, clubes agrícolas e realização de semanas ruralistas (ARAÚJO, 2012, p. 82).

Percebe-se nas explicações de Araújo (2012), a expressiva reiteração dada a partir da educação, dos valores e comportamentos implantados na escola com visão expansiva rural. E a força ruralista foi constituída.

Observa-se que a força ruralista contrastou discursos e práticas, uma vez que os discursos propagavam uma educação que enquadrasse formar a população campesina no novo ideário modernista, mas na prática, exercitou-se em um discurso rural no âmbito urbano, por meio dos clubes agrícolas que tinham seu foco nas escolas das cidades.

Pedro Ludovico Teixeira, como interventor e, depois, como governador do Estado, implantou em Goiás, os mesmos ideais getulistas para a nação. Ele utilizou-se de um discurso de renovação, fundado a partir de discursos escolanovistas, realçados por ações que permeavam a economia e a produção do mercado rural, a que o Estado de Goiás se consagrava.

Cercou-se de colaboradores, soldados fiéis, formados e preparados para desempenhar e difundir todos os ensejos vindouros da nova realidade goiana. Assim, compreende-se que dentro daquele tempo específico, muitas foram as vantagens econômicas, sociais e intelectuais oportunizadas pelo novo processo instaurado e justifica-se, dentro deste contexto, a representação dada por Amália Hermano Teixeira e demais intelectuais a este novo cenário.

Um cenário rural, mas com vistas para o urbano. Desencadeou-se, deste projeto, toda uma movimentação em prol da preparação para a civilização do sertanejo, com apoio do Governo Federal, conforme nos apresenta Teixeira (1940):

Agora são os Cursos de Monitores Agrícolas, cuja instalação tão somente depende da vinda de técnicos do Ministério da Agricultura da Capital Federal. ~~Esses cursos~~ São organizados através do Setor Alimentação pela L.B.A, em colaboração com o M. da Agricultura e da Sociedade Nacional de Agricultura, dos quais recebem assistência técnica e material coordenados e realizados pelos Serviços de Informação Agrícola (TEIXEIRA, 1940, p. 35, caderno de planos. Grafia no original).

1.3 OS ESCOLANOVISTAS EM CENÁRIO BRASILEIRO

Desde a Revolução Francesa a educação passou a ter um outro significado, sendo vista como instrumento de ascensão social e equalização de oportunidades. Fortalecida pelos ideais liberais de liberdade, igualdade e fraternidade, num segundo momento, a educação é recolocada como tema central no final do século XIX e diferentes proposições para formular uma nova escola surgem em vários países, numa proposta de romper com um modo tradicional de vida intelectual e moral, e de atender às novas tarefas técnicas da atividade produtiva e contribuir para estreitar as relações entre a ciência e a vida (TIBALLI, 2013).

O Brasil, também, foi palco desse movimento de mudanças, nas estruturas econômicas, políticas sociais e culturais das bases oligárquicas de décadas anteriores. Nesse contexto de mudanças, ocorreu a instauração das condições necessárias à constituição do Estado Burguês. Tal fato não quer dizer que efetivou-se uma extinção das oligarquias, mas um grande enfraquecimento político e social. O Estado brasileiro mudou a sua estrutura e novas classes dominantes assumem o poder, neste contexto, a política educacional é fundamental para a mudança estrutural do pensamento, sendo necessário que os brasileiros tenham uma nova visão de futuro, de nação, e para isso a escola é um instrumento importante.

Os escolanovistas em seus discursos, afirmavam que a escola brasileira desde seus primórdios, atendia a um modelo transplantado da Europa, ao utilizar um formato tradicional, seletivo, erudito, e para poucos, e que este formato de escola não atendia mais às necessidades sociais do país. Logrou-se um ideário de necessidade de renovação, de buscar uma escola mais ativa, que atendesse a essa nova população brasileira e ao novo cenário, no qual, o país se encontrava. Neste novo contexto brasileiro, Anísio Teixeira explicita seu ponto de vista em relação a nova escola:

A nova escola comum, antes de mais nada, teve de lutar para fugir aos métodos [...] consagrados da escola antiga, que sendo especial e especializante, especializara os seus processos e fizera da cultura escolar uma cultura peculiar e segregada. A escola antiga era, com efeito, a oficina que preparava os escolásticos, isto é homens de escola, homens eruditos, intelectuais, críticos [...]. Objetivos, métodos, processos, tudo passou nela a ser algo de muito especializado e, portanto, remoto, alheio à vida quotidiana e indiferente às necessidades comuns dos homens (TEIXEIRA, 1957, p. 13).

Propagava-se que por meio da educação seria possível mudar o mundo. Como tal, fundamentados pelos ideais de John Dewey, da escola ativa¹³, apoiados em um conceito de escola para o ensino científico, experiencial, firmados no ideal de escolarização que representasse o presente; tendo a vida e a escola em uma mesma sintonia, buscavam desenvolver uma educação que fosse útil ao ser humano e que atendesse às suas necessidades vigentes.

Sobre esse novo momento econômico, social e político, Monarcha (2009) explica que os escolanovistas não surgiram de uma explosão de ideais avulsos e instantâneos; mas, que estes foram trazidos de uma tradição moderna, imbuída de múltiplas filosofias, fazendo transparecer uma *intelligentsia* envolvida com um movimento internacional e pautada em uma reflexão inovadora:

Havia uma tradição moderna constituída por sujeitos tocados pelas filosofias sociais materialistas, positivistas e evolucionismo ou pelas ideologias do nacionalismo, liberalismo, anarquismo, socialismo e maximalismo. Em

¹³ John Dewey (1859-1952), pedagogo, educador norte americano, defendia a educação como um processo prático, útil, contínuo, e contemplado por meio das experiências. Acreditava que o meio, promove condições das quais, o educador interage com o aluno e constrói suas aprendizagens. O professor deve preparar o aluno para que este sinta desejo, seja despertado à vontade de aprender. Escola ativa, defendida por John Dewey, consiste em uma escola que recusa práticas tradicionais, é a proposição de uma escola que tem como base o conhecimento científico, a significação das experiências, a educação como crescimento, base de um processo contínuo e sempre presente. Cf. John Dewey, experiência e educação. Ver referências.

síntese, uma tradição moderna disposta a materializar utopias societárias (MONARCHA, 2009, p. 147).

O autor ainda esclarece que estes ideais estavam inseridos em um contexto de “tensões sociais, conflitos militares, impulsos industriais, ideologias modernizadoras, profundas desagregações, recrudescer de desesperos e visões de esperanças desesperanças” (MONARCHA, 2009, p. 19), vindouros de um cenário de pós-guerra, com crescimento industrial e resguardado por uma temática “do agora, do presencial”; uma temática pragmatista.

Atentos à este cenário de mudanças e ainda provocados por mobilizações de vanguardas artísticas, literárias, políticas e sociais; os intelectuais, das mais diversas áreas do conhecimento, negavam tudo que representasse o tradicional e o antigo. “Assistia-se a mobilização de vanguardas estéticas, políticas e culturais cujos protagonistas atraídos pelo magnetismo do Novo auguravam a eminência da passagem apocalíptica para uma Era Nova” (Ibidem, p. 19). De acordo com a prerrogativa apresentada por Monarcha (2009), muitos dos adeptos do escolanovismo não comungavam um conceito único, mas assentavam-se na negação do então modelo tradicional existente.

Nesta assertiva, as diferenças de interpretação quanto ao conceito de Escola Nova variavam de acordo com estudos realizados, alguns voltavam-se para a necessidade de alfabetização, outros para fatores sociais e aqueles que focavam na higienização, na educação rural, nos testes de aptidão. Salvo estas diferenças, o movimento educacional conhecido como Escola Nova surgiu para propor novos caminhos a uma educação que a muitos parecia em descompasso com o mundo das ciências e das tecnologias.

Em um mundo de transformações, muitos sentiam que precisavam inovar, “aprender a aprender” (SANTOS, 2006, p. 132-133). Os pioneiros viam, na Escola Nova, o modelo ideal de educação para o Brasil. Neste contexto mais amplo surgiu, a educação como direito e como garantia de uma sociedade civilizada e moderna.

No entanto, essa visão inserida por uma nova forma de compreender o conhecimento, a política, a sociedade não foi um fator hegemônico e regular. Pelo contrário, assentou-se em conflitos e interesses movidos por lutas ideológicas. Bedin (2011, p. 37) ressalta que os escolanovistas teciam críticas ferozes quanto aos modelos de ensino tradicional e consideravam-se detentores das soluções educacionais que o Brasil necessitava.

Bedin (2011) ainda afirma, que existia uma verdadeira digladição entre o “novo” e o “velho”. Entretanto, sabe-se que esse movimento abrangeu a política, introduziu uma proposta de renovação da mentalidade dos educadores e das práticas pedagógicas. Foi um período de introdução de ideias e técnicas, de vasta produção intelectual, que almejava a modernização, a democratização, a industrialização e a urbanização da sociedade. Visava a ligação da educação aos processos sociais por acreditar que a educação era a continuidade da vida e por meio dela alcançariam a resolução dos demais problemas.

Compreende-se que os escolanovistas brasileiros, ao se inserirem nas lutas ideológicas em prol de uma educação nova, seja por meio das ligas, das conferências da ABE (Associação Brasileira de Educação), ou mesmo de manifesto ressaltavam todo um ideário de convicções e interesses políticos, sociais e ideológicos que ultrapassavam os propostos na educação como transformação social, mas inseriam, toda uma carga de convicções e utilização de espaços ideológicos como propagação deste ideário, que abrangia posições políticas e comando de poder.

A base de sustentação dos ideais escolanovistas estava assegurada no plano de nacionalizar os problemas do Brasil; sendo que a educação passa ser a base por meio da qual os demais problemas seriam resolvidos. Para os propósitos escolanovistas a educação seria o sustentáculo da organização coletiva, da infraestrutura, com função modeladora da nação.

Neste propósito, Romanelli (1986), afere que o movimento escolanovista, muito contribuiu para o avanço educacional, todavia, atenta a autora para um caráter romântico dos escolanovistas em relação aos problemas educacionais referentes à sociedade:

Assim, por exemplo, enquanto apresenta uma concepção avançada da educação e suas relações com o desenvolvimento, denunciando uma visão globalizante deste último, permanece, todavia, no terreno do romantismo, quando cogita das causas dos problemas educacionais. Ao colocar estes como decorrência da falta de uma `filosofia de vida `por parte dos educadores, o manifesto demonstra que a compreensão da realidade educacional, por parte dos pioneiros, estava ainda muito próxima da concepção liberal e idealista dos educadores românticos do século XIX (ROMANELLI, 1986, p. 144).

Quanto ao caráter romântico descrito pela autora, compreende-se que os escolanovistas creditaram na escola uma tarefa que jamais ela poderia realizar

sozinha. Não foram analisadas as estruturas sociais, as diferenças impostas pelo sistema econômico, cultural e político que são impeditivos de realização desta escola. Responsabilizaram a escola por um papel que ultrapassa o ideário de escolarização, de aperfeiçoamento enquanto condição para o desenvolvimento do estudante; postularam uma responsabilidade de civilidade, de crescimento econômico e de transformação social.

No entanto, faz-se necessário a compreensão de que o discurso expresso no movimento pela Escola Nova não se restringiu a construção do Manifesto escrito em 1932, mas em uma extensa proposta para que fossem efetivadas medidas em diversas ações e práticas, em diferentes instâncias, levando em conta todo um processo político e social de interesses diversos.

Compreende-se, também, que o movimento escolanovista no Brasil gerou insatisfações e decepções, mas também um objeto de luta e interesse que ultrapassou o cenário da escola e pela instância educacional projetou-se avanços sociais.

Pode-se evidenciar esse ideário ao partir de uma análise do discurso de Lourenço Filho, na Conferência do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1959. Discurso este, transcrito pela professora Amália Hermano Teixeira, também participante do Congresso, em reportagem à *Revista de Educação*, edição de janeiro/fevereiro, n. 37, de 1959, quando era Diretora da revista:

Queiramos, ou não, voltamos ao ponto de partida, como numa petição de princípios: para que exista democracia é preciso um povo educado; e para que se eduque o povo será necessário que vigorem instituições democráticas, as quais para legítima expressão, tem de apoiar-se numa população devidamente preparada para isso.

Como solver esse dilema? [...]

Não será ele solvido por meras considerações teóricas ou aspirações de natureza romântica. A educação do povo se exerce, como se exercia nos grupos estáveis e de lenta mudança no passado, pela transmissão de ideais e sentimentos das gerações mais velhas as mais novas, sem maior sentido de previsão ou será preciso que órgãos detentores do controle social, como os do estado, da igreja, do trabalho, assumam um papel de maior compreensão em face dos graves problemas do futuro. Entre todas, porém, as instituições do estado têm maior ascendência nesse processo. E então, caímos em outro dilema. A difusão da educação pelo estado custa dinheiro; mas o dinheiro do estado não é senão o dinheiro arrecadado ao povo. Logo, a ação educativa do estado estará sempre na dependência da capacidade produtiva do próprio povo, ou dos recursos e da capacidade que ele tenha, para criar a riqueza. Não há que fugir daí. Como regra geral, os países que mais produzem 'per capita'. A educação é um longo e extenso, dá-se no tempo e no espaço, exige, continuidade e organização, responde às exigências de série. Funda-se na capacidade de criar a riqueza de maneira

estável e contínua (FILHO, Lourenço- em Conferência no II Congresso nacional de educação de Adultos. In: TEIXEIRA, 1959, p. 46).

1.4 AS BASES ESCOLANOVISTAS NO CENÁRIO GOIANO

A educação oficializada em Goiás a partir da terceira década do século XX, fundamentou-se em princípios escolanovistas. Essa afirmação é amparada por discurso de Brzezinski (2006, s.p), ao pontuar que a Escola Normal de Goiás em sua trajetória enquanto instituição, alcançou sua autonomia em 1929, e que os professores foram tocados por princípios escolanovistas.

Percebe-se, que mesmo na década antecedente a de 1930, havia interesses em constituir-se novos princípios educativos, no entanto, a partir da revolução estes princípios foram evidenciados:

A trajetória da Escola Normal de Goiás foi semelhante à das demais províncias: extinta, reaberta, criada como apêndice do Liceu, e, finalmente, conseguiu sua autonomia em 1929. Os professores goianos, desde os do jardim da Infância até os da escola Normal, foram tocados pelos princípios da escola Nova, e com o apoio dos paulistas realizavam inversões substantivas que iam desde uma nova concepção de professor e aluno até aos novos métodos de ensino; procurou-se deslocar o eixo da questão pedagógica do professor para o estudante, dos conteúdos para os métodos e processos pedagógicos, do espaço para o interesse. Essa tendência pedagógica iluminou a reforma educacional em Goiás que caminhou da base do sistema educacional até a Escola Normal Oficial. Essa reconhecida como escola normal modelo para todo o território goiano, sofreu profundas modificações. [...] O ano de 1929 é o marco da independência do Curso Normal, consagrada pelo Decreto nº 10.445/1929. Foi instalada definitivamente em 1930, em nova sede... (BRZEZINSKI, 2006, s.p).

Confirma-se esta prática, pelo discurso de Amália Hermano Teixeira ao ressaltar em suas publicações que, como normalista, recebera instruções com características da Escola Nova e depois como professora também apoiou suas práticas nos fundamentos escolanovistas. “Cuidando do preparo intelectual das jovens, não descurou jamais da formação da sua personalidade moral, observando os princípios cardiais da Escola Nova, entre os quais se encontra o respeito à liberdade da criança.” (TEIXEIRA, 1946, p. 22-23).

Muitos foram os professores destinados a irem a São Paulo e a outros estados para se qualificarem e desenvolverem o projeto renovador em Goiás, pois São Paulo por diversos fatores, atendia como o centro de formação com princípios escolanovistas do país. Pode-se citar como um dos casos, a vinda da professora

Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, consagrada como uma das professoras responsáveis para efetivar o embasamento escolanovista na Escola Normal Oficial.

Dentre as características que fundamentaram a Escola Nova em Goiás pode-se ressaltar as práticas de formação na Escola Normal Oficial, que se fundamentava em princípios escolanovistas, além da construção dos prédios escolares próprios, dentre eles o da Escola Normal Oficial; assim como toda a implantação de um projeto escolanovista de cursos de formação de professores, propagação de planos de aulas pela *Revista de Educação* e projetos como os grupos agrícolas, o cinema educativo, dentre outros.

De acordo com pesquisa de Brzezinski (2006), a Escola Normal foi uma instituição oficial do ensino, pautada com princípios escolanovista em Goiás, destinada a formar moças para o exercício do magistério. A Escola normal foi consagrada como escola independente para realizar o curso Normal pelo decreto 10.445/1929; entretanto, foi instalada definitivamente em 1930.

Além desse fato, também foi instaurado em Goiás por Pedro Ludovico Teixeira o Decreto n.º 2.760, de 26 de dezembro de 1932, que instituiu entre outras funções, emprego como professora primária, às normalistas que se destacassem durante o curso:

O governo incentivou a procura pelo curso normal, através das seguintes medidas:

- a) O recrutamento de professores deveria se dar, de preferência, entre os normalistas portadores de diploma
- b) A nomeação contemplaria, em primeiro lugar, normalistas que tivessem se distinguido pela dedicação e pelo aproveitamento durante o curso;
- c) [...]
- d) Criação - sob o título "Prêmio Félix de Bulhões" - dos cargos [...]preenchidos respectivamente pelos normalistas classificados em primeiro e segundo lugares na escola Normal Pública [...] (NEPOMUCENO, 1994, p. 72).

Ao se realizar estas práticas, observa-se que a proposta de implantação de uma nova escola pautava-se em constituir novos conceitos; novos valores e um novo ensino. A participação na sociedade não mais seria por apadrinhamento; mas por seleção de mérito, pelo valor da conquista. O diploma neste contexto, assumiu novo poder; assumiu uma importância cultural e "a objetivação do capital cultural sob a forma do diploma como um dos modos de neutralizar certas propriedades" (BOURDIEU, 2015, p. 86), ou seja, para a função de professora primária, era

necessário que a normalista estivesse entre as melhores alunas e o prêmio seria o emprego.

O governo buscava ressaltar que nesta “Nova República”, todos teriam condições de conquistar seus desejos, bastava esforço. E que, nesta nova proposta, o governo estava aberto a toda a sociedade e não mais a um pequeno grupo famiocrata.

De acordo com Nepomuceno (1994), um dos primeiros atos realizados por Pedro Ludovico Teixeira ao assumir o poder, foi o de assinar o Decreto n.º 411, de 23 de dezembro de 1930, que propunha situar o Estado economicamente entre os primeiros do Brasil: “em outras palavras, para continuar garantindo a expansão da economia goiana, fazia-se necessário regularizar o mercado da força de trabalho, garantindo com isso as pré-condições necessárias à sua futura ‘qualificação’, pelos processos educativos” (NEPOMUCENO, 1994, p. 33). Entretanto, Nepomuceno ainda acentua outros pontos centralizadores importantes nesta Nova República.

No estado, o papel conciliador do Governo procurou expressar e defender a ideologia por meio da educação que enquanto instrumento, era capaz de superar todas as diferenças sociais, pois pela educação o homem não mais seria visto por suas diferenças de classes, mas como humano:

Atribuiu à educação um duplo papel: ela deveria corrigir as desigualdades e injustiças sociais e simultaneamente construir uma sociedade mais justa a todos os seus participantes. Uma educação escolar pública que reclassificasse os indivíduos de diferentes origens sociais, conforme suas habilidades e aptidões (Ibidem, p. 49).

Por se constituir o Estado de Goiás, por “natureza” um estado rural, fez-se necessário ações educacionais que fortalecesse esse ideal, na busca por difundir esta ideologia, que todos os esforços seriam necessários para a construção de um Estado forte; criou-se assim instrumentos de veiculação desses discursos. A escola foi um instrumento fundamental para esta veiculação.

No entanto, as propostas inseridas em Goiás também não foram apreendidas sem conflitos por toda a população do Estado, semelhante ao que ocorreu no país, a proposta de inovação e mudança assentou-se em conflitos de interesses movidos por lutas ideológicas provocadas por todo um sistema social e político.

Essas lutas ideológicas pelo poder atingiam a educação e muitos dos antigos chefes de governo defendiam o controle do ensino pautado na proposta da velha

aristocracia, ao se utilizar dos ideais religiosos da Igreja Católica como discurso de disputas ideológicas.

Desta forma, evidenciava-se um cenário de controvérsias, pois muitos religiosos, receosos dos princípios escolanovistas, acentuavam suas críticas ao movimento e aos seus idealizadores. Mas, também, existiam religiosos que realizavam e apoiavam práticas mais ativas e renovadoras; de modo que o cenário goiano educacional foi moldado por um contexto político que se fez na justaposição de um formato conciliador, o que resultou em diversos consensos entre os ideais escolanovistas, ações ruralistas e atividades com apoio católico nucleados pelo ideário da Escola Nova.

O processo escolanovista promovido em Goiás assentou-se mais nas diferenças de proposições em relação a práticas educativas, a formação de professores, a propagação de um ideário de ensino rural, (mesmo que na prática ocorresse nas escolas urbanas) e de um ensino para a vida, do que em questões de políticas educacionais. No entanto, reconhece-se que a propagação do ideário escolanovista em Goiás teve seu foco na apropriação de uma renovação pedagógica, a partir de conceitos promovidos por grandes nomes dos signatários da Educação Nova, mas que diferentemente de outros estados, aqui ocorreu um consenso, conforme nos apresenta em reportagem a Revista Educação (1960):

Irmã MARIA AUGUSTINA NIEDERBAUER, professora do Colégio Santa Clara, especializada em Metodologia do Ensino Primário, vem apresentando às suas colegas de magistério trabalhos práticos e bem fundamentados, orientando-as, assim, no seu dignificante mister de ensinar, educando para a vida. Neste número, irmã Augustina demonstra como o Desenho pode auxiliar o professor ao aprendizado da linguagem (REVISTA EDUCAÇÃO, 1960, p. 13).

O conceito de Escola Nova propagado oficialmente em Goiás, compreendeu, entre as diferenças de posições apresentadas, um discurso de educação progressista, científica e técnica, voltada para a vida, com fundamentação teórica nos grandes nomes dos intelectuais, dentre eles Lourenço Filho e Fernando de Azevedo.

Este discurso estabeleceu relações com o ensino rural e, fundamentado em Lourenço Filho e em outros grandes nomes da Associação Brasileira de Educação (ABE) que entendiam a Educação Nova como um processo contra o imobilismo, conforme apresentado por Amália Hermano Teixeira com registro em caderno

peçoal, em que a autora explica como foi o processo para construção da Escola Nova, em preparação para uma aula na 3.^a série no curso de normalistas.

Didática 3^a série

I Ponto

Evolução da Escola. Escola antiga e Escola Moderna. Estudo comparativo de ambas. Plano de uma mesma aula de acordo com cada escola.

---I Plano de aula-

Didática- (do grego, ensinar) significou desde seus primeiros tempos a ciência e a arte de ensinar. E nesse sentido tem sido empregada desde o século XVIII. Para os pedagogos da velha escola, escola tradicional, parada ou livresca ensinar significa o mesmo que instruir, isto é, transmitir conhecimentos[...]

Protestaram contra essa grave confusão alguns educadores do passado, afirmando que ensinar não é só instruir senão que é também estimular e dirigir a formação do homem. [...]

Caráter educativo na velha escola- A criança de modo passivo e inerte recebe o que o professor lhe transmite.

Caráter educativo do ensino na **velha**¹⁴ escola- o aluno aprende por si. O mestre dirige-o, encaminha-o e estimula-o no decurso da aprendizagem [...]

O ideal de H. Lira, o insigne fundador da A.B.E era de que, anualmente os formadores dessa entidade se transportassem a um de nossos Estados, para estudo quando problemas educativos de interesse geral.

Além de experiências e quis imprimir a A.B.E por ele fundada, uma orientação altamente prática[...]

As grandes ideias, porém, não morrem. (TEIXEIRA, 1940, p. 50 - caderno de plano de aula)

Percebe-se na proposta da Escola Nova, uma Escola necessária para atender as necessidades de um mundo em transformação, acentuada na ciência, no movimento de mudança, o mesmo movimento pelo qual a sociedade goiana se propusera a realizar. Contudo, tendo sido uma proposta agregada ao modelo político implantado em Goiás, foi morosa a instauração da escola pública renovada, em razão de um cenário oligárquico que prevaleceu durante décadas, mesmo após ter sido desencadeado um movimento prático e progressista de modernização.

Essa morosidade das realizações do inventário educacional goiano contrasta com as práticas da professora Amália Hermano Teixeira, que destacava-se por suas interpretações ativas, ao utilizar práticas motivadoras, movimentadas, ágeis e focadas na experimentação advinda do ideário escolanovista.

Neste cenário, com interesses e práticas diferentes, os professores goianos, de igual modo, como em grande parte do país, desenvolviam um pensamento comum que os imanavam por meio do sentimento nacionalista de orgulho da terra,

¹⁴ Compreendemos que o termo velha, em negrito utilizada pela autora, foi um erro no momento da escrita, a qual intentava escrever NOVA escola. Parte-se da compreensão que por ser um plano, a autora estava buscando fazer um paralelo.

da sua gente, que pretendia uma escola que ensinasse, que produzisse saberes reais, que fizessem sentido ao aluno; que transformasse a situação social; uma educação que se integrava a vida, conforme exposto no discurso de Fernando de Azevedo, e também, utilizado em diversos discursos de Amália Hermano Teixeira em muitas de suas publicações:

Si o acto com um fim em vista (purposeful) é, na realidade, a unidade typica da vida verdadeira, segue-se que basear a educação *nos actos com um fim* é identificar o processo de educação com a própria vida. Vida e educação tornam-se o mesmo. Todos os argumentos para compreender a educação como preparação para a vida, concorrem, em última analyse, para sustentar esta these. Aceitando esta base, a educação torna-se a vida verdadeira. E si o *acto com um fim*, desta maneira, faz da educação a vida, não podemos perguntar a si a melhor preparação para a vida não é a *prática normal da própria vida?*(AZEVEDO, Fernando de, 1958, p. 169, grifos originais)
Professores numa tarefa mais ativa; mais eficiente. Mais humana meninos e moças em uma atividade mais real mais afetiva, professores e alunos mais unidos e melhor preparados, para juntos prestarem a sua contribuição à nossa grande Pátria. (TEIXEIRA, 1944, p. 570, In: REVISTA OESTE, 1944, p. 570).

Percebe-se que no movimento escolanovista em Goiás, apesar das diferenças de posições intelectuais ou institucionais, seus defensores participavam da ideia matriz, que defendia a escola como parte da vida, partilhando da convicção de que mudando as relações educacionais estariam automaticamente modificando as relações sociais.

Importa ressaltar ainda que respeitadas as controvérsias, as críticas e ambiguidades expressas no processo sustentado pela Escola Nova e materializado nas práticas educativas, constituiu-se como base da identidade do professor goiano e mesmo com divergências ocasionadas por múltiplos processos políticos normativos e econômicos, a educação no Estado de Goiás passou a ser referendada por um discurso que propunha técnicas de aprendizagens inspiradas no processo escolanovista; assim como, a utilização de tecnologias nas aulas com recursos doados pelo INEP¹⁵.

Evidenciou-se, portanto, que o movimento escolanovista em Goiás mesmo inserido em ações políticas, sociais e econômicas getulistas, amparadas pelo representante do Estado, Pedro Ludovico Teixeira e posteriormente, por outros,

¹⁵ INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, corresponde a uma das instituições organizadas pelos escolanovistas; fundado por Anísio Teixeira em, 1937 é vinculada ao Ministério da Educação (MEC) e tem como objetivo promover estudos, pesquisas e avaliações periódicas com o intuito de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional.

constituiu de maneira subjetiva a identidade profissional dos professores goianos que com diferentes interpretações, foram participes deste movimento.

1.4.1 Do contexto vivenciado por Amália Hermano Teixeira: escolanovismo e ações políticas do Estado Novo

Compreende-se que a história intelectual, social e institucional de Amália Hermano Teixeira esteve ligada a um contexto de transformações políticas, econômicas e sociais que configurava o Estado de Goiás. Esta contextura é ressaltada por relações de força que significavam transformações e reproduções vindouras historicamente de um cenário oligárquico rural, respaldado por uma evidente divisão social, que consolidou-se do governo de Pedro Ludovico Teixeira.

O contexto histórico cultural de Amália Hermano Teixeira é representado em suas produções, ao acenar sempre para as funções exercidas com sucesso. Percebe-se uma intenção explícita da autora de ressaltar que, por meio do trabalho e dos esforços contínuos para realizar seus estudos percorreu com sucesso a sua trajetória, desde a sua formação enquanto aluna do Liceu de Goiás, seus estudos na Universidade Rural do Brasil-RJ, a sua segunda graduação em direito pela Universidade Federal, até os cargos e funções desempenhadas.

Nesta trajetória, o cenário histórico de Amália Hermano Teixeira ressalta sua apropriação, enquanto defensora da escola como transformação social:

A atividade do mestre moderno não consiste em apenas ministrar aulas em dias e horas determinadas, mas dirigir, orientar seus alunos em ocasiões diversas, colocando sua inteligência, imaginação, entusiasmo e atividade a serviço da causa educacional e o que é muito importante se constituir exemplo para seus alunos (TEIXEIRA, 1944. p. 570. In: REVISTA OESTE, 1944, p. 570).

Por Acreditar que a educação constitui-se em ocasiões diversas, Amália Hermano Teixeira tornou suas aulas momentos de alegria, de entusiasmo, conforme é apresentado na figura a seguir:

Figura 02- Foto de Amália Hermano Teixeira com as alunas em aula prática - 1946



Fonte: Acervo do Professor Dr. Bento Fleury Curado.

Percebe-se que Amália Hermano Teixeira ressalta o fazer, a prática, o contato com o objeto, característica marcante escolanovista, também, reproduz em seus discursos um ideário escolanovista fundamentado em seu tempo e contexto histórico. Uma visão biológica que são reconhecidas em suas obras:

A indiferença **aos princípios que regem qualquer atividade educativa acarreta danos à formação intelectual e moral das jovens**, pois o choque entre a teoria e a prática vem implantar na consciência de cada aluna a dúvida pernicioso e a desilusão do que aprendem.

É mais ou menos generalizado o desrespeito aos princípios de higiene escolar, aos mesmos se negando a importância devida.

Numa escola de jovens, **na fase em que tem necessidade de ar e de movimento**, não são suficientes os escassos dez minutos de intervalo, num período de **cinco horas de quase imobilidade**, sendo de aconselhar o aproveitamento dos minutos de improdutividade, concedendo-se às alunas recreação. (TEIXEIRA, 1946, p. 25-26 grifos da autora).

Ao apoiar-se nestes discursos, Amália Hermano Teixeira buscou realizar aulas práticas, movimentadas, fora do contexto da sala de aula, conforme imagem anterior, em que representa o momento em que a professora realiza uma aula *in loco*, para proporcionar às alunas um contato imediato com o conteúdo estudado. Atitude moderna e avançada para o tempo histórico que se processava.

Outro ponto acentuado por Amália Hermano Teixeira em seu trajeto histórico, foi a importância dada ao trabalho, com uma super valorização das funções

exercidas e das atividades que realizou. Teixeira reafirmava que é pelo gosto ao trabalho que será constituído uma melhoria de vida:

Trabalho feito com gosto é trabalho bem feito, reza a sabedoria popular. Infelizmente, ainda se luta por se fazer o que se pode bem fazer e muita gente ainda trabalha naquilo para que não tem nenhuma aptidão. Em se tratando de magistério, a seleção do pessoal deve ser rigorosa, pois em nenhum outro setor a atitude, a personalidade exerce tamanha influência (TEIXEIRA, 1944, p. 570, In: REVISTA OESTE, 1944, p. 570).

Ressalta-se nestes nexos, que a constituição da historicidade de Amália Hermano Teixeira integra-se a um tempo específico; a reorganização social, política e econômica nos moldes do Estado Novo.

As discussões a partir da historiografia pesquisada nos remete à compreensão de que a educação proposta em Goiás, semelhante ao que ocorreu em todo o país, assentou-se em um contexto de modernidade imbuído pelas mudanças advindas de transformações, com suporte da modernização capitalista, ocasionadas por lutas políticas e ideológicas liberais que ascenderam ao poder. E estas lutas estão inteiradas no contexto que compõe a história de Amália Hermano Teixeira.

Nesse cenário, os intelectuais, inclusive Amália Hermano Teixeira, constituíram papel fundamental na participação ativa em diversos empreendimentos determinados para esta nova política do Governo, amparados pelo discurso de não envolvimento político; mas sustentados pela militância intelectual, pela participação cultural e pela difusão de ideais renovadores.

Dessa forma, é possível apreender a participação intelectual de Amália Hermano Teixeira em um período específico, ao compreender os nexos que sustentavam sua forma de ver o mundo, de atuar nele e de representá-lo por meio de seus discursos.

Contudo, as diferentes posições dos intelectuais frente ao movimento escolanovista no cenário goiano ocorreram devido as transposições utilizadas pelo governo para inserir nas ações educacionais interesses governamentais. Como consequência do golpe de Estado Novo em 1935, várias propostas ressaltadas em 1930, foram anuladas e instituída uma política de centralização e de censura à oposição, que até então, era acentuada por uma política conciliatória.

Utilizou-se dos meios de comunicação oficiais e extra oficiais, para propagar que as ações realizadas eram necessárias a favor do fortalecimento do país. O

estado Novo modificou todo um processo inicial, inspirado pelos educadores escolanovistas e que estimulou muitos intelectuais a participação ativa junto ao governo.

Ao datar destas novas propostas impostas pelo governo, muitos dos defensores da Escola Nova, desiludidos com os rumos tomados, abandonam seus papéis dentro da nova estrutura governamental. Entretanto, muitos outros intelectuais continuaram suas participações, no momento de congregar ideias, ou de refutá-las.

No que diz respeito ao Estado de Goiás, as mudanças foram inseridas naturalmente, apoiados pela imprensa; observa-se que os intelectuais em sua maioria, apoiaram sem conflitos aparentes, as novas cisões e remendos que foram inseridos no processo educacional. Destes, classifica-se Amália Hermano Teixeira e sua crescente atuação no cenário goiano, como uma das grandes intelectuais que se projetou neste novo cenário, ao assumir-se como aliada e defensora do governo.

O discurso governista ressaltava que um dos objetivos do Estado Novo era combater os interesses regionais em favor dos interesses de toda a nação, e uma das medidas para tender a esse fim foram os concursos para cargos públicos; esses concursos visavam atender tecnicamente as necessidades para o exercício de cargos públicos e, correlativamente, ainda impossibilitava a indicação do poder oligárquico a parentes e afiliados políticos.

No entanto, observa-se que na década de 1940, em Goiás estes cargos públicos, principalmente os que referiam-se a cargos de direção, foram ocupados por meio de indicações do interventor Pedro Ludovico Teixeira, que criou cargos comissionados de confiança, resultando em uma descontinuidade dos concursos públicos. Amália Hermano Teixeira nos descreve essas alterações, ao ressaltar em artigo na *Revista Oeste*, com o título *Orientação Vocacional*, que aprovava as medidas do então Interventor:

Louvável, pois a resolução da Diretoria Geral de educação de nosso estado ao adotar em seu plano o método de seleção e promoção de professores pelo grau de aproveitamento apresentado por seus alunos em determinado espaço de tempo, abandonando o velho sistema de concurso, que nesse setor causa sempre decepções. (TEIXEIRA, 1943, p. 570. In: OESTE, 1943, p. 570).

Neste trecho da reportagem, a autora faz menção às qualidades que devem ser observadas na direção do trabalho educacional, ao defender que simplesmente

o concurso não averiguava a situação de conhecimentos administrativos e capacidade de direcionamento das ações, que alegam ser necessários a uma direção. Discurso vindouro de uma proposta de convencer que os concursos não atenderiam as necessidades para gerenciamento, ao justificar assim a seleção da escolha a cargo do próprio meio governamental.

Das mudanças gerais ocorridas no Brasil, a partir do Golpe de Estado realizado por Getúlio Vargas, em Goiás, ocorreram alterações mínimas, pois Pedro Ludovico Teixeira continuou sendo o grande fortalecedor do Governo Nacional no Estado de Goiás e propagou os “benefícios” do Governo Federal, ao utilizar, especialmente a *Revista Oeste* fundada em 1942, que representou um veículo oficialmente organizado do pensamento renovador.

O Governo de Goiás serviu-se de meios de comunicação como veículos inculcadores de propostas e reformas, julgadas necessárias, sempre com um discurso otimista e enaltecido dos novos tempos em que o Estado se assentava:

OESTE é assim o veículo oficial do pensamento moço de Goiaz. Limita seu apareço as mais vitoriosa de Goiaz, dentro de aspectos absolutos. Mensagens de contemporâneos e outra posteridade mental, equivale a fixação de nosso estado social-político-intelectual. Grava, em depoimentos são de brasilidade são uma obra e um autor dantes, ou melhor, para que se implantasse um regime mais consentâneo com as nossas necessidades e mais apto a defender as conquistas conseguidas [...] foi preciso que o Chefe da Nação desse o golpe de 10 de novembro de 1937. Ésse ato foi a resolução mais acertada de seu governo (PEDRO LUDOVICO, 1943, p. 570, In: OESTE, 1943, p. 57).

Neste novo cenário, as práticas escolanovistas em Goiás tomaram novos rumos pautados em discursos de amor à terra e ao zelo pelo homem do campo, ao destacar ações ruralistas, que mais uma vez foram enaltecidas por Amália Hermano Teixeira, que se assumiu como uma das primeiras a integrar esta nova proposta:

A orientação agrícola na escola, além de transformar o ensino livresco, rotineiro em ativo útil, interessante, vivo; de certo modo seleciona o professorado, pois a atividade do mestre moderno não consiste em apenas ministrar aulas em dias e horas determinadas, mas dirigir, orientar seus alunos em ocasiões diversas, colocando sua inteligência, imaginação, entusiasmo e atividade a serviço da causa educacional e o que é muito importante se constituir exemplo para seus alunos[...]
Chamada em março de 1937, pelo governo para, ao lado do agrônomo Manoel Alves de Almeida, organizar os programas para a Escola Profissional Rural de Rio Verde, deixei a citada secção de ruralismo. (TEIXEIRA, 1943, p. 570, In: OESTE, 1943, p. 570).

Entretanto, importante acentuar que de acordo com Nepomuceno (1994) foi somente a partir de 1937, que se implementou os ideais da educação rural, um assunto já em pauta dentro dos conceitos escolanovistas; porém, desde a década de 1910, políticos e educadores manifestavam-se em relação a migração do homem do campo.

Em 1935, ocorreu pronunciamento em favor da criação de Patronatos Agrícolas na Semana ruralista, patrocinada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, sendo todos os eventos com o objetivo de afirmar a proposta de uma educação rural com práticas escolanovistas. Afirma ainda a autora, que “o desdobramento desta proposta de educação rural encontrou-se ressonância imediata no meio goiano” (NEPOMUCENO, 1994, p. 109).

O Estado Novo contribuiu para mudanças significativas no Estado de Goiás, no entanto, devido a seu caráter autoritário, muitas dessas mudanças atenderam a grupos de interesses restritos, fortalecendo a discussão acerca da luta hegemônica pelo poder. Contudo, para o fortalecimento dessa hegemonia, efetivou-se um cenário evidenciado por instrumentos de comunicação¹⁶ que defendia um governo forte, com entrosamento entre a sociedade, a população e o governo. Essa propagação foi implantada pela escola, na inculcação de valores e pela via da imprensa, propagada por intelectuais.

Muitos foram os intelectuais chamados renovadores e/ou escolanovistas que utilizaram suas habilidades de escrita, da oratória para justificar e formar opiniões que respaldasse a imagem de Vargas e conseqüentemente de Pedro Ludovico como heróis. Utilizadas como mecanismo de expansão das propostas renovadoras do Estado Novo em Goiás, a *Revista Oeste* (1942-1945) e a *Revista de Educação* no final da década 1950, e início da década de 1960, prosseguiram a oficializar os discursos em que prevaleciam os ideais de educação redentora e a menção a Pedro Ludovico e Getúlio Vargas como autores e redentores do País e em consequência, do Estado.

Foi estabelecido deste modo, na educação goiana a junção entre discurso escolanovista, as ações ruralizadoras, as práticas centralizadoras e as teorias democratizantes, em um contraste acentuado de normas e práticas que povoam

¹⁶ Revista Oeste fundada em 1942, representou o veículo oficial do pensamento renovador, para ressaltar os discursos do novo governo. Foi promulgada do decreto –Lei estadual nº 7.045 de 3 de fevereiro de 1943, que oficializou a publicação.

nosso imaginário. Entretanto, essencial apontar que em Goiás após a revolução de 1930, e nos períodos que a sucederam, implementada pelo Estado Novo, a educação atendeu a princípios diversos, mas sempre baseado em um propósito escolanovista.

Ao advogar estes princípios neutralizadores de conflitos e ao mesmo tempo de ampliação desenvolvimentista, implantou-se em Goiás, uma educação que atendia a esses anseios; uma escola que atendia aos preceitos renovadores, que figurasse o ideal que o Estado projetava; uma escola que atendesse ao novo, que refutava o imobilismo, que acentuava os ideais de progresso, de iniciativa, inovação e neste contexto cabiam os propósitos escolanovistas movidos pelos ideais renovadores por uma Escola Nova.

Figura 03 - Desfile dos alunos do Grupo Escolar de Bonfim de Goyaz, da Professora Ninpha de Moraes Lobo - 1940. Silvânia-Go



Fonte: Acervo do Professor Dr. Bento Fleury.

Uma Escola Nova; mas, que avultasse o nacionalismo, o valor de um governo forte e para adequar à estas configurações, muitas práticas antigas continuaram a existir, dentre elas a ordem e o civismo, o amor à Pátria, à nação, ao espírito de unidade, conforme aprecia-se na imagem exposta.

Ao atentar para o novo formato educacional, o Governo de Goiás configurou também uma nova imagem de gestores, professores e intelectuais que promovessem os novos ideais.

Neste novo cenário, foram utilizadas as influências dos intelectuais que confirmaram, aplaudiram e divulgaram as novas propostas, de modo a estabelecer uma rede de sociabilidade entre eles e nesta rede foram protagonistas na difusão e aceleração do processo renovador, rede em que Amália Hermano Teixeira fez-se como intelectual e protagonista.

2. A REDE DE SOCIABILIDADE DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA

A racionalização burocrática foi a mola de norte do governo goiano no período em estudo, que configurou-se como um novo tipo de dominação, que teve como auxílio o intelectual recrutado pelo governo entre aqueles que se destacavam como formadores de opinião. Surge, daí, uma saga de intelectuais que registraram sua participação efetiva ou de apoio ao governo por meio de diversificados meios de comunicação, ao consolidar assim um novo cenário político goiano.

Amália Hermano Teixeira, assim como grande parte dos intelectuais goianos foi grande propulsora dos ideais governistas. Formadores de opinião e tendo a imprensa como um recurso promissor, estes intelectuais interligaram-se, construindo uma rede de sociabilidade tendo como ponto de apoio o governo ou a própria militância intelectual.

Parte-se da premissa de que a rede de sociabilidade de Amália Hermano Teixeira apoiou-se em dois fatores: a sua própria condição de intelectual, vindoura de campo cognitivo percorrido e da relação social estabelecida por meio do apoio dado ao governo.

Nesta perspectiva, interpreta-se que as práticas intelectuais e profissionais de Amália Hermano Teixeira e de muitos intelectuais goianos, constituíram-se por meio de uma rede de relações, que processou um ideário intelectual da sociedade abarcado pelo governo local, que reproduzira no estado ações e discursos nacionais, e às vezes pelo ideário de construção de uma intelectualidade que ultrapassava o cenário político, mas que abarcava um processo de amadurecimento intelectual.

Neste contraste, entre constituir-se enquanto autônomo ou reprodutor de um ideal governista, construiu-se nexos que se confirmaram e se conflitaram, conforme organograma apresentado na figura a seguir.

Figura 04- Rede de sociabilidade de Amália Hermano Teixeira



Fonte: Produção da autora (MARTINS, 2018).

Observa-se à vista da exposição apresentada pela imagem, que o processo que compõe a rede de sociabilidade de Amália Hermano Teixeira interligava-se a diversos cenários, ao percorrer e ao acentuar propósitos que contribuíram para a constituição, intelectual, social e cognitiva da autora que não foi construída de forma linear, mas que ressalta um entremeado de contextos, contradições constituintes de parte de sua história.

Ao evidenciar-se na figura anterior a centralidade de Amália Hermano Teixeira, sua representatividade é exposta por meio da rede de relações sociais que estabeleceu nos mais diversos contextos, em diferentes tempos históricos, configurando sua trajetória desde a Universidade Rural do Brasil (década de 1930), quando aperfeiçoa os estudos ruralistas, perpassando sua atuação enquanto professora da Escola Normal Oficial e protagonista da implementação e implantação do projeto dos clubes agrícolas (década de 1940).

Fica evidenciada sua centralidade no processo escolanovista goiano, por meio de sua atuação enquanto colaboradora e diretora da *Revista de Educação*, (década de 1960) grande responsável pela divulgação e do ideário proposto pela Escola Nova, e percebe-se os nexos que compõem sua sociabilidade.

2.1 REDE SOCIAL E INSTITUCIONAL A BASE DO GOVERNO

Compreende-se que o projeto propagado pelos governantes a partir de 1930, apoiou-se na valorização dos certificados; mas, também, na efetivação do serviço público, nas obrigações com funcionários e na consolidação de um ideário político. Miceli (1979, p. 132) contribui com a construção analítica, ao aferir que a relação dos intelectuais que compunham o capital cultural no governo estava fundada, em sua grande maioria no serviço público:

Durante o período *populista* (1945-1964), verifica-se uma ampliação das carreiras reservadas aos intelectuais ao mesmo tempo que se intensifica o recrutamento de novas categorias de especialistas[...]muitos dos quais se alçaram aos postos-chaves da administração central de onde foram sendo excluídos outros grupos de intelectuais e especialistas que resistiram à implantação das diretrizes e programas adotados[...]
O aumento considerável do número de intelectuais convocados para o serviço público provocou um processo de burocratização e de racionalização das carreiras (Ibidem, p. 131).

Neste cenário exposto por Miceli (1979), constata-se que a rede de relações de Amália Hermano Teixeira teve como ponto principal, a sua relação com o governo de Goiás; que se estendera por atuações em serviços públicos e geraram toda uma rede de relações que perpassam a sua história intelectual.

Para Cândido “os intelectuais [...] correspondem as expectativas ditadas pelos interesses do poder e das classes dirigentes” (CÂNDIDO, 1979, In: MICELLI, 1979, s.p). Nessa perspectiva, entende-se que os intelectuais reproduziram ou produziram

os interesses do poder em ascensão; sendo assim, interpretados como agentes de reiteração de uma ideologia dominante, neste cenário representado pelo governo estadual de Goiás.

Acentua-se na discussão que os intelectuais convocados a assumir cargos no novo governo goiano semelhantemente ao modelo nacional, distinguiram-se dos intelectuais do antigo regime em diversas proposições, dentre elas nas asseverações quanto à ascensão, pois, se no regime da antiga oligarquia, a classificação estava claramente conectada ao apoio político doutrinado aos candidatos/coronéis, na Nova República; esse acesso estava cogitado por meio de intenções intelectuais, acessados via diplomas e envolvimento social. Na confirmação dessa afirmativa, Miceli (1979, p. 132), assevera que:

Embora seja inegável que o recrutamento dos intelectuais ao longo do período Vargas continuou como antes a depender amplamente do capital de relações sociais dos postulantes aos cargos, vale dizer, caudatário de “pistolões” cuja rentabilidade poderia sobrepujar aquela proporcionada pelos títulos escolares ou pelas aptidões profissionais, cumpre admitir que o novo estágio da divisão do trabalho administrativo acabou impondo mudanças de peso nas relações entre os intelectuais e a classe dominante. [...] Os anatólios participavam direta e ativamente das campanhas eleitorais de seus mandachugas ou de candidatos por eles indicados, ao passo que os intelectuais do regime Vargas se empenhavam sobretudo em ampliar, reforçar e gerir as ‘painéis’ burocráticas de que faziam parte e só se sentiam credores de lealdade em relação ao poder central.

O que permite uma compreensão que na rede institucional desenvolvida por Amália Hermano Teixeira, não se nega que muitos dos intelectuais que mantinham ligações com o antigo regime ocuparam funções de destaque no novo governo, assegurados pelo propósito de “bem maior”, ao alegar interesse de contribuir com o Estado. Ao concordar com o autor, aponta-se que Amália Hermano Teixeira assim como muitos outros intelectuais apoiados nesta lealdade ao poder central do Estado, contribuíram de forma decisória para a constituição da força social de relações econômicas e progressistas que o Estado teve como foco.

Nesta perspectiva, compreende-se que os intelectuais foram grandes contribuintes para elencar o ideário de progresso goiano nos diversos campos; entre eles o educacional, ao propagar uma ideologia de zelo, disciplina, boa conduta, valores morais, disposição ao trabalho e verdadeira adoração ao governo de Pedro Ludovico Teixeira.

Nesta análise, percebe-se que o intelectual estava em um processo contraditório e complexo, pois caracterizava-se como um formador de ideologias, um

partícipe da *intelligentsia* mas, ao mesmo tempo, servia e obedecia a regras e comandos impostos, atendendo a uma convenção de esforços e propósitos já estabelecidos socialmente.

Realizavam-se um verdadeiro jogo entre os próprios ideais e os necessários para se manter no poder. Concorde-se com Cândido (1979) ao aferir que “O intelectual parece servir sem servir, fugir mas ficando, obedecendo negando, ser fiel traindo. Um panorama deveras complicado” (Ibidem, 1979) que se exprime na rede social que Amália Hermano Teixeira constituiu-se.

Constrói-se nesta argumentação que a rede de sociabilidade de Amália Hermano Teixeira e os intelectuais que a compuseram, formada a partir do apoio ao governo, constituiu-se na base de um nicho de inculcação de valores e interesses educacionais implantados e/ou transplantados em Goiás após a revolução de trinta e especificamente no apogeu do Estado Novo, tendo como instrumento de apoio uma rede institucional caracterizada pelo próprio governo local e pela imprensa, conforme evidenciado pela *Revista Oeste* (1942-1945) e a *Revista de Educação* (1959-1962).

Ao ressaltar Amália Hermano Teixeira como intelectual, evidencia-se que ela pertenceu a um grupo de participantes do contexto cultural, com posições de destaque e em disputas internas contínuas, que se caracterizavam pelos vínculos com o poder político a que eram submetidos ao mesmo tempo em que exerciam funções propositivas.

No entanto, o papel político de Amália Hermano Teixeira ultrapassou a função de porta-voz do governo e criou espaços para a sua militância como intelectual escolanovista, atenta, ambiciosa, que percorreu uma trajetória que inflamou e absorveu os ideais propostos para uma nova educação, uma nova escola, uma nova forma de compreender o processo educativo, a função educativa, ministrar aulas e o processo de ensino-aprendizagem.

2.1.1 Amália Hermano Teixeira e o Governo – um vínculo institucional perpetuado por décadas

Figura 05 - Amália Hermano no Palácio das Esmeraldas com o Dr. Pedro Ludovico - 1955



Fonte: Acervo do Professor Dr. Bento Fleury.

Mesmo abarcada de um discurso que negava opção partidária, Amália Hermano Teixeira fez-se porta voz do governo em muitos de seus discursos, ao contribuir para a efetivação de práticas educativas e de implementação de projetos, e na organização e divulgação do ideário escolanovista.

Mesmo ao negar qualquer interesse ou participação política partidária, o que era muito comum entre os intelectuais no contexto da nova república, Amália Hermano Teixeira teve uma participação política efetiva, justificada como sendo as propostas governamentais como leis que deveriam ser cumpridas da melhor maneira possível; na cultura apresentada e imposta nos novos padrões goianos, os intelectuais serviam como bons soldados, de combatentes da ignorância do povo em prol da cultura, da instrução da população e colocavam como interlocutores das mais diversas teorias com o propósito de proporcionar a formação de uma população mais culta.

Credita-se a Amália Hermano Teixeira uma característica muito utilizada pelos intelectuais da época: a característica de participar ativamente como funcionário

público que não se envolvia em política; conquanto, atendia as mais diversas manifestações em favor da política atuante, com a justificativa de servir da melhor forma possível ao seu estado, sendo uma funcionária exemplar.

A marca atenuante das relações estabelecidas entre Amália Hermano Teixeira e a figura do Governo de Goiás, iniciou-se com a figura de Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal, e logo governador do Estado, conforme apresentado na foto anterior, e alongada para outros nexos de relações com governos posteriores, como os Governadores José Feliciano Ferreira, Mauro Borges, o ministro Gustavo Capanema, os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, dentre outros políticos como deputados, senadores e até outros governadores.

Apoiada no discurso de fazer bem seu dever, Amália Hermano Teixeira ortogou-se de vários cargos e funções junto a diferentes políticos e divergentes governos de direita e de esquerda. Em entrevista (Anexo III), Bento Fleury Curado acentuou a participação de Amália Hermano Teixeira no Governo, emitindo a sua opinião como amigo da autora e a sua versão sobre a participação dela em diferentes governos:

Amália era uma representante do Governo, pois assim ela não deu seguimento ao caso com a professora Ofélia, a pedido do Governador Pedro Ludovico, que também era muito amigo da Ofélia e muito amigo de Amália. Por isso, Pedro Ludovico tirou Amália da sala de aula [...]. Foi Amália que trouxe a Revista de novo. Claro, se ela trabalhava na secretaria de educação do Governo, os paradigmas propostos sobre educação do governo, os paradigmas dele- claro. Como você vai trabalhar como pessoa de confiança e ir contra as ideias? (CURADO, 2017).

As relações sociais estabelecidas por Amália Hermano Teixeira e o Governo estão representadas em vários discursos produzidos pela própria Amália, nos diversos veículos utilizados pela autora para publicar seus textos, desde publicações feitas em revistas e jornais da época de forma esporádica até publicações mais frequentes na *Revista Oeste* e na *Revista de Educação* e nas duas obras em formato de livro.

Entretanto, essas relações foram estabelecidas também nos contextos de trabalho, pois seu marido, o advogado Maximiano da Mata, que em 1937, ano que casa-se com Amália Hermano; também foi nomeado pelo governador Pedro Ludovico Teixeira, para assumir o cargo de Secretário do Governo. Em anos anteriores, assumiu o cargo de professor e teve outras funções, todas estas indicadas pelo então Interventor Federal.

Este cenário compreende as ligações apontadas por Miceli (1979) ao acentuar o liame entre o Governo e os intelectuais portadores de diploma em Direito; acentua o autor que “[...] os bacharéis em direito procuravam compensar a situação inflacionária que corroía o valor de seu diploma pelo trânsito em posições administrativas onde eram por vezes alojados por força da fluidez que caracterizava sua competência” (MICELI, 1979, p. 142).

A relação de Pedro Ludovico Teixeira com a família de Maximiano refere-se ao seu pai, influente político na cidade de Natividade e um forte aliado de Pedro Ludovico quando participou da Revolução de 1930. Assim, os nexos de sociabilidade entre Amália e Pedro Ludovico são reforçados no decorrer de sua atuação enquanto intelectual participante das propostas governamentais. Este traço fica claro quando Amália Hermano Teixeira relatou que participava da convivência de Pedro Ludovico Teixeira, conforme apresentou em discurso ao evidenciar a sua proximidade com o então interventor federal:

Isso nos contou o dr. Pedro Ludovico Teixeira, no dia 11 de outubro, às treze horas, quando meu marido, dr. Maximiano da Matta Teixeira, e eu. Aquele eminente homem público, preciso que se diga, declarou que esta falara por conta própria e reafirmou sua confiança nos demitentes, [...] (TEIXEIRA, 1946, p. 6).

Essa conexão de proximidade estabelecida entre Amália Hermano Teixeira e Pedro Ludovico Teixeira, está acrescida na obra da autora, *Dois anos sem Maximiano*, em que Teixeira em um processo de cronologia, especifica os cargos e funções exercidas pelo marido, sendo que grande parte é de indicação do então interventor Pedro Ludovico Teixeira.

Em outros momentos em seus discursos, principalmente na *Revista de Educação*, a autora designou o então governador como um herói construtor de realidades. Na reportagem Amália Hermano Teixeira acentuou a grandeza de Pedro Ludovico Teixeira em construir Goiânia, ao utilizar todo um discurso em favor das benfeitorias desta construção. No entanto, no discurso, as questões de conflitos e tensões ocorridas para tal situação não são incluídas, destacando sempre um ideário de renovação e novos tempos:

Pedro Ludovico Teixeira, em 1933, tornava-se em realidade um projeto que vinha do período provincial, lançado a pedra fundamental de GOIÂNIA altiplanos de Campininha, criando em 1935 o Município de a Comarca, transferindo em 1937 a sede do governo de Goiás para a cidade nascente, batizando-a em julho de 1942, sob festas. Goiânia ensejou a Goiás

renovação em todos os seus setores, mostrou que no interior do país podem florescer belas cidades, “as cidades novas casadas com sertões antigos, vendo seus filhos nascerem mais completamente brasileiros que sob o regime antigo” (TEIXEIRA, 1960, In: *REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1960, p. 27).

Nota-se, por meio de análise deste discurso o posicionamento de Amália Hermano Teixeira em favor do novo e da renovação, ao incluir a educação, as práticas, as políticas e o estado. Atenta-nos, também, para a apreciação de Amália com a politização das massas, por meio de um discurso advindo de elogios que endossam uma admiração pelo governo. Tal elogio é expandido ao presidente Juscelino Kubitschek, a quem a autora acentuava a característica de lutador:

E o Presidente Juscelino, muitas vezes combatido, mais vezes aplaudido, prosseguiu incansável em sua grande luta sem tréguas, desde sua investidura como primeiro magistrado da Nação até o momento, pela realização de suas metas (Ibidem, p. 33).

E continua, com o discurso em favor de caracterizar o então presidente como beneficiário do Estado, ao lhe acrescer toda uma gama de admiração. Este favorável apoio fica explícito em outro trecho da entrevista:

Se o candidato Juscelino bem prometeu melhor cumpriu o Presidente Kubitschek, que sente, agora, se voltando para os anos de sua gente serem compreendidos por ela, por toda essa gente que lhe testemunha gratidão e reconhecimento através das carinhosas e espontâneas manifestações que lhe são tributadas nos mais diversos pontos do país que governa. [...] Onde terá o Presidente Juscelino buscado vitalidade tamanha, inteireza moral, compreensão e ternura humana, qualidades que, somadas aos dotes intelectuais, fizeram dele um homem excepcional? (Ibidem, p. 39- 40).

A admiração de Amália Hermano Teixeira estava conectada com seu fervor ao patriotismo e anexada às decisões do governo, por meio do então ministro Gustavo Capanema, a quem em diversificados contextos, ressaltou sua admiração, acentuando que o então ministro foi “padrinho” de sua turma de direito e que a própria Amália foi uma das escolhidas para viajar ao Rio de Janeiro e fazer-lhe pessoalmente o convite.

Para homenagear Gustavo Capanema, Amália Hermano inseriu-o em seu livro *Perfis*, integrando-o às pessoas que marcaram sua vida além de descrevê-lo como um militante em favor do país. Nota-se o patriotismo idolatrado da autora ao sublinhar sobre as ações do governo:

Um fato merece ser apontado para a glória de nossa gente: - é que o Brasil encontrou o verdadeiro caminho de sua destinação histórica ao impulso

desse movimento vitorioso, dessa revolução branca que o impede para frente: - o nacionalismo, que significa não apenas a posse efetiva e defesa de nossas riquezas, mas o seu aproveitamento econômico. (TEIXEIRA, 1993, p. 162)

Como intelectual, encontrou objetivamente por meio dos discursos utilizados nas reportagens, palestras e na própria ação educativa como professora, condições de realçar propostas advindas do escolanovismo, do ideário da educação ruralista e do Estado.

E ao constituir-se desta qualidade, utilizou-se dos meios, das redes de sociabilidade e dos instrumentos que faziam parte de seu contexto para consolidar suas propostas, configurar-se no meio dos grandes intelectuais e, propositalmente, fazer-se reconhecida junto ao grande grupo intelectual que respaldava os ideais educacionais que ela defendia:

O Ministério da Educação e Cultura, com a cooperação da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, através do Ministro Clóvis Salgado da Gama e do Prefeito Sá Freire Alvim, frente ao sério e apaixonante problema da educação de adolescentes e adultos, reconhecendo nossas graves deficiências sociais, decorrentes de alterações na estrutura econômica e condições de vida do país, deliberou convocar educadores de todo o Brasil para um balanço geral do que se fez nesse setor e tomar medidas para o futuro. [...]

Tôda a matéria constante do Temário do Congresso interessou a Goiás, uma vez que Governos estadual e municipal, instituições de caráter privado e particular de nosso estado devem se empenhar vivamente em prol da campanha pela educação de adolescentes e adultos, que não puderam por motivos vários [...]

Honrada com a escôlha do meu nome pelo dr. Wilson Lourenço Dias[...]para representar Goiás no II Congresso Nacional de Educação de Adultos (TEIXEIRA, 1959, In. REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1959, p. 34-35-36, grafia no original).

Nesse pressuposto, é levantada a questão de seu envolvimento a um posicionamento político ideológico, em entrevista (Anexo III), o professor Bento Fleury Curado (2017) contribuiu com a discussão ao justificar que Amália Hermano Teixeira trabalhava no Governo.

Nota-se pelo discurso, que a ideia utilizada assenta que como funcionária, não cabia a Amália Hermano Teixeira questionar se concordava ou não com a política do governo, apenas desenvolvê-la, que independentemente de situação de direita ou de esquerda que comandasse o estado, Amália Hermano Teixeira trabalharia, pois estava definida como funcionária.

Para a análise de Curado (2017), essa opção apolítica foi uma estratégia profissional de Amália Hermano Teixeira para não se envolver. Acentua Curado (2017), que a participação e colaboração de Teixeira estava à disposição do trabalho que a ela fosse solicitado, pois ela era uma funcionária pública:

Quando teve modificação no período de 1946, que Coimbra Bueno-oposição tomou o poder, Ofélia foi colocada de lado e Amália foi acolhida, tanto é que continuou na Secretaria de Educação, na Revista. Quando chegou a época de Mauro Borges, aí sim, Amália deu foco a Revista. Assim, como educadora, traçou seu trabalho na escola Normal, Instituto de Educação e Diretoria de DIP. Mesmo na oposição, Amália continuou no DIP (Diretoria de Imprensa) e claro, realizou os paradigmas deste governo. (CURADO, 2017, entrevista).

Nesta ótica, há uma negação por parte de Amália Hermano Teixeira a partidos políticos, seja como intenção ou como propósito. Esta expôs este desígnio em suas publicações; um intento de trabalhar em prol da construção de uma identidade enquanto intelectual e deixar um registro de sua contribuição enquanto partícipe da história, sem filiação partidária.

No entanto, não se pode negar que Amália Hermano Teixeira não possuía apoio político, contatos e opções políticas. É expressiva sua participação nos governos de Getúlio Vargas/Pedro Ludovico Teixeira, entretanto o que assenta nesta discussão é que mesmo em momentos em que ocorriam diferentes comandos políticos, Amália Hermano Teixeira continuou na liderança de cargos e funções. E todas estas funções para a que ela foi designada, desempenhou com afinco.

Identifica-se, que o discurso de Amália Hermano Teixeira possibilita e instiga questionamentos quanto a sua ideologia permitindo a seus desafetos afirmação tais como: Teria Amália Hermano Teixeira aproveitado das oportunidades, tornando-se uma oportunista sem nenhuma posição política. Os registros de sua história de vida negam este posicionamento.

Se, por um lado, Amália Hermano teve uma convivência com os interesses governamentais, isso não se deu por qualquer interesse e também não a qualquer custo. Esta posição é confirmada no próprio depoimento da autora, quando em contenda com a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, quando atuavam na Escola Normal, a própria Amália Hermano Teixeira, juntamente com seu marido Maximiano da Mata colocam à disposição do então Interventor de Goiás Pedro Ludovico Teixeira suas funções de funcionária pública, na possibilidade de não estarem recebendo credibilidade pelo trabalho desenvolvido.

[...] no dia 11 de outubro, às treze horas, quando meu marido, dr. Maximiano da Matta Teixeira, e eu, diante dos acontecimentos da véspera- Instalação da semana da Criança- e porque a Diretora houvesse afirmado falar “em nome do Governo” **depositamos em suas mãos os cargos de Diretor e Secretário da Imprensa Oficial, que então, desempenhávamos.** (TEIXEIRA, 1946, p. 6 grifos da autora).

Nota-se, que os discursos proferidos por Teixeira não são aleatórios, desprovidos de críticas, embasamentos e intenções. Mas, correspondem a um ideal que torna-se quase linear; a proposta de renovação do ensino em Goiás, a constituição de um ideário que ultrapassasse a educação como sendo apenas escolar e realizada apenas na escola; expondo dessa forma, uma característica predominantemente escolanovista.

Parte-se do consenso de que Amália Hermano Teixeira, como intelectual, trilhou um caminho pelo qual partiu de uma professora catedrática da Escola Normal, percorreu diversos ambientes institucionais, entre eles o Departamento dos Grupos Agrícolas, o Departamento de Propaganda e Difusão na Secretaria de Educação, a direção da *Revista de Educação*, para enquadrar-se como intelectual nos termos atribuídos por Miceli (1979), aqueles que pertenciam ao alto escalão, caracterizados pela referência L, que significava um alto funcionário. Miceli (1979), explica que:

Dentre os 23 padrões de vencimento que passam a auferir as diferentes classes de cada catedráticos das faculdades de direito e medicina, das escolas politécnicas e de minas, das escolas nacionais de agronomia e veterinária, incluindo ainda uma parcela dos professores catedráticos de outros estabelecimentos oficiais de ensino, uma parcela dos intelectuais do Domínio da União, os redatores e os chefes do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, uma parcela dos procuradores da República (MICELI, 1979, p. 142).

Amália Hermano Teixeira, com sua militância intelectual, participou ativamente da gama de intelectuais que fizeram parte do centro de decisões da educação goiana, ao constituir-se parte do grupo de elite que representava os ideais governistas em um processo contínuo de busca pelo crescimento profissional, que lhe permitiu ocupar diferentes espaços sociais, institucionais e intelectuais de seu tempo.

Quanto ao papel político de Amália Hermano Teixeira, convém com base nos dados coletados, uma interpretação em seu tempo histórico, como uma intelectual que centralizou a sua atuação na colaboração de um ideário educacional para além dos moldes impostos no tempo vivido.

2.1.2 No cenário da Escola Normal Oficial: Amália X Ofélia, entre ofensas e desafetos

A Escola Normal Oficial foi o cenário de início de carreira de Amália Hermano Teixeira e sua configuração enquanto professora no curso de formação de normalistas. A relação estabelecida entre Amália Hermano Teixeira e suas alunas constituiu-se a partir de uma contraditória e ressaltada relação de orgulho, admiração e desavenças.

Amália Hermano Teixeira registrou em suas publicações que seu processo enquanto professora na Escola Normal foi aferido pelo zelo por suas alunas, a quem dedicava tempo e esforço para transformá-las nas melhores professoras primárias com princípios escolanovistas.

As ideias escolanovistas propostas por Amália Hermano Teixeira creditava à escola um fazer diferente, transformador, ativo, não se apegando a critérios fixos. E essa ideia inovadora de Teixeira, esse olhar especulador e liberto, ocasionou-lhe sérios conflitos com a direção da Escola Normal Oficial, uma vez que tinha uma formação voltada para o pensar científico inovador e atuava em uma escola com práticas reguladoras e conservadoras.

Muitos professores, em nome do escolanovismo transformaram suas práticas pedagógicas em ações puramente técnicas. Pode-se analisar por esta ótica, que a formação de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro na Escola Normal do Brás (SP) teve esta perspectiva, devido a sua formação contemplar no processo inicial, ainda na década de 1920, enquanto Amália Hermano Teixeira enveredou-se por uma atuação mais dinâmica e prática.

A atuação de Amália Hermano Teixeira se fez em um período de ebulição do movimento escolanovista, logo após a assinatura do Manifesto pela Educação Nova, em 1932, no auge do empoderamento de seus signatários.

Entre os signatários daquele Manifesto os mais citados por Amália Hermano Teixeira foram Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. O ideário destes escolanovistas pode ser assim compreendido:

Os pensadores liberais, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, constituíram uma linhagem teórica cuja matriz epistemológica foi fortemente influenciada pelo contato que tiveram com os educadores americanos dos anos 1930, destacadamente, John Dewey, pensador influente na educação dos EUA e também na educação brasileira,

tendo sido um dos formuladores dos pressupostos do escolanovismo alinhados à concepção de democracia liberal (Rosa, 2018, In: BATISTA; et. al., 2018, p. 2).

Percebe-se, que os posicionamentos de Amália Hermano Teixeira são fundados nesta prerrogativa, enquanto que a formação da diretora Ofélia Sócrates do Nascimento atendeu a um contexto que segundo Nagle (2001, p. 133) ressaltava a escolarização como motor da história; mas, com poucos respaldos teóricos. Os pensadores estavam ainda em um processo de pensar e “responder aos desafios propostos pelas transformações sociais, que ocorreram a partir do segundo decênio do século XX” (Ibidem, p. 134).

Motivadas por diferenças de posicionamentos pedagógicos e diferenças de interpretação do movimento escolanovista, estas duas professoras tiveram uma contenda no percurso da atuação profissional, incluso neste episódio, toda uma gama de interesses políticos e intelectuais divergentes, que as duas professoras evidenciaram na Escola Normal Oficial.

As divergências entre o posicionamento de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro e Amália Hermano Teixeira assumiu tamanho desfecho, que resultou na obra *O curioso Caso da Escola Normal Oficial*, publicado em 1946, pela Gráfica Revista dos Tribunais. Entretanto, é importante ressaltar que os nexos que ligam Amália Hermano Teixeira e Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, estão subentendidos por interesses intelectuais e políticos que se configuraram na política de Pedro Ludovico Teixeira.

Na obra escrita por Teixeira, a autora faz referências aos seus desafetos com a então diretora da escola, a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, cuja influência é bastante notória no período considerado para esta pesquisa.

A Professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro era Normalista, estudou em São Paulo e retornou a Goiás ao final da década de 1920, colaborou para a consolidação do projeto Escola Nova neste Estado. Com trânsito livre nas instituições governamentais na gestão de Pedro Ludovico Teixeira, auxiliou na propagação do ideário deste governante como homem/herói, construtor da capital de Goiás, foi a autora que publicou o primeiro livro sobre a história da construção de Goiânia, *Como nasceu Goiânia*, editado pela Revista dos Tribunais, 1938.

Na publicação de Amália Hermano Teixeira, a personagem da diretora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro é caracterizada como vilã que propositou a sua

saída da Escola Normal Oficial; todavia, percebe-se, que os desafetos entre as duas professoras representou uma luta por poder que ultrapassou a briga entre duas mulheres, duas professoras, mas que se deu por divergências de posição de interesses e de interpretação do processo de implantação do escolanovismo em Goiás.

A Diretora da Escola Normal se levantara completamente desfigurada e, dizendo que acabava de ser insultada pela oradora, despeja sobre mim, em catadupa, uma série de impropérios, terminando por me atribuir negativas qualidades de educadora, concluindo por afirmar que eu fora afastada da E.N.O. a bem do ensino (TEIXEIRA, 1946, p. 5).

Nesta contenda, nota-se que Amália Hermano esteve envolvida socialmente com o processo de implantação do ideário escolanovista, projeto oficial da educação goiana. Entretanto, percebe-se também que essas discussões e envolvimentos sociais, propiciaram a Amália Hermano Teixeira outros compromissos, que ela buscava agregar à sua prática docente, pois Teixeira interpretava o propósito escolanovista para além das legalidades da prática pedagógica em sala de aula.

Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, ao contrário de Amália Hermano Teixeira, entendia que a professora transitava longe da prática educativa, pois, percebe-se que a compreensão da diretora em relação ao processo escolanovista é imbuído de valores do início do processo; no início do movimento escolanovista os percussores deste movimento entendiam que a educação precisava de novos rumos, mas ainda estavam em um processo pautado em práticas muito positivistas¹⁷.

De acordo com Tiballi; Nepomuceno (2006, p. 17), as ideias difundidas pelo movimento escolanovista mesmo com fundamentos nos princípios pragmatistas, herança de John Dewey, tiveram como propósito uma educação pautada nos moldes de uma racionalidade científica de origem positivista.

Acrescenta Tiballi (2013, p. 75), que o movimento escolanovista no Brasil no início do século XX, basicamente nas quatro primeiras décadas, é sublinhado por uma visão científica positivista baseada no pensamento de Durkheim.

¹⁷ Durkheim (1858-1917): configura o positivismo na valorização dos métodos, elaboração de conceitos, cientificidade a preceito das ciências naturais. De acordo com Cordova (2014, p. 4), A teoria de Durkheim encontrou receptividade nas ideias escolanovistas, “quando estas coadunam com a perspectiva de um espírito nacional inserido num processo histórico de estruturação de aptidões profissionais, em correlação com as diferenciações de ensino e divisões vocacionais a serem implantadas na própria sociedade”. Ver referências.

Portanto, tem-se nesta disputa; além de todo um processo de interesses pessoais e políticos, uma divergência indentitária na interpretação e reconhecimento da proposta do movimento.

Inclui-se ainda nestas divergências, as disputas pela aproximação junto ao governo. As diferenças entre as duas professoras foram sendo acrescidas, principalmente pela ausência de Amália Hermano Teixeira nas aulas, devido as longas viagens realizadas pelas contínuas aulas práticas fora do contexto escolar, que a professora Amália Hermano Teixeira teimava em realizar ao afirmar serem atividades extracurriculares e em outros tantas intrigas fomentadas pelo cenário que ambas conviviam.

Percebe-se, também, que Amália Hermano Teixeira e Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro tinham conceitos divergentes sobre prática educativa e também sobre Escola Nova. Seus conceitos quanto a cientificidade são evidenciados pelas disputas, entretanto, percebe-se que tanto Ofélia Sócrates do Nascimento quanto Amália Hermano Teixeira congregavam de um ideal de cientificidade formulado pela vertente das ciências naturais do cienticismo¹⁸.

Nas intrigas travadas entre elas sobressaiam os problemas pedagógicos mas, na verdade assentavam-se na busca por uma preponderância na proximidade com o Governo.

As professoras, entre tantos outros casos semelhantes, partilhavam o *status* de serem amigas do Interventor Pedro Ludovico Teixeira, o que lhes garantia um capital social bem acumulado. Esse fato se fez evidente no pronunciamento de Amália Hermano Teixeira, após sair da Escola Normal e atender a um convite da Secretaria de Educação de Goiás, para um cargo de Secretária e depois Diretora do Departamento de Imprensa:

Isto e minha comissão exasperaram ainda mais a Diretora, que, *'impertinente'*, se queixou amargamente do fato ao ex-interventor Pedro Ludovico Teixeira, alegando que êle, ao envez de nos castigar, estava nos premiando. Isso nos contou o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, no dia 11 de outubro, às treze horas, quando meu marido, dr. Maximiano da Matta Teixeira, e eu, diante dos acontecimentos da véspera- Instalação da

¹⁸ O conceito de cienticismo exposto no Manifesto dos pioneiros da Educação Nova 1932, prevê que o desenvolvimento das ciências deva ser as bases sustentadoras das doutrinas da nova educação implantada, deva ter como finalidade fundamental buscar desenvolver processos apropriados para desenvolver as ciências. Acreditavam em um estudo científico e experimental da educação, que libertasse “do empirismo, dando-lhe um caráter e um espírito nitidamente científico e organizando, em corpo de doutrina, numa série fecunda de pesquisas e experiências” Cf. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova 1932. Ver Referências.

semana da Criança- e porque a Diretora houvesse afirmado falar “em nome do Governo” depositamos em suas mãos os cargos de Diretor e Secretário da Imprensa Oficial, que então, desempenhávamos. (TEIXEIRA, 1946, p. 6 grafia no original)

Pela linguagem impositiva utilizada por Amália Hermano Teixeira, evidencia-se uma luta de interesses entre as duas professoras, que se interpunham e ultrapassavam os interesses das práticas educativas.

Ainda, no mesmo discurso, Teixeira referiu-se à Diretora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, indicando o desafeto que se perpetuava por um longo período, deixando evidente as diferentes interpretações pedagógicas, os divergentes ensejos políticos, intelectuais e sociais:

Enquanto contra mim desenvolvia toda espécie de campanha, tecendo toda sorte de intrigas sórdidas, a Diretora estava contente, saciada em seu sadismo. Mas, eu melhorei de situação, chegando a ocupar hoje o cargo de Diretora da Imprensa Oficial do Estado (Ibidem, p. 6).

Esses conflitos ultrapassaram as paredes da escola, tornaram-se públicos, em razão da condição de intelectuais reconhecidas no espaço social e político e das influências que ambas professoras exerciam no contexto educacional da época, e da necessidade que tinham de fazerem-se mais apreciadas em suas realizações como intelectuais. Em toda a sua obra, Amália Hermano Teixeira ressalta as funções desempenhadas e a necessidade de ampliar e reforçar suas ligações de poderio como canais de acesso e influência junto ao governo, conforme explica Teixeira (1946, p. 5):

E no dia 10 de outubro de 1945, que para mim se tornou de triste memória, lá estava eu a postos, no Jockey Club, literalmente cheio de convidados. Aberta a sessão e desta, como de praxe, dados os motivos, fui convidada a falar, lendo então minha palestra.

[...]

Recordo-me bem de que, quando a Diretora da E.N.O. Sobre mim derramava sua verrina, o jornalista Gerson de Castro Costa, então diretor do Departamento Estadual de Informações, um dos patrocinadores da Semana, me enviou um recado apelando para que eu não respondesse aos insultos.

Percebe-se, também, que a imprensa serviu como arma neste jogo ideológico e político, isto porque, se a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro utilizou-se do Jornal *O Popular*, Amália Hermano Teixeira, utilizou-se de sua rede de sociabilidade junto a imprensa do Tribunal de Justiça, para lançar a sua obra na qual dá sua resposta à então diretora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, por meio

da publicação de seu livro em questão, além do jornal *O social*. “Minha palestra foi entregue logo em seguida ao jornalista Castro Costa, que a fez publicar nos nº. 13, 14 e 15 de ‘O Social’, desta Capital, de novembro último” (Ibidem, p. 5).

Esta luta por espaço político entre os intelectuais é explicada por Miceli (1979, p. 133), ao aferir que devido ao processo de centralização e redefinições dos canais de acesso para atender aos interesses regionais, o governo representado por Getúlio Vargas, amparado pela Constituição e conseqüentemente pelo processo burocrático instaurado, criou vários cargos públicos e neles a colocação de diversos intelectuais; o que gerou uma notória disputa entre eles.

Essas medidas constituíram uma imensa expansão da máquina burocrática administrativa e uma efervescente contratação de funcionários; aqueles intelectuais que se destacassem mais ou tivessem um maior acesso ao governo ampliavam suas vantagens para serem indicados a um cargo com maior destaque e status social, e quando não existia tal cargo, criava-se. Esta prática não se restringiu ao Governo Federal, expandiu-se para todos os Estados brasileiros no período.

Este *habitus*¹⁹ político explica, em parte, o que ocorreu com Amália Hermano Teixeira que, após a sua saída da Escola Normal Oficial, devido aos seus desentendimentos com a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, foi convidada a assumir a função de Diretora da Imprensa oficial junto à Secretaria de Educação do Estado de Goiás, cargo criado especialmente para atender Amália Hermano Teixeira, conforme aponta Curado (2017, em entrevista):

Também Coimbra Bueno, a mesma coisa, pois percebeu que Amália não era uma professora comum e poderia ser mais bem aproveitada em âmbito geral, na Secretaria de Educação mesmo e criaram o Departamento de Imprensa e Propaganda, dentro da secretaria de Educação.

Miceli (1979) acertou ao afirmar que neste período em estudo, denominado de *Período Vargas*, “continuou como antes a depender amplamente do capital de relações” (MICELI, 1979, p. 132), e que essas relações ultrapassaram o nexo de sociabilidade de amizades ou inimizadas, mas solidificaram uma rede de sociabilidade, em que foi difundidos ideais e convicções que constituíram o modo de organização do sistema educacional goiano.

¹⁹ Habitus de acordo com Bourdieu: funciona como um suporte apropriado pelo grupo e do qual assegura legitimidade de conformidade a práticas, memórias coletivas, perpetuando-se. Cf. (BOURDIEU, 2015 p.125)

2.1.3 *Revista Oeste e Revista de Educação: propagação dos intelectuais*

No cenário goiano, o capital social²⁰ serviu para muitos novos intelectuais como professores, jornalistas e profissionais liberais, sendo um importante instrumento de ascensão social, ao permitir-lhes cooperar com o novo propósito social, econômico e educacional instaurado no Estado. Amália Hermano Teixeira e os outros autores colaboradores da *Revista Oeste*, trabalharam com um discurso já pensado e dentro das convenções linguísticas apropriadas para representar aquele momento específico, no caso o fortalecimento do discurso de um governo forte.

Em publicação na *Revista Oeste* (1942), fica evidente este posicionamento dos intelectuais na própria capa da revista que se intitula *OESTE*, na primeira reportagem *Pensamento moço em Goiás*; faz-se uma explicação das intenções da revista:

Oeste é assim o veículo oficial do pensamento moço em Goiás. Limita seu aparecimento a fase mais vitoriosa de Goiás, dentro de aspectos absolutos. Mensagem de contemporâneos a outra posteridade mental, equivale à fixação de nosso estado –político- intelectual. Grava, em depoimentos são de brasilidade são, uma obra e um autor. [...]
 Vamos aqui dignificar o emento intelectualmente produtivo. Vamos aqui fileirar, por escalas os ocupantes da frente literária. Os soldados rasos perderão a cadência, sofrerão aos passos largos da vanguarda pensante e empreendedora. [...]
 OESTE prestigia todos os moços cultos de goiaz. [...]
 O Estado de Goiás nunca fora condignamente interpretado. Nunca se lhe fixou em letra fiel. Estamos apenas buscando sulcar um terreno que reputamos do mais fértil. O terreno intelectual de Goiás. Os moços cultos deitem aí nestes possíveis sulcos a sementeira vigorosa de sua espiritualidade.
 Assim OESTE se encaminhará ao cumprimento de seu programa.
 OESTE é vosso, intelectuais moços de Goiás.
 (REVISTA OESTE, 1942, p. 34)

Neste cenário, Amália Hermano Teixeira e tantos outros intelectuais que se inseriram no sistema educativo goiano se fez coparticipante do Governo, conforme explicação dada por Miceli (1979, s/p):

A abertura de novas frentes de colaboração com o sistema de poder que então se firmava, as feições institucionais que assumiu a tutela da produção intelectual e o fato do estado ter se destacado como principal investidor e a principal instância de difusão e consagração no campo da produção cultural.

²⁰ Para Bourdieu, o Capital social consiste no conjunto de recursos que ligam à posse de uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter reconhecimento, que estão vinculadas a um grupo, “como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns.” Cf. (BOURDIEU, 2015 p.75).

Convêm acentuar que muitos dos “Novos intelectuais” compunham ou tinham ligações com o antigo regime, no entanto justificados pela falta de “mão de obra intelectual”, assumiram a nova postura política e confirmaram sua participação nas revistas e jornais, ao passar a defender as novas propostas impostas pelo Estado.

Uma inspiradora condição destes novos-antigos instalou-se quando tornaram-se funcionários públicos. O lema *funcionalismo público* serviu de apoio às mudanças de ideais e ao novo escopo que fundamentou a prática política desses intelectuais. Nesse sentido, Miceli (1979) acentua:

O funcionalismo público federal, civil e militar, recebeu um tratamento privilegiado que consistiu, basicamente, num conjunto articulado de direitos e prerrogativas estatuídos em leis especiais que evoluíram os principais aspectos relativos à reprodução das condições materiais e o status de praticamente todos os escalões do pessoal burocrático de carreira. Tornando-se alvo de benefícios significativos, o funcionalismo público acabou convertendo-se numa das bases sociais decisivas para a sustentação política do regime (MICELI, 1979, p. 134).

Os novos intelectuais estabeleceram uma relação que se consagrou como base de poder, que difere das antigas formas políticas baseadas na computação de votos e participação política partidária e se consolida por meio de um discurso de ‘Estado Forte’, de lealdade à nação, de ações do ‘Bom Soldado’ e passa a orientar o trabalho dos funcionários públicos.

As explicações de Miceli para o governo de Getúlio Vargas se aplicam ao governo goiano “Os intelectuais recrutados pelo regime Vargas²¹ assumiram as diversas tarefas políticas e ideológicas determinadas pela crescente intervenção do estado nos mais diferentes domínios de atividade” (Ibidem, p. 131).

Por conseguinte, o mesmo autor ainda afirma que ao fazer uma análise pela quantidade de cargos públicos nos altos escalões destinados a intelectuais “não conviria descarnar o sentido particular da contribuição dos intelectuais ao trabalho de dominação [...]” (Ibidem, p. 130) e completa sua análise ao afirmar que durante o regime Vargas, as proporções com que os intelectuais foram cooptados propiciaram a facilidade do acesso a cargos e carreiras também burocráticas em praticamente todas as áreas, inclusive na educação.

²¹ Parte-se da proposta que os acontecimentos referentes ao regime Vargas, ressalta em Goiás os mesmos, por ser Pedro Ludovico Teixeira – Interventor e governador do estado ressaltado claramente total e incondicional apoio ao regime Vargas. Goiás apresentou-se como um dos estados com maior absorção as ideologias de Vargas- contando com a imprensa e a postura dos intelectuais para sustentar esse ideal.

Percebe-se que os nexos entre os professores/intelectuais e seus discursos em prol da educação como mola de desenvolvimento do Estado foram pautados pelas condições de carreiras na máquina burocrática; de modo igual, ocorreu com Amália Hermano Teixeira que utilizou-se desta prerrogativa para lançar-se no espaço político dos grandes intelectuais do país.

O espaço político especificamente goiano foi ampliado com a *Revista Oeste* e com a *Revista de Educação*, que até então chamava-se *Revista de Educação e Saúde*²², que se transformaram em estratégico recurso para compilar as obras dos intelectuais que junto a Amália Hermano Teixeira e Maximiano da Mata Teixeira configuraram um novo protótipo da intelectualidade goiana.

Na *Revista Oeste* foram compendiados as obras de diversos autores, dentre os pioneiros da literatura goiana, segundo prefácio da própria Revista (2001) já em formato digital, autores como Hugo de Carvalho Ramos, Antônio Félix de Bulhões, Americano do Brasil, Ricardo Paranhos e Joaquim Bonifácio, Bernardo Élis, Garibaldi Teixeira, Hélio Lobo, Paulo A. Figueiredo, J. Décio Filho e Zecchi Abrahão. Como novos nomes: Luiz do Couto, Pedro Gomes, Alfredo de Castro, Léo Lince, Zoroastro Artiaga, Albatênio de Godoi, Leodegária de Jesus, Oscar Sabino Júnior, Maximiano da Mata Teixeira, Amália Hermano e José Godoi Garcia, Odorico Costa, entre outros.

Nesta junção de consagrados autores a novos nomes, constitui-se um verdadeiro comando de ‘soldados’ em prol da produção, articulação e promulgação de publicações dos mais variados estilos literários, desde contos, sátiras, poemas, editoriais, artigos. Ainda segundo Miceli (1979), “Os intelectuais recrutados pelo regime Vargas assumiram as diversas tarefas políticas e ideológicas determinadas pela crescente intervenção do Estado nos mais diferentes domínios de atividade” (Ibidem, p. 131) e a imprensa foi uma grande aliada.

A instalação do novo cenário goiano pelo ideário de progresso foi convenientemente aceito e aprovado, por meio de uma aparente harmonia e relativamente pacífica convivência instaurada ao longo do processo. Uma explicação historiográfica para esta convivência ocorre pelo fato de que a implantação deste

²² A *Revista de Educação e Saúde*, fundada pelo decreto lei n.186, de 24 de novembro de 1945, substituiu-se a *Revista Educação e História* criada em 1933, pelo Decreto Lei n.3489 de 12 de junho pelo então Interventor Pedro Ludovico Teixeira, enquadra-se nas ações de Governo com foco em disseminar as ideias da nova sociedade a partir da Revolução. A mesma revista, em 1958 foi substituída pelo título, *Revista de Educação*. Cf. Revista de Educação, 1959. Jan/ fevereiro. N.37.

novo cenário goiano continuou fundado em bases oligárquicas e pela impossibilidade de superação das influências coronelistas/oligárquicas nas relações sociais.

Esta incapacidade de superar as relações de poder, são credenciadas e reforçadas também por meio dos discursos que procuravam engrandecer e bajular os ocupantes dos cargos mais elevados. Os intelectuais goianos acenavam e reiteravam em seus discursos um Governo herói, bondoso, neutro e complacente. Ocultavam a imagem de um cenário de conflitos e problemas sociais de toda ordem, a atenderem a um organizado pacto oligárquico implícito nas relações de poder, conforme registrado em reportagem da *Revista Oeste* (1944, p. 460):

Agora compreendo bem o homem providencial que o destino colocou à frente da nacionalidade, e entendo profundamente a República brasileira que ele fundou. É o pensamento da lei que me faz vibrar e que me emociona junto aos moços da minha terra, e, sobretudo, junto as vocações jurídicas que se entreabrem. Getúlio Vargas afastou-se das antigas pinacotecas constitucionais, para modelar no barro plástico das realidades.

Nota-se, a partir dos discursos que os Governos federal e estadual, na visão expressa por muitos intelectuais da época, representavam um filme fictício de aptidão e cordialidade que estavam longe de serem reais. Contudo, nem todos os intelectuais comungavam este ideal, muitos deles reconheciam o valor das revistas como oportunidade de divulgação de suas ideias, mas utilizaram-se deste espaço editorial para descrever sua visão quanto ao estado, a cultura e indo além dos propósitos políticos implicados.

Alguns intelectuais aproveitavam-se dos espaços das revistas para publicarem suas obras, que eram crônicas, folclore e outras publicações culturais, que de forma direta ou indireta atendiam aos interesses do governo, mas não focavam seus discursos diretamente na bandeira política do governo.

Ao modo da *Revista Oeste*, a *Revista de Educação* teve como propósito propagar as ideias educacionais e políticas dos governos federal e goiano. Esses periódicos foram um instrumento bastante profícuo na difusão deste ideário, pois, chegavam em grande parte nas escolas em formato de manual, com modelos de planos de aulas, orientações, postulados a favor das mudanças a qual a sociedade se movia.

Um diferencial que ressalta explicitamente a *Revista de Educação* em relação a *Revista Oeste* concentra-se que na primeira, os assuntos são de forma a preparar os professores a atuarem em sala de aula, enquanto na *Revista Oeste* o foco é mais amplo, atentando a um público menos específico.

Em reportagem publicada a própria *Revista de Educação* indica a importância deste veículo de informação como instrumento de apoio aos professores espalhados por todo território goiano, que sem muitas condições materiais e com ausência de apoio técnico, encontravam, na revista, refúgio para respaldar suas práticas e concomitante recebiam as orientações que atendiam as necessidades do governo:

DECRETO N.490, DE 2 DE DEZEMBRO DE 1958

O Governador do Estado de Goiás, no uso de suas atribuições legais resolve denominar a atual *Revista de Educação e Saúde* de *Revista de Educação* e dar-lhe o seguinte

REGULAMENTO

Art. 1º-A *Revista de Educação e Saúde*, assim denominada pelo Decreto-lei n.186, de 24 de novembro de 1945, a *Revista da Educação e História*, criada pelo Decreto n.3.482, de 12 de junho de 1933, chamar-se-á *Revista de Educação* e será órgão oficial da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, tendo as seguintes finalidades:

a) Divulgar assuntos educacionais, e educativos e de cultura pedagógica, em geral;

[...]

e) divulgar conhecimentos úteis, inovações práticas, processos modernos, que possam melhorar a técnica escolar e facilitar o exercício do magistério;

[...]

m) publicar conselhos e comunicados da Secretaria do Estado da Educação e Cultura (*REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1959, p. 80).

Evidencia-se, que a *Revista de Educação*, da mesma forma que a *Revista Oeste*, atendeu às orientações do Estado, utilizadas como instrumento de instrução para congregar as ideias expostas e salientadas pelo Governo. Seus idealizadores; bem como os intelectuais, seus colaboradores e representantes convergiam em suas locuções para atender ideário político e educacional do governo local.

Na *Revista de Educação*, o foco registrado nos discursos atendeu a uma proposta escolanovista, tanto nos ensinamentos quanto na organização do plano, no processo de vinculação da educação à vida, na proposta de adequação do professor ao meio, para depois civilizar e garantir a formação da personalidade do aluno.

É explícito nos discursos inseridos e publicados como modelos, um cenário que marca uma coeducação, a moral, e a civilidade, conforme é apresentado em reportagem publicada pela *Revista de Educação* (1960), com a transcrição de um

modelo de Plano de Aula para 5.º ano, com unidade didática – *A Árvore*, elaborado pela professora Telezila Blumenschein, colaboradora da revista:

Motivação - O Dia da Árvore

Objetivos para a professora:

- 1- Despertar na criança o respeito e amor à árvore:
 - a) Ministrando-lhe o conhecimento da utilidade dos vegetais e da agricultura na vida do homem.
 - b) Fazendo-a conhecer a contribuição da árvore ao progresso, nas diferentes fases da evolução econômica do Brasil.
 - c) Incutindo-lhe a necessidade de conservar as riquezas naturais impedindo a devastação do patrimônio florestal do nosso país.
 - d) Contribuindo para a formação da personalidade tirando da árvore normas da vida[...]
- 2- Associar os trabalhos de classe às atividades do Clube Agrícola.

Objetivos para o aluno:

Tomar parte ativa nas festividades da árvore tanto na escola, como na Exposição Agrícola.

- a) Apresentar trabalhos para a exposição como: composições, quadrinhos sobre a primavera, desenhos de árvores, arbustos, flores, frutos, [...]
- d) Concorrer a um dos prêmios oferecidos pela Secretaria da Agricultura, apresentando a melhor composição do seu Grupo Escolar Desenvolvimento: [...]

Música- Hino à Árvore- no início de cada aula- para despertar e motividade da classe.

A professora fará uma preleção diária. Seguem-se as sumulas baseadas na conferência do Professor Zoroastro Artiaga “necessidade do reflorestamento” [...] (BLUMENSCHHEIN, 1960, p. 16-19, In: *REVISTA EDUCAÇÃO*, 1960, p. 16-19 grafia no original).

Há, nesta publicação, uma explícita ligação da escola com a exposição agrícola e com a função do professorado em despertar a criança para o seu meio. Importa-se acentuar que a autora desta reportagem, também foi uma das fundadoras da escola “Posto Agro-pecuário de Goiânia”; no qual também estava inserido um clube agrícola. O espaço editorial da *Revista Oeste*, quanto o da *Revista Educação*, foram instrumentos utilizados pelos intelectuais/professores para ampliar o discurso em prol do movimento escolanovista, com vistas ao processo ruralista.

2.1.4 As relações sociais de Amália Hermano Teixeira e suas configurações a base do governo

Ao serem considerados os arranjos e os nexos que facultaram as relações sociais e institucionais de Amália Hermano Teixeira como intelectual no cenário

goiano²³, muitas de suas amizades ultrapassaram as configurações amistosas, mas configuraram convenientes e importantes relações sociais, às quais a própria autora atribuía grande valor.

A fim de configurar as relações que conferem nexos a ordem de pensamento, selecionou-se alguns intelectuais que reforçaram e contribuíram para a constituição do contexto institucional e social de Amália Hermano Teixeira. Entende-se como espaço institucional, os percursos percorridos durante a atuação profissional, formal e informal de Amália Hermano Teixeira, registrados em seus discursos e como espaço social ou cultural as relações de convívio, relações de parentesco e de amizade e afinidades resultantes dos ambientes e contextos convividos.

Dentre a diversidade de seu capital social, foram destacados aqueles intelectuais que Amália Hermano Teixeira teve convivência mais próxima, seja por afinidade política, por amizade ou por conveniência do cargo que ocupava.

2.1.4.1 Lourenço Filho

A relação estabelecida entre Amália Hermano Teixeira e Lourenço Filho²⁴, fundou-se a partir das participações em Congressos Educacionais de âmbito nacional, em que Teixeira estava presente e representando o Estado de Goiás.

Nos discursos proferidos pela autora há uma relevância em favor dos discursos de um dos “cardeais da educação nova”, como chamava Lourenço Filho

²³ O recurso utilizado para a escolha dos intelectuais aqui citados, levou em conta, como primeira análise, a rede de relações de envolvimento intelectual de Amália. 2- os nomes citados nas entrevistas com maior ênfase e os nomes publicados no livro *Perfis - pessoas que marcaram a minha vida*. Considerou-se neste aspecto que a própria Amália Hermano Teixeira, ao fazer referências a estas pessoas, de alguma maneira, especificou-as junto a importância em seu contexto intelectual. 3- As pessoas que constituíram como avanço na pesquisa dentro do eixo trabalhado, intelectual e/ou atuante na educação de forma direta ou indireta. 4- os limites do espaço pesquisa, Amália como intelectual, participou de diversos ambientes e cenários, cabendo uma pesquisa específica para atender de forma mais ampla todas as possíveis pessoas/intelectuais com quem contribuiu ou que contribuíram em sua jornada. 5 - o termo intelectual- neste âmbito, levou-se em conta o significado de intelectual como aquele partícipe das ideologias políticas, construtor ou reproduzidor de um capital simbólico emergido de interesses objetivos e subjetivos.

²⁴ Manoel Bergstron Lourenço Filho; (1897-1970), formado em direito, professor de psicologia, participante ativo das reformas educacionais de São Paulo e Ceará na década de 1920, destacou-se como um dos signatários no Movimento da Escola Nova no Brasil, Promotor de um extenso volume de obras, contribuiu de forma significativa nas tomadas de decisões nas décadas de 1930-1960. Trabalho junto ao governo de Gustavo Capanema, e foi ativo em muitos dos projetos escolanovistas, dentre eles o da educação rural. Cf. FILHO, Rui Lourenço. 2001. ver referências.

buscando cuidadosamente legitimar como regra, a base utilizada para sustentar suas ações como escolanovista.

Na *Revista de Educação* (1959), Amália Hermano Teixeira como diretora da revista, fez publicação na Integra do discurso de Lourenço Filho no Congresso de Educação para Jovens e Adultos. Nota-se que na mesma reportagem, a autora relaciona o discurso de Lourenço ao seu próprio plano de trabalho, em virtude das concepções apresentadas, acentuando assim os vínculos pretendidos:

II CONGRESO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS
Reportagem especial da Professora Amália Hermano Teixeira
[...]

RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO

A mais importante resolução do II Congresso Nacional de Educação de Adultos se consubstanciou na criação da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. A proposta feita pelo eminente Mestre Lourenço Filho mereceu aprovação entusiástica do Plenário do Congresso, que, a seguir, o elegeu presidente da Associação recém criada. Justificando sua proposta, o Mestre Lourenço Filho afirmou 'Tal associação seria como a prolongação deste Congresso, ou a vibração permanente de seus ideais, na pregação e nos estudos técnicos da questão. Seria, depois, a difusão destes mesmos ideais por todo o país. Um dos resultados da Associação poderia ser também a de reuniões regionais mais amiudadas'.

A carta de Educação de Adultos, síntese dos trabalhos do II Congresso, documento importantíssimo, mereceu ampla divulgação através da imprensa de todo país e o povo goiano dela teve conhecimento pelas colunas de 'O popular' e 'jornal de Notícias.' (TEIXEIRA, 1959, p. 35 In: *REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1959, p. 35)

O deslumbre de Amália Hermano Teixeira pelos ideais de Lourenço Filho são evidenciados nos planos de aula; principalmente, no que se refere ao ensino rural. Lourenço Filho apresentou-se como escolanovista que via na Escola rural uma oportunidade para a junção das atividades normais escolanovistas às atividades educativas de formação do homem rural. Neste propósito, seus ideais foram inspiradores para as atividades educativas propagadas por Amália Hermano Teixeira.

De acordo com Miguel (2011), Lourenço Filho trouxe o modelo das missões culturais do México e foram inseridas pelo INEP. A autora ainda acentua que a educação rural buscou atender às políticas estaduais de governo, para a colonização do Estado, a transformação de um estado agrícola em um estado produtor e ao mesmo tempo atender "às políticas nacionais veiculadas às internacionais de reordenação ao mundo ocidental capitalista movidos pela égide norte-americana no período pós 2ª guerra mundial" (MIGUEL, 2011, p. 22).

Inseridas estas políticas no contexto goiano, Amália Hermano Teixeira foi representante das novas concepções propagadas por Lourenço Filho, que compartilhava seus princípios.

Depreende-se esses princípios nos relatos no plano de aula de Amália:

E para que uma campanha sistemática seja sem demora iniciada, teimamos em lançar a sugestão de se criar junto aos Grupos Escolares além do C.A.E. um curso rural, de 2 anos para fornecer os primeiros professores para a zona do campo, enquanto lá se organize a verdadeira Escola Rural. E que se crie nas Escolas Normais Rurais uma cadeira de Ensino Rural, com a finalidade de dar a futura mestra as noções indispensáveis a futura mestra, que deverá imprimir ao ensino na decisiva orientação ruralista. (TEIXEIRA, 1940, p. 93 caderno de Planos).

Coligem-se os princípios de Lourenço Filho e Amália Hermano Teixeira dentre outros pontos, na compreensão quanto ao processo de capacitação de professores para melhor atender a clientela campesina com ênfase nas práticas educativas.

Consta-se que a internalização feita por Amália Hermano Teixeira das práticas advindas da Escola Nova, traduzidas pelos fundamentos de Lourenço Filho reforçaram as recomendações de formação dos professores para atendimento das zonas rurais implantadas por Amália Hermano Teixeira no Estado de Goiás. Dentre estes princípios, nota-se: a utilização de centros de interesses dos alunos e a adaptação ao meio pelo professor, como estratégias pedagógicas motivadoras dos alunos da zona rural. O apelo ao amor à natureza e ao cuidado com a terra, também, são tópicos que os dois intelectuais fazem uso em seus discursos, conforme apresentado:

E que se levasse em conta o patrocínio escolar, estabelecendo-se que toda professora prestasse 1 ano de serviços na zona rural para passar sua ação aos centros urbanos [...]

A jardinagem, criando-lhes o gosto pelo belo, a horta, fornecendo-lhes a hortaliça para a sopa escolar. A pomicultura, a avicultura, pouco tempo, fornecerão meios de melhorar a alimentação dessa gente, além de criar hábitos sadios e higiênicos.

[...]

As escolas rurais, porém, não são centros isolados, entregues ao mestre [...]

Esses professores saídos da Escola Rural portanto com preparo solido, com um bom curso técnico-educativo serão ainda uma vantagem incomparável em face daqueles que tiveram curso feito as pressas.

Ainda que tenham que se espalhar pelas fazendas ou proximidades, encontrarão por um meio semi-civilizado, pela ação mesma das Escolas Normais Rurais (Ibidem, 1940, p. 93- 94).

Além da aclamação de Amália Hermano Teixeira aos princípios de Lourenço Filho para a Educação Rural; outro ponto que a autora identifica-se com o Mestre e busca alçar seus princípios diz respeito à campanha de alfabetização de adultos iniciadas na década de 1940.

Lourenço Filho representou os escolanovistas que tiveram grande empenho nas Campanhas de Educação de Adolescentes e Adultos promovidos pelo Ministério de Educação e Saúde, nos anos de 1947-1950. Nestas campanhas, Amália Hermano Teixeira, ainda como representante do Estado de Goiás, assumia a frente nas participações de Campanhas e Congressos, conforme registrado em reportagem da *Revista de Educação*:

O QUE REALIZOU E REALIZARÁ O MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

O MEC, por seu ilustre titular dr. Clóvis Salgado, resolveu imprimir à antiga Campanha de Ensino Supletivo criada em 1947, depois chamada Campanha Nacional d Educação de Adultos, orientação condizente com as necessidades do momento, para conferir ao homem, pela educação, o direito de viver consciente e feliz em seu meio

[...]

Goiás, através de sua representante, dirigiu aos patrocinadores e organizadores, bem como às delegações dos outros Estados, uma saudação fraterna[...]

Inscrita para o estudo do tema1- Levantamento e Análise da Evolução e situação atual da Educação de Adultos no Brasil, por designação da mesa, funcionei como elemento de ligação entre a presidência e a secretaria da Comissão (TEIXEIRA, 1959. In: *REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1959, p. 35- 36).

Outros envolvimento de cunho intelectual entre Amália Hermano Teixeira e Lourenço Filho, estão reportados em publicações da autora, que evidenciam a importância da administração escolar. Estes registros apontam que Lourenço Filho como mestre e um dos personagens principais no movimento escolanovista, muito contribuiu para a construção intelectual de Amália Hermano Teixeira, e para a tomada de decisões profissionais dessa intelectual no cenário educacional goiano:

A convite do Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, professor Lourenço Filho, assisti, em fevereiro de 1943, no Rio a diversas aulas, palestras e conferências sobre administração escolar referentes a pontos do vasto programa estudados por professores-diretores de quase todos os estados do país. Pude constatar o alto valor desta matéria e da necessidade de se difundirem esses ensinamentos por todo Brasil, para o Bom andamento das questões educativas (TEIXEIRA, 1944, In: *OESTE*, 1944, p. 570)

Ao acatar, difundir e realizar o ideário educacional de Lourenço Filho, Amália Hermano Teixeira, consolidou-se com professora e intelectual escolanovista.

2.1.4.2 Bernado Élis

Amália Hermano Teixeira e Bernado Élis foram intelectuais com diferentes ângulos de atuação, enquanto Amália marcava a sua participação em eventos sociais, políticos e acadêmicos, Bernado Élis consagrou-se como contista, romancista e poeta. No entanto, eles compartilharam da função de professor, advogado e quando estudante, Bernado Élis hospedou-se na Pensão Manduca, pensão do pai de Amália.

Em relação a Bernado Élis, Rosinha Hermano²⁵ afirma em depoimento (Anexo II) que “O Bernado Élis, morou aqui em casa, era uma graça. Escreveu um livro onde faz dedicatória a papai e mamãe” (HERMANO, Rosinha. 2017). Obra com o título *O Tronco*²⁶ retratou a história de lutas ocorridas em Natividade.

Bernardo Élis colaborou com muitas publicações na *Revista Oeste*, nos anos de 1942 a 1945, e na década de 1960, tornou-se presidente da Associação de Cultura, função que lhe propiciou homenagear o então Governador do Estado de Goiás, José Feliciano, em apoio ao processo cultural em Goiás. Também foi um dos organizadores do Congresso dos intelectuais, quando ajudou Amália Hermano Teixeira e Jorge Amado no convite aos palestrantes, no ano de 1950.

Afirmar que Bernado Élis apoiava Pedro Ludovico Teixeira e demais governos necessitaria de um estudo mais aprofundado, sendo objeto para outra pesquisa, portanto, limita-se a afirmar que Bernado Élis, como Amália Hermano Teixeira, utilizou-se do espaço da *Revista Oeste* e da *Revista de Educação* para alavancar temáticas, retratar a imagem de um estado sertanejo, de uma vida rural, de um estado rural; ao servir-se deste instrumento de publicidade para consolidar o que Miceli (1979, p.151) acentuou como período de expansão da imprensa e por esse meio da divulgação, os intelectuais assumiram as diversas tarefas políticas e ideológicas sob o formato de editoriais, crônicas, discursos, entre outros.

Observa-se, que tanto Bernado Élis quanto Amália Hermano Teixeira enquanto intelectuais, buscaram via publicidade o reconhecimento de construtores da história do Estado de Goiás, ao utilizar as revistas como meio para divulgação de suas tenções, conforme apresentado em reportagem da *Revista Oeste*:

²⁵ Rosinha Hermano é irmã caçula de Amália Hermano Teixeira. Formada em Direito, trabalhou no Tribunal de Justiça ocupando o lugar da irmã Amália Hermano Teixeira.

²⁶ O tronco, publicado em 1956, livraria José Olímpico, RJ, é o quarto livro de Bernado Élis, um romance que posteriormente virou filme.

De hoje em diante o lugar de Ahasverus será ocupado, nesta secção, por Bernado Elis. É, esta, uma notícia auspiciosa que damos aos nossos leitores. Porque Bernado Elis, como “conteur”, poeta e crítico literário é, sem nenhum favor, um dos valores autênticos da intelectualidade goiana. Observador arguto, erudito, de bom gosto, possuidor de uma cultura atualizada (*OESTE*, 1944, p. 883).

Amália Hermano Teixeira e Bernardo Élis partilharam a perspectiva e o propósito de escrever a imagem positiva do Estado de Goiás. “Assim, o conhecimento produzido pela história representava para estes intelectuais, o legítimo desejo de ordenar uma reflexão produzida por eles próprios acerca de sua terra e de sua gente” (MEDEIROS, 2016, p. 57).

2.1.4.3 Regina Lacerda

O enleio entre Amália Hermano Teixeira e Regina Lacerda, além de serem vizinhas, ocorreu pelo envolvimento de ambas com o folclore nacional e local²⁷. Desta maneira, faz-se imprescindível esclarecer sobre a participação de Amália Hermano Teixeira; também neste campo intelectual, mesmo que isto não seja o foco desta pesquisa.

De acordo com Silva, M. M. (2008), Regina Lacerda é um destaque na consolidação do folclore, em função de seu envolvimento com os primeiros trabalhos sobre folclore goiano, produzidos no início do século XX.

As contribuições de intelectuais da Universidade Federal de Goiás - UFG, como Ático Vilas Boas da Mota e Maria Augusta Caiado, e de Amália Hermano Teixeira como professora da UFG, a fez participante desse grupo com interesse pelo folclore.

Silva, M. M. (2008, p. 26), indica que a partir da década de 1960, “a escrita do folclore goiano passa a dialogar com um contexto de novas políticas públicas”. E estas políticas estão relacionadas às políticas desenvolvimentistas advindas do período que promoveram transformações na vida rural goiana.

Na convergência deste contexto de transformações estavam a ocorrer o êxodo rural e a construção de Brasília. Nesta circunstância, o envolvimento dos folcloristas fazia-se presente nos discursos que marcavam o cenário político e

²⁷ Parte-se da premissa de que o folclore foi um instrumento utilizado pelo governo e intelectuais na década de 1960 com discurso em prol do resgate cultural, mas com objetivos de forma de ampliar as políticas desenvolvimentistas. Cf. Silva, 2008.

econômico com críticas às transformações ocorridas na vida rural e urbana que promoveram a adulteração das tradições e costumes, e com proposta de apoio às políticas governamentais que visavam resgatar estas tradições.

Nesta ótica, os intelectuais goianos representavam a junção entre apoio a uma visão desenvolvimentista, produzida pelos ideais governamentais e a necessidade de inclusão “do folclore, do turismo e de seus correlatos, tais como paisagem e cultura, no âmbito das coisas a serem desenvolvidas” (SILVA, 2008, p. 26).

O envolvimento de Amália Hermano Teixeira no processo folclorista, foi intensificado na década de 1960, quando criou-se o Instituto Goiano do Folclore (IGF) em 1964, vinculado ao Departamento Estadual de Cultura (DEC). O IGF foi criado na gestão do então governador José Feliciano Ferreira tendo como presidente o escritor Bernado Élis e como redatora de reportagem Amália Hermano Teixeira:

O que se fez é ainda pouco expressivo. Goiás, cujo progresso vem caminhando em ritmo surpreendente, em todos os setores das atividades de sua população, reclama já uma tomada de posição no setor do seu desenvolvimento cultural e artístico. Foi com essa compreensão e com a visão dessa necessidade do povo goiano que tem dado extraordinária prova de capacidade de trabalho e de empreendimento, que o meu Governo tomou a resolução de organizar, pela Lei n. 2.726, de 10 de novembro de 1959, o Departamento estadual de Cultura, que tem por finalidade promover todos os meios capazes de criar em Goiás, uma autêntica mentalidade cultural e artística através de medidas de estímulo da cultura e das artes em nosso Estado (DISCURSO José Feliciano Ferreira In: *REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1960, p. 57).

Compreende-se que o IGF consolidou a representação dos intelectuais e de políticos que buscaram promover, via folclore, a cultura goiana, e realizou uma gama de eventos, encontros e concursos, inserindo nestes acontecimentos a participação de alunos da rede básica de ensino. Nestas promoções de eventos, juntamente a outros tantos intelectuais, concentrou-se o nome de Regina Lacerda e Amália Hermano Teixeira, em uma estreita relação com outros intelectuais.

Na interpretação da participação de Amália Hermano Teixeira, dentro do seu tempo histórico, é considerável vinculá-la, ainda, às propostas políticas de planejamento e organização de muitos eventos culturais. Convém registrar que

estes eventos contavam com a participação de Maximiano da Mata, autor de várias obras²⁸, dentre elas: *Estórias de Goiás* e *Outras estórias de Goiás*.

Ainda neste mesmo contexto deu-se a amizade de Maximiano e Átila Vilas Boas da Mota, integrantes e partícipes importantes na organização dos eventos sobre folclore. A amizade e o carisma está entre outros pontos, registrado no livro publicado por Teixeira, *Dois anos sem Maximiano*²⁹, que Átila Vilas Boas fez o prefácio.

Regina Lacerda, foi a primeira diretora do IGF, assumiu em 1964, mas atuava como secretária-geral da CGF e juntamente a Amália Hermano Teixeira, dedicava-se as atividades no campo folclórico. Eram muito amigas e por meio dela Amália Hermano Teixeira estendeu sua rede de sociabilidade com outros intelectuais folcloristas, como os já mencionados. Essa amizade está registrada em depoimento de Bento Fleury Curado (2017), o qual questionado sobre as pessoas que inspiravam Amália Hermano Teixeira, afirmou que Regina Lacerda “era vizinha e grande amiga de Amália Hermano Teixeira e lhe inspirava no campo da literatura” (CURADO, 2017, entrevista). Era uma destas pessoas por quem Amália Hermano Teixeira tinha grande admiração.

2.1.4.4 Gustavo Capanema

A ligação de Amália Hermano Teixeira e Gustavo Capanema está relacionada ao contexto institucional em que a autora transitou, proporcionando-lhe ligações com o governo e também por meio de sua construção intelectual como aluna no curso de direito, na década de 1940.

Esta relação está registrada por Amália Hermano Teixeira no livro *Perfis* (1993), em que a autora descreve sobre a escolha de seu nome como representante da turma de (1944), para fazer parte da Comissão que tinha como objetivo convidar o então Ministro para apadrinhar a turma.

Após esse primeiro contato, segue-se por parte de Amália, toda uma admiração exposta ao trabalho de Capanema devido às reformas realizadas por ele.

²⁸ São obras de Maximiano da Mata: “Estórias de Goiás”, contos e recontos, Cerne, Goiânia, 1981. E “Outras estórias de Goiás”, lendas terra, gente, Unigraf, Goiânia, 1983.

²⁹ Dois anos sem Maximiano, Gráfica Líder, 1986. É uma obra de Amália Hermano Teixeira em homenagem ao falecido marido, nesta obra a autora ressalta as homenagens recebidas por conta do falecimento e registra-as.

Para confirmar esta afirmativa, a própria Amália Hermano Teixeira registrou sua análise:

Senhor ministro:

Quinze anos atrás, em comissão, fomos encontrá-lo em seu gabinete de trabalho, no imponente Ministério da Educação que vossa excelência fez subir bem alto para que pudesse melhor espargir suas luzes no sentido horizontal, iluminando de instrução o Brasil. Achava-se Vossa Excelência naquela época entregue à execução da obra que o notalizou- a tão discutida e sem dúvida a mais profunda e proveitosa reforma de ensino já planejada em nossa terra. (TEIXEIRA, 1993, p. 162).

As relações de Capanema com os intelectuais de sua época é algo registrado na historiografia, compreendendo a posição ocupada pelo político e sua proposta de trazer junto ao seu mandato a participação e contribuição dos precursores do ideário escolanovista, representados por grandes nomes da intelectualidade do momento.

Dentre os intelectuais que participaram da rede de sociabilidade de Amália Hermano Teixeira e Gustavo Capanema há em comum a relação com Lourenço Filho, pois em 1934, Lourenço Filho aceitou o convite feito por Capanema para assumir a direção do INEP, permanecendo nesta função por sete anos.

Quanto a Capanema, fica registrado sua participação enquanto Ministro da Educação no governo Vargas, e sua atuação nas reformas neste período, juntamente com a colaboração no centralismo efetuado a partir do golpe de 1937.

2.2 AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA ENTRE OUTROS CENÁRIOS DE SOCIABILIDADE

O contexto social de Amália Hermano Teixeira ressalta-se suas ações de cunho político/social; no entanto, sua rede social, no decorrer da história vai-se configurando em contextos onde a base não se congregava no governo, mas na sua constituição como intelectual e nos princípios que se tornaram arraigados em sua conduta no decorrer dos tempos.

Nesta ótica, observa-se que Amália Hermano Teixeira participou de muitos outros cenários, entre eles, a própria Universidade Federal de Goiás, onde atuou como professora e participante do grupo de Estudos sobre Temas de Goiás.

No cenário universitário Amália Hermano Teixeira construiu outras perspectivas sociais que lhe proporcionaram grandes amizades, como Cora Coralina, Pablo Neruda, Colemar Natal e Silva, Belkis Spencièrre dentre outros.

Ainda no contexto social a vida intelectualizada de Amália Hermano Teixeira lhe possibilitava um contato direto com outros grandes nomes nos mais variados campos da arte e cultura, a seguir referenciados por Curado (2017): Lurdinha Maia, Roberto Burle Marx, Ângelo Rizzo, Lena Castello Branco, Berta Langes Morretes, Frei Confaloni, Dercy Gonçalves, Chico Xavier, Zélia Gattaí, Cora Coralina e tantos outros.

2.2.1 Cora Coralina

De acordo com Bento Fleury Curado (2017), a amizade entre Cora Coralina e Amália Hermano Teixeira, ocorreu após a volta de Cora Coralina para Goiás, em 1956. Naquele tempo, Amália Hermano Teixeira já trabalhava na UFG, e por meio de influências junto ao Departamento de Publicações conseguiu apoio financeiro para que Cora publicasse um livro. Desta relação surtiu bons frutos, pois desde então Cora Coralina, apoiada em suas próprias qualidades e a outros auxílios, tornou-se reconhecida nacionalmente.

Sobre o vínculo de Amália Hermano Teixeira e Cora Coralina, a própria autora nos apresenta sua versão em relação a essa amizade:

Regressa a Goiás em 1956.

A primeira notícia de Cora Coralina eu tive através do professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, em seu excelente Anuário Histórico e Geográfico de Goiás, publicado em 1910. Na parte literária, o ilustre e saudoso mestre incluía Cora Coralina, uma jovem de menos de vinte anos, entre os intelectuais da terra goiana.

Examinando na Biblioteca nacional do Rio de Janeiro a coleção completa da Revista Goiana, dirigida por Henrique Silva e americano do Brasil, li os artigos de Cora sobre Alfenim e o Ipê, refletindo ambos, inteligência incomum e profundo poder de observação.

Depois foi o encontro memorável em Goiânia, em 1956, quando Cora Coralina, deixando São Paulo, busca sua terra natal (TEIXEIRA, 1993, p. 44).

No capítulo destinado a Cora Coralina, Amália Hermano Teixeira explica sua curiosidade em questionar Cora sobre a escolha deste pseudônimo, e compartilha com os leitores a resposta da amiga que lhe respondeu por escrito e publicou sua resposta:

Cora Coralina nasceu Anna Lins dos Guimarães Peixoto. E mudou de nome aos 50 anos por escolha própria. Viúva aos 46 anos, os filhos quase criados, deixou de fazer doces para fazer poemas. A Aninha virou Cora, ela explica porque: 'Em Goiás havia muitas Anas, por causa da padroeira da

cidade [...] Não queria que nenhuma Ana mais bonita, levasse as glórias de minha poesia. Cora vem do coração. Coralina é um coração vermelho. Minha intenção não era ter xará' (Nomes para o seu filho Johnson e Johnson, s/d. p.11 apud TEIXEIRA, 1993, p. 44).

Amália Hermano Teixeira relata aos leitores que fez pesquisas genealógicas sobre Cora Coralina para trabalhar alguns verbetes; trabalho realizado com o apoio do Tribunal de Justiça do Estado (outro espaço institucional percorrido por Amália Hermano Teixeira e que lhe beneficiou grandes amizades) e, por meio desta pesquisa, fez um estudo da ascendência da autora, ao trazer à público toda a sua linhagem. No intuito de engrandecer Cora Coralina, que, até então, era vista como uma simples doceira, buscou enriquecer seus estudos por meio de trabalhos ainda não feitos.

Nota-se, também, que estas articulações de Amália Hermano Teixeira em fazer-se presente junto à pessoas prestigiadas, proporcionava-lhe um bem querer, criando laços que lhes fortalecia a convivência. No caso específico de Cora Coralina, Amália Hermano Teixeira, além de preocupar-se em buscar a origem da família de Cora, a autora afirmou que atuou como mediadora nos encontros familiares de Cora e seus parentes, que até então não conhecia. Assim, foi possível constatar que o contato entre Cora Coralina e Amália Hermano Teixeira foram estreitados:

São depoimentos de Teixeira:

Há pouco tempo, para completar os verbetes dos membros do tribunal de Justiça do estado, a partir do Tribunal de Relação (1873) até o Tribunal de Justiça de nossos dias, sobre o Desor. Francisco de Paula dos Guimarães Peixoto, escrevi ao casal amigo Carmem e João Eduardo, do Recife, que se desdobraram para atender meu pedido. Através das pesquisas de Helena Pinheiro Lins, nea do Desor. Lins, na faculdade de Direito e na Vila de Pilar, e do genealogista D`Arsoval dos Guimarães Peixoto, sobrinho-neto também do Desor. Lins e primo de Cora, recebo dados sobre a ascendência ilustre de nossa poetisa.

Na carta –resposta de Carmem, ela me transmitia um recado de D`Arsonval: 'Há por aí em Goiás, não sei se Goiás Estado ou Goiás velha capital, uma poetisa chamada Cora Coralina, sob a qual gostaria de saber qualquer coisa a respeito. Mande notícias sobre a poetisa e prosadora tão admirada em sua terra e por esse Brasil afora". E D`Arsonal e sua esposa vieram visitá-la[...]

Cora escreveria para D`Arsonval: 'Foi para minha sensibilidade humana um momento excepcional receber em nossa casa um parente de meu pai, que aqui viveu e morreu em tempos idos' (Ibidem, p. 45).

Como intelectual, Amália Hermano Teixeira militou junto a outros intelectuais de sua época, ao utilizar-se de seu capital cultural e social para alcançar outros meios de socialização. Neste sentido, apresentou Cora Coralina de outro ângulo,

como ainda não tinha sido apresentada e assim, particularizou sua relação com Cora Coralina, criando laços que ultrapassaram sua condição de poetisa, para alcançá-la com um olhar mais sensível, como ser humano.

A peculiarização na convivência entre Amália Hermano Teixeira e Cora Coralina evidencia-se nos discursos de Amália Hermano Teixeira, no registro de um recado a Cora Coralina, expondo suas afinidades:

Tenho um recado para Cora: as sementes que você me deu germinaram, as plantinhas cresceram, espicharam, campândulas graúdas azuis- arroxeadas com garganta e veias rosadas, são chamadas ipoméias. Quando perguntei como eram as flores, Cora positiva foi me dizendo 'não me lembro, mas se não fossem bonitas, não tomaria o trabalho de colher as sementes' (Ibidem, p. 47).

2.2.2 Pablo Neruda

A participação de Pablo Neruda na vida intelectual de Amália Hermano Teixeira esteve intercalada aos muitos conflitos institucionais que a mesma enfrentou. Pablo Neruda veio ao Brasil, especificamente a Goiânia, foi recepcionado por Amália Hermano Teixeira e seu esposo Maximiano, ao atender a um convite de Jorge Amado, (amigo de Maximiano da Mata de longa data) que juntamente com Amália Hermano Teixeira e Maximiano da Mata fazia parte da organização do Congresso Nacional de Intelectuais³⁰, ocorrido em Goiânia de 14 a 21 de fevereiro de 1954.

O Congresso representava para os intelectuais goianos, um processo de amadurecimento, entretanto, ocorreu em um momento político de muitos conflitos no

³⁰ O I Congresso Nacional de Intelectuais, devido ter grande participação de intelectuais consagrados por seu posicionamento de esquerda, foi considerado por órgãos políticos como um congresso comunista, sendo alvo de críticas e perseguições. De acordo com reportagem em Jornal Opção cultural,(2014) muitos foram os famosos que deram apoio ao evento, e são citados: escritores João Cabral de Melo Neto, Aníbal Machado, Joaquim Cardoso, **Jorge Amado** e José Geraldo Vieira, maestros Camargo Guarnieri, Guerra Peixe e José Siqueira, atrizes Maria Della Costa, Eva Todor e Ruth de Souza, escritor e cientista Josué de Castro, editor Ênio Silveira, teatrólogos Juracy Camargo e Procópio Ferreira, artistas plásticos Portinari, José Oiticica, Santa Rosa, Alfredo Volpi, Bruno Giorgi, José Pancetti, Djanira da Mata e Silva, críticos literários Aurélio Buarque de Holanda e Sérgio Milliet; e o cineasta Lima Barreto. Do Estado de Goiás constata-se a participação da educadora **Amália Hermano Teixeira**, o **escritor Bernardo Élis**, o escritor Eli Brasiliense, o professor Joaquim Carvalho Ferreira (diretor da Faculdade de Direito de Goiás), os poetas José Décio Filho, José Godoy Garcia e Xavier Jr. (pres. da Academia Goiana de Letras), o engenheiro Geraldo Rodrigues dos Santos (pres. do Clube de Engenharia), o médico Luiz Rassi (pres. da Associação Médica de Goiás), o desembargador **Maximiano da Mata Teixeira** e o então jornalista Oscar Sabino (pres. do Sindicato dos Jornalistas de Goiás). Cf. <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/amnesia-historica-mal-das-ditaduras-2009/>

país, alterando o espaço de atuação intelectual de Amália Hermano Teixeira que, até então, era vista somente como governista.

Em depoimento, Bento Fleury Curado afirmou que Pablo Neruda foi convidado a vir a Goiânia para ministrar palestra no I Congresso de Intelectuais:

No Congresso de Intelectuais de Goiânia, Amália foi uma das percursoras junto com o Governo da época para fazer este Congresso, um Congresso Internacional- Goiânia, uma cidade com pouco mais de vinte (20) anos. Então, ela conseguiu que Pablo Neruda viesse dar uma palestra. Ela, Frei Confaloni, Regina Lacerda, eram os grandes mentores deste conjunto de intelectualidades. E como ele era visto como comunista, ela foi convocada a dar satisfações, devido o período ao qual o processo político se passava. Eles sabiam que ela não era comunista, na realidade suas explicações foram mais por questões técnicas, pois ela não se envolvia em questões políticas. Ela dizia “Eu não gosto de política”, uma simples funcionária pública (CURADO, 2017, entrevista).

De acordo com Curado (2017), ao ser oficialmente indagada Amália Hermano Teixeira somente respondeu a questões técnicas e que todo questionamento ocorreu devido ao jogo político e às intencionalidades dos que julgavam que ela tivesse alguma participação contrária ao Estado. Ele afirma: “Eles sabiam que ela não era comunista” (Ibidem, 2017).

Ainda assim, Rosinha Hermano (2017), confirma também em entrevista (Anexo II) que a situação tomou rumos mais preocupantes. O casal também recebeu um embaixador de Cuba e, na década de 1960, período em que se concretizou o novo regime, Amália Hermano Teixeira foi excluída da UFG, proibida de ministrar aulas, por ser considerada com ideais comunistas. E seu marido, Maximiano perdeu os direitos civis:

Neste local (a chácara), recebiam os amigos e intelectuais com os quais conviviam. Recebera inclusive Pablo Neruda, e em um outro momento o embaixador de Cuba, situação que segundo Rosinha Hermano causou um desafeto para o casal em tempos de regime militar. Esse fato custou a Amália situações que a mesma precisou depor (dar explicações) junto ao governo e Maximiano perdeu direitos políticos.

“_Isso é o que implicou quando Amália e Maci, (Rosinha assim retrata o cunhado) recebeu um embaixador de Cuba, Maxi fazia um churrasco que só ele fazia daquele jeito, uma maravilha. Eles receberam o embaixador e, logo após por causa do regime militar, Amália foi demitida da faculdade que trabalhava, foi ouvida pelo coronel, mas Amália era de fibra. E Maci só não foi demitido por que já tinha sido aposentado, mas também cortaram-lhe os direitos políticos. No entanto, com o fim do regime militar Amália foi readmitida no cargo de professora universitária da Universidade Federal de Goiás e a Maximiano foi-lhe devolvido seus direitos políticos.(HERMANO, 2017).

Foi alicerçado nestas acusações que Amália Hermano Teixeira, durante o período do Regime Militar, foi excluída das funções de professora na Universidade Federal de Goiás e seu marido Maximiano da Mata teve seus direitos civis caçados. Este episódio evidencia o equívoco das análises que reafirmavam uma ideia pronta e acabada em relação aos posicionamentos que caracterizavam Amália Hermano Teixeira, com base em uma única postura política.

Este equívoco, no registro da história da educação de Goiás reforça o necessário entendimento de que o intelectual é partícipe de um tempo histórico e, neste tempo assume uma diversidade de ações, de acordo com as posições ocupadas. Concorde-se com a crítica feita por Cândido (1979), registrada no prefácio do livro de Miceli (1979) ao acentuar o perigo das análises que ele denomina de “ideológicas”:

Falo do perigo de misturar desde o começo do raciocínio a instância de verificação com a instância de avaliação. O papel social, a situação de classe, a dependência burocrática, a tonalidade política – tudo entra de modo decisivo na constituição do ato e do texto de um intelectual. Mas nem por isso vale como critério absoluto para os avaliar. A avaliação é uma segunda etapa e não pode decorrer mecanicamente da primeira”. (CÂNDIDO, 1979, p. xi In: MICELI, 1979, p. xi).

Faz-se necessário ao historiador ultrapassar os aspectos externos dos acontecimentos, relacionando-os a eventos, contextos e nexos que os consolidam e revelam a verdadeira intencionalidade de seus autores.

2.2.3 Zélia Gattai

A amizade entre Amália Hermano Teixeira e Zélia Gattai é analisada a partir de seus antecedentes, no caso, a amizade de infância de Maximiano da Mata e Jorge Amado, que nas palavras de Amália Hermano Teixeira “Jorge, que, com Maci, alisou os bancos escolares no Colégio Antônio Vieira, na Bahia” (TEIXEIRA, 1993, p. 321).

Amália Hermano Teixeira apresentou Zélia Gattai em seu livro *Perfis*, referindo-se à amiga como “companheira admirável de Jorge Amado” (Ibidem, p. 321) realçando a amizade com o casal de forma carismática e atenciosa: “Há anos nos escreve. E também Jorge [...] Mensagens nos são enviadas de Salvador e dos lugares por onde andam. E, olhem, são eles cidadãos do mundo!” (Ibidem, p. 321a).

Amália Hermano Teixeira fez uma apresentação de Zélia Gataí em seu livro, ao destacar os trabalhos realizados pela amiga. Assim descreve a amiga: “Narradora excelente, exímia contadora de estórias [...] Zélia alcança o maior sucesso com *Anarquistas Graças a Deus*” (Ibidem, p. 321 b).

No decorrer do capítulo destinado a amiga, o que caracteriza a relação mais próxima entre Amália Hermano Teixeira e Zélia Gataí é evidenciado pela própria Amália Hermano Teixeira, ao afirmar gostar mais do título com o qual o livro se consagrou, *Anarquistas graças a Deus*, do que o primeiro título que era *Alameda Santos 8*. Com isto, percebe-se mesmo que de forma não dita, Amália Hermano Teixeira e Zélia Gattaí trocavam informações sobre o trabalho que realizavam, revelando uma estreita amizade entre ambas.

Em outro trecho da mesma obra, Amália Hermano Teixeira ressalta que Zélia Gattaí e Jorge Amado, assim como outros amigos, estavam em sua companhia já a algum tempo confirmando uma proximidade que também se assevera quando Amália Hermano Teixeira refere-se à amiga utilizando o seu primeiro nome. “Desde ontem Zélia e Jorge, com o colega de turma e grande amigo engenheiro Paulo Peltier de Queiroz e sua Victória Lúcia, estão entre nós.” (Ibidem, p. 321 c).

Esse contato social reforçado por meio de amizade entre Amália Hermano Teixeira e Zélia Gattaí é confirmada por Bento Fleury Curado (Anexo III) e Rosinha Hermano (Anexo II):

[...] Era amiga de Jorge Amado. Quando vinham para Goiânia, vinham para casa dela. Ela que influenciou a mulher de Jorge Amado, Zélia Gattaí a iniciar na literatura, pois Zélia tinha escrito um diário, que depois virou um livro “Anarquistas graças a Deus”, o qual foi até seriado de televisão. Este era apenas um esboço. Amália disse a Zélia: “_ Você não precisa viver a sombra do Jorge, pode ser uma grande escritora também”- A qual tornou-se uma grande escritora.

Amália foi amiga de escritores com ciclo nacional de conhecimentos, depois de aposentada ia em todos os congressos.(CURADO, 2017)

Amália tinha uma correspondência muito ampla, sua rede de sociabilidade era imensa. Viajava muito e seu marido a apoiava nestas viagens, pois mesmo em um tempo que muitos homens não valorizavam as mulheres, Maximiano era diferente, ele não se importava de Amália fazer suas viagens, e ela ia para Bahia, e se hospedava na casa de Jorge Amado. (HERMANO, 2017).

No livro *Um Chapéu para Viagem*, publicado em 1982, Zélia Gattaí faz uma dedicatória a Amália Hermano Teixeira, ao configurar a reciprocidade da amizade e admiração das intelectuais.

Interpreta-se que o contexto social transitado por Amália Hermano Teixeira é amplo e envolve muitos intelectuais, que diretamente ou indiretamente contribuíram para o seu capital intelectual e social. Entretanto, mesmo constituindo-se enquanto intelectual goiana, pertencente a Goiás, mas, que se permitiu alcançar outros espaços apresentava-se como conhecedora de seus limites, em relação àqueles que a autora julgava ter alcançado maiores voos:

Nortense, de Natividade, enraizada em Goiás, com o pião em Goiânia, raízes outras se alongando pelo norte, sul, leste e oeste do estado, com incursões pelo imenso país nosso, conheço o exterior através de leituras e cartas de Amigos (TEIXEIRA, 1993, p. 321).

2.2.4 Amália Hermano Teixeira e os jovens artistas

A participação de Amália Hermano Teixeira na rede social dos jovens artistas que se inseriam no contexto goiano é uma marca registrada. Apaixonada pela arte, a intelectual deixava sua marca nas contribuições de lançamento dos jovens artistas, sejam eles escritores, pintores, artistas plásticos e outros.

Conforme Curado (2017), a rede de sociabilidade de Amália Hermano Teixeira era muito ampla e ela utilizava-se de seu capital social para lançar novos artistas, ao tornar-se uma espécie de “madrinha” de muitos dos talentos da nova geração goiana.

Dentre essa rede de sociabilidade, tem-se o artista Octo Marques, que foi colega de aula de Amália Hermano Teixeira, em tempos de Lyceu; a colega e professora Belkis Spencièrre Carneiro de Mendonça, Lourdinha Oliveira, entre outros. Bento Fleury Curado afirma em entrevista (Anexo III) que Amália Hermano Teixeira chegou a viajar para os Estados Unidos, para prestigiar um show da amiga Lourdinha, do mesmo modo, viajou para diversos estados para participar de lançamentos de livros ou assistir apresentação de algum amigo. “Ela ajudava os intelectuais novos; era uma mulher de grande influência social, cultural. Participava de todos os lançamentos de livros” (CURADO, 2017).

O entrevistado relatou que a Amália Hermano Teixeira somente se permitia sair de casa para apreciar a cultura “Amália foi amiga de escritores com ciclo nacional de conhecimentos, depois de aposentada ia em todos os congressos. Tinha Congresso lá em Porto Alegre, ela ia.” (Ibidem, 2017).

Ao apoiar outros artistas e relacionando-se com influentes intelectuais, assumindo cargos e funções que consolidavam sua liderança, Amália Hermano Teixeira firmou-se como intelectual, e mesmo após aposentar-se como professora procurou continuar atuante na sociedade, de forma a ampliar seu repertório cultural, consolidando-se como intelectual militante no contexto cultural, social e político de seu tempo, conforme figura 06:

Figura 06 - Foto de Amália Hermano, Cid Moraes, Goiandira do Couto em exposição cultural de Octo Marques – 1980



Fonte: Acervo do Professor Dr. Bento Fleury

Percebe-se, a partir da foto exposta, a familiaridade de Amália Hermano Teixeira com o contexto das artes, da cultura e a comprovação de que Amália Hermano Teixeira constitui-se ao longo do processo como uma intelectual partícipe de seu tempo nos mais diversos setores sociais. A rede de sociabilidade da mesma realizou-se por meio de um processo contínuo e sublinhado por estudo, esforço e proveito das condições que a ela foram oferecidas.

A condição de intelectual apropriada por Amália Hermano Teixeira, fundamentou-se em um contínuo processo que iniciou-se de sua condição de filha de comerciantes que enxergavam na educação uma possibilidade de mudança de posição social, estendida ao longo de um processo percorrido pela própria Teixeira, na busca de realizar-se enquanto intelectual.

3. AMÁLIA POR AMÁLIA - AS MULTIFACETAS INTELECTUAL E CONTRIBUIÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM GOIÁS

Amália Hermano Teixeira ao escrever as suas teses e artigos, fez de forma a interpretar todo um significado do tempo histórico que ela presenciou; ao publicar seus escritos tentava atingir objetivos, que poderiam interessar a futuros autores atentos para as particularidades da vida desta importante contribuinte da história da educação goiana.

Essa afirmação decorre das evidências encontradas na forma de vida e nas obras escritas e documentadas por Amália Hermano Teixeira, ao longo de sua vida produtiva.

Pode-se constatar essa realidade apreendida, a partir dos depoimentos de Curado (2017) ao afirmar que o sonho de Amália Hermano Teixeira era tornar sua casa uma referência da História de Goiás. Essa mesma constatação é confirmada em outro trecho da entrevista dada por Curado, ao sustentar que Amália Hermano Teixeira guardava cuidadosamente todos os recortes de jornais referentes à História de Goiás (CURADO, 2017, entrevista).

Rosinha Hermano (2017) comprovou essa afirmação anterior, ao esclarecer que a casa de Amália Hermano Teixeira de modo algum passou por grandes mudanças físicas; ela gostava de mantê-la na forma original, assim, a casa contaria uma história. “Moravam em Goiânia em uma pequena casa, cheia de plantas durante toda a vida” (HERMANO, 2017, entrevista).

A casa de Amália Hermano Teixeira, por mais de dez anos foi mantida pela família, com o propósito de ser transformada em um museu, entretanto por ter gastos com a limpeza e manutenção e por não ter ocorrido acordo entre a família e o Governo de Goiás quanto ao valor da venda da casa, onde seria a sede da Academia Feminina de Letras do Estado de Goiás, a família decidiu pela demolição da casa onde viveu Amália Hermano Teixeira a maior parte de sua vida.

Outra constatação, é de que Amália Hermano Teixeira buscou inserir-se no contexto intelectual de seu tempo com o propósito de ser protagonista da história, esses pontos encontram-se implícitos nas próprias publicações da autora, que de maneira direta ou às vezes indiretamente, deixou marcas de sua trajetória nos registros históricos de Goiás. Tais registros podem ser identificados nos seguintes livros: *Escritores em ação - trinta anos de atividade cultural (1986)*; *O curioso caso*

da *Escola Normal Oficial (1946)*; *Perfis- Pessoas que marcaram a minha vida (1993)*; e *Dois anos sem Maximiano (1986)*, entre outros artigos publicados em revistas e jornais.

Em um livro publicado em 1946, Amália Hermano Teixeira retrata sua indignação quanto à sua desavença com a diretora Ofélia Sócrates Monteiro do Nascimento. Percebe-se que Teixeira mune-se de documentação e de uma escrita que substancia explicações referentes à sua prática, de forma a expor claramente a sua versão à injustiça recebida.

Nota-se que explicitamente existe a preocupação da autora em elucidar a sua imagem como professora dedicada e profissional bem sucedida. O livro traz como prefácio o título *As razões dessa publicação* e traz explicações referentes aos motivos levantados pela autora ao decidir publicar os fatos:

AS RAZÕES DESTA PUBLICAÇÃO

No mundo educacional goiano há um acontecimento que, com o tempo, vai tomando cada vez maior vulto: o 'caso da "escola Normal Oficial', em que eu figuro como involuntária protagonista. Mau grado reiteradas sugestões de inúmeras amigas e de grande número de colegas, vinha me escusando a trazer à publicidade fatos dolorosos, que só de recordá-los fica a gente descrente de muita cousa. As provocações de que tenho sido alvo ultimamente por parte de dona Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, Diretora, por antiguidade, da Escola Normal, me colocaram, porém, frente ao seguinte dilema:- ou continuava a me calar, no intuito de não tornar pública ocorrência que viria depor contra nossa política educacional, assumindo, pelo meu silêncio, atitude de culpada, ou então esclareceria tudo, por meio de uma publicação, mostrando que estava sendo vítima de clamorosa e inconcebível injustiça. O amor à Verdade e o respeito por mim mesma fizeram com que optasse eu pela segunda hipótese (TEIXEIRA, 1946, p. 3).

Para se ter uma visão clara das pontuações nos textos de Amália Hermano Teixeira, é necessário fundamentar-se em Vieira: “para interpretarmos um texto, necessitamos compreender o que o autor estava fazendo quando o escreveu. Trata-se da pretensão de estabelecer a tensão relacional entre linguagem e experiência” (VIEIRA, 2017, p. 54)

É preciso, ainda, buscar explicação histórica das relações entre o discurso proferido e as práticas sociais produzidas por este discurso. “[...] o historiador é, sem dúvida, perfeitamente consciente de que as coisas acontecem aos seres humanos antes de serem verbalizadas, embora não antes de eles possuírem os meios de verbalizá-las” (POCOCK, 2003, p. 56, In: VIEIRA, 2017, p. 54).

Amália Hermano Teixeira (1916-1991) foi uma importante personagem no processo educacional goiano, com características fortes e determinada, atuando no campo educacional desde 1937, quando mudou-se para Goiânia para acompanhar seu marido que assumiu a função de Secretário do Governo de Pedro Ludovico Teixeira; ao assumir a cadeira de professora Catedrática de Geografia, Coreografia do Brasil e Cosmografia da Escola Normal Oficial:

Quanto a sua posição política, Amália sempre participou ativamente junto a Pedro Ludovico Teixeira, com quem seu marido Maximiano trabalhou como secretário. A relação política entre Maximiano e Pedro Ludovico, iniciou-se com a colaboração do pai de Maximiano na cidade de Natividade como chefe político que apoiava Pedro Ludovico Teixeira. E quando o mesmo tornou-se interventor e depois governador, Maximiano foi nomeado como secretário para fazer parte do grupo de apoio ao Governo de Pedro Ludovico Teixeira (HERMANO, 2016, entrevista).

Amália Hermano Teixeira atuou como pesquisadora, advogada e professora; sendo esta sua última atuação profissional o foco da presente pesquisa, como já anunciado, com o objetivo de compreender a participação dessa intelectual no movimento escolanovista, que trouxe a Goiás em um tempo específico, início do século XX, toda uma gama de contribuições que redimensionou a educação neste Estado.

Importa ressaltar, que a perspectiva utilizada neste presente trabalho encontra-se estruturada por meio do contextualismo linguístico, acentuada à uma compreensão de descrever o tempo histórico, os motivos, os discursos e o processo a que Amália Hermano Teixeira se incumbiu.

Neste movimento, não se propõe um julgamento generalizado das ações e processos pelo qual Amália Hermano Teixeira inteirou-se, com a finalidade de classificar a autora em algum conceito pronto e estabelecido. Ao contrário, propõe-se uma compreensão abrangente de todo o cenário específico em que Amália Hermano Teixeira transitou, ao buscar compreender a partir de seu discurso explícito e implícito, o contexto vivido e construído por esta intelectual.

Concebe-se nesta proposta, que o intelectual produz sua obra em um determinado contexto abrangente de situações que a estimula a realizar tal feito, assim, torna-se necessário averiguar o contexto em que circulava a autora, suas influências e amizades, o seu cenário de trabalho, suas aptidões e suas ações.

Nesta perspectiva, cabe ao historiador captar o dito e o não dito, que instaura o processo investigativo; averiguar as posições políticas, as congruências e as

convergências que associavam e distanciavam os elementos que compunham o contexto analisado. Implica compreender o que a autora fazia, quais objetivos que ela pretendia alcançar, quais significados pretendeu introduzir em suas obras.

Figura 07 - Foto de Amália Hermano Teixeira na Cidade de Goiás - 1938



Fonte: Acervo do Professor Dr. Bento Fleury

3.1 AMÁLIA POR AMÁLIA – DA SAÍDA DA CIDADE DE NATIVIDADE À CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UMA INTELLECTUAL

Amália Hermano Teixeira configura-se como intelectual tendo por base a ótica de Vieira (2015); segundo o autor, as mulheres no Brasil aparecem como exceções ao termo intelectual, exceções às lógicas estruturais e culturais.

Para Vieira (2015) no Brasil os intelectuais em sua origem é explicado pelo axiona: distribuição desigual de riqueza; distribuição desigual de cultura e do conhecimento. No entanto, Amália Hermano Teixeira, surge neste cenário como filha de comerciantes que apostam na educação como condição de mudança de *status* social, o que permite uma revisita a Bourdieu (2015) para a compreensão de que a constituição do termo intelectual processa-se também, na consideração do acúmulo de capital cultural e simbólico.

Amália Hermano Teixeira nasceu em 1916 na cidade de Natividade, atualmente localizada no estado do Tocantins; ainda criança mudou-se para a antiga Capital do Estado a cidade de Goiás; filha mais velha de uma família de cinco irmãos, Amália Hermano Teixeira recebeu de sua mãe, a determinação de que pelos estudos teria um futuro mais promissor.

Não há muitos registros de sua infância, entretanto no livro *Reencontro*, publicado após um encontro organizado da turma concluintes do Lyceu, no ano de 1934, a autora traz à memória fatos que constituem dados para uma análise. A autora elaborou uma biografia de seus colegas com quem estudou de 1930 a 1934, e que, após muitos anos, se reencontraram para uma festa e para relembrar o passado. Sobre a turma Amália Hermano Teixeira escreveu:

A turma de 1934, do Lyceu de Goyaz, constituída por 36 bacharéis, destes, seis mulheres, contaria mais um, não houvesse perdido, com pesar enorme, em maio do ano de sua diplomação [...] Depois de cinco anos de acurados estudos, iniciados em 1930, no dia 30 de dezembro de 1934, jovens chegaram ao fim da jornada secundária, orientados por competentes mestres, preocupados não só em transmitir conhecimentos, sobretudo com perfeita formação moral de seus discípulos (TEIXEIRA, 1981, p. 7).

Na cidade de Goiás, Amália Hermano cursou o primário no Grupo Escolar de Goiás tendo como professora Emília Perillo Argenta e o ensino secundário no Lyceu de Goiás, espaço importante no processo de formação de Amália Hermano Teixeira, revelado no livro.

Nesta obra, o discurso da autora faz referências à sua juventude e as suas amizades e descreve momentos vivenciados por ela e seus colegas; descrições das profissões que seus colegas seguiram e em um processo de nostalgia, traz à tona, a saga de lembranças que contribuíram para a construção de sua identidade enquanto intelectual.

Na mesma obra, a autora produziu a sua própria biografia, que caminha para a constituição de uma linearidade na compreensão de sua construção histórica. Neste trabalho, Amália Hermano Teixeira apresenta a sua trajetória:

HERMANO, Amália José. Nasceu em Natividade-Go, a 23-09-916. Filha de Manoel José Hermano e Archângela Pereira Hermano. Estudos primários com Mestre Cazuzza, em Itaberaí, e no Grupo Escolar da Cidade de Goiás. Preparatórios para admissão ao ginásio com o professor Alcide Celso Ramos Jubé. Curso secundário no Lyceu de Goiaz (930-934). Diplomada pela Escola Normal Oficial do Estado (935). Curso na Universidade Rural do Rio de Janeiro (936). Funcionária do Departamento Estadual de Propaganda e Expansão Econômica (937). Casa-se (937) com, o então,

advogado Maximiano da Matta Teixeira (TEIXEIRA, 1981, p. 7 grafia no original).

Conforme exposto pela autora, a sua construção enquanto profissional seguiu uma linearidade produtiva e ativa. Com este aspecto atuante e buscando elevar-se profissionalmente, suscitou em seus irmãos esse mesmo espírito. Segundo entrevista com Rosinha Hermano, irmã caçula de Amália Hermano Teixeira, todos os filhos do Sr. Manoel José Hermano e Archângela Pereira Hermano estudaram no Lyceu, ao expor uma característica da família em participar e constituir-se com bons estudos:

Em Goiás tiveram os outros filhos, somando um total de nove. Assim como Amália, a filha mais velha, todos os outros filhos do Sr. Manoel José Hermano estudaram no Liceu, alguns em Goiás, outros em Goiânia. A senhora Archângela Pereira Hermano sempre deu muita importância aos estudos, e incentivou os filhos a estudar, acreditando que os filhos tivessem uma vida mais fácil. “Tudo que não tive quero que meus filhos tenham” dizia ela. Todos os filhos do casal Hermano cursaram o ensino superior, uma filha fez contabilidade, uma fez magistério e os outros todos cursaram direito. [...] Amália fez o curso na escola Normal e depois o curso direito, (HERMANO, 2017, entrevista).

Pouco há registrado de Amália Hermano Teixeira enquanto criança. No livro *Perfis* (1993), obra que Amália Hermano Teixeira faz homenagens a pessoas que tornaram-se importantes em sua vida, a autora relata momentos vividos em diferentes épocas e em diferentes contextos; mas que confirmam sua vida ativa e atuante:

Recuo no tempo e no espaço. Lembranças afloram, destacam-se, como em negrito, na cera da memória sulcada por registros sem conta. Na cidade de Goiás vejo-me, com a inseparável prima Eunice- duas meninas vivas, curiosas, uniforme de brim caqui, saia pregueada, casquete tortinho na cabeça[...] Cresci, eduquei-me, casei-me, enfrentei lutas, admirando a personalidade, o valor de doutor Claro e dos seus (TEIXEIRA, 1993, p. 94).

Em entrevista (Anexo II), Rosinha Hermano, também, contribui com essa interpretação ao assegurar com o olhar de irmã mais nova que presenciou a juventude de Amália Hermano Teixeira que sempre agiu com responsabilidade. Prematuramente ela assumia junto a mãe, o compromisso de auxiliar no serviço da casa e no cuidar dos irmãos:

No âmbito familiar Amália como irmã mais velha assumia a função de ajudar a cuidar dos irmãos, além de cooperar nos serviços de casa, pois mesmo a mãe tendo ajudante, era a mesma que comandava a casa, e assim Amália lhe ajudava bastante. Tinha uma natureza forte, lutava sempre pelas coisas

que queria, 'Amália ia até o fim e conseguia o que queria, ela lutava e não desistia, e conseguia' (HERMANO, 2017).

Com características de uma pessoa atuante e de personalidade forte, Rosinha Hermano indica que os traços de Amália Hermano Teixeira são herança de sua mãe, dona Archângela, que sempre cuidou da casa com presteza e deu muito valor aos estudos. Mesmo não tendo estudado, via nos estudos a chance de seus filhos terem uma vida melhor.

Em 1935, Amália Hermano Teixeira recebeu o diploma de Normalista pela Escola Normal Oficial do Estado, período em que ela fez um concurso para professora primária e assumiu sua sala de aula. Já em 1936, motivada pelas ideias de Alberto Torres interessou-se pelo ensino rural e participou do curso na Universidade Rural do Rio de Janeiro.

Tal curso propiciou um olhar atento às novas propostas que se inseriram em Goiás, ideias que Amália se tornou em uma das principais protagonistas, no processo de implantação dos Clubes Agrícolas e no projeto ruralizador que envolveu a Educação Goiana.

Em sua apreciação sobre o tema *ensino rural*, Amália Hermano Teixeira expôs suas influências, concepções e propósitos educacionais no livro *Perfis* (1993):

Na semana ruralista de Anápolis (1936) o competente agrônomo Luiz Caiado de Godoy, do quadro do Ministério da Agricultura, administrador do campo experimental de café e do posto de seleção e multiplicação de sementes de trigo, ao lado de Câmara Filho e Erenigeu Teixeira, destacava-se como adepto das ideias do filósofo Alberto Torres, incentivando-me no início de minha carreira de ecóloga e professora (TEIXEIRA, 1993, p. 94).

Em 1937, Amália Hermano Teixeira casou-se com Maximiano da Mata Teixeira e transferiu residência para Goiânia, onde foi professora da Escola Normal Oficial. Os pais de Amália Hermano Teixeira também mudaram-se para a nova Capital no mesmo ano, em busca de um futuro melhor e dada as condições que o Governo oferecia para as pessoas adquirirem terreno na Capital, logo toda a família de Amália Hermano Teixeira se estabeleceu na nova capital.

Os pais de Amália Hermano Teixeira compraram um terreno na Rua 55 e construíram sua casa. O pai alugou um imóvel e por muitos anos dirigiu uma pensão que mais tarde passou a ser um hotel. A mãe, dona de casa cuidava das crianças. Segundo Rosinha Hermano (2017), o hotel recebia como hóspedes diversos intelectuais, entre eles, Bernado Élis, João de Abreu, Elis Brasiliense.

Amália Hermano Teixeira e Maximiano da Mata residiram em uma casa situada na rua 24, e lá permaneceram durante toda a vida. Após o falecimento de Amália Hermano Teixeira, a família lutou para que a casa se tornasse sede de uma fundação, mas após dez anos fechada, a residência foi vendida e demolida.

Após o casamento e a mudança para Goiânia, Amália Hermano Teixeira tornou-se professora da Escola Normal Oficial, que mais tarde, passou a ser o Instituto de Educação de Goiás. Nesse local ela ministrou aulas de Geografia até 1963, concomitantemente também, ministrou a disciplina de História na Universidade Federal de Goiás (UFG) até se aposentar em 1983.

Ela foi diretora da *Revista de Educação*, na década de 1960. Como professora, Amália Hermano Teixeira destacou -se em sua atuação e organização. Curado (2017) afirmou que ela tinha o hábito de elaborar criteriosas fichas individuais de suas alunas com relatos históricos de cada uma, e dessa maneira organizou um autêntico arquivo humano-educacional de Goiás.

Amália Hermano Teixeira participou de congressos e conferências, proferiu palestras, publicou diversos artigos em jornais e revistas relacionados à educação e também em outras áreas como Botânica, História do Brasil e biografias de personalidades do Estado de Goiás.

A participação de Amália Hermano Teixeira no campo político/educacional antecede a sua atuação como professora na Escola Normal Oficial. Compreende-se assim, o seu envolvimento posterior com as escolas rurais e grupos agrícolas. Ainda, em 1936, ela relatou em seu livro *Perfis* (1993) sua participação na semana ruralista que ocorreu em Anápolis e explicou que a partir deste evento foi influenciada a participar do projeto ruralista.

Entretanto, Amália Hermano Teixeira militou em muitas outras áreas que renderam-lhe reconhecimento. Na cidade de Natividade existe a casa da cultura denominada de *Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira*, projeto do Governo de Tocantins; em Goiás, Amália Hermano Teixeira nomeia a *Escola Estadual Amália Hermano Teixeira*, no Jardim Botânico de Goiânia e no Espaço de Cultura da OAB, *Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira*. Além dessas homenagens, ela descobriu uma espécie de orquídea que registrou com seu nome.

A relação de pertencimento de Amália Hermano Teixeira com a sua cidade Natal Natividade era também de seu marido, Maximiano da Mata, natural da mesma cidade e filho de políticos influentes da época. Compreende-se assim, porque que

em sua militância Amália Hermano Teixeira, enquanto intelectual envolvida no âmbito da Cultura apropriou-se deste cenário do interior tocantinense.

Amália Hermano Teixeira não teve filhos, utilizou todo o seu tempo para o estudo e aperfeiçoamento de sua formação e transitou em muitos contextos, sendo esta uma das características que a consagrou como intelectual.

No livro *Perfis* (1993) Carlos Pacini, o afilhado de Amália Hermano Teixeira que faz a apresentação da obra, publicada dois anos após a morte dessa professora, ele destaca:

Ah!!! Só poderia ser de Amália este livro. Quem se lembraria de contar a história de homens e mulheres simples e de lugares tão esquecidos? Quem teria a sabedoria de ver que quem faz a verdadeira história, sem polêmicas e dúvidas, ou engrandecimento equivocado é o povo? Quem? Só Amália Hermano Teixeira. Só ela. (PACINI, 1993, In: TEIXEIRA, 1993, apresentação)

Com base nestes dados fica evidenciado que Amália Hermano Teixeira teve uma história de lutas, de vontade de crescer, de ânimo e persistência em ir ao encontro de objetivos que lhe foram assegurados pela atitude de sua família em investir na educação e nas relações que lhe assegurassem condições de desenvolver-se, consolidadas por um casamento afamado que lhe permitiu configurar no rol dos grandes políticos da época.

É possível afirmar, com base nas informações obtidas, que Amália Hermano Teixeira consolidou-se como intelectual com muito estudo, busca de saberes diferentes, uma prática política social atuante e conseqüentemente pela construção de um capital cultural que solidificou esta sua condição. Amália Hermano Teixeira utilizou-se de seus saberes, de suas relações sociais e de sua atuação nos espaços culturais, com o propósito de fortalecer-se como intelectual.

Neste processo deve ser levado em conta, as condições materiais e as oportunidades que congregaram para a construção de seu ideal; sendo que o meio pelo qual seu marido, o desembargador Maximiano da Mata transitou, foi propício e conjectural para a sua consolidação como intelectual reconhecida.

Nota-se pelas imagens a seguir, um espaço temporal diferente, que Amália Hermano Teixeira percorreu o tempo histórico ao consolidar-se enquanto intelectual, ultrapassando as barreiras. Confere-se, que as redes de sociabilidade construídas pela autora, ultrapassou décadas.

Figura 08 -Foto de Amália Hermano Teixeira em Natividade (TO) com as autoridades locais - 1965



e - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury

Font

Figura 09 -Foto de Amália Hermano Teixeira em convívio social com amigas em Natividade (TO) - Homenagem a Lourdinha Maia - 1990



Fonte - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury

3.2 AMÁLIA E MAXIMIANO - UMA TRAJETÓRIA AMOROSA E INTELECTUAL

A história intelectual de Amália Hermano Teixeira não pode ser desagarrada da história de Maximiano da Mata Teixeira, seus contextos são indivisíveis, mesmo que cada um constituiu-se individualmente com as suas próprias especificidades e singularidades.

Ambos percorreram cenários que conectavam-se a um contexto institucional intercalado nos caminhos percorridos pelo casal. Como expôs a própria autora ao afirmar: “Maximiano da Mata Teixeira, que foi meu companheiro amado de quase meio século” (TEIXEIRA, 1993, p. 262- 263). Nada há de específico nas obras ou artigos publicados por Amália Hermano Teixeira, que aponte para uma história linear de sua relação com o desembargador Maximiano da Mata.

Os dados obtidos foram organizados com base em junções de dados conseguidos nas diversas publicações, formando-se um nexos ao longo das análises de suas obras, de suas biografias que se conectam e que permitem uma compreensão mais aprofundada desta relação. De acordo com Carvalho:

[...] a importância da vida e obra serem retomadas em conjunto, porém, em seus respectivos recortes. Uma via original de abordagem do sujeito biografado não se reduz à via clássica da contextualização, mas é a busca da coerência de seu gesto singular [...] A biografia intelectual se caracteriza pelo aspecto de abertura a interpretações distintas e inesgotáveis: considerando que o significado de uma vida nunca é unívoco, ela aponta a importância da recepção do sujeito biografado no tempo e pelos seus pares e leitores (CARVALHO, 2011, p. 133).

Nesta perspectiva, compreende-se que na biografia de Maximiano da Mata, existe indícios para a construção da biografia de Amália Hermano Teixeira, pois a relação estabelecida pelo casal permite a afirmação de que a maioria das conquistas de Amália Hermano Teixeira ocorreram pela sua convivência com Maximiano da Mata.

No livro *Perfis- Pessoas que marcaram minha vida*, (1993) a autora faz uma homenagem a Maximiliano da Mata, ao apresentar aos leitores de maneira biografada e homenageada a sua visão em relação ao marido. Em discurso pronunciado por Amália Hermano Teixeira, na sessão solene do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, que fez reverência à memória de Maximiano da Mata; a autora retratou desde seu nascimento, sua vivência enquanto criança e jovem que estudou em Salvador e as amizades com grandes intelectuais.

Em específico, traz sua convivência enquanto jovem, ao mencionar que Maximiano da Mata ao mudar para concluir seus estudos na Cidade de Goiás foi um dos hóspedes da Pensão Manduca e dessa forma criou-se a oportunidade do casal se conhecer:

Em 1º de fevereiro de 1937 une sua vida à minha. Amigos, amantes, companheiros, juntos caminhamos até a tarde tristíssima de 6 de agosto deste 84. Antes mesmo de nosso casamento e, hospede da pensão Manduca, de meu pai, presidente da República (de estudantes) Tocantinaragua, teve mãe dedicadíssima até seu passamento, a mamãe Archângela, sua futura sogra. Nos felizes anos de doce convivência, um procurando adivinhar o pensamento do outro, duas vidas consagradas ao bem, à compreensão, ao amor (TEIXEIRA, 1993, p. 261).

Fica, então, evidenciada a grande afeição ocorrida entre Amália Hermano Teixeira e Maximiano da Mata, ela própria o caracterizou como uma pessoa de coração imenso e com uma carreira vitoriosa; um homem que desde seu nascimento, filho de político influente, desenvolveu-se intelectualmente e que muito contribuiu para a ascensão dela como intelectual:

Da carreira vitoriosa de Maximiano da Mata Teixeira como jornalista, funcionário público, advogado, magistrado, escritor, todos bem sabem e louvam. De seu caráter, de sua bondade, sua paixão por Goiás todos são testemunhas. Decidido, escolhe a carreira de Advogado. Em 1937 declinou do convite feito pelo Interventor Pedro Ludovico que o nomearia Promotor Público de Rio Verde, onde, com o agrônomo Manoel Alves de Almeida, fundara o Patronato Agrícola, depois Escola Profissional Rural. Inscreve-se na Ordem dos Advogados sob número 132, em 22 de janeiro de 1937[...] Eleito conselheiro da OAB para o biênio 1943-1945, Maximiano da Mata Teixeira ocupou a vice-presidência do órgão da classe. Reeito para o biênio seguinte, como presidente [...]. Por mais de 20 anos lecionou na Faculdade de Direito de Goiás s cadeiras de Introdução à Ciência do Direito e Economia Política. (TEIXEIRA, 1993, p. 261- 262).

Percebe-se, pela trajetória apresentada pela própria autora, que os contextos institucionais de Maximiano da Mata correspondem aos mesmos contextos de Amália Hermano Teixeira, e que eles estão estreitamente ligados à vida política e social que Maximiliano trouxe de sua esfera familiar, de sua atuação profissional e de sua condição de proprietário de capital social, cultural e financeiro.

No entanto, se as condições favoreceram a Amália Hermano Teixeira; uma vez que a família e as relações sociais de Maximiano da Mata estavam interligadas a grandes figuras do cenário político social de Goiás, no início do século XX, não se propõe afirmar que Amália Hermano Teixeira viveu à sombra de seu marido. Pelo contrário, o que se observa é que Amália Hermano Teixeira aproveitou as redes de

sociabilidade provindas das condições sociais e intelectuais em que circulava Maximiano da Mata, e que destas oportunidades aproveitou para ampliar seu espaço social e constituir suas próprias iniciativas e projeções.

Foram estas circunstâncias que levaram-na, a utilizar-se das condições familiares evidenciadas em seus discursos, em diferentes momentos e que podem ser identificados na contenda com a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro; sob a acusação de afastar-se das atividades docentes, ela esclarece:

Em julho de 1944, afim de me entregar a reparador descanso, resolvi acompanhar meu esposo, em uma de suas excursões anuais ao Rio Araguaia*. A 24, acompanhados de **meu sogro, major Veríssimo Teixeira da Mata**, de minha mãe, dona Archângela Pereira Hermano, e de minha irmã, D^a Jandira Hermano de Paula, iniciamos nossa excursão (TEIXEIRA, 1946, p. 10, grifos da autora).

Fica evidenciado no discurso de Amália Hermano Teixeira a importância dada ao sogro que ela acompanhou na viagem, considerada em seu discurso como razão suficiente para lhe dar o direito de afastar-se de suas obrigações profissionais. Esse capital simbólico apresentado pelo papel do pai de Maximiano, também está exposto nos discursos da autora no livro *Perfis* (1993), ao falar sobre a família de Maximiano:

A mãe, jovem, 18 anos apenas, alva, doce, terna, de longos cabelos negros [...]. O pai, Verissimo Teixeira da Mata, 33 anos, filho de Maximiano da Mata Teixeira e de Benedita Pinto de Cerqueira, nativitanos. Vigoroso, de traços faciais angulosos, inteligente, viria a ser político atuante, prefeito de Natividade e de Dianópolis (Duro) (TEIXEIRA, 1993, p. 259).

Outro ponto que se levanta na análise do discurso de Amália Hermano Teixeira, ressalta a importância dada à sua rede de sociabilidades. Em todos os discursos de Amália Hermano Teixeira, ao descrever as pessoas que fizeram parte de sua vida, a autora acentua as profissões e os destaques sociais:

A saudade traz Maximiano em 1924 a Natividade. Temporada com o pai, com a madrasta- a bondosa tia Cota, com o irmãozinho Jonas, com os perfillhados pelo Major Veríssimo, David, Celina, Josina (Josa) e Alberto. Recompensa pela dedicação aos estudos e bom comportamento no Vieira, solene premiação daquele ano o mocinho de 14 anos, Maximiano da Mata Teixeira, obteve 2º premio em Religião, "Accessit" em Português e Latim. Menção Honrosa em comportamento, Francês, Aritmética Geografia e Exercícios Desportivos- 3 medalhas (Ibidem, p. 261).

Esse conceito de importância dada a Maximiano e a sua articulação social, também é apontado no livro *Dois anos sem Maximiano*, que Amália Hermano Teixeira publicou em 1986; no qual revelou a quantidade de homenagens,

correspondências, noticiários e moções de solidariedade recebidas. Nota-se, que Amália Hermano Teixeira buscou nesta obra, noticiar e evidenciar a rede de sociabilidade estendida de seu falecido marido, acentuada pela própria autora ao descrever suas intenções na apresentação do livro:

Prometi cultuar-lhe a memória. Registrar o que foi ávida dessas criaturas singulares que na Terra semearam amor e carinho, que lutaram e sofreram, mas sorriram sempre, espargindo luzes, renunciando comodidades para auxiliar a seu próximo.

A assistência, o apoio, o amor, a dedicação constantes de parentes, colegas e amigos nos ajudaram tanto (TEIXEIRA, 1986, p. 11).

Amália Hermano Teixeira enfatiza uma necessidade constante de não se fazer esquecida àqueles a quem creditava uma notável inspiração. Essa característica, pode ser analisada pelas explicações de Viera (2015), para a categoria de autores que realizam análises de eventos, trajetórias ou movimentos intelectuais que se destacaram ou que se fizeram destacar por meio da publicação de seus atos.

Em específico, no livro *Dois anos sem Maximiano*, Amália Hermano Teixeira deixa clara suas intenções, ao sublinhar seus motivos e a sua proposta. Ela ampliou de forma sistematizada e consciente seu propósito de alavancar a memória de seu marido.

Para tal propósito, a autora utilizou-se das correspondências, noticiários e moções de solidariedade recebidas, que poderiam ter sido apenas um gesto de amizade ou solidariedade, mas que Amália Hermano Teixeira os transformou em um ato de reconhecimento público, ao publicá-los em homenagem ao falecido marido.

Percebe-se, nos contextos intelectuais e institucionais percorridos por Maximiano da Mata, a amplitude do cenário em que transitou. Sendo Maximiano da Mata um desembargador reconhecido, suas relações com a intelectualidade, pois ele, também, atuava na literatura e na educação, e como professor universitário na Faculdade de Direito estendeu-se as relações de convívio familiar e de amizade com outros intelectuais de renome com quem convivia.

Ao prefaciar a obra *Dois anos sem Maximiano*, de Amália Hermano Teixeira, Ático Vilas-Boas da Mota³¹, intelectual com grande prestígio frisou a sua amizade com Maximiano:

²⁹ **Ático Frota Vilas-Boas da Mota** (Livramento do Brumado, 11 de outubro de 1928 - Macaúbas, 26 de março de 2016) foi um pesquisador, historiador, professor, folclorista, tradutor e linguista brasileiro, radicado na cidade baiana de Macaúbas, especializado na história e cultura da Romênia e dos ciganos.

MAXIMIANO DA MATTA TEIXEIRA, O BOM [...] Quando ainda vivia entre nós, sorridente e espirituoso, nele sempre enxerguei a pessoa sem amargura e muito disposto a conviver da melhor maneira possível. Afável. Discretamente irônico, sem se deixar marcar pelas garras da sátira. [...] Tinha amigos e conhecidos em todas as partes do Brasil e, de maneira especial, na nossa Bahia, onde fizera o curso secundário, [...] “Causer” inigualável pelos ditos engraçados que sabia encaixar no menor dedo de prosa. [...] Mestre exemplar da difícil arte de fazer amigos e de conservá-los ao longo do tempo (MOTA, Ático Vilas Boas. In: TEIXEIRA, 1986, prefácio).

A autora construiu, com base na apresentação do livro, uma narrativa que buscou caracterizar Maximiano da Mata como o bom companheiro, amigo fiel e funcionário exemplar; nesta obra fez ainda uma cronologia desde seu nascimento, formação e atuação profissional, apresentou as menções recebidas de solidariedade e retratou de forma a agradecer, mas ao mesmo tempo esclarecer aos leitores, o espaço cultural percorrido por Maximiano da Mata.

Não é objetivo criticar ou censurar a autora, mas sim fazer uma análise que permite averiguar suas intenções, com base na afirmação de Skinner (2005) de que todo texto ao ser escrito, premeditadamente já foi intencionado pelo autor.

Amália Hermano Teixeira apresentou a sua relação como uma união estável, sólida e frutífera, destacou que o casal promoveu grandes realizações e gostos excêntricos, muitas viagens e uma rede social ampla e resistente às ações do tempo. As características de bom prosador e de uma pessoa de personalidade afável de Maximiano é reconhecida por Curado (2017) e, também, por sua cunhada, Rosinha Hermano (2017):

Quanto ao casamento deles, Rosinha afirma que viviam muito bem, pois Maximiano nunca foi um homem machista, contribuía para que ela fizesse seus passeios, suas viagens para outros estados e até outros países, além de ser um grande incentivador na construção de sua identidade como intelectual. ‘Ele sempre apoiou Amália em todas as suas iniciativas’ (HERMANO, 2017, entrevista).

Comprova essa afirmativa antecedente, a entrevista de Curado (2017):

[...] E eu conheci Amália porque ela recolhia orquídeas e plantas do cerrado e na chácara onde eu vivia tinha muito destas espécies, das quais, ela gostava de colecionar e catalogar. **Ela ia em uma rural, carro do tipo antigo; ela, o desembargador Maximiano, geralmente ia** o Ângelo Rizzo, e Roberto Burtle Marx; as pessoas que eram responsáveis pela classificação de plantas. [...] Uma pessoa que tinha carisma, essa é a palavra certa. E o Desembargador Maximiano a mesma coisa, **ele ainda era mais engraçado do que ela**, apesar de ser um homem nobre na profissão que exercia; desembargador, altíssimo cargo na esfera do judiciário, era presidente do Tribunal de Justiça da época. Mas, fora do convívio judiciário, **ele era um homem muito amistoso, alegre, brincalhão; gostava de contar piadas** (CURADO, 2017, grifo da autora).

As entrevistas apontam as características de um homem ativo, descontraído e amistoso, partícipe da vida de Amália Hermano Teixeira e colaborador de suas exposições, o que nos remete à afirmação anterior de que as posições sociais alcançadas por Amália Hermano Teixeira tiveram o auxílio e a participação de Maximiano da Mata. Esta afirmativa confirma-se nas próprias palavras da autora, ao fazer uma homenagem ao marido, publicado no livro *Perfis* (1993) que de forma intrínseca e poetizada ressalta:

Maci,
Caminheiro, companheiro
Comendo juntos o pão de cada dia
Agradece-lhe, a comovida, amor,
Compreensão e estímulo (TEIXEIRA, 1993, s/p).

Na mesma obra, ao se referir à sua amiga Coracy, Amália Hermano Teixeira descreve sua lembrança quanto ao seu noivado:

Do padre Dídimo guardo a grata e vivíssima recordação. Maci o fez portador de minha aliança de noivado (feita pelo tio Leopoldo, de Goiás Velho para o Rio de Janeiro, onde, representando Goiás, cursava a Universidade Rural Brasileira, sob os auspícios de Alberto Torres. Padre Dídimo, com a finura e bondade dos maia, de Porto Nacional, para entregá-la a mim, no pensionato das salesianas, na Cândido Mendes, 32, Glória, celebra a missa, benzendo o sinal de nossa feliz união física e espiritual. Corria o mês de maio de 1936 (TEIXEIRA, 1993, p. 103).

Sendo Maximiano da Mata filho de um importante político e apoiador de Pedro Ludovico Teixeira na cidade de Natividade, acredita-se, que por meio destas circunstâncias, a participação de Amália Hermano Teixeira a este município tornou-se mais fecunda, percebe-se nos discursos de Teixeira, os diálogos entre ela e o marido referindo-se às festas oriundas da cidade:

Maximiano da Mata Teixeira deixou este conturbado mundo, mansamente, na tarde de 6 de agosto. Pouco antes falaram-me de Natividade, nossa terra-berço, da festa do Senhor do Bonfim no dia 15, data de seu nascimento. Falou-me da viagem a ser empreendida (Ibidem, p. 259).

Nas publicações de Amália Hermano Teixeira, percebe-se, também, as preocupações em relação às escolas do norte goiano. Quando ela era diretora da Revista de Educação, fez críticas às condições em que as escolas se encontravam e demonstrou a sua preocupação em desenvolver melhorias naqueles estabelecimentos.

No próprio discurso que Amália fez em homenagem a Maximiano, publicado no livro *Perfis* (1993), ela registrou que um dos pedidos do marido antes de falecer foi que ela terminasse seu livro *História de Goiás* e finalizasse seus trabalhos sobre a cidade de Natividade. “Resta agora, com a saudade imensa, a determinação de, como me pediu ele, terminar meus capítulos de História de Goiás, minhas monografias, entre elas a de Natividade” (TEIXEIRA, 1993, p. 262).

As preferências de Amália Hermano Teixeira e Maximiano da Mata também aproximam-se no gosto pelas plantas. A autora relatou o envolvimento de seu marido ao participar com ela das campanhas e congressos em prol da flora brasileira: “Entrega-se depois à campanha pela preservação de nossas flora e fauna, torna-se membro da Sociedade Botânica do Brasil, comigo cultivando orquídeas e plantas ornamentais, comparecendo a congressos científicos” (ibidem, p. 262).

Amália Hermano Teixeira, também fortaleceu-se de vínculos originários do meio social de Maximiano da Mata quando jovem, a exemplo da relação com o escritor Jorge Amado e sua esposa Zélia Gattaí, que nutriu-se de uma grande amizade. A própria autora esclarece sobre o surgimento da amizade de seu marido com o escritor Jorge Amado ao explicar por meio de uma cronologia a biografia do marido:

Nascido em Natividade, nordeste de Goiás em 1915, filho de influentes pais, o pai Major da Guarda Nacional, fazendeiro e comerciante. Ainda Jovem vai estudar em Salvador, “Foi internado no Colégio Antônio Vieira dos Jesuítas[...] teve por colegas de turma o hoje famoso romancista Jorge Amado[...] dentre outros” (TEIXEIRA, 1986, p. 6).

No ano de 1928, devido a rebeliões da Coluna Prestes, que invadiu o comércio de seu pai, Maximiano da Mata volta à Natividade. “Parte de Salvador a Natividade. Seu pai fora despojado da frota de quarenta e dois animais carregados com as mais diversas mercadorias de sua loja em Natividade” (Ibidem, p. 7).

Em 1929, Maximiano mudou-se para a Cidade de Goiás para prosseguir seus estudos, ele foi aprovado no curso de Direito e em 1931, é nomeado pelo Interventor Pedro Ludovico Teixeira para o cargo de professor, para trabalhar no Grupo escolar de Pouso Alto, atualmente cidade de Piracanjuba. É imprescindível acrescentar que o pai de Maximiano da Mata atuava como político importante e foi um grande colaborador do Interventor Pedro Ludovico Teixeira, na Revolução de 1930. O que

remete à interpretação de que as indicações de Maximiano da Mata aos cargos públicos ocorreu de maneira a agraciar o pai, aliado de Pedro Ludovico Teixeira.

Este fato confirma as conclusões de Miceli (1979), ao assegurar que na gestão de Vargas, assim como dos antigos políticos da primeira república, existe indícios de que as indicações a cargos públicos estavam destinadas a seus aliados, conforme ocorria nas administrações anteriores. O que contraria a proposta inicial levantada como bandeira na revolução de trinta, que indicava o concurso como critério para preenchimento das funções profissionais e que dependeriam somente do saber por meio do diploma.

O capital cultural sempre foi um argumento de orgulho utilizado por Amália Hermano Teixeira em seus discursos; a obstinada frequência com que a autora ressalta as profissões e cargos de pessoas de seu convívio, remete a interpretação da importância deste aspecto para a autora. Essa constância de substanciar a formação cultural fica muito explícita, que ao descrever o ciclo de amizades de Maximiano da Mata, elabora-o de maneira a dar relevo aos cargos e funções dos amigos:

Teve por colegas de turma o hoje famoso romancista Jorge Amado, o economista e empresário Paulo Peltier de Queiróz, o ex-ministro Antônio Balbino de Carvalho, o médico e botânico Alexandre Leal Costa, o ex-deputado Antônio Vieira de Melo, o médico José Antônio do Vale Filho, o pintor e médico José Mirabeau Sampaio, o ex-deputado Henrique La Roque de Almeida, o médico Lauro Joaquim de Araújo, o desembargador Renato R. da Cruz Mesquita, o ex-governador de Sergipe, José Rollemberg Leite, o engenheiro agrônomo e botânico Antônio Franco Filho, o engenheiro Roberto Sinay Neves, Esmaraldo Ramaccioti, Victor Maron, entre outros (TEIXEIRA, 1986, cronologia).

Por este fato, percebe-se que, a intenção de Amália Hermano Teixeira ao constituir-se enquanto intelectual foi algo pensado, sistematizado e sua relação com Maximiano da Mata fortificou este intento, ao compreender que a formação e atuação dele abriu-lhe espaços e reconhece-o como grande incentivador e escritor:

Maximiano da Mata Teixeira, autor da orelha de Fragmentos do Passado, revela, de corpo inteiro, a figura de Claro Augusto Godoy. Alinhando-o na vanguarda dos goianos portadores de folha dos maiores serviços prestados a Goiás e à sua gente, o focaliza como jurista e escritor, mestre emérito, deputado federal, jornalista atuante e destacado genealogista (TEIXEIRA, 1993, p. 99).

O desfecho da relação amorosa entre Amália Hermano Teixeira e Maximiano da Mata ultrapassou uma história romantizada e poética, para as grandes conquistas

tanto de Maximiano da Mata, quanto de Amália Hermano Teixeira; sendo que Amália teve todo o apoio do esposo para tornar-se uma mulher reconhecida como profissional, que não se limitou ao papel de esposa de desembargador, mas também construiu por si própria uma história de contrastes, aperfeiçoamento pessoal, lutas e de grandes realizações.

Amália Hermano Teixeira teve em Maximiano da Mata, não um abrigo apenas, mas um companheiro, como a própria autora o traduz, e, assim, ao aproveitar as oportunidades que lhes foram inseridas, constituíram-se enquanto sujeitos de seu tempo, sujeitos de suas histórias.

Esse companheirismo do casal pode ser observado pelas imagens que se seguem, em que se encontram retratados em diferentes contextos. A primeira imagem retrata Maximiano da Mata acompanhando Amália Hermano Teixeira, na segunda imagem ocorre o inverso; Amália Hermano Teixeira em companhia do marido em um evento do Tribunal de Justiça, ressalta-se, assim, a convivência de ambos à participação social.

Figura 10 - Foto de Amália e Maximiano da Matta em Congresso de Botânica - 1984



Fonte - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury

Figura 11 - Foto de Amália Hermano Teixeira e membros do Tribunal de Justiça - 1966



Fonte - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury.

3.3 AS PUBLICAÇÕES E INTERESSES DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA: PROCESSO DE ACULTURAÇÃO NOS DISCURSOS

Destacada, também, como jornalista, a professora Amália Hermano Teixeira “jornalista do Departamento Estadual de Propaganda e Expansão Econômica de Goiás” (TEIXEIRA, 1993 - cronologia) publicou em vários jornais e revistas, em especial na *Revista Oeste* (1942/1945) e na *Revista de Educação* (1959-1962), além de obras como: *O curioso caso da Escola Normal Oficial* (1946), *Reencontro* (1981), *Escritores em ação* (1986), *Dois anos sem Maximiano* (1986), *Perfis* (1993) e seu livro póstumo, que explana toda a sua história como pesquisadora e historiadora.

Por meio destas publicações, foi possível fazer uma leitura da autora, uma compreensão dos interesses presentes nos discursos formulados e compreender suas narrativas, interpretar o lugar de onde falava e quais foram os interditos e não ditos que cercearam seus relatos.

Compreende-se, a partir das pesquisas realizadas e das leituras feitas, que os discursos de Amália Hermano Teixeira são substanciados por um tempo histórico

que supervalorizava o fazer, a produção e nestes discursos constata-se uma forma de pensar, de justificar e até mesmo de elogiar.

O discurso de Amália Hermano Teixeira concentrava-se sempre em apresentar as qualidades de seus descritos, evidenciava pessoas importantes socialmente e pessoas que apresentaram importância pessoal para ela. Nos seus escritos, sempre existiu a motivação de apontar elogios, muito característicos com o fazer, com o trabalho, com o discurso de *homo faber*³², característico daquele momento histórico.

Miceli (1979) caracteriza essa prática usual dos intelectuais que viam a época, como a oportunidade de obter pelas circunstâncias materiais e institucionais, o desenvolvimento de projetos intelectuais, conciliando-os com encargos em serviço público:

Seja como for, um número considerável de intelectuais teve condições materiais e institucionais para conciliar seus encargos no serviço público com seus projetos intelectuais, meta que se revelou tanto mais viável à medida que o Próprio estado foi se tornando uma instância decisiva de difusão e consagração de obras produzidas em tais circunstâncias (MICELI, 1979, p. 132).

Nesta ótica, compreende-se que Amália Hermano Teixeira faz parte deste grupo de intelectuais, que aproveitou-se das oportunidades oferecidas para fortalecer-se como profissional atuante e ativa na realização de todos os seus propósitos profissionais. Esta característica fica bastante explícita na entrevista de Bento Curado (2017), quando ele mencionou as peculiaridades de Amália: “Era uma pessoa séria, comprometida; comprometida com horário, levantava cedo, tomava o café dela e já ia trabalhar. Eu quando trabalhava com ela, já chegava a casa dela e ela já estava trabalhando” (CURADO, 2017, entrevista).

Nota-se nos seus discursos que estas oportunidades são distinguidas pelo contínuo processo de exaltação da atividade de produzir:

Ela não tinha tempo. Muitas vezes, quando estávamos trabalhando na casa dela, ela ficava irritada, pois tinha muita gente chamando, pessoas querendo conhecê-la, ou a mídia para algum evento e ela dizia que não tinha tempo, que não conseguia produzir (CURADO, 2017, entrevista).

³² O homo “faber” neste cenário, ressalta-se, sobre o preocupado com o fazer, com a prática, com a experiência. Vindouro do contexto burguês advindo da revolução Francesa e industrial. Cf. SOUZA; 2013. *O homo faber segundo Hanna Arendt*. Ver referências.

Respeitando esse processo histórico que Amália Hermano Teixeira se constituiu, busca-se por meio de seus discursos compreender suas intenções, interpretar que cada tempo histórico que Amália Hermano Teixeira produziu, atendeu a uma demanda específica, a um leitor específico, contudo, na somatória de suas obras existe uma significativa vertente de interesses em registrar historicamente sua vida e a sua participação atuante da história goiana.

Este objetivo fica nítido quando Amália Hermano Teixeira, em publicação da própria biografia indica claramente suas produções no livro *Escritores em ação! Trinta anos de atividade cultural (1986)*. Nesta obra, a União Brasileira de escritores evidenciou seu objetivo de homenagear a atividade cultural de muitos intelectuais, entre eles Amália Hermano Teixeira; sendo que o livro traz em sua apresentação o seguinte prefácio:

Os dados biográficos aqui contidos foram fornecidos pelos próprios homenageados e a União Brasileira de Escritores de Goiás, programou a presente publicação como forma de reconhecimento pelos seus trinta anos de atividades cultural. Goiânia, junho de 1986 (UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DE GOIÁS, 1986, p. 8).

A obra apresenta da página 15 a 25, todo o curriculum *vitae* de Amália Hermano Teixeira escrito pela própria autora e contendo desde seus dados pessoais como data de nascimento, filiação, estado civil, casamento, carteira de identidade, título de eleitor, local de trabalho com número de identificação e série, a cursos realizados pela autora, lugares que frequentou e as publicações realizadas.

Nota-se que esta obra objetivava a caracterizar cada intelectual ao propiciar um registro mínimo das realizações, da participação no cenário goiano de cada intelectual homenageado pelo livro para que este pudesse servir como fonte de consulta para futuras pesquisas.

Entretanto, tem-se a compreensão de que a publicação deste trabalho não representava uma simples homenagem, mas também, uma forma de registrar a história e a participação dos intelectuais biografados. Constatou-se que ocorre no livro um empenho daqueles intelectuais em “preservar e ampliar sua presença tanto no campo das instituições políticas como no campo da produção cultural” (CÂNDIDO, 1979, prefácio). Amália, assim como grande parte dos intelectuais daquele momento histórico, utilizou-se destes mecanismos para registrar suas propostas, seus intentos e sua auto promoção.

Outra característica marcante de Amália Hermano Teixeira corresponde ao detalhismo, tendo-se assumido como detalhista ao escrever e publicar o livro “*Perfis*” (1993); fez desta obra um registro de suas especificidades, ao caracterizar cada participação em eventos e contribuição de sua pessoa ao Ensino de Goiás e de suas próprias lembranças, conforme afirma Maurice Halbwachs (2004) as lembranças individuais estão interligadas a interferências coletivas de contextos já vividos que representam nossas lembranças, assim, uma memória nunca é individual, mas sim coletiva.

Compreende-se que o fato memorizado difere do ocorrido, pois o indivíduo em si e nenhuma entidade social pode se lembrar efetivamente; senão, pela presença ou a evocação e nesse sentido, pela assistência dos outros ou de suas obras (HALBWACHS, 2004, p. 24).

Ao fundamentar-se nesta compreensão de Halbwachs (2004), para analisar as publicações de Amália Hermano Teixeira, compreende-se que o que se pode abstrair de suas memórias são nuances que permitem assimilar e assim criar referências de sua experiência, aquilo que ela representou para o momento vivido.

Sobre este momento vivido por Amália Hermano Teixeira ao retratar no Livro *Perfis (1993)*, pessoas que marcaram sua vida e que diretamente ou indiretamente contribuíram para a sua formação pessoal, institucional, ao mesmo tempo, a autora traz à tona momentos que ela vivenciou, retratando informações e homenagens.

Nesse cenário, ao fazer homenagem a Claro Augusto de Godoy, Amália Hermano Teixeira relatou sua vida na infância, ainda na antiga Capital:

Recuo no tempo e no espaço [...] Bem defronte, figuras importantes diariamente trocam ideias. Entre elas víamos o doutor Claro [...] Eurico Perillo, mais que amigo, era conselheiro de papai, irmão de maçonaria, meu padrinho de formatura no Lyceu (TEIXEIRA, 1993, p. 93).

Relata-a, também, quando se encaminhou a contar a história de Juvenal Rodrigues, primo de Amália Hermano Teixeira e morador de Natividade, a autora evocou lembranças de um tempo antigo, que lhe causou saudades:

Tio Dodô fazia de quase tudo em Natividade. Promotor Público, praticava a medicina, à falta de médicos socorrendo os doentes, receitando, ele mesmo aviando as receitas; marceneiro fino, deixou belas peças torneadas; aprendeu fotografar, montando seu laboratório de revelação. Revejo, emocionada, os retratos antigos, que papai deixou sob a guarda de mamãe, em que aparecem vovô, já sem vovô, com seus cabelos lisos e fartos apanhados em um coque preso pelo rente preto francês que jamais abandonou [...] Olha lá o Juvenal, pequenino, perto dos rapazes, descubro

em outro retrato. A roupinha tipo marinheiro, a calça no meio da canela e os borzeguins muito alinhado[...] Juvenal produziu e produz ainda trabalhos maravilhosos em ouro e também em prata, faz coroas para imagens religiosos [...]Todas as obras são realizadas em ouro de 22 quilates (Ibidem, p. 218- 219).

Ainda, nesta lógica, a autora mencionou sua mãe, seu marido Maximiano da Mata e tantas outras pessoas que de maneira declarada, considerou como pessoas especiais e que de alguma forma contribuíram para a formação pessoal, profissional e cultural de Amália Hermano Teixeira.

Nesta concepção e no entendimento de que segundo Skinner “Toda ação historicamente significativa deve ser reconstruída tendo em vista o pensamento do agente que a efetuou” (SKINNER, 1966, p. 267 apud SILVA, 2010, p. 306), compreende-se que nas publicações realizadas por Amália Hermano Teixeira, ela relata sua vida cultural e suas projeções como intelectual. Essa ideia está evidente na obra *Perfis*.

Ainda na mesma obra, na época de 1936, Amália Hermano Teixeira relatou sua participação na semana ruralista que ocorreu em Anápolis e esclareceu que a partir daí, foi influenciada a participar deste projeto; sendo a representante de Goiás a cursar a Universidade Rural no Estado do Rio de Janeiro.

No mesmo livro, Amália Hermano Teixeira menciona o professor Felicíssimo do Espírito Santo, por quem teve admiração e respeito e de quem herdou as influências que julgou ser escolanovistas, que posteriormente desenvolveu como professora na Escola Normal Oficial:

-Vamos, quero ver a oração principal.
Indicador em riste, voz firme, profunda, musical, o professor Felicíssimos interpelava o primeiro aluno na sua aula particular na velha Goiás [...]
Depois pedia as subordinadas e as coordenadas.
-Você, nomeava outro grupo.
\resposta errada ou nenhuma, apontava o seguinte.
-Certo, certo, muito bem, passe a frente.
Era aquela movimentação, estímulo constante, ensino dinâmico, ativo, escola nova. [...]
Professor Feliciano, com método próprio, inteligência, senso de humor, rigoroso mas profundamente humano, através da análise lógica, ensinou a turmas e turmas de jovens o regime verbal, a construção correta da frase, os muitos segredos da língua portuguesa.
Não se limitava a isso. Destacava um aluno, cada semana, para discorrer sobre assuntos que os demais também preparavam para apertar o orador. Conduzia-nos ao campo da poesia [...]
No jornalismo, o professor Feliciano brilhou, igualmente. Em Itaberaí, onde viveu muitos anos, redigia os artigos de fundo do jornal “O Itaberaí”, tendo ali fundado uma associação esportiva (TEIXEIRA, 1993, p. 133, 134, 135).

Outros fatores relevantes quanto à participação ativa de Amália Hermano Teixeira estão registrados, também, nesta obra, sendo que a autora sobleva a vida de algumas pessoas cinquenta e três (53) citadas especificamente e com menções à atuação e participação social dos personagens citados.

A obra vislumbra desde autores reconhecidos e que estão caracterizados como tendo exercido influências na formação e atuação de Teixeira, como o caso do deputado Alberto Torres (1865-1917); a quem a autora dedicou cinco páginas, o que leva a compreender a sua verdadeira admiração pelo trabalho desenvolvido deste Deputado, e sobre quem a autora formulou um discurso que enaltece seus ensinamentos que considerava presentes em sua prática, mas ao mesmo tempo, asseverava que pelos dados de nascimento e morte, Amália Hermano Teixeira não conheceu pessoalmente Alberto Torres; contudo, ela descreveu-o como se fossem amigos.

Percebe-se esta influência no próprio discurso da autora:

Alberto Torres, profundo conhecedor de nossa gente e de nossas coisas, entrega-se definitivamente a um plano de organização nacional, mostrando aos brasileiros a situação de descalabro em que se encontra o país, apontando-lhe claramente os meios de se evitar o negro futuro a ele reservado[...]

É de se admirar que as ideias de Torres não fossem compreendidas e concretizadas ao tempo de sua vida.[...]

Por que a Nova orientação do ensino, orientação que não é mais Nova, pois seguida pela grande massa dos professores conscientes, não admite o professor que não interessa pela vida do aluno e imita seu trabalho à obrigação das aulas, sem orientar, sem estimular, antes cultivando-lhes a ignorância e matando nele a fé na sabedoria humana.

Não basta ao professor transmitir belas teorias às alunas, falar de métodos e processos modernos; necessários se torna praticá-los.

Bem disse Alberto Torres: Precisamos educar o nosso povo na arte varonil de transformar ideias e sentimentos em atos” Em matéria de educação, melhor aplica essa exigência. (TEIXEIRA, 1993, p. 01-04, grafia no original)

Ao contrastar situações imaginadas mas não conhecidas pessoalmente, com pessoas da vivência diária, mas sem grandes representações sociais, Amália Hermano Teixeira fez uma dedicatória a sua mãe dona Archângela descrevendo a importância da versão familiar ao confirmar a sua forma de criação, tendo o valor ao trabalho como forma de dignificação do ser humano. “Estudo entrosado com trabalho, agrado de mistura com rigor influíram na sua formação” (ibidem, p. 58).

Com muito carinho e de forma até poética Amália Hermano Teixeira descreveu a imagem da mãe, mas sempre reforçando suas qualidades de mulher pronta a trabalhar:

Porte gracioso, leve, pele alva, rosada, faces singularmente suave iluminada por olhos mansos e sorriso franco. Passos ligeiros, ela procura a fonte da Praia em terras nativianas, embevecida pelo canto alegre da passarada. O caminho de terra batida está enfeitado por emaranhadas trepadeiras com flores roxas [...]

Esta a primeira lembrança dela[...] encanto e ternura fundindo-se a imagem indelevelmente calcada na cera virgem de memória infantil.

[...] Depois a grande marcha para o sul [...] compreensão e renúncia a tudo que **não fosse o trabalho, amor e dedicação de uma mulher**. Eis o amálgama, sob cuja benéfica influência cresceram e foram educados cristãmente meia dúzia de meninas e três garotos.

Lado a lado com o companheiro- protetor e mantenedor do fogo sagrado da família [...]

Entregue a tantos e múltiplos afazeres, ela dispensa aos filhos assistência reclamada pelo temperamento de cada um (ibidem, p. 57)

Repara-se a importância dada ao trabalho, quando Amália Hermano Teixeira caracterizou a mãe como uma mulher honrada, dada ao trabalho, que apesar de todas as dificuldades que envolvia a família, encontrava sempre pronta a servir a cuidar e que lhe serviu de exemplo:

Com ela as moças aprendem a ser gentis, bem cuidadas, sem caírem na futilidade[...] ela assume o comando, fazendo com que, dia por dia, hora por hora, minuto por minuto, **cada um compreenda o valor do trabalho-dignificante qualquer seja ele-** a virtude da obediência, o mérito do dever cumprido, o respeito dos maiores [...]

Sob o calor da afeição e força do exemplo, os filhos aprendem com ela [...]

Escrevi estas páginas em 1961. Lendo-as na Rádio Brasil Central, Pimenta Neto, um dos pioneiros da radiofonia de Goiás, abriu expressivo programa comemorativo do Dias das Mães, a 14 de maio.

Quanta coisa aconteceu nesses vinte e um anos (Ibidem, p. 58)

Há uma identificação na obra *Perfis* com um processo de auto reconhecimento da própria autora, ao relatar suas experiências vividas e/ou planejadas, a fim de que se compreenda a sua trajetória, pois o livro não está organizado em um cronograma de acontecimentos, mas em ordem alfabética, caracterizando assim uma organização característica da autora.

Já na obra *Escritores em Ação*, publicado em 1986, a autora assumiu-se como profissional do ensino e construiu um discurso da sua atuação. Como professora atuou em muitos movimentos em prol da Escola Nova em Goiás e participou ativamente de congressos e conferências, proferiu palestras, publicou diversos artigos em jornais e revistas relacionados à educação e também em outras

áreas, como Botânica, História do Brasil, Biografias de personalidades do Estado de Goiás, conforme exposto em sua biografia:

A Professora Amália Hermano Teixeira publicou numerosos artigos em revistas e jornais de Goiás e do País, tendo no prelo HISTORICO DE GOIÁS (4 volumes) e PERFIS (biografias). Mantém seção permanente sobre a história de Goiás e ecologia na revista PRESENÇA, dirigida e editada pela jornalista Consuelo Nasser. (UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DE GOIÁS, 1986, p. 21).

Interessante observar que Teixeira, no livro já escrito em 1986, ainda fazia referências à Escola Nova e a sua participação no processo escolanovista em Goiás; também fez grandes promoções em relação a sua participação no ensino rural, o que destaca o mesmo envolvimento escolanovista, entendendo que o ensino rural em Goiás, caracterizou-se em uma proposta escolanovista.

Quanto ao ensino rural, a autora indicou em sua biografia, destacada participação na constituição dos grupos agrícolas e participação nos congressos sobre Ensino rural, já em uma proposta advinda da Escola Nova:

Com o Agrônomo Manoel Alves de Almeida, instalou a Escola Profissional de Rio Verde, sudoeste de Goiás. Pioneira do Ensino Rural em nosso estado, chefiou o serviço de clubes Agrícolas Escolares, em tais atividades pondo em prática conhecimentos hauridos em 1936 no curso feito na Universidade Rural Brasileira. Teve destacada atuação no Primeiro Congresso Estadual de Educação, instalado em Goiânia a 29 de Outubro de 1937, apresentando trabalho sobre *Ensino Rural Brasileiro* (335-9 dos anais, 1944). Já era ela catedrática por concurso de Geografia da antiga Escola Normal Oficial, hoje Instituto de Educação de Goiás (Ibidem, p. 16,17).

Outro ponto relevante no livro *Escritores em Ação*, são os registros sobre as publicação de Amália Hermano Teixeira durante as décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960. Sempre partícipe da cultura, produziu diferentes textos em diferentes jornais, ao manifestar-se sobre a Educação rural, a participação dos professores no ensino e a sua admiração ao governo.

Nas publicações na década de 1930, Amália Hermano Teixeira referia-se ao contexto a que Goiás estava inserido, como a construção da Nova Capital; as mudanças na educação que apresentavam novas propostas de estudo, entre elas a implantação dos grupos agrícolas; Também fez referência a Pedro Ludovico Teixeira e sua atuação como governador:

Um estudo sobre Goiás - A velha e a nova Capital, conferência proferida na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, Minas Gerais, em junho de 1936, publicado no jornal "A Nota", (rio), dirigido pelo jornalista baiano Geraldo

Rocha. Os atuais programas de ensino e o clube agrícola- situação da escola primária- Correio Oficial, órgão dos poderes do Estado de Goiás, 1ª pág.03 de outubro de 1936. Ensino Rural, em “O Tocantins”, dezembro de 1936. Palestra sobre a proclamação da República, pronunciada no Colégio Batista de Natividade, Goiás, em 15/11/1938. Saudação a Pedro Ludovico Teixeira (1938) (Ibidem, p. 21).

Já na década de 1940, Teixeira mencionou a participação nos congressos e focou seus escritos sobre o ensino, no amor à natureza e à consolidação dos clubes agrícolas. Este período foi em que a autora se destacou com participações assíduas na revista Oeste, entre outros. Esta revista foi um instrumento importantíssimo para a consolidação do projeto nacionalizador de Getúlio Vargas em Goiás. Para a análise deste período, utilizou-se das seguintes publicações:

O VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação cultural para Goiânia, revista “Oeste”, ano I, nº5 de julho de 1942, p.15/16/1943.
Amigos da Natureza, revista Oeste, ano II, nº * setembro de 1943, pp3-4.
Sobre o Convênio Nacional de Ensino Primário, no correio de 11/09/1943.
Semana da Arvore em Goiânia, Reportagem no correio oficial, de 29/09/43.
[...] Orientação Vocacional “Revista Oeste”, ano III, nº15 de abril 1944, pp.7-8.
Clube Agrícola Couto Magalhães, em “Folha de Goiás”, de 14/05/1944.
Professores de 1935 comemoram 10º aniversário sua formatura- “O estado de Goiás”, ano 13, n.1127, de 19/12/1945, 1ª p. [...] O Curioso Caso da Escola Normal Oficial- a história de uma injustiça, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda., 1946, São Paulo, 90 pág. [...] Um plano para ruralização do ensino em Goiás – Uma superintendência do ensino Rural em Goiás. “Imprensa Oficial”, Goiânia, 1947. Movimento Unificador dos estudantes do estado de Goiás, em “Unificador”, maio-junho de 1947 (Ibidem, p. 21- 22).

Importante acentuar que foi também na década de 1940, mas expressivamente no período de 1944 a 1946, que Amália Hermano Teixeira desentendeu-se com a diretora da Escola Normal Oficial, Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. Desta discórdia (que nos permite interpretar como uma briga por hegemonia política, pois ambas utilizavam o mesmo discurso escolanovista e eram pessoas de confiança do então governador Pedro Ludovico Teixeira), surgiu o livro *O Curioso caso da Escola Normal*, em que é evidenciado pelo ponto de vista de Amália Hermano Teixeira, todo um processo educacional que estava instaurado naquele tempo histórico, retratado no primeiro capítulo deste trabalho.

Na década de 1950, Amália Hermano Teixeira já estava afastada da Escola Normal Oficial, passou a trabalhar como articuladora de propaganda da Secretaria Estadual de Educação, cargo que segundo Curado (2017), foi criado especialmente para Amália Hermano Teixeira, devido ao fato do governo gostar muito das duas

professoras, Amália Hermano Teixeira e Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. Então, o governador convidou Amália Hermano Teixeira para a Secretaria Estadual de Educação, permanecendo Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro na direção da Escola Normal e deste modo, mantendo sob controle o desentendimento das duas professoras. Esse assunto é destaque na obra de Teixeira, que será discutida posteriormente.

Nota-se em registro de sua biografia publicada no livro *Escritores em Ação*, que as publicações de Amália Hermano Teixeira nesta década tomaram outros nichos:

Liderança e Educação na Revista "Atualidades Pedagógicas" junho-agosto 1952. A Escola Profissional do Rio Verde e os Novos Técnicos Agrícolas (FOLHA Rural) ano I, nº 9, dezembro de 1952. Saudação ao escritor Jorge Amado, durante o 1º Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia, de 14 a 18/02/54, e apresentação ao plenário de uma proposição de assistência aos clubes agrícolas escolares por parte da união e dotação orçamentária para a construção de Escolas Normais Rurais, em 17/02/54. [...] Saudação aos organizadores do II Congresso Nacional de Educação de adultos, janeiro de 10/07/58. Discurso da saudação ao Ministro Gustavo Capanema, paraninfo da sua turma (1944), faculdade de Direito de Goiás, proferido em 01/09/1959 (UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DE GOIÁS, 1986, p. 22).

Na obra *O Curioso caso da Escola Normal Oficial* publicado em 1946, Amália Hermano Teixeira passou a utilizar de seu capital social para tal divulgação, no entendimento que ela já era advogada, o que lhe oportunizou condições de publicar tal obra, o que não seria possível em outras condições.

Quanto à ousadia de tal afirmação, baseia-se não nos custos materiais daquela publicação, mas na compreensão de que Amália Hermano Teixeira e Maximiano da Mata poderiam tranquilamente ter condições financeiras para tal prodígio, mas refere-se às possibilidades de circulação e de tal obra.

A obra é pautada claramente para dar uma explicação à sociedade, organizada, formalmente por meio de um discurso sistematizado e oriundo do meio jurídico, para convencer os leitores de que todas as ações de Amália Hermano Teixeira em relação à contenda com Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro foram legítimas. O livro é uma resposta às declarações que a professora Ofélia Sócrates Monteiro do Nascimento tinha publicado no jornal *O Popular*, ao desmerecer as funções exercidas pela professora Amália Hermano Teixeira.

Esta contenda, como anteriormente explicitado, representou uma disputa pela posição de poder junto ao governo, que se traduziu em diferenças de postura na sala de aula e em enfrentamentos políticos e sociais publicamente declarados.

Bento Fleury Curado apresentou a sua versão desse fato:

Com o passar dos tempos, foi fazendo cursos, (fez o curso de Direito mais tarde) e passou a trabalhar no Ensino Secundário, lá na Escola Normal, que se tornou o Instituto de Educação de Goiás. Os diretores com quem ela trabalhou foram: José Lopes Rodrigues e a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, a qual ela teve aquele problema, a briga entre Amália e Ofélia. Ela foi uma professora pesquisadora. Tinha uma didática escolanovista- isto foi na época inovadora, dava aulas práticas. Ela era professora de Geografia. Amália não entendia uma Geografia no gabinete, na sala de aula. Entendia Geografia campo. Então, ali, onde hoje é o Setor Universitário, Vila Nova, Nova Vila; todos aqueles setores onde o Instituto de Educação está localizado, Amália saía em aula campo com suas alunas, aulas práticas, essas aulas eram para mostrar em loco as alunas conteúdos como meio ambiente, cerrado; inclusive conteúdos que não estavam nem no currículo. Por isso que a professora Ofélia brigou com ela, acusou-a (CURADO, 2017, entrevista).

Estas disputas geraram para Amália Hermano Teixeira outras oportunidades; tendo sido convidada para trabalhar no Departamento de Propaganda da Secretaria de Educação do Estado, cargo que mesmo após o término do governo de Pedro Ludovico Teixeira, continuou exercendo.

No entanto, em relação aos discursos implícitos e explícitos nesta obra, percebe-se que Amália Hermano Teixeira valeu-se de seus conhecimentos na área de direito para fazer a sua defesa e utilizou-se dos mais amplos e astutos discursos. Ela referiu-se a incompetência da diretora em realizar ações de falta:

2º Incompetência da Diretora. Mesmo, no entanto, que tal processo houvesse sido instaurado e se tivesse apurado qualquer falta atribuída à recorrente, incompetente era a diretora, dona Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, para aplicação de pena de suspensão. Já na antiga Introdução do Código Civil Brasileiro ficará estatuído: **Art. 4º- A lei só se revoga ou derroga por outra lei, mas a disposição especial não revoga a geral, nem a geral revoga a especial, senão quando ela, ou ao seu assunto se seguir, alterando-a explicita ou implicitamente** (TEIXEIRA, 1946, p. 16, grifos no original).

Em seguida, Amália destaca outros pontos marcados pela então diretora e dá novamente a sua resposta, construindo um parâmetro para que os leitores possam fazer suas interpretações e compreender o processo ocorrido:

DE MERITIS

“Considerando que a professora Amália Hermano Teixeira (da Cadeira de Geografia, Coreografia e Cosmografia) é desidiosa no cumprimento

de seus deveres, faltando às aulas sem motivo justificado, tendo agora passado 29 dias (24 de julho a 21 d agosto) fora do exercício do cargo e afastada desta cidade simplesmente para passeio, que não se interessa pelo aproveitamento das alunas, chegando quase sempre atrasada às aulas;” Nada menos verdadeiro. Além de a catedrática de Geografia, Corografia do Brasil e Cosmografia, no exercícios de suas funções, imprimir e orientar pedagogicamente, melhorando o programa dessas matérias, remotamente elaborado, pedindo material necessário para melhor objetivação do ensino, tomou a si a tarefa de ministrar as alunas da Escola Normal Oficial, lições práticas [...] Para tal fim, tem ela promovido excursões [...] Durante a Semana da Árvore, levou a recorrente a efeito um verdadeiro trabalho de socialização, reunindo em sessões especiais, e em diferentes estabelecimentos de ensino [...]

A recorrente consegue, então, com o Exmo. Senhor Interventor Federal, sempre solícito em atender aos pedidos que visam beneficiar a coletividade, terreno apropriado para o clube aludido. [...] É deveras estranho que uma professora que assim se interessa pelo aproveitamento das alunas, pela vida social da Escola, estendendo sua ação fora do âmbito do estabelecimento, se aplique o epíteto de *desidiosa*, e que à mesma se chame de *desinteressada* pelo aproveitamento das alunas (Ibidem, p. 20, 21, 22, grifos no original).

Na compreensão desenvolvida em todo curso da obra em destaque, ressalta-se esse diálogo que Amália Hermano Teixeira faz com o leitor, ao se utilizar das acusações da diretora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro e ao mesmo tempo respondendo-lhe ao justificar o desmerecimento de tais acusações.

Neste movimento, a autora utiliza-se de linguagens variadas e específicas ao seu campo, acentuando seu capital cultural e sua rede social, no convívio com o então Interventor Federal Pedro Ludovico Teixeira e outros importantes políticos da época, a fim de concretizar sua prerrogativa de profissional envolvida no contexto social e cultural.

Constata-se que Amália Hermano Teixeira ancorada pelo capital social, cultural e financeiro, esteve inserida na luta pelo poder político e fez uso de suas produções para se manifestar neste cenário.

3.4 A PROFESSORA AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA E AS PRÁTICAS DE ENSINO ESCOLANOVISTAS

Amália Hermano Teixeira, mesmo realizando diversas atividades, constituiu-se profissionalmente enquanto professora, primeiramente primária normalista, depois, professora secundária na Escola Normal Oficial e após, no IEF e na UFG.

Constata-se que as práticas pedagógicas utilizadas por Amália Hermano Teixeira ultrapassam as propostas implantadas na época; até mesmo por muitos

professores considerados escolanovistas, pois Teixeira compreendia a educação para além dos muros escolares; ela buscava implantar em suas aulas todo o seu conhecimento historicamente construído, com bases nas proposições da Escola Nova, mas também buscava ir além, quando aplicava em suas ações, suas próprias interpretações que se entendia por ensino ativo por meio da experiências.

Teixeira acreditava que o ensino deveria ser ativo, prático, para além da sala de aula e tal fato está bastante explícito em seus discursos e práticas, que a aprendizagem deveria ocorrer por meio da experimentação, da pesquisa, do contato que é possibilitado a partir do sentido e do construído.

Essas concepções somadas à preocupação com um saber baseado no conhecimento aprofundado na técnica e no detalhamento, constitui-se em sua proposição de um ensino escolar pautado nas propostas da Escola Nova, tantas vezes citada em suas publicações, intentando enfatizar e explicar seus fundamentos e as ações pedagógicas dela decorrentes. Neste âmbito vale a consideração de Silva (2010) sobre o Contextualismo Linguístico: a linguagem representa o pensamento já intentado, planejado, as grafias e a linguagem representam um cenário dentro de regras que o autor não tem como se desvincular.

Em um caderno com planos de aula elaborado por Amália Hermano Teixeira em 1940, quando ela era professora na Escola Normal Oficial, em turmas de 3.^a e 4.^a séries do Curso Normal e no livro autobiográfico de 1946; obra já discutida, confirmam esta afirmação:

Mesmo distante da Escola onde, como professora, dei tudo o que lhe podia dar, em dedicação e esforços, continuo e continuarei a batalhar pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino goiano. A campanha que sofri, as injustiças que padeci, longe de me fazerem desertar, constituem motivo para que, retemperada, continue na minha cruzada da Escola Nova contra a Escola Antiga (TEIXEIRA, 1946, p. 8).

De temperamento ativo, Amália Hermano Teixeira sempre destacou-se em todas as funções que exerceu. Quando envolvida em seus projetos abarcava-os de tal maneira que não media esforços para pôr em prática suas ideias. Sua irmã Rosinha Hermano mencionou que Amália Hermano Teixeira sempre buscava realizar suas propostas e que lutava para obter aquilo que julgava importante.

A representatividade de Amália Hermano Teixeira não se restringia às suas ações profissionais, conforme exposto em reportagem da *Revista Educação* sobre o II Congresso Nacional de Educação de Adultos:

Honrada com a escolha de meu nome pelo dr. Wilson Lourenço Dias, titular da Secretaria da educação, para representar Goiás no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, levei para o Rio os dados relativos ao Serviço estadual. Agradeço à srta. Maria Dolly Félix de Souza, então Diretora do Departamento estadual de estatística, e ao Sr. Manoel Paulino da Costa, do Setor de Administração do SEA, os informes e quadros estatísticos que me forneceram dentro de poucas horas, e que muito me serviram no desempenho de minha missão na Capital da República. (*REVISTA EDUCAÇÃO*, 1959, p. 36).

Em outro trecho da reportagem, a autora descreve os benefícios advindos da participação do Estado no Congresso e das benfeitorias recebidas do MEC para contribuir com a realização das necessárias mudanças na educação do Estado, ao mencionar uma ação característica dos escolanovistas que era a utilização de projetores e filmes para a implantação do projeto cinema educativo:

Da parte do Departamento nacional de Educação do MEC tive a satisfação de trazer para a Secretaria de Educação de nosso estado dois Projetores OTT BEM DER, 2 coleções de Diafilmes e folhetos instrutivos. E no Instituto de Educação cada uma de minhas alunas e mais detrás séries e mesmo as do curso ginásial se transformaram em voluntárias da campanha pela elevação do nível cultural do povo goiano. Alistaram-se na campanha <de mais um>, pois tomarão a si a educação de um adolescente ou adulto, recebendo do Ministério da educação o material didático necessário. Com o apoio do governador José Ludovico de Almeida, o secretário da Educação e Cultura, dr. Wilson Lourenço Dias, faz circular esta revista, portadora de instruções ao professorado goiano e órgão divulgador de suas atividades profissionais (TEIXEIRA, 1959, In: *REVISTA EDUCAÇÃO*. 1959, p. 41).

Amália Hermano Teixeira integrou um grupo de discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nacional, lutou pela implantação de clubes agrícolas com o propósito de disseminar aos estudantes o gosto pelo ensino rural, considerada também uma característica marcante das proposições da Escola Nova. Em Goiânia, foi a fundadora do grupo agrícola da Escola Normal, como consta no relatório da Primeira Diretoria do Clube Agrícola “General Couto de Magalhães” da escola Normal oficial:

Tendo sido o Clube Agrícola ‘Couto de Magalhães’ fundado pela professora Amália Hermano Teixeira, Catedrática de Geografia, Corografia do Brasil e Cosmografia da Escola Normal Oficial, em 21 de setembro de 1943, como uma feliz consequência das atividades e estudos realizados pela ‘SEMANA DA ÁRVORE’ desse mesmo ano, a primeira levada a efeito no Estado de Goiás, fui, a 9 de maio de 1944, eleita Secretária dessa entidade educativa (TEIXEIRA, 1946, p. 66 grafia no original).

Outra característica marcante dos intelectuais escolanovistas que também esteve presente na trajetória de Amália Hermano Teixeira foi a busca intensa de publicar, tendo a utilização da escrita para propagar seus ideais.

Amália Hermano Teixeira publicou livros em diferentes circunstâncias: o livro- *O curioso caso da escola Normal Oficial*, (1946) - publicação resultante de sua desavença com Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. Amália Hermano Teixeira apresentou-se no livro como uma professora dedicada, voltada ao interesse de promover aulas dinâmicas e atrativas, respaldadas por lições práticas e que despertasse o interesse das alunas nas mais diversas práticas com a natureza. O trecho a seguir é escrito em defesa de sua própria pessoa:

Para melhor objetivação do ensino, tomou a si a tarefa de ministrar a todas as alunas da escola Normal Oficial lições práticas, despertando-lhes o interesse pelas coisas da natureza. Para tal fim, tem ela promovido excursões a hortos, chácaras, campos de experimentação; visitas a farmácias, estabelecimentos industriais, dessa maneira estimulando nas jovens o amor pelo, desenvolvendo-lhes espírito de cooperativismo e camaradagem, para melhor conhecimento e valorização de nossas riquezas naturais e do nosso progresso social (TEIXEIRA, 1946, p. 21).

Em contrapartida, no mesmo livro estão expostos os ofícios utilizados pela direção da escola, atestam as faltas da professora Amália Hermano Teixeira junto à escola, suas desobediências aos padrões impostos, gerados por divergências entre ela e a Diretora da Escola Normal. Tal fato permite, de acordo com a pesquisa de Brzezinski (2006)³³, conceber a ideia de que os professores da Escola Normal Oficial foram tocados pelo processo escolanovista; mas nem todos os professores concordavam ou eram adeptos deste movimento educacional, o que gerava todo um contexto de conflitos e interpretações diferenciadas quanto à disciplina, organização curricular, práticas de ensino, entre outros.

O livro *Reencontro*, publicado em 1981, retrata uma outra fase da intelectual e professora Amália. É uma obra de cunho biográfico, em que a autora faz agradecimentos aos bacharéis do Liceu de Goyaz, em comemoração aos 46 anos de sua diplomação.

³³ Conforme explicado em nota de rodapé nº 09, sobre a pesquisa da professora Iria Brzezinski, apresentada em Uberlândia-MG "Instituto de Educação de Goiás (1937-1972): O movimento instituinte - instituído" em 2006.

Em 1986, publica o livro *Dois anos sem Maximiano*; nessa obra Amália Hermano fez uma homenagem ao seu falecido marido, baseado em fotografias, cartas e memorandos recebidos na época de seu falecimento.

Em 1993, lança o livro *Perfis, pessoas que marcaram minha vida*, em que fez uma homenagem às pessoas que diretamente ou indiretamente foram importantes em sua vida.

Em 2011, foi realizado uma publicação póstuma *História de Goiás* organizado por Eleuzenira Maria de Menezes e Janete Romano Fontanezi, lançada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, que refere-se a uma pesquisa feita pela professora Amália Hermano Teixeira durante longos anos sobre a História do Estado de Goiás.

As produções que remetem à análise sobre a participação de Amália Hermano Teixeira no Movimento escolanovista foram publicadas na *Revista de Educação*, entre os anos de 1959 a 1962, quando a Revista tinha como diretora a própria Amália Hermano Teixeira.

A trajetória institucional de Amália Hermano Teixeira foi marcada por aulas dinâmicas, profundo carinho exposto por suas alunas e conflitos apresentados por colegas. A autora trabalhou na Escola Normal de 1937 a 1946. Sobre a escola Normal, Brzezinski (2006) explica que:

A trajetória da Escola Normal de Goiás foi semelhante à das demais províncias: extinta, reaberta, criada como apêndice do Liceu, e, finalmente, conseguiu sua autonomia em 1929. **Os professores goianos, desde os do jardim da Infância até os da escola Normal, foram tocados pelos princípios da escola Nova, e com o apoio dos paulistas realizavam inversões substantivas que iam desde uma nova concepção de professor e aluno até aos novos métodos de ensino;** procurou-se deslocar o eixo da questão pedagógica do professor para o estudante, dos conteúdos para os métodos e processos pedagógicos, do espaço para o interesse...Essa tendência pedagógica iluminou a reforma educacional em Goiás que caminhou da base do sistema educacional até a Escola Normal Oficial. Essa reconhecida como escola normal modelo para todo o território goiano, sofreu profundas modificações. [...] O ano de 1929 é o marco da independência do Curso Normal, consagrada pelo Decreto nº10.445/1929. Foi instalada definitivamente em 1930, em nova sede (BRZEZINSKI, 2006, s.p).

Assim, percebe-se que o contexto percorrido institucionalmente por Amália Hermano Teixeira, não corresponde a um contexto apenas de aplausos, mas refere-se a um cenário de lutas, intrigas e interesses, conforme apresenta os recursos

utilizados pela diretora da escola para caracterizar Amália Hermano Teixeira como professora:

1ºConsiderando que a **professora Amália Hermano Teixeira** (da Cadeira de Geografia, Corografia e Cosmografia) **é desidiosa no cumprimento de seus deveres**, faltando às aulas sem motivo justificado, tendo agora passado 29 dias (de 24 de julho a 21 de agosto) fora do exercício do cargo e afastada desta cidade simplesmente por passeio, que não se interessa pelo aproveitamento das alunas, chegando quase sempre atrasada às aulas; 2ºConsiderando que **a professora Amália Hermano Teixeira é indisciplinada**, já tendo por duas vezes na gestão do prof. Lopes Rodrigues, e uma vez na minha (sic.), provocado dentro da Escola discussão violenta, em termos ofensivos e altos gritos, dando péssimo exemplo às alunas, e desrespeitando autoridade do Diretor... 3º **considerando que a professora Amália Hermano Teixeira exerce, sabotagem dentro da Escola contra o Diretor do estabelecimento** e a inspetora de alunos [...] considerando que já se tornou um hábito da professora Amália Hermano Teixeira o desrespeito a autoridade do diretor da Escola, cousa de que ela se blasona com todo orgulho (TEIXEIRA, 1946, p. 22,24,25, grifos da autora).

Essas divergências retratam de forma implícita, a luta de forças internas presentes na escola e na sociedade. Neste cenário, Pedro Ludovico Teixeira como interventor Federal e depois como governador, relacionava-se com os seus, proporcionava-lhes cargos, participações em eventos e por conseguinte gerava conflito de interesses, que de acordo com Miceli (1979, p.132) “os intelectuais do regime Vargas se empenhavam sobretudo em ampliar, reforçar e gerir panelas burocráticas de que faziam parte e só se sentiam credores de lealdade em relação ao poder central”.

Neste sentido, observa-se que Amália Hermano Teixeira apresentava-se como influente no meio social e político, participava ativamente junto a elite política e social, o que de alguma forma gerava toda uma situação de disputa com outros intelectuais:

Tendo, em maio último, a recorrente empreendido viagem ao Rio de Janeiro, integrando uma Comissão da Faculdade de Direito de Goiaz, que ali fora especialmente convidar o exmo. Senhor Ministro da Educação e saúde, doutor Gustavo Capanema, a parafinar a turma de bacharelandos de 1944, encontrou, dentro do curto prazo de quatro dias úteis, o necessário tempo para, no Ministério da Agricultura, apresentar a documentação exigida ao registro regular do “Clube Agrícola general Couto Magalhães”, da escola Normal oficial (TEIXEIRA, 1946, p. 21).

Caracteriza-se Amália Hermano Teixeira como uma professora que se destacava por ser participante, ativa dos projetos oficiais do Estado e representante assídua do governo em diversos eventos educacionais, tanto como partícipe, como

motivadora para muitos colegas professores e alunas. Ela utilizou-se de sua atuação enquanto docente, para promover valores semeados pelo regime e para propagar as políticas do governo por meio da Revista de Educação, veículo para exposição desses discursos; conforme exposto em fragmentos da reportagem Revista Educação, 1959 (p. 31, 32, 35 e 41,) sobre o II Congresso Nacional de Educação de Adultos:

O Ministério da Educação e Cultura, com a cooperação da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, através do Ministro Clóvis Salgado da Gama e do Prefeito Sá Freire Alvim, frente ao sério e apaixonante problema da educação de adolescentes e adultos reconhecendo nossas graves deficiências sociais, decorrentes de alterações na estrutura econômica e condições de vida do país, deliberou convocar educadores de todo o Brasil para um balanço geral do que se fez nesse setor e tomar medidas para o futuro. E na capital da República, de 9 a 16 de julho de 1958, o II Congresso de Educação de Adultos reuniu 1260 congressistas, que apreciaram 1206 teses, em mais de 40 reuniões de comissões de estudo, aprovando relatórios, emendas, proposições, moções, em 8 movimentadas sessões plenárias[...]

O recrutamento do voluntariado está a merecer do MEC, através do Serviço de Relações Públicas da campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, a maior atenção. Já neste ano um movimento nacional levantará voluntariado numeroso contra o analfabetismo e o baixo nível cultural do povo brasileiro[...]

Da parte do Departamento Nacional de Educação do MEC tive a satisfação de trazer para a Secretaria de Educação de nosso Estado dois Projetores OTT BEM DER, 2 coleções de Diafilmes e folhetos instrutivos. E no Instituto de Educação cada uma de minhas alunas e mais as de outras séries e mesmo as do curso ginásial se transformaram em voluntárias da campanha pela elevação do nível cultural do povo goiano. [...]

A representante de Goiás ao II Congresso Nacional de educação de Adultos, Professora Amália Hermano Teixeira, Catedrística do Instituto de Educação de Goiás, na sessão plenária de 12-7-958, realizada no auditório do Ministério da educação e Cultura, saúda os patrocinadores e organizadores do conclave e os delegados dos demais estados [...] Distinguida pelo Secretário da Educação e Cultura de Goiás, dr. Wilson Lourenço Dias, para representar nosso Estado neste II Congresso de Educação de Adultos, levaremos para o Serviço estadual dados valiosos, resultantes dos debates de teses, apreciadas e aprovadas pelo plenário. (TEIXEIRA, 1959, In: *REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1959, jan/ fev. n. 37 p. 31, 32, 35 e 41).

Por meio destes discursos é notória a identificação de Amália Hermano Teixeira e sua disposição em participar das ideologias escolanovistas, preponderantes na época. Ressalta-se ainda, a sua posição social e as suas influências junto à Secretaria de Educação do Estado de Goiás.

O dia a dia de Amália Hermano Teixeira como professora foi pautado também em princípios escolanovistas, tal fato fica evidente a partir da análise em seus planos de aulas. Compreendendo que o plano de aula e materialização do planejamento

representa o que Skinner determina como o intencional, o planejado antes da ação, a utilização da linguagem para representar o que se intentou.

Nos planos de aulas elaborados por Amália Hermano Teixeira em 1940, são característicos os traços escolanovistas de seu pensamento nos planos e na linguagem técnica, organizada e científica que indica a valorização da criança como centralidade da ação educativa.

Em muitos pontos encontra-se caracterizado este pensamento, entretanto para esta análise há um ponto específico, no início do plano de aula, página 01, com o título metodologia da leitura, sendo que a autora propõe conceituar leitura com o propósito de se compreender o significado do conceito, as diferenças entre leitura oral e silenciosa, símbolos e sons. Ainda é apontado no plano, o início da civilização e seu pensamento quanto à leitura, fazendo um paralelo explicativo com o conceito apontado:

O homem das civilizações primitivas não podiam compreender esse mistério; o livro e a escrita inspiravam religioso respeito. Para o povo supersticioso saber, educação e leitura são termos sinônimos. Os antigos ignoravam o processo psico-fisiológico da leitura. A leitura não é um poder de caráter geral; é um conjunto de capacidades específicas. Si a criança, ignora porque deve ler isto ou aquilo não o pode fazer de modo inteligente (TEIXEIRA, 1940, p. 1, caderno de planos, sublinhados no original).

Esta ideia explicada por Amália Hermano Teixeira concorda com os princípios de Anísio Teixeira reconhecido escolanovista, por acrescentar que se a crítica ao ensino tradicional, um método decorativo, erudito e sem sentido, questionando sobre a função do educar, deve atender a uma transformação que impulse um sentido à criança ou apenas a uma reprodução limitadora. Anísio Teixeira acreditava ainda, que para atender às novas exigências sociais a Escola Nova estava a contribuir:

Se educar é função de superposição, de acréscimo, de modelagem externa, então está certa a escola tradicional. Isolem-se as atividades, limitem-se os objetivos, continuem-se os pequeninos exercícios. A educação se está sempre fazendo. Mas se educar é uma função complexa de adaptação e crescimento do organismo total da criança, pode-se de logo vêr que a escola tradicional está errada. O organismo não pode ser treinado por partes. A sua atividade funcional de educação e vida, é essencialmente unitária. A escola deve transformar-se para prover ambiente complexo, como ambiente da vida, onde a criança se desenvolva e se eduque (ANÍSIO TEIXEIRA, 1950, p. 53).

Pondera-se que Anísio Teixeira, assim como outros escolanovistas concebia a proposta de uma educação que acentuasse na criança suas capacidades e suas

especificidades para uma vida atual, não apenas para o futuro como ressaltava a escola tradicional. Também era uma das propostas dos escolanovistas que a criança deveria ser bem tratada, de forma a ela querer e sentir desejo para os estudos. Essas concepções são marcantes nos discursos proferidos por Amália Hermano Teixeira, ao longo de seu plano de trabalho registrado no ano de 1940.

Estão expressas no caderno de planos da autora algumas contradições, que no decorrer de um estudo mais aprofundado ajusta-se: quando a professora Amália Hermano Teixeira, minuciosamente descreve em anotações no próprio caderno sobre os “pontos” apresentados e quais as alunas são responsáveis por suas apresentações, ocorreu uma supervalorização da grafia com letra legível e bem traçada, uma caracterização da prática de caligrafia e uma organização sistematizada da escrita.

Mas, ao mesmo tempo, é observado que este enaltecimento da grafia e a repetição das aulas, conforme a professora apresentou, sobre a valorização da prática do “aprender fazendo”, um talante da Escola Nova, pois as normalistas ao mesmo tempo que estão estudando na 4.^a série, já estão realizando as aulas práticas na 1.^a série, aprendendo como se tornar uma professora primária, conforme apresentado no esquema de aula:

Dia 16 de abril

Aula prática de caligrafia no 1º ano pelas alunas do 4º ano: Waldice, Oracy e Geraldina. Waldice olha bem a posição dos alunos e corrige os defeitos da escrita. Oracy e Geraldina desempenham bem seu encargo.

[...]

1ª aula de leitura { 1º Narração sucinta pela prof.
2º Leitura articulada e vagarosa pela profª.
3º Escrita no quadro das expressões e palavras mais difíceis, com explicação da prof.
4º Leitura e interpretação de trechos pela prof.
5º Leitura corrente pela professora e marcação dessa Lição para ser estudada em casa.

2º aula de leitura { Reprodução de toda a lição por 2 ou 3 alunos
Leitura e interpretação de pequenos trechos p. alunos
Emprego em sentenças orais das palavras explicadas
Leitura de toda a lição por um aluno.

(TEIXEIRA, 1940, caderno de planos, p. 6, 7)

As contradições na prática apresentada por Amália Hermano Teixeira ao executar ações pedagógicas ainda atravessam situações entre o foco ser no aluno fazer, no aluno ser ativo e ao mesmo tempo na reprodução de ações realizadas pelo professor, como instrutor a ser seguido. Contudo, nota-se que mesmo a caligrafia ou

a reprodução do aluno nas realizações de algumas atividades, neste cenário representaram uma grande mudança de práticas, pois para Amália Hermano Teixeira, o exercício da caligrafia tem um significado científico que apropria-se sobre uma organização da escrita que está inserida num processo de “fins e valores”.

A professora Amália Hermano Teixeira ao elaborar seu plano de aula, o fez com tamanha profundidade que buscou respaldo que o justificasse, que validassem a prática da caligrafia como necessidade da atividade que auxilia o pensamento da criança.

Não se caracteriza apenas no fazer para treinar uma grafia bonita, mas um fazer para destacar que “A escrita organiza o trabalho do pensamento” (TEIXEIRA, 1940, caderno de planos, s/p). O encadeado do plano de aula percorre todo um esquema de situações de aprendizagens que devem ser levados em conta ao realizar uma atividade de escrita. Embasam as justificativas de Amália Hermano Teixeira, autores como Bacon, Binet,³⁴ entre outros.

No conceito empreendido pela professora Amália Hermano Teixeira, no ato de realizar a escrita estão presentes desde a organização do pensamento, uma boa técnica, até a organização muscular, a posição correta do aluno sentar e mover o lápis. Amália Hermano Teixeira apontou ainda em sua explicação, quantos músculos são ativados pelo cérebro para realizar o processo da escrita:

Fins e Valores da escrita-

A escrita é atividade artificial, desinteressante para a criança. Ação do meio ambiente, principalmente urbana. Direção eficiente da aprendizagem, boa técnica-motivação. A criança deve sentir interesse, atração, necessidade de escrever. Valôr da escrita no 'struggle for life', correspondenciar- auxiliar a memória. A escrita organiza o trabalho do pensamento. [...]

Análise do processo da escrita- processo mui complexo; alguns fisiologistas, exige o concurso de uns 500 músculos, perfeitamente coordenados durante a escrita. Músculos do braço- contração-musc.do corpo imóveis- Imobilidade difícil para criança. Curtis acha que indivíduos de 5 anos, sentados não podem permanecer tranquilos mais de ½ minuto. Nos 5 a 10 a imobilidade não passa de 1'1/2 minuto. (TEIXEIRA, 1940, p. 9,10 caderno de planos).

É acentuado no planejamento de suas aulas todo um cientificismo na exposição do conteúdo, que ultrapassa o conceito de fazer caligrafia para ter-se uma letra legível; pelo contrário, constata-se a apelação da autora em retratar todo um

³⁴ Alfred Binet (1857-1911), Pedagogo, psicólogo e diretor do laboratório de psicofisiologia de Sorbone, inventor do sistema de QI (Quociente Intelectual) muito utilizado para os testes de aptidão; Ver referências.

Francis Bacon (1909-1992) filósofo, político. Foi um dos primeiros a tentar articular o conceito de método para a ciência moderna. Cf. GALVÃO, 2007. Ver referências.

significado em favor de se fazer compreendida que mesmo sendo importante a escrita, a correção dos erros, não é agradável para a criança; sendo assim um propósito dos professores de inseri-la de maneira agradável e consciente de seus benefícios.

Consideram-se nesta abordagem, o termo reprodução, utilizado para descrever a aula de leitura referida no plano, acentuando-se a um significado de realização da ação de forma que seus alunos consigam explicar todo o conteúdo trabalhado, sabendo seus significados. Para que o aluno demonstre que aprendeu a lição, seleciona-se uns dois ou três deles que devem reproduzir o que foi apreendido no coletivo da turma, de modo que tecnicamente seja eficiente este aprendizado.

No reforço a esta prerrogativa, segue-se no plano de aula, intitulado Leitura nas classes do 2.º e 3.º ano – as finalidades da leitura, vantagens e desvantagens, conteúdo explicitado com uma linguagem técnica, científica e que faz grandes alusões a Fernando de Azevedo e também, aos testes-padrão de Lourenço Filho.

A professora Amália Hermano Teixeira ao apresentar as finalidades da leitura, o faz sistematicamente, desenvolvendo com a finalidade de distinguir a “tríplice” preparação; sendo que a autora divide-a em técnica, intelectual e afetiva.

Ao dividir esse processo em etapas, a professora faz também uma explicação para cada uma delas, com o foco na importância de construir uma situação em que a criança se sinta confortável em aprender. Também utiliza-se de termos técnicos para classificar as dificuldades de leitura; com a utilização de conceitos de dislalias e dislexias, ainda acentua sobre os tipos de tratamentos e sobre os testes padrões como aliados para a medição dos processos de leitura.

Ao confirmar as características escolanovistas, apresentadas pela organização de pensamento da professora Amália Hermano Teixeira, utiliza-se para a análise do presente estudo, a visão apresentada por Fernando de Azevedo (1958) sobre o processo escolanovista:

As ideias novas, já em circulação, difundiram-se com mais rapidez quer pelo impulso que lhes deu a própria mobilidade social, favorecida pela revolução e por consequências, quer pela demora na elaboração dos princípios fundamentais de uma nova política nacional de cultura [...] Nesta atmosfera de efervescência de idéias, Lourenço Filho que fundara em 1929, numa casa editôra de São Paulo, a excelente Biblioteca de Educação, publica a sua Introdução ao estudo da Escola Nova (1930), - melhor ensaio em língua portuguesa sobre as bases biológicas e psicológicas das novas teorias de educação; [...] faz publicar sob o novo título de Escola Nova a revista mensal que se editava sob o nome Educação [...] institui o uso dos testes para a organização das classes seletivas e imprime vigoroso impulso ao

cinema educativo, aos serviços de estatística e às associações periescolares (AZEVEDO, 1958, p. 167, 168).

Com base nos traços escolanovistas, é importante caracterizar que Amália Hermano Teixeira além da relevância que confere ao aspecto da criança, frequentemente presente nos discursos apresenta em seus planos de aula, um aprofundamento dos conceitos científicos³⁵ e técnicos da formação das normalistas, esses conceitos são apresentados em diversas vezes e são bem caracterizados nos escritos da professora.

Segue uma sequência de esquemas que propõe representar a organização das explicações que a professora utiliza para serem aplicadas na formação das normalistas, com o objetivo de cientificar as práticas; conforme apresenta os gráficos abaixo:

Preparação Tríplice:

Quadro 02 - Esquema de aula explicativa da professora Amália Hermano Teixeira

Leitura boa, agradável - dúvidas	Técnica	Evitar defeitos de pronúncia e fazer que os alunos compreendam as palavras novas
	Intelectual	Refere-se aos fatos, alusões, cuja compreensão seja necessária para a passagem escolhida deva provocar
	Afetiva	Colocar a criança na situação, atitude mental ou sentimento que a passagem escolhida deve provocar

Fonte: Organização da autora (MARTINS, 2018), no proveito das palavras e sistematização original de Amália Hermano Teixeira- Ver anexo³⁶

Quadro 03 - Esquema de organização mental de explicações Amália Hermano Teixeira

Os defeitos mais comuns de pronúncia	Dislalias	Defeito nos órgãos periféricos e pode ser dividido a maus hábitos, anomalias dos órgãos ressonadores
	Disartrias	Defeitos que dificultam a articulação e conexão dos sons silábicos com o tartamudeio, talbuciência/ fala atropelada

Fonte: Organização da autora (MARTINS, 2018), no proveito das palavras e sistematização original de Amália Hermano Teixeira

³⁵ Compreende-se que o conceito utilizado por Amália Hermano como conhecimento científico, consiste em um conceito vindouro dos escolanovistas, oriundos da racionalidade científica. Amália transita entre a aquisição dos conceitos, com a prática da experimentação, conforme a época de atuação da mesma.

³⁶ As figuras dos quadros foram organizadas pela autora, buscando ressaltar as ideias expostas por Amália Hermano Teixeira no caderno de planos-1940. Em anexo.

No entanto, o cuidado com a maneira que a criança desenvolve seu aprendizado é bem caracterizado por Amália Hermano Teixeira no plano; ela explica qual o conceito e fundamento da Escola Nova, na compreensão do estudo de linguagem oral.

A professora intentou esclarecer seus objetivos às normalistas com precisão e detalhamento, buscou apresentar conceitos e requisitos que respaldasse cientificamente e tecnicamente o processo educativo. Percebe-se a preocupação da professora em expor que a simplicidade nos termos explicativos, as sentenças curtas e uma linguagem acessível ao entendimento da criança, é um processo demasiadamente importante, na prática educativa do professor escolanovista.

Apontou, ainda, a utilização de termos e palavras que tinham significado na realidade da criança, ao expor a importância de uma linguagem apropriada, de forma que o professor se fizesse compreendido para que ocorresse uma apropriação do conteúdo explicado pelo professor por parte da criança.

Segue para melhor compreensão, um esquema de aula apresentado por Amália Hermano Teixeira:

Quadro 04- Sequencia lógica do pensamento de aula da professora Amália Hermano Teixeira

1º ano Linguagem oral- (Continuação)	
Finalidade	a) poder exprimir-se em conversa com propriedade, correção e graça b) poder apanhar com segurança e sem custo o que ouve
Requisitos para quem fala às criança	a) falar pouco - aprendizado realizado pelo próprio aluno; Mestre é o gerior b) falar baixo c) articular bem as palavras d) usar a linguagem apropriada; - simplicidade - correção - propriedade
a) Simplicidade	a) termos claros e comuns, sentenças curtas, sem torneios rebuscados, etc.
b) Correção	b) Articulação precisa, soando bem vogais, o r dos infinitivos, o s dos plurais, sem transposição, substituições, acentuação, colocação de pronomes, emprego do infinito e regras de concordância sintática
c) Propriedade	c) Uso de palavras que significam precisamente a coisa ou o fato em questão

Fonte: Plano de aula, Amália Hermano Teixeira, 1940, p. 15.

Nesta perspectiva, constata-se a preocupação técnica de Amália Hermano Teixeira na formação das normalistas; o que faz refutar a ideia de que a autora não apresentava preocupação com a aprendizagem das alunas, conforme pretendeu demonstrar a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro.

Revela também sua característica escolanovista relacionada com a correção das desigualdades, partindo da compreensão de que o sertanejo goiano é inculto, e cabe à escola “resolver” esta situação. Tal fato está exposto de forma implícita em outro ponto de seu planejamento, referente à Gramática:

Quadro 05 - Explicação e organização das aulas da professora Amália Hermano Teixeira

1º ano	
Finalidades	a) Fazer a criança falar para corrigir erros e sotaques desagradáveis
Exercícios	b) contar histórias narrativas, conceito moral, facilmente assimiláveis, com questões interessantes de logicidade c) Formar sentenças.

Fonte: Plano de aula, Amália Hermano Teixeira, 1940 p. 15

Uma situação de contraste na visão apresentada por Amália Hermano Teixeira e que caracteriza sua ótica sob os aspectos escolanovistas, é vista no plano de aula referido como ponto 8; sendo que neste plano apresenta a sua visão de Disciplina:

Ponto 8
Discere
Disciplina, Importância; meios para obtê-la e para mantê-la. Responsável pela disciplina.
Erros, Disciplina ideal
Importância da disciplina na escola, o novo problema da nova escola- preparar a criança para ávida, formação do caráter- qualidades boas e más. O homem, produto do meio- O meio- A escola, fator de educação- Ordem- perfeição- ideal Ordem e disciplina- base da escola
Disciplina- discípulo vêm de discere- é o conjunto de regras e influências por meio das quais podemos em uma classe governar o espírito e formar o caráter do aluno. Seu principal objeto é assegurar a ordem e o silêncio necessário às lições.
Responsável pela disciplina- material escolar, vocação- entusiasmo-alegria, bom humor etc.
Inclinações contrariadas
Meios para obter a disciplina

- 1- laços de afeição unindo o professor ao aluno
A educação é uma amizade, Michelet-
- 2- Justiça. Castigo e recompensas
- 3- Igualdade de humor do mestre
- 4- Bondade do mestre- injúria- arrogância- o exemplo- respeito- obediência- amizade- afeto- os menos inteligentes, ou retardados
(TEIXEIRA, 1940, p. 54, caderno de planos)

Percebe-se, por meio de uma análise do trecho anterior, todo um discurso empregado pela professora no decorrer de suas obras, em suas práticas apresentadas pelas pesquisas e no planejamento de seu processo educativo. Tal fato reforça a compreensão de que a Professora Amália Hermano Teixeira utilizava em seus discursos e ensinava na sala de aulas, aquilo que ela acreditava; pois Amália Hermano Teixeira, estava sempre cercada das alunas, que a consideravam como exemplo e como amiga.

Encontra-se reforçado em seu discurso nos diferentes contextos, a proposta de afeição e de assegurar a ordem por meio do exemplo. Por esta perspectiva Amália Hermano Teixeira atuou como professora, garantindo a disciplina por meio de práticas que ultrapassaram o contexto da sala de aula; mas que são representadas em suas publicações por meio de jogos de peteca com as alunas, passeios fora da escola, aulas práticas, visitas a diversos ambientes fora da escola, pesquisas técnicas e práticas dos mais variados conteúdos.

Utiliza-se para corroborar esta afirmativa trechos da entrevista de Bento Fleury Curado:

E, nisso, Amália já era precursora, pois até hoje não se estuda geografia de Goiás como se deveria. Naquela época, década de 40/50/60 ela já era professora que se preocupava com o cerrado, com o chão com as plantas, com a natureza. Estudava, solo, clima, topografia, plantas, botânica e as aulas dela não era dentro da sala de aula e isso provocou um problema, que levou-a a sofrer sanção da professora Ofélia [...].

A importância de Amália Hermano como intelectual na educação, é cariar a ideia do professor pesquisador, não aquele professor que fica bitolado no seu livro didático, na sua sala de aula não, o cuidado que ela tinha era de historicizar, de contextualizar o que ela ensinava. Então, por exemplo, quando ela ensinava no Instituto de Educação, por exemplo, ela ensinava Geografia, ela não ensinava só Geografia do currículo, mas ela transformava a geografia em algo vivo, ela não entendia o conhecimento dissociado da realidade, ela queria ensinar algo palpável (CURADO, 2017, entrevista).

Compreende-se com isto, que Amália Hermano Teixeira enquanto professora ultrapassou o cenário de mestre/escola/ aluno, propiciou grandes oportunidades às

suas alunas, que além de aprenderem de uma forma diferenciada dos padrões estabelecidos, tiveram a oportunidade de amizade, conforme afirma Rosinha Hermano:

Mas o que eu achava lindo era a relação da Amália com as alunas, por que geralmente aluno não gosta muito de professor. Mas, com Amália elas amavam, era aquela coisa, as vezes ela dava a aula e depois era lanche, falavam com ela sobre namorados, ela dava conselhos (HERMANO, 2017, entrevista).

Considera-se, nesta análise, que a professora Amália Hermano Teixeira construiu uma história no cenário educacional goiano, que ultrapassou a lógica do processo pedagógico sistematizado; a autora propiciou um processo de aprendizagem com discurso escolanovista, porém identificado com uma compreensão moral, cívica e aculturada, promovida por Amália Hermano Teixeira a partir de sua identidade enquanto docente; mas sobretudo, enquanto partícipe de um cenário político, econômico e social implantado de informações, propósitos e de interesses que apresentavam como foco a transformação cultural do Estado, que deveria passar para um Estado desenvolvido.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa permitem acentuar que Amália Hermano Teixeira ultrapassou o processo de transmissão ideológica, e se fez presente, ao se constituir como intelectual atuante e participante. Utilizou de diferentes estratégias para estabelecer-se, entretanto, deixou sua contribuição à organização de um cenário educacional goiano com falhas, com diferenças de estratégias políticas, característica preponderante, de seu tempo histórico. Amália Hermano Teixeira concebeu-se como construtora de um novo cenário, e que buscava fazer diferente daquilo que até então estava substanciado.

Amália Hermano Teixeira fez diferença, comprou brigas, atuou como acreditava que seria o ideal escolanovista e fixou no processo educacional goiano a sua história registrada. História que buscava atender às diferenças impostas, e às necessidades vindouras de outro tempo histórico, um tempo ainda não percebido; A autora destacou em suas práticas essa proposta; um tempo em que a inclusão ainda não era projeto e Amália Hermano Teixeira atuou, mesmo que de forma iniciante, mas não se permitiu ser insensível a este assunto, conforme nos respalda a foto a seguir, na representação do Grupo Pró-Arte de Goiás, que teve Amália Hermano Teixeira como uma das organizadoras.

Figura 12 - Criação do Grupo Pró - Arte de Goiás - 1946 - Palácio das Esmeraldas



Fonte - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury.

Nota-se, pela imagem apresentada, a interação, a preocupação de Teixeira em enquadrar as diferenças, validando o ensino como ação e prática. E por fim, Amália Hermano Teixeira como professora, constituiu-se como uma profissional ativa, que enxergou a educação como movimento e daí a sua dificuldade de estabelecer-se em uma prática pedagógica estática.

3.4.1 Amália Hermano Teixeira e os Clubes Agrícolas e o Ensino Rural

A educação rural é uma das propostas previstas pelos escolanovistas, proferidas nos diversos congressos e defendida por muitos grandes nomes, entre eles Lourenço Filho. Em 1942, foi assunto central no oitavo Congresso Brasileiro de Educação, ocorrido em Goiânia e sendo Amália Hermano Teixeira uma das professoras ativamente participante.

Amália Hermano Teixeira foi uma das principais lideranças a representar o Estado de Goiás neste evento e, já reconhecida no Estado por suas contribuições e preferências a este assunto, se destacou como uma das primeiras participantes

envolvidas na educação rural do estado. Ela apresentava interesse especial neste assunto e descreveu em teses apresentadas no Congresso sobre o professor primário e suas ações educativas nas zonas rurais.

Outro tema de grande interesse e tratado com excesso de amor por Amália Hermano Teixeira foi a natureza; especificamente as plantas. Esse amor que quase chega ao obsessivo, demonstrado em diversas situações, propiciou a ela uma integração especial aos trabalhos na implantação dos grupos agrícolas e nas ações de ruralização do ensino em Goiás.

Os Clubes Agrícolas foram segundo Nepomuceno (1994), a célula mãe do ensino rural em Goiás; na visão de Amália Hermano Teixeira foi uma proposta transplantada dos Estados Unidos da América em favor da promoção de uma campanha de aulas práticas, que incluía, estudos de zelo pelo meio ambiente, pela flora e fauna brasileira, implantadas no Estado, trazidas pelos interesses da Associação dos Amigos de Alberto Torres, desde o início do século XX:

Si nos reportarmos aos Estados Unidos da América do Norte, ponto de partida da mais ampla e sadia propaganda da agricultura em nosso continente, lá encontraremos nos cursos primários, secundários e superiores, secções especiais destinadas a ensinar a maneira racional de se cultivar a terra, valorizando-a. O ensino elementar inclui um curso prático de amanho a terra, incontáveis são as escolas com rurais. Todos os estados mantêm curso efetivos de agricultura e administração doméstica (TEIXEIRA, 1944, In: *OESTE*, 1944, p. 570).

Pautado em um discurso nacionalista, voltado para a solução dos problemas sociais do Brasil, por meio da educação, a proposta da Educação rural atendeu bem aos critérios necessários ao Estado de Goiás, ao considerar que esse Estado foi fundado em uma situação agrícola.

Os clubes agrícolas foram implantados com o propósito do discurso oficial de contribuir para a superação das desigualdades, acenava para uma possível educação que permitisse ao homem do campo conhecer sua realidade, e assim, progredir.

No entanto, como já comentado anteriormente, não foram levantadas questões de estrutura e de consolidação destes clubes, não atentaram para a realidade, sendo que quem mais necessitava destas contribuições estavam no campo e, contraditoriamente, todos os clubes agrícolas implantados estavam em meio urbano. Ou seja, a dicotomia entre o pensado e o executado acentua-se.

Compreende, se, também, que a própria educação escolarizada, contribuiu para que Teixeira, constituísse-se com esse posicionamento, pois, Amália Hermano Teixeira, já na década de 1930, representava o Estado de Goiás na Universidade Rural do Brasil, e lá recebeu instruções das propostas de Alberto Torres, autor no qual Amália Hermano Teixeira apoiou grande parte da trajetória que leva Amália Hermano a propagar, defender e promover a proposta do Ensino rural em Goiás:

Os mais eminentes prosélitos de Tôrres souberam criar para as futuras propagadoras dos ideais torreanos e responsáveis pela cristalização do pensamento luminoso do sociólogo, uma atmosfera propícia, respirável somente por aqueles que realmente traziam o ideal de, sem ostentação e sem pretensões pessoais, servir à infância e a juventude com amor, dedicação, entusiasmo, persistência, e até mesmo sacrifício. [...] Moças de todo Brasil, a história, toda ela colorida, emocionante, plena de beleza e de vigor, de lances patrióticos, de reiteradas lutas e renúncias, ouvimos, silenciosas e comovidas, a história toda do grande Alberto de Seixas Martins Tôrres. (TEIXEIRA, 1993, p. 3).

Observa-se que os preceitos dos ideais de Alberto Torres são pautados em propostas nacionalistas, que se adequaram com bastante interesse aos preceitos aclamados após a Revolução de 30 e perpetuados pela ideologia de Getúlio Vargas. Nesse cenário, compreende-se que Amália Hermano Teixeira abarcou estes preceitos, internalizou-os aos seus discursos e a partir destes estudos, tornou-se uma grande propagadora de seus ideais.

Amália Hermano Teixeira desenvolveu em seu livro Perfis, seu primeiro capítulo de forma biografada, manifestando as ideais e propostas, não escondendo a sua admiração e o seu seguimento aos ideais propostos pelo sociólogo e político:

A organização nacional (1914) e Fontes da Vida no Brasil (1915) vieram completar os estudos de Tôrres, considerados nosso maior patrimônio intelectual, servindo de diretrizes à organização político-social brasileira. [...] A estes discípulos de Tôrres e a um punhado de partidários entusiastas e patriotas, devemos o conhecimento de suas obras e de sua vida. A sociedade dos Amigos de Alberto Tôrres fez reeditar os livros acima mencionados e para completar a sua ação nacionalista, a través de cursos da Universidade rural Brasileira, formou técnicos em ensino rural para todo o Brasil. Como representante de Goiás na turma de 1936, é-me sobretudo grato e honroso recordar aqui o ambiente de tão elevado patriotismo, e de compreensão dos problemas educativos e sociais dos diferentes Estados. (ibidem, p. 2).

Imbuída de valores morais nacionalistas e praticidade expostos pelas ideias de Torres, em justaposição aos ideais escolanovistas apreendidos em sua formação enquanto normalista, Amália Hermano Teixeira acreditou que sua proposta enquanto

professora, deveria acentuar a consciência de brasileiro, enquanto produtor da dinâmica vida social postulada por Tôrres, e que a educação rural seria um destes caminhos.

Amália Hermano Teixeira idealizou que a educação rural seria o caminho que a sociedade teria para constituir-se enquanto sociedade forte. A autora afirma que “com toda essa renovação social e econômica, com a melhoria do padrão vida do sertanejo, o professor rural há de encontrar ambiente para a sua ação altamente patriótica” (TEIXEIRA, 1940, p. 94, caderno de planos).

Esse discurso de Teixeira não é um discurso superficial, aleatório. Amália Hermano Teixeira acreditava, mesmo que de forma alienada, que este projeto poderia fazer a diferença e integrou esse pensamento e propósito em suas práticas. Favorecida pelo meio rural goiano, fundamentada nas teorias que recebeu em sua formação e imbuída de seu gosto por plantas, Amália Hermano Teixeira deslumbrou a possibilidade de constituir-se enquanto pioneira no processo de implantação da educação rural, mas uma educação rural que fizesse sentido para os alunos.

Fica intrínseco a sua compreensão da escola rural como possibilidades de práticas transformadoras, que permitiria o aluno e o professor saírem de sua rotina da sala de aula, e constituiria a possibilidade da aprendizagem se tornar útil e interessante.

Foi assim que Amália Hermano Teixeira desenvolveu em suas aulas e em suas práticas as saídas da sala de aula para fazer pesquisas com suas alunas por diversos ambientes. Conforme suas próprias palavras “A orientação agrícola na escola, além de transformar o ensino livresco, rotineiro em ativo útil, interessante, vivo; de certo modo seleciona o professorado” (TEIXEIRA, 1944, In: *REVISTA OESTE*, 1944, p. 570).

Em entrevista, Bento Fleury Curado (2017) confirma esta interpretação, ao afirmar que Amália Hermano Teixeira:

O discurso de Amália Hermano quanto ao amor à terra, ao campo não é um discurso inócuo. Ela vivia isso. Na casa dela, por exemplo, a natureza se relevava, que na parte do fundo da casa, até o muro era só plantas, ela não deixava nada interferir. Tinha um jardim só de bromélias. Em sua casa era dividido, no jardim da frente só tinha rosas brancas, só brancas. Até que ela certa vez foi aos estados Unidos e trouxe uma mudinha, de uma rosinha branca que era um cipó. A casa dela era orlada com uma cerca de arame para a rosinha subir (CURADO, 2017).

Nota-se, a partir deste depoimento, que posteriormente é confirmado pelo de Rosinha Hermano, que a relação estabelecida entre Amália Hermano Teixeira e a educação rural, e o amor pelas plantas, é respaldado por interesses que ultrapassam a ideia de preparação para a mão de trabalho especializada.

Também, não se afirma aqui que Amália Hermano Teixeira não tinha noções destes interesses na execução de tais propostas. O que se considera é que, como uma intelectual que servia como agente para a propagação de ideais escolanovistas, Amália Hermano Teixeira se incluiu no conceito de *Habitus*, de Bourdieu (2015), ao indicar a consonância de hábitos realizados e inculcados por um grupo no decorrer dos tempos, tomando-se comum e característico desse grupo, no caso o grupo dos defensores da Escola Nova.

Afirma-se, com base nas interpretações dos dados pesquisados e pela ótica do Contextualismo Linguístico, que se fundamenta nos nexos objetivos e subjetivos produzidos pelo autor, que Amália Hermano Teixeira, ao envolver-se no processo educativo rural, inseriu-se na sua formação da Universidade Rural do Brasil, como representante de Goiás; de tal maneira, que as teorias ali trabalhadas, e o contexto institucional favoreceu a consolidação destas teorias, por meio da sua utilização na prática. Ela internalizou de tal maneira esta proposta que passou a fazer parte de sua construção profissional e de vida social.

Busca-se na entrevista de Curado (2017) para confirmar essa afirmativa:

A relação de Amália não refere aos grandes produtores, pelo contrário, está inserido no pequeno produtor, até quando a gente morava na fazenda e quando ela ia lá, eu tinha uns oito ou nove anos, ela nos ensinava; ensinava minha mãe como organizar uma horta, coisas que poderiam se aproveitar. Por exemplo, a taioba que era uma folha que não comíamos, e passamos a comer, pois ela ensinou que fazia como a couve. O almeirão que era algo que não gostávamos e aprendemos a fazer de um jeito que ficou gostoso. A alimentação alternativa, ao aproveitamento, por exemplo, a não descascar a abóbora. Minha mãe dizia; “eu não sou porco para comer abóbora com casca”, mas Amália dizia: “A vitamina está na casca”. Falava sobre aproveitar a casca do abacaxi, essas coisas... Assim, era uma agricultura de subsistência familiar. Inclusive, ela achava horrível as grandes agriculturas que tiravam o homem do campo. Valorizava a agricultura familiar que ligava o homem a terra, inclusive ela odiava agrotóxico (Ibidem, entrevista).

Ao se compreender a interpretação de Amália Hermano Teixeira em relação ao meio ambiente, o envolvimento de suas práticas enquanto professora atuante, percebe-se que a autora formulava seus discursos em favor do ensino rural, do amor à terra, às plantas; o que possibilita uma justificativa que ressalta a quantidade de

vezes que a autora reforçou o mesmo discurso e os diferentes meios para esse reforço.

Em entrevista cedida à pesquisadora Maria de Araújo Nepomuceno (1994), Amália Hermano Teixeira ressalta os grupos agrícolas, as propostas e seus embasamentos, que tiveram nexos em sua formação, com o seu encantamento pelas ideias de Alberto Tôrres, de quem escreveu em seu livro *Perfis* (1993), e os discursos dispensados em favor do ruralismo; nota-se que foi algo em que a autora empenhou muito para que desse certo:

Os Clubes Agrícolas-células-mães do ruralismo- foram instituições extra escolares destinadas a modificar o ambiente tradicional do ensino, na medida em que forneciam assuntos e motivavam as aulas. Foram planejadas com base na filosofia de Alberto Torres (SAAT), criada no Rio de Janeiro por seus seguidores, visou, especificamente, desenvolver na criança o amor à terra, às plantas e aos animais, preservando-os da destruição (TEIXEIRA, 1990, em entrevista a NEPOMUCENO, 1994, p. 53)

O que não pode ser deixado de fora é que Amália Hermano Teixeira contribuiu para o fortalecimento do processo de ruralização no Estado de Goiás, processo que não teve grandes ganhos; uma vez que não se estabeleceu no meio rural e sim em escolas urbanas. Entretanto, na mesma entrevista, Amália Hermano Teixeira informa que foi um processo importante para os grupos agrícolas, e que dado as circunstâncias deveria ser algo reaproveitado em nossos dias atuais:

Fechando seu depoimento a professora Amália Hermano diz que importante papel desempenhou esse conjunto de atividades, tanto que alunas saídas de Goiás brilharam, se destacando no Rio de Janeiro nos cursos que o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos- INEP- promovia anualmente. Seria da maior necessidade a volta dos Clubes Agrícolas às escolas nessa época de dura crise econômica e desamor à natureza, com criminosas mutilações de árvores nas avenidas e ruas (Ibidem, p. 155).

Assim, constata-se que o interesse e disposição empregados nestas atividades, foram por Amália Hermano Teixeira realizados com atenção e ao acreditar que poderiam dar certo, mas ao mesmo tempo, a autora ressalta uma visão mais crítica em relação ao passado, de acordo com Curado (2017) ao afirmar que Amália Hermano Teixeira, após muitos anos, tinha consciência na ineficiência dos grupos agrícolas em alcançar seus objetivos:

Ressaltava que o fracasso dos grupos agrícolas foi devido não ser difundido. Ela criou o Clube Agrícola Couto Magalhães e difundiu ali, ela ajudou a criar o grupo de Trindade, ajudou a fundar o grupo agrícola de Rio Verde, que depois virou a Escola Agrícola, um dos primeiros do país. Mas, essas escolas ficaram no âmbito urbano. As crianças que estudavam no

âmbito rural que deveria receber esses atendimentos não teve. Daí o contraste do discurso rural no âmbito urbano e o fracasso veio daí (CURADO, 2017, entrevista).

Ao se valer destes dados, constata-se que os grupos agrícolas foi para Amália Hermano Teixeira um processo importante, em que a autora propôs fazer uma mudança na estrutura pedagógica do ensino, ao criar possibilidades de despertar o alunado e conseqüentemente no professorado goiano, a zelar pela terra e construir um processo de ensino-aprendizagem mais ativo.

Conclui-se, que nos discursos de Amália Hermano Teixeira, o processo ruralizador das práticas educativas, advindas do movimento escolanovista, pela ótica da autora, era uma proposta que resolveria as demandas da educação, e em contrapartida ainda promoveria uma redução ao excesso de descuidos com a natureza, a qual a autora tanto prezava.

No entanto, compreende-se que esta proposta, tão disseminada e defendida por Amália Hermano Teixeira, ficou apenas na teoria dos discursos, não atendeu as necessidades impostas pela realidade, pois o plano dos clubes agrícolas realizaram-se nos centros urbanos, não conseguiram atingir as verdadeiras exigências previstas nos ideais, que seriam a população do campo.

Conclui-se ainda, que mesmo não atendendo as prioridades pensadas, Amália Hermano Teixeira, registrou-se como uma importante participação no processo escolanovista, ressaltando práticas e interesses relevantes ao processo educacional goiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos postulados pedagógicos de Amália Hermano Teixeira fundou-se nas experiências e apropriação do significado contextual que a autora manifestou. Foi explicitado neste trabalho os motivos, as circunstâncias da participação política dessa intelectual, marcada pela Educação Nova e pela conjuntura do momento histórico no qual atuou. Ressaltou-se também, na análise elaborada, uma compreensão do cenário de mudanças políticas, características do plano econômico e social implantado no início do século XX, caracterizado pela Revolução de 1930.

As produções analisadas de Amália Hermano Teixeira possibilitou uma interpretação que teve como ponto de partida o próprio texto da autora, ao remeter a uma dinâmica e expressiva análise dos contextos que circundam os objetivos e intenções da autora ao produzir suas obras.

Assim, buscou-se nesta pesquisa responder às questões levantadas no início do trabalho, tendo como base de análise a proposta metodológica do contextualismo linguístico. Baseado na ótica de Quentin Skinner, ressaltou-se o significado do tempo histórico do qual participou Amália Hermano Teixeira, buscando nexos que permitissem interpretar seus afazeres, sua intelectualidade e os objetivos que inspiraram a autora ao publicar seus escritos.

Acredita-se que esta análise explicou os intentos que a autora objetivou, ao atentar para uma leitura de um tempo específico, inserido em um modo de viver e de interpretar, ao respeitar as possibilidades que a situação condicionava. Buscou-se com este trabalho não uma crítica, mas uma compreensão do modo pelo qual a autora percebeu seu contexto histórico e quais contribuições promoveu na construção da história da educação goiana.

As publicações de Amália Hermano Teixeira revelaram o olhar atento da autora ao registrar os momentos, ao descrever as pessoas e o processo histórico, a preocupação em detalhar, em especificar, clarear as manifestações históricas, sempre ressaltando suas posições ocupadas, seu fazer enquanto profissional.

Compreendeu-se que a história escrita em Goiás, em sua grande maioria, tem registrado que as mudanças ocorridas foram efetivadas a partir da revolução de 1930; revolução, esta, pensada, executada e divulgada por uma divisão de classe baseada na oligarquia.

Doravante, ressalta-se que Amália Hermano Teixeira, seguindo o *habitus* dos intelectuais de sua época, teve eminente participação junto às propostas governamentais, sendo agente promotora de tais ideais que ressaltaram uma proposta de progresso fecunda, vindoura de uma cultura que via na educação as condições favoráveis para implantação destes ideais.

Ao considerar as contribuições da autora ao movimento escolanovista no Estado de Goiás, objeto central da pesquisa, constata-se que a participação de Amália Hermano Teixeira tomou dimensões centrais. Esta intelectual protagonizou-se por meio de uma defesa constante da prática docente ativa, para além da sala de aula, com fundamentos científicos, técnicos e que centralizasse o aluno, a criança como protagonista do processo educativo. Estas defesas estão explícitas em seus escritos.

Amália Hermano Teixeira, a exemplo de grande parte dos escolanovistas em todo país, em seu tempo histórico, defendeu uma escola pública moderna, útil, científica, como princípio norteador da educação goiana. Ressaltou-se como uma grande estrategista que utilizou de seus saberes e posições ocupadas para propagar e instituir o ideário escolanovista em Goiás.

Conclui-se, que Amália Hermano Teixeira, salva pelos condicionamentos provenientes de seu tempo histórico e cultural, alçou voos altos, ao traduzir em suas publicações a confirmação de sua atuação enquanto partícipe da organização educacional goiana, que se projetou a partir das novas propostas escolanovistas e que, diretamente, contribuiu para a efetivação de tais propostas educacionais, ao promover a preparação de normalistas para a atuação na educação primária. Também, registrou-se que, enquanto professora inovadora, Amália Hermano Teixeira buscava desenvolver em sua prática os ideais que acreditava propiciar um ensino com mais qualidade.

Enquanto professora, buscou desenvolver-se tendo a educação como um propósito de aferir mudanças comportamentais, que geraria uma mudança social. Abarcada em conflitos e divergências que ressaltavam sua personalidade forte e ativa, entremeadas a uma incomum paixão pela natureza, Amália Hermano Teixeira constitui-se como uma construtora participante e colaboradora da organização educacional goiana.

Depreende-se, ainda, Amália Hermano Teixeira, como intelectual liberal, sua gênese está no envolvimento do governo, mas ao mesmo tempo sua crítica. Nesta

compreensão, recorre-se ao já citado posicionamento de Antônio Cândido (1979), para confirmar a ideia que “o intelectual parece servir sem servir, fugir mas ficando, obedecendo negando, ser fiel traindo. Um panorama deveras complicado.” (Ibidem, 1979).

Credita-se a Amália Hermano Teixeira, este posicionamento; de intelectual não fidedigno a uma única posição social, uma intelectual que serve, que obedece, mas, também, nega, que não se compromete com extrema fidelidade, ao ponto de sucumbir suas próprias prerrogativas. Uma intelectual que serviu, mas também posicionou-se diante das diversas situações no decorrer da história da educação goiana.

Compreende-se a importância de Amália Hermano Teixeira e sua participação no engajamento escolanovista em Goiás, ciente de sua posição privilegiada junto ao Governo do Estado; o que contribuiu para sua expressiva notoriedade social. Entretanto, é justo o registro histórico da trajetória intelectual dessa Professora, ao se acentuar a sua participação ativa, assídua e contribuinte do processo de consolidação da escola pública em Goiás.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.

ANDRÉ, Marli. E. D. A. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. Educação rural e formação de professores no Brasil: gênese de uma experiência pioneira. *Cadernos de História da educação*, v. 10, n. 2, jul./dez. 2011. p. 237-255. Disponível em: 14624-55189-1PB, pdf.

ARAÚJO, Jaqueline Portela de. *Ruralismo pedagógico e escolanovismo em Goiás na primeira metade do século XX: O oitavo Congresso brasileiro de educação*. São Carlos, 2012. 217p. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.

AZEVEDO, Fernando. Os sistemas de educação renovada. Lição IV. In: *A cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BARBOSA, Rejane Maria; MARINHO, Araújo; CLASY, Maria. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. *Revista Estudos de Psicologia*, v. 27; n. 3, p. 393-402, jul.-set., 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3953/395335744011.pdf>. Acessado em 05 jun. 2018.

BARROS, Francisco. Amnésia histórica: Mal das ditaduras. Memória. *Jornal Opção*. Ed.2053. 08/11/2014. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/amnesia-historica-mal-das-ditaduras-20090>. Acesso em: 09 maio 2018.

BEDIN, Brigitte. *Os Pioneiros da Escola Nova: Manifestos de 1932 e 1959 semelhanças, divergências e contribuições*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Escritos de Educação*. Organizadores. Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BLUMENSCHHEIN, Tezila. Plano de aula; unidade didática: A árvore, 1960, p. 16-19. In: *Revista de Educação*, n. 42, jan.-fev., 1960.

BRETAS, Genesco Ferreira. *História da instrução pública em Goiás*. Coleção documentos Goianos n. 21. Goiânia: CEFRAF – UFG, 1991.

BRZEZINSKI, Iria. Instituto de Educação de Goiás (1937-1972): o movimento instituinte-instituído. *Anais do VI COLUBHE*, Uberlândia, 2006. Disponível em:

<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/479IriaBrezezinskiATUAL.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

_____. *Escola Normal Oficial de Goiás: nascimento, apogeu, ocaso, (re)nascimento*. 2008. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/12.pdf>. Acessado em 2017.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. A teoria sociológica de Durkheim e a linguagem autorizada escolanovista: verticalização do ensino a partir do contexto histórico getulista. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 9, n. 1, p. 2-26, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2014v9n1p2-26>.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. O centenário e a vida em Flor de Amália Hermano. *Jornal Diário da Manhã*. DM - Opinião. 27 dez. 2016.

_____. A efetivação do papel social, cultural e político da mulher goiana. *Jornal Diário da Manhã*. DM - Opinião. 23 ago. 2016.

_____. A narrativa feminina e telúrica em Goiás: e as escritoras Adélia de Freitas e Carmem Gomes. *Jornal Diário da Manhã*. DM - Opinião. 21 jul. 2017.

_____. Bernado Élis das aguadas de todos os sertões desse Goiás: um inesquecível homem das letras, o tradutor da lama de Goiás. *Jornal Diário da Manhã*. DM - Opinião. 23 maio 2017.

DEWEY, John. *Experiência e Educação*. Trad. Anísio Teixeira. *Atualidades Pedagógicas*, v. 131. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em Pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FEREIRA, Janaina Amado; MORAES, Marieta (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

FILHO, Ruy Lourenço (Org.). *A formação de professores da Escola Normal à Escola de Educação*. Brasília: INEP/MEC, 2001. (Coleção Lourenço Filho-4).

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, p.139-152, 2004.

GALVÃO, Roberto Carlos Simões. Francis Bacon. Teoria, método e contribuições para a educação. *Revista Internacional Interdisciplinar*, v. 4, n. 2, p. 32-41, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5175564>. Acesso em: 05 jun. 2018.

GATTI, Bernadete. A.; ANDRE, Marli. E.D.A. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 29-38.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. A pesquisa na produção do conhecimento: questões metodológicas. *ECOS - Revista Científica*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 253-274, jul./dez., 2005.

GRACIANI, Graziela Dantas. *A função social da escola pública brasileira: um estudo exploratório*. São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HAHN, Fábio André. *História Intelectual: Uma nova perspectiva (Parte 1)* file:///C:/User01/Downloads/hist%C3%B3ria%20ehist%C3%B3ria%20parte%201.html

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Lais Teles Benoir. São Paulo:, Centauro, 2004.

JUSTINO, Jorge Augusto Almada. *Goiás 1912-1930: Hegemonia da Política Caiadista*. In: II CONGRESSO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO - UEG, Pirenópolis, 2015.

MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. A formação do professor para as escolas rurais no Paraná no contexto das políticas de educação nacionais e internacionais. *Revista Histedbr On-line*. Campinas, n. 43, p. 21-31, set. 2011. Disponível em: www.histeder.fe.unicamp.br/revista/edicoe/43/art02-43pdf. Acessado em: 30 mar. 2018.

MONARCHA, Carlos. *Brasil arcaico, Escola Nova: ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____; FILHO, Ruy Lourenço (Orgs.). *Manoel Bergstron Lourenço Filho. Tendências pedagógicas da educação brasileira*. 2. ed. Brasília: INEP/MEC, 2002. (Coleção Lourenço Filho).

NIEDERBAUER, Maria Augustina. O desenho a serviço da Linguagem. *Revista de Educação*, n. 42, p. 13-15, jan.-fev., 1960.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. *A ilusão pedagógica 1930-1945: estado, sociedade e educação em Goiás*. Goiânia: UFG, 1994.

_____. *A informação Goyana: seus intelectuais, a história e a política em Goiás (1917-1935)*. Tese. São Paulo, 1998. (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O POPULAR, jornal. *80 vidas nas páginas do popular: Amália Hermano a dama das orquídeas*. Goiânia, p. 51, 03 abr. de 2018.

PETITAT, André. *Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

REVISTA OESTE. 1942, 1943, 1944, 1945 - Em CD-Rom. Agepel.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. n. 37, Jan.-fev. 1959.

_____. n. 42, jan.-fev. 1960.

_____. n. 43, mar.-abr. 1960.

_____. n. 52, maio-jul.-ago. de 1962.

REVISTA HISTEDBR On-line. *O manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)*. Campinas, n. especial, p.188-204, ago., 2006.

RIBEIRO, Dinalva Donizete. *Modernização da Agricultura e (re)organização do espaço no município de Jataí-GO*. Presidente Prudente, 2003. 96 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROSA, Maristela da; TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Everaldo Adolpho Backheuser: um expoente de um escolanovismo católico. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 8, n. 14, jan./jun. 2016.

ROSAR, Maria de Fátima Feliz. Prefácio In: BATISTA, Eraldo Leme; ORSO; Paulinho José; COSTA, Bruno Botelho (Orgs.). *Os intelectuais e a defesa da educação brasileira*. Uberlândia, MG: Eletrônica, Navegando Publicações, 2018.

SANTOS, Ekristayne Medeiros de Lima. *A circulação do ideário escolanovista no Estado de Goiás: a revista de educação (1937-1962)*. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/90107?show=full>, Acesso em: 13 fev. 2017.

SILVA, Ana Lúcia. *A revolução de 30 em Goiás*. 2. ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2005.

SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano 1, n. 1, p.1-14, jul. de 2009, Disponível em www.rbhcs.com.

SILVA, Mônica Martins da. *A escrita do folclore em Goiás: uma história de intelectuais e instituições (1940-1980)*. 2008. 321 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, 2008.

SILVA, Ricardo. *O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo*. *Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 2, p. 299-335, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/218/21817695002.pdf>.

SKINNER, Quentin. Significação e compreensão na história das ideias. In: _____. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algés: DIFEL, p. 81-126, 2005.

SOUZA, Vanderlei Sebastião. *Autor, texto e contexto: a história intelectual e o contextualismo linguístico na perspectiva de Quentin Skinner*. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, ano V, n. 4, out./nov./dez., 2008.

SOUZA, Vinícius Silva de. *O homo faber segundo Hannah Arendt*. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

TEIXEIRA, Amália Hermano. *História de Goiás*. Organizadoras Eleuzenira Maria de Menezes; Janete Romano Fontanezzi; Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Goiânia: Kelps, 2011.

_____. *Perfis: pessoas que marcaram a minha vida*. Goiânia: Luzes, 1993.

_____. *Dois anos sem Maximiano*. Goiânia: Líder, 1986.

_____. *Reencontro*. Goiânia: Líder, 1981.

_____. *O curioso "caso" da Escola Normal oficial: a história de uma injustiça*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, 1946.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

_____. *Educação progressiva uma introdução a filosofia da educação*. Biblioteca Pedagógica Brasileira série III. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950. (Atualidades Pedagógicas, v. 3).

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. A construção da escola pública brasileira: a contribuição de Anísio Teixeira In: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; LIMONTA, Sandra Valéria. *Qualidade da escola pública: políticas educacionais, didática e formação de professores*. Goiânia: CEPED, 2013.

_____. et.al. *Educação escolar em debate*. Goiânia: Publicar, 2017.

_____. *O fracasso escolar: a constituição sociológica de um discurso*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1998.

_____; NEPOMUCENO, Maria de Araújo. (Coord.) *Pensamento educacional brasileiro*. Goiânia: PUC-GO, 2006.

UNIÃO BRASIELIRA DE ESCRITORES. *Escritores em ação!* Trinta anos de atividade cultural. Goiânia: UBE-GO; Poligraf, 1986.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e educação. *Pensar a Educação em Revista*, Curitiba; Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-21, abr.-jun., 2015.

_____. Contextualismo linguístico: contexto histórico, pressupostos teóricos e contribuições para a escrita da história da educação. *Revista. Bras. Hist. Educa.* Maringá, PR, v. 17, n. 3, (46), p. 43-67, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/487915/Inf%C3%A2ncia%2C+adolesc%C3%AAncia%2C+mocidade/4dd5ccb9-3258-4811-8379-19e458b193c0?version=1.3> Acesso em: 09 nov. 2017.

_____. *História dos intelectuais: representações, conceitos e teorias*. UFPR Eixo Temático 6 Intelectuais, pensamento social e educação. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo06.

_____. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 16, jan./abr., 2008.

VOSVERAU, Dilmeire SantÁnna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, n. 41, jan./abr., p. 165-189, 2014.

XAVIER, Maria do Carmo (Org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUADRO COM OS TRABALHOS PESQUISADOS PARA REVISÃO DE LITERATURA

Apêndice 01

Figura 01- Quadro de trabalhos pesquisados revisão de literatura

DESCRITORES: AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA; Intelectuais goianos; Revista de Educação em Goiás; GOIÁS 1930-1963; Revista Oeste; Escolanovismo e ruralismo em Goiás; Clubes Agrícolas em Goiás						
TITULO DA PESQUISA/DATA	AUTOR(A)	PALAVRAS-CHAVE	CAMPO DA PESQUISA	TESE	DISSERTAÇÃO	ARTIGOS
1-Apropriações do Movimento Escolanovista no Ensino de Aritmética e Geometria no Ensino Primário: análise das revistas pedagógicas goianas-2014	VB Maciel -	1-Revista de Educação Escolanovista 2-Ideário 3-Práticas escolanovistas e 4-A educação matemática das escolas primárias em Goiás.	Seminário temático.ufsc- Google acadêmico			X
2-A produção geográfica de Goiás-Brasil: tópicos para uma reflexão-2013	EF Chaveiro, WD Freitas	1-produção geográfica em Goiás, 2-geografia brasileira atual, 3-teoria geográfica.	revistas.ufg.- Google acadêmico			X
3-A escrita do folclore em Goiás: uma história de intelectuais e instituições(1940-1980)-2011	M.M.Silva	Amália Hermano Teixeira – Intelectuais goianos	repositorio.unb.br - Google acadêmico	X		
4-História da Esquerda em Goiás: 1960-1979- 2001	BD CUNHA	As relações entre a Esquerda em Goiás e o Regime Militar Arquivo Amália Hermano do Instituto Histórico Geográfico de Goiás	portais.ufg.br -Google acadêmico		X	
5-Tramas da relação psicopedagógica: a proposta da rede municipal de Goiânia para a educação Infantil(2013-2016)-2016	AGS Lemos	Colégio Amália Hermano Teixeira	repositorio.bc.ufg-- Google acadêmico		X	
6-A história de Goiás segundo ZoroastroArriaga-2016	E Medeiros	História de Goiás, Imprensa, Intelectuais, Regionalismo, Zoroastro Arriaga, Nacionalismo, Memória.	repositorio.bc.ufg gle acadêmico		X	

7-Ruralismo pedagógico e escolanovismo em Goiás na primeira metade do século XX: O Oitavo Congresso Brasileiro de Educação-2012	JVP Araújo	Ruralismo escolanovismo, O Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, Goiás	repositorio.ufscar-google acadêmico	X		
8-A educação primária no Tocantins: das escolas isoladas aos grupos escolares-2012	BB Dourado	: Educação. História da Educação no Tocantins. Grupos escolares	histedbr.fe.unicamp - Google acadêmico		X	
9- <u>Psicologia e educação em Goiás: uma contribuição historiográfica-2016</u>	AML Catão	Psicologia em Goiás; História; Escola Nova; Ensino Tecnista	repositorio.bc.ufg-Google acadêmico		X	

Figura 02- Quadro de trabalhos continuação das pesquisas revisão de literatura

DESCRITORES: AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA; Intelectuais goianos; Revista de Educação em Goiás; GOIÁS 1930-1963; Revista Oeste; Escolanovismo e ruralismo em Goiás; Clubes Agrícolas em Goiás						
TITULO DA PESQUISA/DATA	AUTOR (A)	PALAVRAS- CHAVE	CAMPO DA PESQUISA	TESE	DISSER TAÇÃO	ARTIGOS
10- A circulação do ideário escolanovista no Estado de Goiás: a revista de educação(1937-1962)-2013	EML Santos	Revista de Educação. Imprensa Pedagógica. Circulação de ideias	repositorio.unesp- Google acadêmico		X	
11- Escola Normal de Goiás: Nascimentoapogeu, ocaso,(re) nascimento-2008	I Brzezinski - ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria Gonçalves		- sbhe- Google acadêmico			X
12- Políticas públicas de interiorização da educação em Goiás nas décadas de 1930 e 1940-2012	NEPOMUCENOM.A.Ma ria GUIMARÃES.M.T.C	Política educacional;educação;história da educação;Goiás1930-1945	bhe.sbhe.org.br- Google acadêmico			X

¹ Neste trabalho não há específico a citação do nome de Amália Hermano Teixeira, o trabalho apresenta a data, o assunto que corresponde ao tempo histórico e geográfico da pesquisa em questão. Além da relevância na associação do contexto vivenciado por Amália Hermano Teixeira, que durante os anos de 1959 a1962 foi diretora da revista de Educação.

Figura 03- Quadro de trabalhos continuação das pesquisas revisão de literatura

DESCRITORES: AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA; Intelectuais goianos; Revista de Educação em Goiás; GOIÁS 1930-1963; Revista Oeste; Escolanovismo e ruralismo em Goiás; Clubes Agrícolas em Goiás						
TÍTULO DA PESQUISA/DATA	AUTOR (A)	PALAVRAS- CHAVE	CAMPO DA PESQUISA	TESE	DISSER TAÇÃO	ARTIGOS
13- Goianidade em canto: ideologia e educação no movimento da mercadoria ou na modernização do sertão goiano-2015	AC Magalhães	Educação Goianidade Ideologia	repositorio.bc.ufg-google acadêmico	X		
14-Avaliação dos impactos ambientais no Parque Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira , Goiânia-GO-2012	TSR PEREIRA, A Pasqualetto	Unidades de conservação. Parque Jardim Botânico. Meio ambiente.	conhecer.org.br-google acadêmico			X
² 15-Inventário das cinzas: Brasas dormentes da produção literária sobre o Cerrado em Goiás	CURADO, B. A. A. J. F.		repositorio.bc.ufg-google acadêmico	X		
16- Como serei quando for professora: A constituição do "Sujeito docente na revista Oeste"	ARAÚJO, Jael Flávia de Paiva. SANTOS Silva Félix dos	Análise do Discurso. Identidade Docente. Revista Oeste.	www.anais.ueg-google.academico			X
³ 17-Os intelectuais no Estado Novo (1937-1945): a trajetória de Paulo Figueiredo e as Revistas Cultura Política e Oeste-2010	MC SCHWAB	Estado Novo. Figueiredo, Paulo. Revista Cultura Política. Revista Oeste	repositorio.bc.ufg.br		X	
*Um Chapéu Para Viagem.1982	Zelia Gattai					

² Nesta tese, nas páginas 303^a 308, o autor faz referência a Amália Hermano Teixeira um subtítulo "Amália Hermano Teixeira, as histórias, o Cerrado e as orquídeas do mato" que faz um contexto histórico –bibliográfico sobre Amália Hermano.

³ Neste trabalho não há específico a citação do nome de Amália Hermano Teixeira, o trabalho apresenta a data, o assunto que corresponde ao tempo histórico e geográfico da pesquisa em questão. Além da relevância na associação do contexto vivenciado por Amália Hermano Teixeira, como colaboradora da Revista Oeste.

*No livro Um chapéu Para Viagem que não é um trabalho científico, mas conta-se uma dedicatória de Zélia Gattai a Amália Hermano Teixeira, o qual encontra-se relevante na proposta de compreensão do contexto e suas relações.

ANEXOS

ANEXO 01 – RELATÓRIO DAS ENTREVISTAS TRANSCRITAS DE ELEUZENIRA

Anexo I

Documento elaborado a partir do depoimento da professora e historiadora Eleuzenira Maria de Menezes, organizadora do livro *História de Goiás*, obra póstuma de Amália Hermano Teixeira- publicado em 2011. Trata da pesquisa realizada sobre a pessoa de Amália para organização do livro.

Eleuzenira Maria de Menezes tem formação em História, especialização em História da Educação e Mestrado em História pela UFG. É professora da rede Estadual e Municipal de Goiânia.

Relatou que sua participação no livro de Amália surgiu quando estava fazendo o mestrado em 2004, sua dissertação era sobre os migrantes, e buscou dados no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, onde conheceu por meio de uma entrevista José Mendonça Teles, presidente do Instituto que a convidou para organizar o acervo recebido pelo instituto. O acervo contava com materiais que Amália Hermano tinha organizado durante sua vida, dentre eles cartas, documentos, revistas e o livro, já escrito que a autora organizou durante quatro décadas.

Logo que terminou o mestrado, Eleuzenira Maria Menezes e Janete Romano Fortanezi (também historiadora) iniciaram seu trabalho que abrangia higienizar, organizar e catalogar o acervo e organizar o livro *História de Goiás*, o qual conta com mais de quinhentas páginas e mais de duzentas notas complementares. Todo o livro foi digitado pelas organizadoras, além de organizar também uma nova introdução e atualizar os mapas.

Depoimento

Segundo a historiadora Eleuzenira Maria Menezes, Amália Hermano Teixeira, fez uma pesquisa bastante profunda ao elaborar este livro, pesquisa pela qual a autora debruçou-se durante quarenta anos. Amália foi uma mulher a frente de seu tempo, além de ambientalista, foi a primeira orquídea de Goiás, criou uma associação de orquidóferos, fez catalogação de uma orquídea que recebeu seu nome.

Amália era muito ativa, participou, promoveu e organizou muitos seminários; semana da cultura, dos quais conviviam com intelectuais de âmbito nacional e internacional. Dentre eles; Jorge Amado, Pablo Neruda, os quais recebiam em sua chácara em Goiânia, onde promovia vários eventos e recebiam grandes nomes da sociedade.

Foi uma intelectual que escreveu muito, publicou poucos livros, entretanto há muitos artigos, segundo Eleuzenira, Amália escreveu mais de cem artigos, e possuía uma

interessante de pesquisas. Possuiu quantidades imensas de livros, coleções de porcelanas. Após sua morte, seu acervo foi socializado.

Uma característica marcante em sua personalidade, era sua paixão pela terra, participava ativamente de seminários de botânica, era uma verdadeira ativista pelo meio ambiente. Fazia caminhadas ecológicas, trilhas, já apresentava uma ambientalista antes que se utilizasse esse termo.

Para a educação, foi grande sua contribuição. Além de professora, tinha uma postura em defender a educação pública, como é mostrado em seus artigos. As pesquisas realizadas, retratam a importância que buscava representar o Estado de Goiás, em retratá-lo de forma que o mesmo fosse conhecido nacionalmente e internacionalmente.

Segundo Eleuzenira, o meio em que Amália vivia, foi fundamental para sua atuação, não tinha filhos e seu marido Maximiliano, era desembargador, viajavam muito, conheciam muitos intelectuais e Amália sempre trazia para Goiás as ideias inovadoras, tanto para a questão educacional quanto ambiental.

Quanto ao livro História de Goiás, Amália Hermano Teixeira deixa sua marca como pesquisadora, uma pessoa que leu muito. No livro há mais e duzentas notas complementares, um indicativo que a autora fez muitas pesquisas para produzir o livro. O livro é um compêndio de outras obras. Há uma exaltação as riquezas de Goiás e um cuidado para com o meio ambiente.

Amália Hermano Teixeira, deixou a marca de uma excelente pesquisadora, detalhista, com um cuidado de provar sua posição de pensamento. Uma grande intelectual de Goiás.

Entrevista realizada dia 08 de outubro de 2016

Assinatura: Eleuzenira M. de Moraes

ANEXO 02 – RELATÓRIO DE ENTREVISTA TRANSCRITA DE ROSINHA HERMANO

ANEXO II

Documento elaborado a partir do depoimento de Rosinha Hermano (irmã de Amália Hermano Teixeira), em 01 de outubro de 2017. Trata-se de um relato sobre a vida familiar de Amália Hermano Teixeira, sua convivência com a família e sua rede de relações (amigos).

Foi em um domingo a tarde, dia 01 de outubro de 2017, que esta senhora de 85 anos, se propôs a me receber, em uma aconchegante casa na Rua 55, Goiânia, casa que foi construída em 1965, guarda muitas memórias de tempos ainda que Goiânia estava em um processo de construção. A casa toda decorada com fotos que retratam a vida da família, configura toda uma história da própria Rosinha e também de Amália Hermano Teixeira, juntamente com outros membros da família e figuras importantes que transitaram em sua história.

Muito generosa, dona Rosinha já me esperava perto da porta, em uma entre sala com bastante ventilação, me recebeu com um sorriso que de imediato me incentivou a uma longa e profícua conversa;

DEPOIMENTO

Rosinha Hermano iniciou a conversa sobre a vida de seus pais, que moravam em Natividade, onde Amália nasceu, o casal ainda teve mais duas filhas; Deusueta e Jandyra e juntamente com a mãe de seu pai e três irmãos, foram obrigados a fugir deste lugar, abandonando suas posses devido a uma guerrilha. Mudaram-se para Itaberá onde moraram por dois anos. Lá tiveram mais dois filhos; José e Cremilda. De lá mudaram para Goiás, estabeleceram até 1937. Onde seu pai tinha uma pensão “Pensão Manduca” que recebiam estudantes que vinham do Norte para estudar.

Em Goiás tiveram os outros filhos, somando um total de nove. Assim como Amália, a filha mais velha, todos os outros filhos do Sr. Manoel José Hermano estudaram no Liceu, alguns em Goiás, outros em Goiânia. A senhora Archângela Pereira Hermano sempre deu muita importância aos estudos, e incentivou os filhos a estudar,

acreditando que os filhos tivessem uma vida mais fácil. “Tudo que não tive quero que meus filhos tenham” dizia ela.

Todos os filhos do casal Hermano cursaram o ensino superior, uma filha fez contabilidade, uma fez magistério e os outros todos cursaram direito. Dona Rosinha não advogou mas trabalhava no gabinete civil como funcionária pública. Explica que assumiu o lugar de Amália Hermano na Caixa de Assistência dos Advogados do Estado de Goiás.

Amália fez o curso na escola Normal e depois o curso direito, advogou pouco, entretanto o curso de direito lhe permitiu exercer diferentes cargos.

No âmbito familiar Amália como irmã mais velha assumia a função de ajudar a cuidar dos irmãos, além de cooperar nos serviços de casa, pois mesmo a mãe tendo ajudante, era a mesma que comandava a casa, e assim Amália lhe ajudava bastante. Tinha uma natureza forte, lutava sempre pelas coisas que queria, “Amália ia até o fim e conseguia o que queria, ela lutava e não desistia, e conseguia”.

Amália e Maximiano (seu marido) se conheceram em Goiás, quando este foi estudar o curso de direito. Lá se casaram em 01/de fevereiro de 1937 e se mudaram para Goiânia. Onde Maximiano foi trabalhar com Pedro Ludovico Teixeira. Quanto ao casamento deles, Rosinha afirma que viviam muito bem, pois Maximiano nunca foi um homem machista, contribuía para que ela fizesse seus passeios, suas viagens para outros estados e até outros países, além de ser um grande incentivador na construção de sua identidade como intelectual. “Ele sempre apoiou Amália em todas as suas iniciativas”

Maximiano nasceu em Natividade, fora cedo estudar na Bahia, lá se tornou colega e amigo de Jorge Amado. A amizade entre Amália Hermano e Zélia Gatai (esposa de Jorge Amado) surgiu devido essa longa amizade entre Maximiano e Jorge Amado.

Os pais de Amália também se mudaram no ano de 1937, para Goiânia, onde também abriu um hotel. “Hotel Maduca” primeiro na Rua 16 e depois na Avenida Tocantins. Residiram na rua 55. (casa ao lado onde Rosinha em 1965, ganhando um terreno do pai, construiu sua casa.) Nesse hotel comandado pelo pai de Amália, hospedaram-se muitos intelectuais, dentre eles: Bernardo Élis, Elías Brasiense, João de Abeu, dentre outros. A participação dos intelectuais sempre fora presente na vida de Amália e de

sua família. “_ O Bernado Elis, morou aqui em casa, era uma graça. Escreveu um livro onde faz dedicatória a papai e mamãe” No livro retrata a história de lutas ocorridas em Natividade.

A rede familiar de Amália sempre fora bastante próxima, Amália gostava de reunir, comemorar todos os aniversários. Mesmo não tendo filhos, acolheu os sobrinhos, gostava de dar presentes. Gostava de decorar a casa “_ Arrumava o ambiente, gostava de fazer tudo muito bonito. Amália foi uma irmã muito boa, muito carinhosa com os pais, boa amiga, tinha alunas que não saíam da casa dela, e causou inveja da diretora da escola normal”.

Rosinha Hermano acentua que “Amália tinha uma correspondência muito ampla, sua rede de sociabilidade era imensa. Viajava muito e seu marido a apoiava nestas viagens, pois mesmo em um tempo que muitos homens não valorizavam as mulheres, Maximiano era diferente, ele não se importava de Amália fazer suas viagens, e ela ia para Bahia, e se hospedava na casa de Jorge Amado”.

O casal recebia muitos intelectuais em sua casa em Goiânia. Outra importante amizade de Amália foi com um casal de missionários da igreja Batista, vindos dos EUA para construir a Primeira Igreja Batista de Goiânia. Foi Amália quem os ajudou na organização dos documentos. Aqui permaneceram por muitos anos e constituíram uma ela amizade. (Amália escreveu sobre o casal em seu livro “Perfis” pessoas que marcaram minha vida, publicado em 1993. Essa amizade se estendeu mesmo após o casal de missionários voltar aos Estados Unidos e Amália os visitou, ficando hospedada em sua casa. _ “ Era uma amizade linda com a dona Geny e o sr. MacNealy. Eles tiveram dois filhos, e receberam Amália em sua residência, (Estados Unidos) ela ficou lá na casa deles uns dias.”

Uma outra característica marcante de Amália é quanto amor as flores. Rosinha contou-nos que Amália e Maximiano gostavam tanto de plantas que em sua casa cresceu um galho de uma planta, adentrando para dentro do cômodo do quarto, quando chovia molhava o casal, que se cobria com plástico, mesmo assim o casal não cortava a planta, situação que causou em Maximiano uma pneumonia por ficar molhado. E só depois de uma intervenção da mãe de Amália, o casal cortou o galho. Rosinha também relata que uma vez cortou uma mangueira em sua propriedade e recebeu muitas broncas de Amália.

O amor de Amália pelas plantas é ressaltado também na quantidade de plantas que havia em sua casa e na chácara que o casal tinha no setor Santa Geneveva, nesta chácara, segundo Rosinha, _“havia muitas árvores e plantas nativas, um lugar com muitas cobras, um verdadeiro recanto da natureza, onde até a arquitetura da chácara era de madeira”. Também nesta chácara mantinham um orquidário, pois Amália gostava muito de orquídeas, e em sua casa em Goiânia também havia outro orquidário, este menor, só com as orquídeas mais raras e caras.

Neste local (a chácara), recebiam os amigos e intelectuais com os quais conviviam. Recebera inclusive Pablo Neruda, e em um outro momento o embaixador de Cuba, situação que segundo Rosinha Hermano causou um desafeto para o casal em tempos de regime militar. Esse fato custou a Amália situações que a mesma precisou depor (dar explicações) junto ao governo e Maximiano perdeu direitos políticos.

”_ Isso é o que implicou quando Amália e Maci, (Rosinha assim retrata o cunhado) recebeu um embaixador de Cuba, Maxi fazia um churrasco que só ele fazia daquele jeito, uma maravilha. Eles receberam o embaixador e, logo após por causa do regime militar, Amália foi demitida da faculdade que trabalhava, foi ouvida pelo coronel, mas Amália era de fibra. E Maci só não foi demitido por que já tinha sido aposentado, mas também cortaram -lhe os direitos políticos. No entanto, com o fim do regime militar Amália foi readmitida no cargo de professora universitária da Universidade Federal de Goiás e a Maximiano foi-lhe devolvido seus direitos políticos.

Católica, Amália participava das festividades da igreja, mas nunca fora uma participante atuante. Seu contexto social sempre fora privilegiado por envolvimento intelectual com grandes personalidades, os quais frequentavam a casa de seus pais, dentre eles artistas renomados como: Siron Franco, o qual pintou uma tela com a foto de Amália. (foto em anexo)

Maximiano e Amália não eram de família rica, ambos viam nos estudos a oportunidade de construir sua vida, o que foi conquistado pelo esforço de ambos. Moravam em Goiânia em uma pequena casa, cheia de plantas durante toda a vida.

Quanto a sua posição política, Amália sempre participou ativamente junto a Pedro Ludovico Teixeira, com quem seu marido Maximiano trabalhou como secretário.

O amor de Amália pelas plantas é ressaltado também na quantidade de plantas que havia em sua casa e na chácara que o casal tinha no setor Santa Genoveva, nesta chácara, segundo Rosinha, _ “havia muitas árvores e plantas nativas, um lugar com muitas cobras, um verdadeiro recanto da natureza, onde até a arquitetura da chácara era de madeira”. Também nesta chácara mantinham um orquidário, pois Amália gostava muito de orquídeas, e em sua casa em Goiânia também havia outro orquidário, este menor, só com as orquídeas mais raras e caras.

Neste local (a chácara), recebiam os amigos e intelectuais com os quais conviviam. Recebera inclusive Pablo Neruda, e em um outro momento o embaixador de Cuba, situação que segundo Rosinha Hermano causou um desafeto para o casal em tempos de regime militar. Esse fato custou a Amália situações que a mesma precisou depor (dar explicações) junto ao governo e Maximiano perdeu direitos políticos.

”_ Isso é o que implicou quando Amália e Maci, (Rosinha assim retrata o cunhado) recebeu um embaixador de Cuba, Maxi fazia um churrasco que só ele fazia daquele jeito, uma maravilha. Eles receberam o embaixador e, logo após por causa do regime militar, Amália foi demitida da faculdade que trabalhava, foi ouvida pelo coronel, mas Amália era de fibra. E Maci só não foi demitido por que já tinha sido aposentado, mas também cortaram -lhe os direitos políticos. No entanto, com o fim do regime militar Amália foi readmitida no cargo de professora universitária da Universidade Federal de Goiás e a Maximiano foi-lhe devolvido seus direitos políticos.

Católica, Amália participava das festividades da igreja, mas nunca fora uma participante atuante. Seu contexto social sempre fora privilegiado por envolvimento intelectual com grandes personalidades, os quais frequentavam a casa de seus pais, dentre eles artistas renomados como: Siron Franco, o qual pintou uma tela com a foto de Amália. (foto em anexo)

Maximiano e Amália não eram de família rica, ambos viam nos estudos a oportunidade de construir sua vida, o que foi conquistado pelo esforço de ambos. Moravam em Goiânia em uma pequena casa, cheia de plantas durante toda a vida.

Quanto a sua posição política, Amália sempre participou ativamente junto a Pedro Ludovico Teixeira, com quem seu marido Maximiano trabalhou como secretário.

E Rosinha Hermans termina a entrevista ressaltando que “- Se me perguntar o que Amália mais gostava de fazer eu respondo: Gostava de falar com as flores. Ela amava as flores”.



Rosinha Hermans

A entrevista foi gravada, transcrita e revisada com autorização da entrevistada que assinou comprovando sua autenticidade no depoimento.

ANEXO 03 – RELATÓRIO DE ENTREVISTA TRANSCRITA DE DR. BENTO FLEURY CURADO

Anexo III

Documento elaborado a partir do depoimento do Dr. Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, Professor Universitário e Funcionário Público. Amigo de Amália Hermano Teixeira, com quem trabalhou de 1988 a 1991 como arquivista e datilógrafo. Trata da pesquisa realizada sobre a pessoa de Amália Hermano Teixeira e seu contexto em convivência com seu trabalho no campo educacional, sua família e seu amor pelas plantas.

A pesquisa realizou-se no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, no dia 05 de outubro de 2017. Foi uma entrevista agendada, e ocorreu após um longo e profícuo trabalho de visitas ao Instituto no intuito de recolher dados para a pesquisa em questão.

A pesquisa realizou-se semi – aberta, com questões de direcionamento; sendo que o entrevistado teve liberdade para ressaltar suas memórias e convicções acerca do objeto da pesquisa- a pessoa de AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA:

1- (ENTREVISTADOR) Como você conheceu Amália Hermano Teixeira? Quanto tempo vocês conviveram?

(ENTREVISTADO) - Eu conheci a doutora Amália Hermano Teixeira quando eu era criança, meus avós, meus pais eram amigos dela, dos pais dela, que, na Cidade de Goiás tinham uma pensão, a "Pensão Manduca", que era uma pensão do tipo refúgio dos nortenses, que vinham onde é hoje o Estado do Tocantins.

Então, nesta pensão, dona Archângela e senhor Manuel José Hermano criaram todos os seus filhos; ficava na velha capital ali perto ao centro. Como minha família ali viveu, eles eram conhecidos há muitos anos, muito antes de mim. E eu conheci Amália porque ela recolhia orquídeas e plantas do cerrado e na chácara onde eu vivia tinha muito destas espécies, das quais, ela gostava de colecionar e catalogar. Ela ia em uma rural, carro do tipo antigo; ela, o desembargador Maximiano, geralmente ia o Ângelo Rizzo, e Roberto Burle Marx; as pessoas que eram responsáveis pela classificação de plantas.

Uma vez foi o Burle Marx, sempre que ele vinha a Goiânia ele ia com eles nestas excursões, em Goiás, na Serra Dourada, no cerrado e na chácara onde vivíamos. Ela ia, e como já conhecia nossos pais, nossos avós, desde criança, eu deveria ter uns nove anos, já conhecia a doutora Amália Hermano. E já me afeiçoei a ela, pois a



mesma era uma pessoa muito agradável, gostava de criança, comunicava com a gente; era uma pessoa expressiva. Uma pessoa que tinha carisma, essa é a palavra certa. E o Desembargador Maximiano a mesma coisa, ele ainda era mais engraçado do que ela, apesar de ser um homem nobre na profissão que exercia; desembargador, altíssimo cargo na esfera do judiciário, era presidente do Tribunal de Justiça da época.

Mas, fora do convívio judiciário, ele era um homem muito amistoso, alegre, brincalhão; gostava de contar piadas. Então, meu convívio com Amália Hermano Teixeira foi desde quando eu tinha nove anos de idade.

2- (ENTREVISTADOR) Você disse que Amália Hermano era agradável. E às vezes a gente escuta que ela tinha uma natureza forte. Como era Amália Hermano Teixeira como pessoa, como era a natureza dela?

(ENTREVISTADO)- Ela era uma pessoa calma, muito tranquila no convívio. Porém, muito rígida, mesmo no convívio íntimo; ela não tolerava mentira, não tolerava distorções, não tolerava pornografia, nada. Era uma pessoa muito centrada, tinha muita força de vontade para realizar as coisas que planejava: tinha os projetos, muito antes de mim conhecer, já na década de 1960, que ela montou um arquivo próprio na casa dela, no escritório dela, e esse arquivo era o que os bibliófilos fazem: recolhia tudo acerca de Goiás, das pessoas, do cerrado, das orquídeas, dos lugares, tudo. Arquivo, artigos, tudo. O sonho dela era que a casa dela se tornasse, ao longo da vida, e, depois dela falecida no maior arquivo referente às coisas de Goiás. Então, ela tinha as caixas com tudo que diz respeito a Goiás e ia arquivando. Mais tarde, quando completei dezoito anos, eu fui trabalhar com ela nestes arquivos, no ano de 1988.

Ela tinha todos os jornais do dia. Nestes jornais, ela lia e recortava tudo que julgava importante e eu ia colocando nas pastas. Tinha um funcionário que ajudava-a desde desta época e o desembargador Maximiano. Depois que eles se aposentaram, intensificaram esse trabalho. Mas, ela era de coletar tudo que pudesse ser material de pesquisa, pois queria fazer a grande história de Goiás. O tanto de material que possuía, faria uma história que seria uns dez volumes.

Então, ela não tinha tempo para futilidades. Amália não ia em festas sociais, nunca foi, ela não participou de nenhuma instituição cultural; ela foi chamada para todas, ela não ia. Ela foi chamada para a academia Feminina de Letras e não aceitou, foi chamada para o Instituto Histórico Geográfico e não aceitou, porque ela não queria

estar presa. Ela tinha na casa dela esse arquivo e também na Avenida Goiás, Edifício Vila Boa, tinha uma sala, do teto ao chão de livro da área de Direito e da área de História. Então ela dividia o tempo entre a leitura e as orquídeas. Ela não tinha tempo. Muitas vezes, quando estávamos trabalhando na casa dela, ela ficava irritada, pois tinha muita gente chamando, pessoas querendo conhecê-la, ou a mídia para algum evento e ela dizia que não tinha tempo, que não conseguia produzir.

Ela não tinha tempo para nada a não ser cuidar de seu material, chegava ao excesso, excesso de cuidado com aquele material que (esse excesso acho que a matou), mas esse material um pouco se esfacelou, um pouco está comigo, mas nada se perdeu, ainda bem. Mas, uma vida toda dedicada a isto. Era uma pessoa séria, comprometida; comprometida com horário, levantava cedo, tomava o café dela e já ia trabalhar. Eu quando trabalhava com ela, já chegava a casa dela e ela já estava trabalhando. Ela catalogava e eu ia guardando nas pastas, no escritório dela tinha muitas caixas com todos envelopes, destinados a governos, políticos, lugares... tudo separado pela ordem e pela data. Quando eu terminava de guardar aquele do dia, eu ia datilografar, o livro da história de Goiás, os arquivos antigos que ela já tinha coletado.

O arquivo era contínuo, ela alimentava o arquivo todos os dias. Quando eu comecei a trabalhar com ela, já tinha uns oito meses sem ninguém para trabalhar. Então, eu fiquei mais ou menos um mês só guardando material, pois tinha pilhas de papéis, de jornais recortados para guardar nos lugares. Deu um trabalho muito grande, mas quando eu alcancei o cotidiano, todos os dias eu chegava, guardava o do dia, eu chegava as 8:00, ela já tinha levantado as 6:00, lido tudo e recortado, e eu ia guardar o do dia. Depois, ia datilografar aquilo que ela já tinha produzido. Como eu era bom datilógrafo, logo, depois de uns dois ou três meses eu consegui alcançá-la. Alcancei o que ela tinha escrito, pois a noite ela escrevia. Ela não parava, dormia só umas quatro ou cinco horas por noite. Como ela morava sozinha, ela não assistia televisão, ela não tinha televisão dentro de casa, ela só tinha TV no escritório e ela não ligava. Gostava de música, pois ela achava que a televisão tirava a atenção dela. Achava que as informações dos jornais já estavam boas, naquela época não tinha internet. Ela era uma mulher que vivia para o trabalho, ela jantava lá pelas 19:00 e ela ia escrever, a mão. E escrevia até quando aguentasse. Então, eu a alcancei, aí ela dizia. -"Se eu não escrever hoje, amanhã não terá nada para você fazer, pois você já me alcançou". Era uma mulher objetiva, técnica. Claro que não deixava de ser



amorosa com sua família, com outras pessoas, pois era uma pessoa caridosa, mas era uma pessoa comprometida com o seu tempo, não se permitiu descansar.

3-(ENTREVISTADOR) Como você caracterizaria a professora Amália Hermano como Intelectual que militava no campo da educação?

(ENTREVISTADO) Quando eu a conheci, ainda era criança, quando comecei a trabalhar com ela já tinha se aposentado. Mas, a sua primeira função foi como professora. Teve sua formação inicial como professora (normalista), estudou no Liceu e na Escola Normal. Ela não trabalhou antes de se formar como normalista. Lecionou no Ensino Fundamental, Quando se casou era professora pública, fez concurso, ainda lá na cidade de Goiás, velha capital. Com o passar dos tempos, foi fazendo cursos, (fez o curso de Direito mais tarde) e passou a trabalhar no Ensino Secundário, lá na Escola Normal, que se tornou o Instituto de Educação de Goiás. Os diretores com quem ela trabalhou foram: José Lopes Rodrigues e a professora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, a qual ela teve aquele problema, a briga entre Amália e Ofélia.

Ela foi uma professora pesquisadora. Tinha uma didática escolanovista- isto foi na época inovadora, dava aulas práticas. Ela era professora de Geografia, Amália não entendia uma Geografia no gabinete, na sala de aula. Entendia Geografia campo. Então, ali, onde hoje é o Setor Universitário, Vila Nova, Nova Vila; todos aqueles setores onde o Instituto de Educação está localizado, Amália saía em aula campo com suas alunas, aulas práticas, essas aulas erram para mostrar em loco as alunas conteúdos como meio ambiente, cerrado; inclusive conteúdos que não estavam nem no currículo. Por isso que a professora Ofélia brigou com ela, acusou-a.

E, nisso, Amália já era percursora, pois até hoje não se estuda geografia de Goiás como se deveria. Naquela época, década de 40/50/60 ela já era professora que se preocupava com o cerrado, com o chão com as plantas, com a natureza. Estudava, solo, clima, topografia, plantas, botânica e as aulas dela não era dentro da sala de aula e isso provocou um problema, que levou-a a sofrer sanção da professora Ofélia. Mas, Amália não aceitou, e assim, como já era advogada, entrou com recurso e ganhou. Publicou o livro *O Curioso caso da Escola Normal oficial-1946*.

Ela era professora secundária, o marido advogado que depois se tornou Desembargador e quando fundou-se a Universidade Federal de Goiás, mesmo no começo quando era a faculdade de Filosofia, ela já era uma das pessoas procuradas

para pesquisa, pois era uma pesquisadora reconhecida; mesmo sendo uma simples professora secundária do estado.

Quando surgiu a *Revista de Educação*, na década de 1960, Mauro Borges Teixeira, convidou-a para a direção da mesma; ela saiu do Instituto de Educação e passou a dirigir a revista, como professora secundária, mas ficou à disposição da revista. Ela ganhava pouco, ganhava como professora secundária, mas assumiu a direção da revista, não recebia nenhum valor a mais de gratificação.

Mas, por amor a causa, ela foi, pois era uma responsabilidade muito grande. Inovou a revista de tal maneira que esta se tornou uma grande revista. E isso deu visibilidade a ela, pois além de ser uma jornalista, pesquisadora, professora. Então, nessa época, ela saiu da sala de aula e foi trabalhar na revista. Também, foi professora universitária. Foi perseguida pelo regime militar, quando dava aulas na universidade de Estudos goianos; tinha um grupo criado pelo D. Colemar da Silva- (reitor) que tinha m grupo de estudos brasileiros e era Amália que representava Goiás nesse sentido.

4-(ENTREVISTADOR) Há uma linha de historiadores que enxergam Amália como uma reprodutora do Governo. Gostaria que você comentasse sobre o aspecto de Amália Hermano Teixeira como representante do Governo.

(ENTREVISTADO) Amália era uma representante do Governo, pois assim ela não deu seguimento ao caso com a professora Ofélia, a pedido do Governador Pedro Ludovico, que também era muito amigo da Ofélia e muito amigo de Amália. Por isso, Pedro Ludovico tirou Amália da sala de aula. Também Coimbra Bueno, a mesma coisa, pois percebeu que Amália não era uma professora comum e poderia ser mais bem aproveitada em âmbito geral, na Secretaria de Educação mesmo e criaram o Departamento de Imprensa e Propaganda, dentro da secretaria de Educação. O que foi uma inovação que até hoje tem- hoje é o Departamento de comunicação. Ela (Amália), então, passou a ser a responsável por coligir todas as informações e trabalhar dentro da Revista de Educação que já tinha cessado a publicação. Foi Amália que trouxe a Revista de novo. Claro, se ela trabalhava na secretaria de educação do Governo, os paradigmas propostos sobre educação do governo, os paradigmas dele- claro. Como você vai trabalhar como pessoa de confiança e ir contra as ideias? Ainda mais ela que fazia viagens ao Rio de Janeiro para estar integrada as novidades nacionais da época. Tanto é que em 1961, o ano que se fez as modificações da educação, criou os novos paradigmas da educação, os currículos, LDB, ela estava envolvida.

5-(ENTREVISTADOR) Amália saiu da escola Normal e foi para a Secretaria Estadual de Educação?

(ENTREVISTADO) Sim, ela saiu da sala de aula e foi para a parte administrativa, para que o governo pudesse acalmar os conflitos entre Ofélia e Amália. E esse conflito acabou. Tanto que na década de 1960, as duas fizeram as pazes e em um dia de ir a Brasília, as duas foram juntas, no mesmo banco de ônibus e a história acabou. Entenderam que uma representava um estilo e a outra outro.

Pode-se caracterizar que Ofélia e Amália se compreendiam escolanovistas. Ofélia quando chegou em Goiás, trouxe toda uma bagagem de inovações; ela tinha feito o curso na escola Normal do Brás, em São Paulo, uma das melhores do País, era filha de goianos; então voltou para Goiás para dar um novo "Apple" à educação e deu. Tanto é que Ofélia foi uma das primeiras a publicar um livro didático em Goiás. O que Ofélia representou nos anos 1920, Amália representou nos anos 1940. Amália já era uma inovação a mais que Ofélia fazia e Ofélia não aceitava esta inovação, pois achava que ela (Ofélia) que tinha inovado. Foram intrigas por questões de vaidade, mas ambas faziam parte do mesmo grupo social, político. Grupo da Direita- na época (Pedro Ludovico Teixeira)

Quando teve modificação no período de 1946, que Coimbra Bueno- oposição tomou o poder, Ofélia foi colocada de lado e Amália foi acolhida, tanto é que continuou na Secretaria de Educação, na Revista. Quando chegou a época de Mauro Borges, aí sim, Amália deu foco a Revista. Assim, como educadora, traçou seu trabalho na escola Normal, Instituto de Educação e Diretoria de DIP. Mesmo na oposição, Amália continuou no DIP (Diretoria de Imprensa) e claro, realizou os paradigmas deste governo.

Assim, como Educadora, trabalhou na escola Normal- Instituto de Educação, Revista de Educação, até se aposentar e na Universidade Federal de Goiás até se aposentar. Então, no Parâmetro educacional foi esta a trajetória dela, mas em todas estas ela foi uma liderança, tanto é que ela foi uma das primeiras a ser perseguida no Regime Militar, pois ela trabalhava com políticas sociais educacionais, ela trabalhava com assuntos conflitantes, então ela foi impedida de trabalhar por um período, depois ela retornou.

6--(ENTREVISTADOR) Sobre a rede de relações sociais de Amália. Como ocorreu a rede de relações entre Amália e Pablo Neruda?

(ENTREVISTADO) No Congresso de Intelectuais de Goiânia, Amália foi uma das percussoras junto com o Governo da época para fazer este Congresso, um Congresso Internacional- Goiânia, um cidade com pouco mais de vinte (20) anos. Então, ela conseguiu que Pablo Neruda viesse dar uma palestra. Ela, Frei Confaloni, Regina Lacerda, eram os grandes mentores deste conjunto de intelectualidades. E como ele era visto como comunista, ela foi convocada a dar satisfações, devido o período ao qual o processo político se passava.

Eles sabiam que ela não era comunista, na realidade suas explicações foram mais por questões técnicas, pois ela não se envolvia em questões políticas. Ela dizia "Eu não gosto de política", uma simples funcionária pública. Isso se dava até pela posição que seu marido exercia, desembargador; o qual lhe cobrava uma regra de convívio. Ela estava sempre a serviço do estado, atendia aos seus interesses, dos dois lados, sempre buscando produzir algo de qualidade, seja qual for o governo.

Amália buscava produzir informações em prol do desenvolvimento, aberta a outras pessoas tinha a ideia de propagação de conhecimento. Inclusive, quando trabalhava na Revista Educação, fazia questão que a revista chegasse a todas as escolas do estado.

7--(ENTREVISTADOR) Quanto as relações sociais. Quem seria a pessoa que mais influenciou Amália Hermano ?

-(ENTREVISTADO) No convívio se for pensar que ela era uma pessoa de muitos eixos sociais; em cada campo que ela atuou existia uma pessoa. O professor Angelo Rizzo seria uma pessoa no campo da botânica, Professora Berta Langes de Morretes, de São Paulo, no campo da botânica, Regina Lacerda, vizinha e grande amiga dela no campo da literatura, a Dr^a Lenna Castelo Branco, também grande amiga no campo da história. O professor Colemar Natal e Silva, no campo do direito. Eram pessoas que tinham uma conexão com ela muito importante. Então, nas diversas áreas que ela atuou, em cada uma delas tinha uma pessoa que lhe era ícone.

8- (ENTREVISTADOR) Que informações você pode me falar sobre Amália Hermano Teixeira que não está nos livros, que é algo inédito?

-(ENTREVISTADO) Uma coisa que acho muito interessante nela para a época dela, a ideia libertária, libertária no sentido de convivência. Por exemplo, ela era uma pessoa que não aceitava a maledicência, como ela conhecia muitas pessoas, até um dos motivos de não gostar de receber pessoas em sua casa, por isso: a fofoca - Odiava a fofoca- chegava alguém e questionava-a por ter coragem de andar com

alguém que tinha alguma preferência sexual- ela dizia:- “Eu não tolero maledicência, não me importa as preferências sexuais das pessoas. Eu quero conhecer as pessoas pelo que elas são”. Ela tinha dezenas de amigos e amigas homossexuais, tinha muitas amigas homossexuais. E naquela época, há trinta anos atrás, isso era um tabu. E ela respondia: “Eu já sou uma velha, não importo com que as pessoas falam”.

Amália era uma pessoa desarraigada de questões de maledicência e muitas vezes ela não recebia pessoas, para não ouvir fofocas. Ela não tinha tempo para futilidades. Evitava tudo que gerasse fofoca. Ela preferia ficar com as plantas.

Ela tinha uma chácara no Setor Santa Genoveva, que adorava; nós fomos algumas vezes trabalhar lá. Ali não havia casa, tinha rancho, tudo in natura. Apenas flores. Mandava plantar flores como se planta arroz e feijão. Mandava arar a terra, fazia as ruas e plantava flores. Não era para vender. Não vendia flores, mas para ficar lá, para as borboletas. Tinha muitas flores. A casa era toda coberta de plantas. O fundo da chácara dela dava com o Rio João Leite. Lá tinha a natureza mais intocável possível, pois ela achava a natureza belíssima.

9- (ENTREVISTADOR) Então, você quer dizer que Amália tinha um verdadeiro amor pelas plantas? E esse amor foi ressaltado em seus discursos. Como ocorreu a participação de Amália Hermano nos grupos agrícolas?

-(ENTREVISTADO) O discurso de Amália Hermano quanto ao amor a terra, ao campo não é um discurso inócuo. Ela vivia isso. Na casa dela, por exemplo, a natureza se relevava, que na parte do fundo da casa, até o muro era só plantas, ela não deixava nada interferir. Tinha um jardim só de bromélias. Em sua casa era dividido, no jardim da frente só tinha rosas brancas, só brancas. Até que ela certa vez foi aos estados Unidos e trouxe uma mudinha, de uma rosinha branca que era um cipó. A casa dela era orlada com uma cerca de arame para a rosinha subir. A cada dela era um imenso jardim branco, aí vinha outro jardim só de bromélias, apenas bromélias. Na lateral dele (jardim) apenas avencas, do outro lado apenas violetas, do outro, apenas samambaias de metro e depois no escritório dela, onde ela trabalhava e eu trabalhava, tinha a cozinha do lado. E tinha um corredor no meio que só tinha orquídeas até lá no fundo. Lá no fundo tinha uma fonte com sombreiro que tinha uns cipós floridos. E ainda tinha uma outra planta chamada de bastão do Imperador. Era um perfume imenso e só tinha os espaços para passar.

10-(ENTREVISTADOR) E quanto à relação de Amália, sua participação nos grupos agrícolas e os grandes produtores?

-(ENTREVISTADO) A relação de Amália não refere aos grandes produtores, pelo contrário, está inserido no pequeno produtor, até quando a gente morava na fazenda e quando ela ia lá, eu tinha uns oito ou nove anos, ela nos ensinava; ensinava minha mãe como organizar uma horta, coisas que poderiam se aproveitar. Por exemplo, a taioba que era uma folha que não comíamos, e passamos a comer, pois ela ensinou que fazia como a couve. O almeirão que era algo que não gostávamos e aprendemos a fazer de um jeito que ficou gostoso. A alimentação alternativa, ao aproveitamento, por exemplo, a não descascar a abóbora. Minha mãe dizia; "eu não sou porco para comer abóbora com casca", mas Amália dizia: "A vitamina está na casca". Falava sobre aproveitar a casca do abacaxi, essas coisas... Assim, era uma agricultura de subsistência familiar. Inclusive, ela achava horrível as grandes agriculturas que tiravam o homem do campo. Valorizava a agricultura familiar que ligava o homem a terra, inclusive ela odiava agrotóxico.

Amália tinha horta na casa dela, uma pequena horta. Plantava uma planta, que protegia a outra, a última planta era a citronela que protegia todas, uma cercava a outra. De forma a formar uma mandala. Ela gostava muito de folhas e quando dava algum probleminha usava água de fumo. Tudo com práticas milenares, sem agrotóxicos. E isso era inaceitável a grandes produtores.

Ela defendia que o homem da terra tinha que ficar na terra, a criança do grupo agrícola deveria estar aprendendo coisas da sua terra para não sair, para viver bem. O grande problema dos grupos agrícolas era que eles eram mais urbanos que rurais. A escola rural mesmo, poucas delas tiveram grupo agrícola. Os grupos atendiam as crianças da cidade. O grande erro dos grupos agrícolas foi não atuar no campo, com a criança do campo.

11-(ENTREVISTADOR) E Amália tinha noção destes contrastes entre este discurso de amor ao campo realizados em escolas na cidade?

-(ENTREVISTADO) Sim, ela tinha noção; tanto que ressaltava que o fracasso dos grupos agrícolas foi devido não ser difundido. Ela criou o Clube Agrícola Couto Magalhães e difundiu ali, ela ajudou a criar o grupo de Trindade, ajudou a fundar o grupo agrícola de Rio Verde, que depois virou a Escola Agrícola, um dos primeiros do país. Mas, essas escolas ficaram no âmbito urbano. As crianças que estudavam no âmbito rural que deveria receber esses atendimentos não teve. Daí o contraste do discurso rural no âmbito urbano e o fracasso veio daí.

12-(ENTREVISTADOR) Se pudesse resumir Amália Hermano em uma frase, qual seria.

-(ENTREVISTADO) A mulher que trabalha, luta e vence.

13-(ENTREVISTADOR) Bourdieu (2015) fala sobre o capital Social e os agentes que propagam uma ideologia, uma ideia. Você concorda que Amália Hermano foi um agente e utilizou-se deste capital social para criar toda uma rede de relações, de sociabilidade?

-(ENTREVISTADO) Sim. Ela era estrategista; a questão dela dirigir os grupos agrícolas, na ordem que colocamos, antes dela ir para a Secretaria de Educação, ela ficou na direção dos grupos agrícolas. Ela foi professora da Escola Normal Oficial, professora do IEG. Tendo o problema com a Ofélia, o governo fez com que ela fosse para os grupos agrícolas, a Ofélia ficou na direção e ela saiu do IEG Criou-se um departamento para ela: grupos agrícolas e, depois que ela foi para a Secretaria de Educação.

Então, por ser estrategista era uma mulher que sabia aproveitar as oportunidades, Amália tinha estratégias, pois ela precisava sobreviver. Ela precisava do salário dela. Ela fez todos esses trabalhos; nos grupos agrícolas, na secretaria, na Revista de Educação, ganhando como uma professora de 40 horas aulas. Ela nunca teve um "rachar de ganhar dinheiro". Não. Mas é claro ela se valeu disso pois, gostava do meio intelectual. Então, todo lançamento de livro: Amália estava. Ajudar os intelectuais; Cora Coralina por exemplo foi uma das pessoas que ajudou. Ajudou Cora a se firmar, pois Cora era mal vista neste período, quando chegou aqui, Cora voltou para Goiás em 1962 e ela ainda não tinha publicado nenhum livro. Amália trabalhava na UFG, contribuiu para que Cora recebesse uma verba para publicar seu primeiro livro. História dos Becos de Goiás. Tem até fotografia de Amália com Cora, no lançamento do livro. Ela ajudou a Cora, eram amigas e ajudou a tirar aquele ranço de mulher que tinha fugido de Goiás, com homem casado etc. Justamente porque Amália não tinha esses preconceitos bobos.

Ela ajudava os intelectuais novos; era uma mulher de grande influência social, cultural. Participava de toso os lançamentos de livros. Era amiga de Jorge Amado. Quando vinham para Goiânia, vinham para casa dela. Ela que influenciou a mulher de Jorge amado, Zélia Gattai a iniciar na literatura, pois Zélia tinha escrito um diário, que depois virou um livro "Anarquistas graças a Deus", o qual foi até seriado de televisão. Este era apenas um esboço. Amália disse a Zélia: "_ Você não precisa

C. F. Am

viver a sombra do Jorge, pode ser uma grande escritora também"- A qual tornou-se uma grande escritora.

Amália foi amiga de escritores com ciclo nacional de conhecimentos, depois de aposentada ia em todos os congressos. Tinha Congresso lá em Porto Alegre, ela ia.

Amália não lutou tanto pela questão salarial porque o marido tinha um excelente salário, ela sem filhos, ajudava muito os sobrinhos, mas não tinha uma despesa grande. Gostava de sua casa pequenininha, a cada dela só tinha um quarto, uma sala muito grande e uma cozinha minúscula, um banheiro e outro quarto. Ela gostava de obras de arte, a parede da casa era cheia de obras. Era uma mulher que tinha uma caminhada não só pela literatura, mas pelas artes.

Ajudava muito Octo Marques, comprava seus quadros, organizou uma exposição. Ele foi seu amigo de infância, estudaram juntos no Liceu. Ela tinha uma relação com artistas com trabalhos internacionais. A Lurdinha Maia, cantora goiana nascida na Cidade de Goiás que fazia sucesso em Nova York, Amália esteve com ela, foi para os Estados Unidos assistir uma apresentação. Ela saía daqui (Goiânia) para assistir um show em Nova York de Lurdinha Maia. Também gostava muito de Dercy Gonçalves, quando Dercy fazia shows em Goiânia, ficava em sua companhia. Amália era amiga de Chico Xavier, este quando vinha em Goiânia, ficava na casa dela também.

Amália era uma pessoa que tinha uma gama de relações. Claro que ela utilizou disso para si própria. (Quem não quer?) Os livros que ela publicou foram dedicados à pessoas. *Perfis*. A História de Goiás era o grande sonho dela que eu participei até a morte dela. Eu fui datilógrafo dela, tinha conhecido ela quando criança, fui reencontrá-la aos 18 anos (1988) estava sem trabalhar, nesse tempo já morava em Trindade, ela precisando de um datilógrafo, pois já tinha uns quatro meses que a pessoa tinha saído. Acidentalmente vim trazer um doce para o Dr. Maximiano que minha mãe fazia. Conversando com ela sobre o excesso de papéis, ela me perguntou se eu não queria trabalhar com ela. Eu aceitei na hora. Comecei na outra semana. Eu não trabalhava todos os dias, só três dias da semana- quinta, sexta e sábado a tarde, pois fui admitido em concurso no Estado e passei a trabalhar pela manhã. Com Amália eu não era um funcionário fichado.

No trabalho que realizava primeiro eu guardava arquivando o material que estava acumulado. Isso durou uns dois meses, era muito papel. Ela me pagava muito bem. Lembro que o que eu ganhava durante um mês no estado, ela me pagava por três dias

de trabalho, pagava por semana. Então, ela percebeu que eu gostava de papel velho e me colocou para datilografar os escritos do livro dela. Que ela fazia a mão. E como eu datilografava rápido, logo datilografei tudo que ela havia escrito e a alcancei.

Por eu ser rápido, ela passava a noite escrevendo eu datilografando no outro dia. Nós trabalhamos até sábado, ela teve o derrame no domingo. Achei que ela estava meio tonta, às vezes já estava sentindo alguma coisa. Mas, ela não tomava remédio. Havia muitos anos que ela não tomava remédio de farmácia. O último remédio que ela tomou foi na década de 1960. Ela era macrobiótica e como tal não aceitava remédios farmacêuticos. Quando tinha uma gripe, uma dor de cabeça tomava chás. Também tinha a dona Maria, uma senhora lá de Trindade que fazia comida para ela, pois a comida macrobiótica não é qualquer um que sabe fazer. E aí na varanda da casa dela, no meio do jardim de samambaias tinha uma mesa de pedra lascada, com cadeiras de perna de ferro. Era lá na varanda que a gente almoçava. A dona Maria fazia a comida dela sem nada de sal. Era zero sal, zero gordura, zero tempero. Então, era uma comida cozida na água, integral, umas verduras bonitas cozidas com cascas. Ela não usava nem azeite.

14-(ENTREVISTADOR) Com este estilo de vida, como Amália se relacionava com sua família?

-(ENTREVISTADO) Era difícilimo, se ela era convidada por exemplo lá em casa, quando eu era criança, ela levava uma marmitinha, já tinha a comida separada. Então, estava todos comendo a comida da casa e ela a dela, separado. Quando ela ia num lançamento de livro ela saía para não ser tentada a comer, pois tinha vontade de comer, mas não se permitia.

Era muito rígida consigo mesma, e não adiantou nada, pois morreu. Mas, se pensarmos, o que a matou foi o excesso de trabalho, ela não descansava. Eu chegava e perguntava para ela: -O que fez no final de semana? Ela respondia:-Escrevi.

Depois da morte do marido ela ficou muito reclusa, pois antes como ele gostava de passear, eles iam muito. Ele morreu em 1984, ela 1991. Ela viajou ainda umas três viagens internacionais, foi a Itália, Nova York junto a Narcisa Cordeiro, que era muito sua amiga. E no Brasil ela ia muito a Nova Viçosa, onde Alcione sua sobrinha tinha uma pousada a beira da praia, mas Alcione cometeu suicídio em 1987 e aí ficou pior para ela, pois era uma afilhada que ela gostava muito- Alcione grande escritora. Amália era uma pessoa especial, viveu de uma forma diferente, viveu para o trabalho, para a produção e o grande sonho dela era que a grande obra dela, História

de Goiás fosse publicada e daria uns dez volumes de mil páginas, ela tinha umas dez mil páginas. Ela deixou isso lá, com sua morte a casa ficou fechada por quase dez anos.

Houve um processo difícil de compra e venda da casa, a família até vendeu para o governo, na época Iris Rezende, mas a compra não foi efetivada devido a cada não atender as necessidades para se transformar na sede da Academia Feminina de Letras, assim foi desfeito o negócio. Então, depois de quase dez anos de manutenção, foi desfeita a casa.

Mas, durante anos a família continuou a cuidar da casa como se Amália estivesse lá. Que família extraordinária, eles mantiveram a casa com o ela era durante uns sete anos. Ela morreu em 1991, em 1998 ainda não tinha decidido. Em 1997 o Iris comprou, aí não deu certo. Só despesas, pois um imóvel tem gastos, manteve os jardineiros todos, a funcionária da limpeza e manteve a funcionária do escritório, pois foi até minha irmã que ficou lá fazendo o mesmo trabalho que eu fazia, eu já tinha passado no município (concurso) e não podia mais trabalhar lá. Minha irmã continuou recortando jornais como se Amália estivesse viva, pois o Dr. José Hermano queria que lá fosse a Fundação Amália Hermano. Mas quando o negócio não deu certo e eles viram que não tinham condições, aí venderam a casa.

Quando decidiram vender a casa, foi o grande dia da minha vida, quando o Dr. José Hermano ligou para mim e disse: - pegue o que você quiser do acervo. Eu enchi um caminhão, minha biblioteca tem cerca de nove mil livros e noventa por cento é Amália Hermano. Lembro que foi um caminhão. E o que sobrou veio aqui para o Instituto Histórico Goiano, então o meu acervo é maior que o daqui. (Instituto Histórico Goiano)

Meu sonho é fazer um acervo Amália Hermano Teixeira, pois o meu bosque lá na chácara que tenho em Trindade, tem o nome de Amália Hermano em homenagem a ela, mas é particular.

Mas, a minha vontade é pegar todo esse material que tenho e transformar em uma fundação e ainda penso em fazer, pois precisa-se desgarrar das coisas, Amália não teve tempo de se desgarrar. Com a fundação não será só meu, será de todos.

Amália tinha um ideal, ela queria que tudo que ela juntou servisse as pessoas, não era egoísmo; ela queria que as pessoas entrassem na casa dela e respirasse daquela atmosfera de uma vida dedicada a cultura. Ela amava a cultura, por que ela mexeu pelos quatro cantos, na literatura, na poesia, acho que a única coisa que ela não fez

foi música, pois ela representava em teatro quando era moça, ou seja, ela teve uma atuação notável, era movida por um ideal. Então, meu ideal hoje é transformar tudo que ela deixou na fundação.

15-(ENTREVISTADOR) Qual a importância como intelectual de Amália Hermano no campo educacional?

-(ENTREVISTADO) A importância de Amália Hermano como intelectual na educação, é cariar a ideia do professor pesquisador, não aquele professor que fica bitolado no seu livro didático, na sua sala de aula não, o cuidado que ela tinha era de historicizar, de contextualizar o que ela ensinava. Então, por exemplo, quando ela ensinava no Instituto de Educação, por exemplo, ela ensinava Geografia, ela não ensinava só Geografia do currículo, mas ela transformava a geografia em algo vivo, ela não entendia o conhecimento dissociado da realidade, ela queria ensinar algo palpável. Quando se criou a Usina hidrelétrica do Jaó; ela levou suas alunas para conhecer, pois a geografia tinha que falar sobre as águas, eletricidade, etc. Ela não quis só falar, ela levou as alunas na represa do Jaó, um ensino vivo.

Ela entendia que a educação era a vida, a realidade e não só escolar. Entendia a educação como algo palpável, então ela trazia a realidade para a sala de aula, as alunas tinham que fazer pesquisa campo, independente dela, por exemplo a Elza Baiocchi que foi escritora e foi aluna dela no Instituto de Educação, fez uma homenagem a Amália falando sobre isso.-“Com Amália eu passei a amar a realidade”, ela escalava as alunas dela, no Instituto de Educação a fazer descrições, primeiro ela ensinava a como descrever uma árvore, desde a casca, a raiz-tecnicamente. Depois, ela mandava as alunas que fizesse a pesquisa a campo. Então Elza Baiocchi explicou que foi estudar Mangubas, as manjubas era o meu estudo, tinha que estudar as mangubas tecnicamente, e depois as mangubas distribuídas em Goiânia. Teve que mapear as principais mangubas em Goiânia, as situações que estavam, se tinham doenças ou não, o desenvolvimento destas mangubas, se Ipês, Flamboyant....

Amália entendia que nosso lugar poderia se transformar em um grande livro, fichário. Tanto é que na casa dela tinha um fichário com tudo que o aluno tinha feito. E tinha um fichário de cada aluna; neste fichário tinha todos os dados das alunas e nele ela relatava: Neste dia, a aluna me trouxe o trabalho referente ao Ipê. Um registro minucioso, entendendo que aquilo é história, que aquilo é memória, memória para a pessoa. Tanto é que muitas pessoas que foram alunas dela, reproduziu em sua

homenagem basicamente isto. Que Amália ensinou amar a vida em todas as suas instâncias. Eu conversava muito com ela, quando o serviço acabava, quando chovia, já cheguei a dormir em sua casa, num colchão no chão da sala. Então era uma pessoa que valeu a pena conhecer.

Amália para mim foi um exemplo de vida, uma pessoas que gostava do trabalho, seja qual fosse o governo ela estava de mãos abertas para trabalhar. E trabalhou até o fim. Ela nem descansou. No domingo que passou mal, ainda foi almoçar na irmã dela e lá passou mal, teve o derrame, ficou internada cinco dias e morreu. Ela trabalhou até o último dia. O lema dela era trabalhar, trabalhar com êxito, não trabalhar aleatoriamente, trabalhar a pesquisa. Ela não tinha preguiça de pesquisar. Se ela fosse falar de Bromélia, ela pesquisava no livro sobre bromélia. O plano de aula dela ressaltava esse detalhamento. Amália foi uma mulher importante.

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado
 Dr. Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

 A entrevista foi gravada, transcrita e revisada com autorização do entrevistado que assinou comprovando sua autenticidade no depoimento.

Curado

ANEXO 04 - RELATÓRIO DO DIÁRIO DE CAMPO ELABORADO A PARTIR DAS VISITAS NO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Anexo IV

Documento elaborado a partir do depoimento do Dr. Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, Professor Universitário e Funcionário Público. Amigo de Amália Hermano Teixeira, com quem trabalhou de 1988 a 1991- como arquivista e datilógrafo. Trata-se de depoimentos, conversas informais, a partir de visitas realizadas no Instituto Histórico Geográfico de Goiás, como propósito de buscar dados para a pesquisa realizada sobre a pessoa de Amália Hermano Teixeira como intelectual.

Importa registrar que as conversas nesse âmbito captadas foram registradas sem conhecimento prévio de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado; o qual só tomou conhecimento deste, em visita ao Instituto e leitura do mesmo. Foi pedido a ele que lesse e assinasse o relatório, ao propiciar, assim, uma legitimidade ao mesmo enquanto documento.

Assim, ressalta-se que o propósito deste está em estabelecer conexões com os depoimentos advindos das entrevistas e das pesquisas bibliográficas, com o intuito de dialogar por meio de outros caminhos percorridos com a intenção de fortalecer os critérios propostos, ao compreender que no contexto apresentado por Bento Fleury Curado há exposto toda uma carga de representatividade pelo carinho exposto pelo expoente, no entendimento de que o discurso aqui exposto não é um trabalho neutro, mas vem abarcado de intenções, que conforme analisado e provindo de um amigo que muito admirava Amália Hermano Teixeira.

Percebe-se, neste exposto, que os depoimentos de Bento Fleury Curado compreende o que nos afirma Skinner que "Toda ação historicamente significativa deve ser reconstruída tendo em vista o pensamento do agente que a efetuou"(SKINNER, 1966 apud, SILVA, 2010, p.306)

RELATO

A primeira visita realizada ao Instituto Histórico Geográfico de Goiás, ocorreu dia 06 de outubro de 2016, em busca de encontrar vestígios sobre Amália Hermano Teixeira. Neste mesmo dia, conheci o Dr. Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, que ali trabalha e me foi apresentado pela secretária do Instituto.

Expliquei-lhes que meu interesse em pesquisar Amália Hermano Teixeira, e em conversa informal com o prof. Bento, o mesmo me confiou que Amália Hermano

Teixeira fora sua amiga, que o mesmo trabalhou com ela como datilógrafo e que trazia em si uma imensa admiração pela autora.

Contou-me que a mesma utilizava da alimentação macrobiótica, que levava sua própria comida para os lugares que ia, e que mesmo quando fazia suas viagens em busca de novas plantas, pois Amália era uma grande orquidófila, levava sua marmita. Seu marido Maximiano da Matta, a acompanhava em muitas viagens; porém, sempre que possível, e longe da mulher, gostava de saborear as comidas a eles oferecidas. Comidas caseiras e da roça.

—“No velório de Maximiano, apareceu um senhor vendedor de pastéis, que confirmou que ele fora um cliente que comprara pastéis fritos com frequência. Assim, para não contrariar a esposa, comia com ela as comidas macrobióticas, mas sempre buscava suas preferências em comidas que o satisfazia.”

Contou-nos que Amália amava ir na fazenda onde a sua família morava, e que lá saía pelos campos em busca de plantas. —“Amália amava sair pelos campos em busca de plantas, tem até uma foto dela em uma grande pedra, onde ela ressalta sobre o cerrado goiano.”

Nesta visita realizada, comprei o livro *História de Goiás*, (2011) e Dr. Bento, me presenteou com uma imensa quantidade de materiais que muito facilitou minha pesquisa.

Retornei ao Instituto Histórico Geográfico no dia 20/02/2017, ofereci-me para ajudar nos recortes de jornais realizados por funcionários; nesta conversa, o professor Bento contou-me que Amália Hermano Teixeira era uma professora muito detalhista, que a mesma realizava fichas individuais sobre cada uma das suas alunas, e que nestas fichas havia uma identificação das mesmas e anotações de cada trabalho, cada atividade especificada que estas realizavam.

Perguntei sobre estas fichas, e a possibilidade de tê-las; porém, foi me informado que muito de seu material tinha sido exonerado, muitos papéis tinham sido perdidos devido ao tempo e a forma de arquivamento, e que estas fichas faziam parte desta perda; ainda buscamos encontrar algumas, pelas caixas expostas, mas não foram encontradas. Encontramos um caderno de planos, escrito em 1940, que serviu-me de análise para a pesquisa.

Ms. Oliveira

Confessou-nos, que o sonho de Amália Hermano Teixeira era fazer de sua casa um lugar de pesquisa, que servisse como um lugar que contasse uma história. E as ações de Amália no decorrer de sua vida fora para instituir-se este lugar. Porém que devido a encargos e dificuldades em consolidar este sonho, que a casa tinha sido demolida.

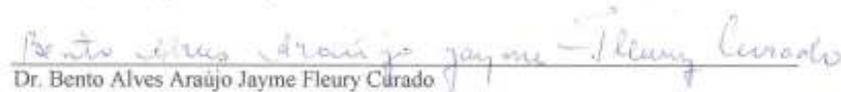
Afirmou ter em sua casa uma enorme quantidade de livros e matérias referentes à Amália, que sua biblioteca particular tem um número maior de livros que eram de Amália que o próprio Instituto Histórico e Geográfico Goiano.

Outra data que retornei ao Instituto e conversei como Dr. Bento, não foi catalogada, mas neste dia, pedi a ele que me autorizasse fazer cópia do caderno de planos de Amália, e conversamos sobre a possibilidade de uma entrevista oficial, sobre sua amizade com Amália. Marcamos a entrevista para dia 05/10/2017.

Mas, antes da entrevista oficial, o professor Bento, em conversa informal, juntamente com outra funcionária do Instituto, apresentou-me ao sobrinho de Amália Hermano Teixeira, que neste dia, também visitava o Instituto. Por meio desta conversa com o sobrinho de Amália, possibilitou-me conhecer a irmã de Amália Hermano Teixeira: Rosinha Hermano, a qual após vários telefonemas, aceitou conceder-me para uma entrevista.

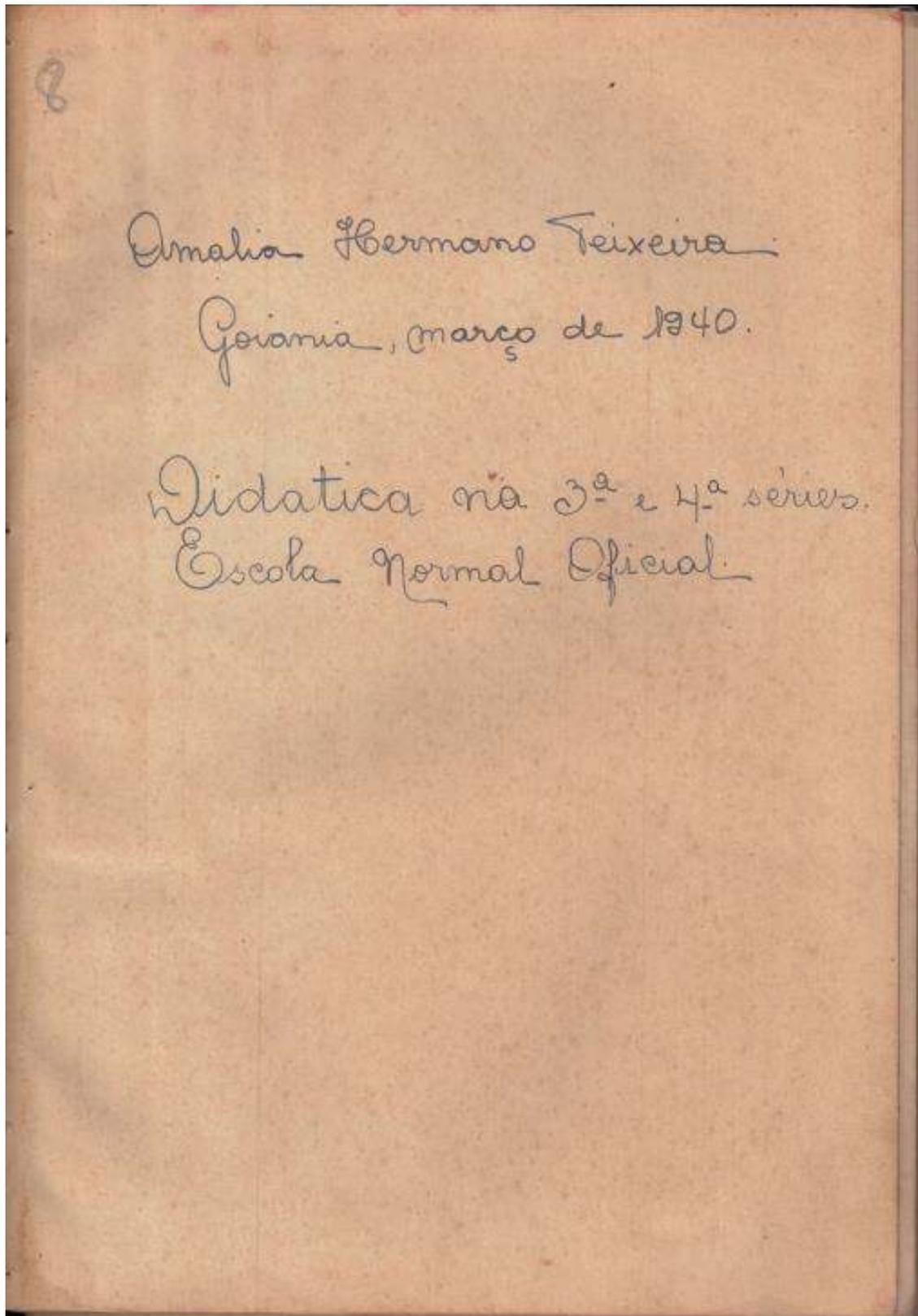
Nesta visita, o professor Bento, ressaltou sobre sua convivência com Amália, sobre os aspectos de sua casa. Falou de suas amizades com muitos intelectuais importantes, e reconhecidos; dentre eles muitos goianos. Citou nomes: Elza Baiocchi, Narcisa Cordeiro, Dina Cogolli. Explicou-me que a autora Augusta Faro Fleury de Mello, fez uma Louvado em homenagem para Amália.

¹Os outros assuntos, o professor Bento Fleury Curado, também descreveu na entrevista, visto que foi computada de forma oficial.


Dr. Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

¹ Depoimento assinado após leitura, confirmando sua autenticidade no depoimento, em 12 de abril de 2018.

M. Fleury

ANEXO 05 - XEROX DO CADERNO DE PLANOS DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA

Didática - 4ª série

1

I Conto

Metodologia da leitura

— I Plano de aula —

Conceito da leitura — Ler é perceber as formas gráficas das palavras escritas, compreender-lhes o significado e, quando a leitura é oral, traduzir em sons articulados os sinais ou símbolos da escrita. "Lása maravilhosa essa a de transformar em palavras faladas e em pensamentos logicamente encadeados os mudos e inertes símbolos da escrita".

O homem das civilizações primitivas não podia compreender esse mistério, o livro e a escrita inspiravam religioso respeito. Para o povo supersticioso saber educação e leitura são termos sinónimos. Os antigos ignoravam o processo psico-fisiológico da leitura. A leitura não é uma poder de caráter geral; é um conjunto de capacidades específicas. Se a criança ignora porque deve ler isto ou aquilo não o pode fazer de modo inteligente.

História do ensino da leitura — Séculos e séculos a leitura foi ensinada pelo método do ABC. As crianças aprendiam as letras com seus nomes e em seguida suas combinações em sílabas e palavras. Pertenciam a ordem

psicológica de ensino, segundo a qual as ideias precedem as palavras e o conhecido ao desconhecido. Não ensina o método do ABC e significado das palavras e apenas sua leitura.

Método fonico - Valentin Leksamer - alemão - em 1830. Cain em deuso, reaparecendo no século XIX com Stephani aperfeiçoado por outros pedagogistas.

Método fonico (processos) { fonosônico - expressão do rosto, com onomatopéias - som fff - f, colido dos sons das letras. sílabas - s
vocalização - substituição da consoante por uma nome que tenha seu som. nota o a - ra; silaba o e - se

Considerado por ser uma variação do ABC; ricioso em seus princípios. Seu emprego combinado aos métodos analíticos

Ensino simultâneo da escrita e leitura introduzido nas escolas em 1º 90 anos do sec. XIX por J. B. Fraser. { leitura escrita pura
processo misto

Bascal acrescenta em e muda as consoantes - Bertalozzi - leitura em coro

Método silábico ou da silabação - ensina a ler e a pronunciar como se lê e pronuncia de fato em cada idioma. Desinteressante e contrario aos princípios psicologicos q serve de base à leitura

Método da palavração - sintético, em o interesse que o fraca o método analítico.

Método analítico - criador prof José Jacotot que expôs suas teorias didáticas em o Ensino Universal da lingua materna.

Processos { decorar a frase. Jacotot. palavras e sílabas.
orações
palavras normais
análise fonica
contos - Margarida McPhee
Tendências atual da leitura - Met. de auto aprendizagem.

2

Motivação do ensino da leitura

Aula prática

4^o ano

20-3-1940

Assistentes - as alunas do 3^o ano.

Lys - Boa motivação; desenhos de umto - A leitura
 - Deve se começar sempre o ensino da letu-
 ra pela sentença. Alguns faltos na orguniz.
 Escrever com mais rapidez as palavras em
 letra impressa. Motivou muito bem o ensino
 das sílabas, mas não ensina as crianças que
 cada parte somadora da palavra chama-se
 uma sílaba. Falta de observação quanto ao
 ensino de capital importancia nessa 1^a fase.
 Ao dar as palavras o aluno deve lê-las em
 uma só emissão de voz - Nota 9

Primitiva - Formulada a frase a professora
 mandou muitos alunos a repetirem ante de
 se escrever no quadro. Orguniz. - lançou-se
 a pergunta a toda a classe e depois cada
 declarou o nome do que irá responder.
 Como a 1^a também se esqueceu esta de-
 mandar ler as sentenças em ordem e
 desordenadamente. Boa motivação. Descuridou
 dos acentos Orguniz. Nota 9

Leiba - Motivou a aula, contando a historia do caçador. A medida que se vai escrevendo no quadro tambem se lê. Entretanto a arguição está curta. 8

Continuação

28-3-940.

Oracy M. Brandão - Motivou bem a aula, mas não deixou que os alunos repetissem cada um por sua vez a 1ª sentença por elle formada. Escrita a sent. as crianças a convite do mestre leram a mesma para então passar a formação de nova sentença. A medida que no quadro o professor escreve a sentença deve escrevê-la. VIII

Lucilda de M. 1º passo. Não atraem o devida dos alunos. A classe está meio desatenta. Oracy de bolas em pouco baixo segue o passo bem. VIII

Deloris Roriz - Escalçou bem a posição dos alunos. 3º passo - mudou a sílaba inicial. Começou bem, mas repentinamente passou para o 5º e ultimo passo e continuou. VII

Mariilda Godoy - No 4º passo - escreve muito lentamente, facilitando a indisciplina na classe.

Marcilda motiva bem e chama a atenção dos
crianças. Descartou dos acentos.

Sebastião Arantes - 5º passo - palavras rima-
das, ensina uma palavra não muito
aconselhável às almas. Chama continua-
damente uma aluna, e a mais viva
da classe, constitui erro de arguição. VIII

6/4/1940

Quela pratica leitura no 2º e 3º

Waldice M. Monteiro - Motivação bem a lição
contando a história do descobrimento do Brasil.
As narrações, porém não foi breve. A classe
se acha mais ou menos atenta. Fazendo a leitura
sucessivamente para explicar o que sejam
"casas de contendas", o que deveria fazer ante-
riormente. VIII

Geralda B. Dias - Percebeu que a classe se distraía
e enquanto um aluno reproduzia a história.

Alguns erros de arguição. Sentença é uma frase de sen-
tido perfeito e completo. Chama o mais "pesado"
da classe com insistência, atendendo assim, às
regras de arguição. VIII

M. Waldice Argimam. Leitura classe inquieto.
Muito rápido na chamar a atenção dos alunos.

AnotaçõesDidática - 3ª série 6

Dia 26. Madri de Andrade, Gracy Britas e Benedita das Dores não entregaram os pontos de Didática (3 pontos.)

Entregaram a 28.

Abril de 1940

Alunas indicadas para aula prática de leitura nas classes do 2º ano: Geraldina P. Dias, Eunice Parvalho, Waldyce N. Monteiro e Maria Adelaide Jungmann.

Dia 6-4 (sábado). Assistentes as 3ª-anistas.

Delva Ilce e Lilah Florantina

não o último ponto

~~LXII~~ ~~LXIII~~

Ponto para o dia 11

Geraldina, Cecilda, Sebastião

Dia 16 de abril

Aula prática de caligrafia no 1º ano pelas alunas do 4º ano: Waldice, Gracy e Geraldina. Waldice olha bem a posição dos alunos e corrige os defeitos da escrita. Gracy e Geraldina desempenham bem seu encargo.

VI VII VIII

No 2º ano: Eunice de Carvalho, Bemilda Hernando e Leila B. Cruzinell. Todas bem.

Eunice escreve, um pouco lentamente. Esqueceram-se de mandar os alunos assinarem e datarem a lição

Leitura nas classes do 2º e 3º anos

Finalidade da leitura nessas classes. Leitura oral e silenciosa. Vantagens e desvantagens.

- técnica - evitar defeitos de pronúncia e fazer que os alunos compreendam as palavras ouvidas.
- intelectual - refere-se aos fatos, questões, cuja compreensão seja necessária para assimilar o texto lido.
- afetiva - colocar a criança na situação, atitude mental ou sentimento que a passagem escolhida deve provocar.

Leitura de poesias - ^{1º} leitura em voz alta pela professora, comunicando à criança a emoção sugerida pelo texto para que eles compreendam o ^{2º} texto expresso no trecho de poesia.

- Erros da leitura oral (Gray)
- 1 - Inserções de palavras, letras ou partes de palavras - 24 1/2%
 - 2 - Substituições - lambdacismo e rotacismo - 24%
 - 3 - Repetições - 16%
 - 4 - Omissões - 15%
 - 5 - Má pronúncia - 9%
 - 6 - Erros de varia ordem e erros frequentes - 13%

Os defeitos mais comuns de pronúncia

- dislalias - defeitos nos órgãos periféricos e pode ser devido a maus hábitos, anomalias dos órgãos ressonadores etc. ceceo
- disartrias - defeitos q. dificultam a articulação e com os sons silábicos como a

stuttering
stammering

falta atropelada

Tratamento - escolas ortofônicas
médico, professor e família
Fernando de Aguiar - S. Paulo
Departamento de Educação 1933

Medidas dos processos de leitura oral e escrita pelos testes-padrão: Gray - oral; Courtis, Kelly - leit silábica.

		7
1 ^a aula de leitura	{ <ul style="list-style-type: none"> 1^o Narracão sucinta pela prof. 2^a Leitura articulada e vagarosa pela prof. 3^a Escrita do quadro das expressões e palavras mais difíceis, com explicação da prof. 4^a Leitura e interpretação de trechos pela prof. 5^o Leitura corrente pela professora e marcação dessa lição para ser estudada em casa. 	
2 ^a aula de leitura	{ <ul style="list-style-type: none"> Reprodução de toda a lição por 2 ou 3 alunos Leitura e interpretação de pequenos trechos pelos alunos Emprego em sentenças orais das palavras explicadas Leitura de toda a lição por um aluno 	
3 ^a aula de leitura	{ <ul style="list-style-type: none"> Leitura corrente pelo maior numero possível de alunos. 	

Metodologia da Caligrafia
1º ano.

Metodologia da escrita

Historico - A técnica da escrita depende em grande parte do estilo ou forma das letras e do material usado. Os antigos romanos, aos quais se deve o alfabeto latino, origem de nossa letra impressa e manuscrita, usavam com um buril ou estilo, em tabuinhas cobertas de cera. A invenção do pergaminho e do papel espalhou o uso da pena de ganso e das letras uncial, redondilha, cursiva, etc. A ponta da pena é larga, os traços grossos e finos da letra se devem à direção do movimento, e não à pressão da mão. Toca em moda, com a inv. da imprensa a letra cursiva um pouco inclinada.

Fins e valores da escrita

A escrita é atividade artificial, desinteressante para a criança. Ação do meio ambiente, principalmente urbano. Direção eficiente da aprendizagem, boa técnica - motivação. A criança deve sentir interesse, a hora, necessidade de escrever. Valor da escrita no "struggle for life", correspondências - auxiliar a memória e escrita organiza o trabalho do pensamento. Linguagem falada e escrita - paralelos. A escrita tornou exatos os homens, dizia Lord Bacon.

Segundo os valores, } 1ª que o aluno deve alcançar ao fim do ensino primário
 } 2ª que deve servir-lhe de guia e modelo em cada período da aprendizagem.

tipo autônomo no fim } tipo 60 da escala de Ayres suficiente pela maioria dos **10**ta-
 telegrafistas, mercantis consultados, alguns preferem o tipo
 70 e 90 da mesma escala. Trabalho de Freeman.

Análise do processo da escrita - processo muito complexo; ^{segundo} alguns fisiologistas, exige o concurso de uns 500 músculos, perfeitamente coordenados durante a escrita. Músculo do braço - contração - musc. do corpo - inércia. Imobilidade difícil para crianças. Certo coelho que indisciplinado 5 anos, sentado não pode permanecer tranqüilo mais de $\frac{1}{2}$ minuto. Nos 5 a 10 a imobilidade não passa de $1\frac{1}{2}$ minutos.

Fisiologia do ato de ler - várias investigações sobre o movimento ante-braço, dos dedos, a rapidez e o ritmo da escrita, a posição do papel, a maneira de segurar o lápis e a pena, a inclinação e o caráter da linha, a pressão da mão, as inclinações da prática, etc.

Movimentos da escrita } 1º simples { ante-braço - oscila ao redor do estômulo e dirige a mão
 dedos - formação das letras, coordenado com o ante-braço
 pronúncia - notação da mão com a palma para baixo
 2º referente à rapidez e ritmo } aumenta com a idade, chega ao máximo na adolescência - acellum nas meninas + que nos meninos
 não é uniforme e regular - diminuição na rapidez do movimento infâncias e idades
 letras compostas de 2 digito braço: 1º braço de pp. cima 2º

Pressão da mão { estudada por Goldscheider - capsula pneumática
 Rupp, Binet, balança de escritorios, alguns resultados foram:
 e outros. } pena elétrica de Edison.

3 tipos de escrita { homem adulto - pressão + forte que mulher e em cada palavra sobe-se o 1º máximo de pressão. Aumenta a pressão com a rapidez da da escrita
 mulher adulta } pressão + fraca que homem e faz 1º máximo de pressão em cada palavra manuscrita a qual decreta com a rapidez da escrita.
 criança principiante } toda letra é escrita com a mesma pressão e não se encontram ritmicos no trabalho.

Controle sensorial na escrita. Dependemos mais ao escrever da sensibilidade tátil e muscular - dirigir o alinhamento, separação das palavras, uniformidade da escrita.

Inclinação da letra manuscrita - Quanto mais inclinada a letra mais rápida é escrita. Escrita vertical mais tempo. Inclinação até 60°. Legibilidade boa. Inclinação boa (50-20°) rápida e ligeirinha. Não há a tendência de inclinar a cabeça e o corpo para a esquerda. A inclinação média é preferível para maioria f e h.

Tamanho e estilo da letra - A criança escolhe o tamanho irá diminuindo até 2mm para as minúsculas e curtas: a, e, o etc. Modelos de letras para uniformidade e legibilidade da escrita.

Qualidade e rapidez - Não deve a rapidez de cultivada desde o início; procurar um grau de rapidez compatível com a boa qualidade da escrita.

Posição do corpo, antebraço, mãos ao escrever

Corpo em frente do papel - posição paralela; corpo direito e cabeça ligeiramente inclinada sem rigidez, para o que a inclinação começa das cadeiras e não da cintura, os pés suavemente descaídos no piso. Se usar a letra vertical os antebraços apoiam na mesa formando com o bordo inf. da carteira um ang. de 45°. Mão esquerda formando papel; a direita descaída nas pontas do ^{minimo e anular} polegar ^{meio e indicador} e o índice deve ficar a 3cm da ponta do lapis ou pena.

Material da escrita - giz - 1.º tempo 10 semanas no quadro negro - pena no 2.º ou 3.º grau. Lapis de pedra grafite. Penas com pontas arredondadas Leonhard. Canetas - madeira, borracha, celulose e parte em os dedos se apoiam: lanacha portica, não de metal.

papel rugoso - lapis - macio - pena tinta preta - não de anilina - venenosas.

Ponta

11

Escrita no 2º ano - Exercícios -

Continuação de sentenças iniciadas no 1º ano, para praticar princípios elementares de gramática.

Gênero das palavras - Femininos e masculinos diferentes verbos, no presente, no passado e no futuro do indicativo, na 1ª pessoa do sing e do plural, e depois 2ª e 3ª do plural.

Sentenças interrogativas, iniciadas, assim: Porque? Para que? De que? Onde? De onde? De que? Quando? Quanto?

2º semestre do 2º ano.

Exercícios de invenção de historietas sugeridas por gravuras. Preparação por meio de diálogos. São exercícios calcados sobre a imaginação dada logo que o menino sabe ler. Fantasia, natural na infância não se deve deixar porvir o reino do raciocínio e neste ponto podem já os alunos justificar suas preferências e juízos.

No quadro são escritas sentenças, 1 de cada vez e solicitadas as respostas: Que flor acha você mais bonita? por que? Os filhos amam ^{e respeitam} o pais? Por que? Que profissão você deseja seguir? por que?

Esse esforço promove o desenvolvimento mental. As falhas devem ser atentamente corrigidas.

2º ano

não copia — Correções —

Correção em classe, quando os alunos fazem
os exercícios, faz copiar no quadro as
sentenças e, com toda a classe, critica e corrige
as falhas. Leva, assim, a própria classe a descobrir os er-
ros e a corrigi-los.

Correção de historietas — Correção em classe indicia-
cional. Cadernos levados para casa. Critério a
seguir e o condenado.

14
 Aula prática - dia 18-5-70

Escrita no 3º ano

Professoras:

Aracy, Waldice, Marilda e Geraldina
 Assistentes - 4º ano - Lila, Eunice, Hugo, Cremil-
 da

Tudo o 3º ano.

Aracy conta uma história sobre o "Reino da
 Macacolandia". Reprodução por 1 aluno. Todos
 leram a história. Boa fixação. Correção
 em classe.

Geraldina - Grau -

"mais que" é comparativo de superioridade
 A lição de grau no 3º ano abrange mais o
 uso adjetivos: melhor, bem, ruim. Grau de
 Geraldina de grau dos substantivos. Marcha
 do ensino perfeita.

Marilda - Exercício de logicidade. Marilda
 está desenvolvendo bem a lição.

Devemos estudar? Porque? Respostas inter-
 essantes. Sentenças escritas pelos alunos.

Waldice - Lição sobre palavras homôfonas e
 homógrafas. Boa motivação. parar e cer-
 cando temos para do tudo, curar.

Linguagem oral - (Continuação)

Finalidade { a) poder exprimir-se ^{ANO} em correta e gracia com propriedade
 b) poder falar com segurança e sem custo o que se vive.

Requisitos para quem fala a crianças { a) falar pouco - aprendizado realizado pelo próprio aluno
 b) falar baixo - o mestre é o guia
 c) articular bem as palavras } simplicidade
 d) usar a linguagem apropriada } correção
 e) lições. } propriedade

Simplicidade { termos claros e comuns, sentenças curtas, sem termos rebuscados, etc.

Correção { articulação precisa, soando bem vogais e r das sílabas
 finitas, o s dos plurais, sem transposições, substituições,
 acronímicas, colocação de pronomes e preposições do infinito
 e regras de concordância sintática.

Propriedade { uso de palavras que significam precisamente a coisa ou o fato em questão.

Na escola nova a educação da linguagem oral é o fundamento do estudo da língua vernacular. Não se deve insistir no 1º grau na dicação correta, deve-se dar liberdade à criança, sem censura-la a todo momento e em pouco tempo ela usa linguagem natural, correta, espontânea.

Educação da expressão oral { 1ª a educação da voz - emissão da voz
 2ª a " da linguagem livre
 3ª a prática da leitura expressiva
 4ª a leitura das poesias e da prosa artística.

educação da voz { exercícios de respiração
 correção dos defeitos de emissão de voz e de pronúncia
 (hiperfonias, hipofonias, dislalias e disartrias etc. no ortofoneia) 15
 Tartamudez - médicos, professores e pais.

Linguagem livre { a expressão oral aparece de uma situação importante para
 o aluno que lhe interessa e não por ordem do professor.
 a arte de perguntar - método de conversação
Linguagem em coro

Gramática (A linguagem serve para aprender a gramática,
 segundo Herder) e não a gramática para aprender a linguagem.

Trabalho construtivo - atividade do aluno.

Análise na escola nova - síntese gramatical

Marly joga no campo

(Quando? (menina boa, estudiosa, obediente etc.)

(no campo do ginásio) (sobrenome de Marly) (o nome
 da pessoa com quem joga) etc.

1º ano

Finalidade { trazer a criança falar para corrigir erros e esta-
 ques desagradáveis.

Exercícios { a) Contar histórias narrativas - conteúdo moral fa-
 cilmente assimiláveis, com questões interessantes de
 lógica
 b) Formar sentenças

9º ano

Formar sentenças com palavras

Gênero { palavras parecidas - o, k, ... }
 { diversas - homem - mulher... }
 { parecidas mas com outro sentido }

{ plato - a }
 { ferro - ferra }
 { tiro - tira }
 { ano - Ana }
 { caixa - coixa }
 { barco - barca }

Plural dos nomes e adjetivos { regra geral
 { ar, er, ir, or, ur
 { ag, eg, ig, og, ug
 { al, el, il, ol, ul
 { -ão
 plural neg - Deus, pais, alferes.

Recitação - Verbos usuais no presente, passado, im-
 perfeito, futuro 1ª pessoa do sing. e plural; 2ª e 3ª
 do plural.

Invenção de historietas sugeridas por gravuras

- Teses -
- 3- Tese - X O professor primário nas zonas rurais 29
 formação, aperfeiçoamento, remuneração e assistência.
- 4- A frequência regular à escola; o problema da desercção escolar; a assistência aos alunos; transporte; internatos e semi-internatos.
- 5- Bancanichamento dos alunos que deixam a escola primária, para escolas de nível mais alto ou para o trabalho.
- 6- O rendimento do trabalho escolar; o problema das medidas.
- 7- "As missões culturais" como instrumento de penetração cultural e de expressão das obras de assistência social.
- 8- As colônias-escolas, como recurso para a colonização intensiva das zonas de população rarefeita ou desajustada.
- 9- A coordenação dos esforços e recursos da União, dos Estados, dos municípios e das instituições particulares, em matéria de ensino primário.
- 2- Tipos de créditos para as escolas primárias e fontes de aparelhamento escolar, considerados as peculiaridades regionais.
- 1- O provimento de escolas para toda a população em idade escolar e de escolas especiais para analfabetos em idade não escolar; o problema da obrigatoriedade.

Título das teses ou memorias, que porventura apresentar:

Local e data

Assinatura.

Lembremo-nos de como fala o mestre, possuido de que
 desejo de ser compreendido pelo maior numero possível
 de Brasileiros, quando a nós nos mostra a crassa
 franca colaboração para o descalabro do país.

• Nunca tivemos um serviço de propaganda e de estímulo
 para a aplicação das atividades. Organizamos, pelo
 contrario, uma instrução pública que é um sistema de
 lanais de exodo da mocidade do campo para as cida-
 des e da produção para o parasitismo. ~~Temos o caso~~
~~panha.~~ Uma como reação se estendeu em nossos
 meios educacionais, através do grito de "vamos ao
 campo." Esta politica recentemente combatida por
 nossos pedagogistas de renome, ^{entre eles} como Fernando de
 Magalhães. Realmente, é bem de se notar, que o primei-
 ro a se promover é a exocação do homem a terra, le-
 vando-lhe, enfão assistência necessaria, traduzida es-
 pecialmente, em saúde e educação. Temos aconte-
 cido o movimento desamparado ou, pelo despe-
 ida, tem sido animador, pois ^{grande é} o numero de es-
 colas rurais ^{de} ~~que~~ ^{contamos,}
 A orientação dos ~~últimos~~ ^{últimos} ~~deparou~~ ^{tempos} ~~tem~~ ~~passado~~ ~~esta~~
~~tido~~ ~~esse~~. A escola rural levaria ao habitante
 do campo, até então completamente abandonado, sem
 conforto de nenhuma especie e de que mais necessi-
 taria. Mas mesmo em grande numero espalhadas
 por diversos Estados vieram, essas escolas criar um
 minimo problema, pois que seu programa de ação não
 tinha de encontro as necessidades do ambiente. É
 o mestre professor rural que de preparo oportu-
 na para ~~prestar~~ a ~~desejo~~ ~~desempenhar~~ ~~uma~~ ~~sua~~
~~tarefa~~? Surgem as ~~discussões~~ ^{discussões} e consequentes ^{discus-}
~~sações~~ ^{sões} sobre a formação do professorado, para as
 zonas rurais e a criação das normais rurais,
 e posteriormente as colonias escolas de que ^{nos fala}
 com tanta segurança e conhecimento o professor.
 Sud Bracci, ardoroso seguidor de Tarrazini.

através do ^{seu} auxílio das Comissões Municipais da S. B. A.
 Diariamente, a Legião, na sala de festas do Palácio
 das Esmeraldas, recebe ^{e correspondência} pessoas da família dos que
 partilham a perseguição da Pátria, atendendo-lhes solici-
 tamente, ^{carinhosamente} fornecendo-lhes ^{assistência} médica, ^{e dentária} for-
 necendo-lhes alimento, levando-lhes conforto material
 e moral, a Legião cresce aos poucos e ~~se~~ ^{as} ~~mes~~
~~apresenta~~, ~~realmente~~; desempenha esta e missão fo-
 quada de proteger defender a infância, proteger ampa-
 rar a velhice, proteger a maternidade, criar, educar
 assistir, enfim.

Agora são os Cursos de Promotores Agrícolas,
 cuja instalação tão somente depende da vinda de Técni-
 cos do Ministério da Agricultura da Capital Federal.
 Esses cursos ^{são} organizados através do Sector de Alimen-
 tação pela S. B. A. em colaboração com o M. da Agri-
 cultura e da Sociedade Nacional de Agricultura, coordi-
 nados e realizados pelo Serviço de ^{do qual recebe assistência técnica e material} Informação Agrícola.
 Têm ^{estes cursos} deputados ^{no Dpto.} grande interesse e ~~se~~ ^{entendendo-se já}
 por ^{quasi} todos os Estados. A finalidade dos Cursos de M. A.
 é preparar ^{de como se vê do Regulamento} pessoal capaz de ^{regularmente} ministrar ensinamento prá-
 tico sobre o aproveitamento racional da terra, tendo-se
 em vista a produção de gêneros alimentícios, sua benefici-
 mento e conservação. Essa tarefa a Legião a entrega,
 principalmente, aos Clubes Agrícolas ^{do} filiados.

Constando cada curso de 2 aulas, no mínimo, 9 aulas terão
 sido práticas sobre noções de avicultura, apicultura,
 criação de aves, fruticultura, horticultura, hinc
 dúrias, sericicultura, suinocultura, etc. Sobre
 cada assunto a B.P.A. fornece programa detalhado, or
 yunizado por técnicos de reconhecida capacidade. Os alu
 hos se submetem a uma prova escrita e recebem
 certificados de habilitação da L.S.A.

Assim o programa desenvolvido na Universidade Estadual Bra
 sília em 1936, eminentemente nacional, englobou mé
 tro e alunos. Ali, todos os pontos da filosofia social e
 política de Torres foram claramente expostos. Saúde e e
 ducação, política, imigração e proteção à natureza, a
 pelha questões da vida no ocidente e ^{atual} ~~atual~~ ^{sentimo} ~~sentimo~~
 nos, verdadeiramente entusiasmada quando se debati
 da problema da educação voltamos nossas vistas para
 a instituição n.º 1 da Escola Nova - o Clube Agrícola.
 Esse nosso entusiasmo ^{intense} ~~intense~~ cresceu ^{diante} ~~diante~~ dos quando,
 tomando parte ativa nos ~~trabalhos~~ ^{programas} desenvolvidos
 nesses estabelecimentos de ensino, nos certificamos
 da eficácia daquela instituição. Somos além da belíssima
 fauna do Clube Agrícola. Podemos sentir que poderoso
 fonte fonte de motivação constituiria ele para escolas
 div. Não apenas fazer canções, sementes, plantar colher
 mas ~~proprietários de~~ ^{proprietários de} jardins, da horta, do pomar, boque ^{para}
 uma associação as matérias escolares. Faz com que
 a criança compreenda espontaneamente despertar na crian
 ça o amor, a terra respeito a terra, a compreensão
 dos valores da fauna agrícola sob o ponto de vista eco
 nômico e social. E especialmente, desenvolver-se das
 atividades deste clube no aprendizado ^{de} ~~de~~ ^{um} ~~um~~ ^{valioso} ~~valioso~~ ^{cooperativismo},
 através das ^{atividades} ~~atividades~~ de ^{trabalho} ~~trabalho~~ de atividades infantis
 e ^{professores} ~~professores~~ ^{familiares} ~~familiares~~ ^{podem} ~~podem~~ ^{explicar} ~~explicar~~ ^{melhor} ~~melhor~~ ^{aos} ~~aos~~ ^{alunos}

I Ponto

Evolução da Escola. Escola antiga e Escola Moderna. Estudo comparativo de ambas. Plano de aula a mesma aula de acordo com cada escola.

I Plano de aula

Didática - (do grego, ensinar) significava desde seus primeiros tempos a ciência e a arte de ensinar. Em esse sentido tem sido empregada desde o século XVIII. Para os pedagogos da velha escola, escola tradicional, parada em livrosca ensinar significa o mesmo que instruir isto é, transmitir conhecimentos. E, assim, confirmando o velho vocabulo didática, tanto na prática como na teoria, tem sido interpretado como simples doutrina de instruções. Protestaram contra essa grave confusão alguns educadores do passado, afirmando que ensinar não é só instruir, senão que é também estimular e dirigir a formação do homem. Dai o lema da escola herbatiana: instrução educativa. Sob a influencia das novas doutrinas pedagógicas apresentou-se o caracter educativo do ensino.

Caracter educativo do ensino na velha escola

{ A criança de modo passivo e inerte recebe o que o professor lhe transmite.

Caráter educativo
do ensino na velha
escola

o aluno aprende por si. O mestre dirige-o, encaminha-o
e estimula-o no decurso da aprendizagem.

Conceito sobre aprendizagem.

Para alguns educadores
de ideias radicais

O ideal de H. Lira, o insigne fundador da A.B.E.
era de que, anualmente, os formadores dessa entidade
se transportassem a um de nossos Estados, para estudo
de certos problemas de educativos de interesse geral.

Além das experiências e
B.S. quis imprimir a A.B.E. por ele fundada, uma
orientação altamente prática. Ela ^{uma} ~~de~~ ^{ideia} ~~de~~ ^{que}, anualmente
fazer transportar anualmente, os educadores e pedago-
gistas de renome a um de nossos Estados e as

Orientação altamente ^{educativa} ^{mas} ^{menos} patriótica a que H. Lira, inici-
almente quis imprimir a A.B.E. por ele fundada.

Sua ~~ideia~~ ^{ideia} era de, anualmente, os formadores des-
sa entidade de ~~fizer~~ ^{trabalhos} ~~trabalhos~~ ^{educativos} ~~de~~ ^{desembolessem} ^{se} ^{realizasse} ^{seus}
trabalhos suas atividades em um dos nossos Estados
brasileiros. Assim, ao se a par do perfeito conhe-
cimento dos problemas educativos os mestres do
no A.B.E. estaria realizando um perfeito, admí-

que ~~for~~ ^{virão}, trazendo novas luzes ^{de nossos professores} ~~aproximadas~~ ^{conectando} ~~o~~ ³²
 reforçar ^{ainda mais} o valor que temos dado ao pro dispensado
 ao maximo problema educação de qual depende
 tem dependido o progresso de todos os povos.

II Ponto

Metodo de investigação científica e de ensino
 Diferença entre ambos. Metodo intuitivo.
 Intuição e raciocínio.

- Metodo -

Conceito - Segundo Aguayo, toda atividade humana é metódica quando está sujeita a ordenação ou plano preconcebido. Uma atividade exercitada e o método com que a exercitamos não são coisas separadas e distintas. O método, diz John Dewey, não é nada de externo ao material; é simplesmente o tratamento do material com o mínimo gasto de tempo e de energia. É a direção eficaz do material no sentido dos resultados desejados. Jogar, dançar, disputar animadamente não apresentam consciência de qualquer distinção entre o método e a atividade. Metodo de meta - fim - todo - caminho é o caminho mais curto e seguro para se chegar a um fim.

Metodo de investigação científica não é conhecida a verdade; os sábios procuram-na.

Metodo de ensino ou metodo de direção da aprendizagem. Direção da aprendizagem significa orientação, estímulo e direção do aluno no processo

da aprendizagem. Papel importante a do mestre que provoca, estimula e dirige a atividade infantil.

Direção da aprendizagem

- I Condições do aluno que é objeto da aprendizagem: idade, desenvolvimento físico e mental, aprendizagem prévia, atitudes mentais, etc.
- II Natureza da aprendizagem; hábitos, problemas, processos de observação, apreciação, etc que constituem o propósito do aluno.
- III Tipos associados ou concomitantes, que se relacionam com o fim primário ou principal da aprendizagem: desenvolvimento do juízo e do raciocínio, aquisição de conhecimentos, gosto estético, disciplina moral, atitudes e ideais do educando.
- IV Atividade do mestre na direção da aprendizagem, isto é, o estímulo que dá aos alunos, os métodos que emprega os meios de que se vale, etc.

Os métodos de ensino são numerosos, pois é muito complexo o processo de direção da aprendizagem.

Classificação dos métodos.

Métodos universais aplicáveis a todos os processos didáticos aplicáveis às matérias

- Pestalozzi - intuitivo
- Herbart - passos formais da instrução
- Comenius - 3 graus - compreender, recordar e praticar

Herbart, o mais profundo discípulo de Pestalozzi, autor da doutrina dos passos formais

- I - preparação
- II - apresentação
- III - associação
- IV - recapitulação
- V - aplicação

Métodos gerais baseados em princípios pedagógicos

- metodo do jogo - Cidade de Binquedo (Carolina Pratt)
- de projeto
- Decroly - globalizado
- ensino coletivo livre (Berthold Otto)
- metodo ativo ou funcional

Decroly

- necessidades primordiais do homem
 - alimentação
 - luta contra as intempéries
 - defesa contra os perigos e inimigos
 - aque trabalhar, recrear-se e cultivar-se

respeito - obediência - amizade - afeto - os menos inteligentes, os retardados

Meios para mantê-la:

Recompensas e castigos. Como aplicá-los.

Erros de disciplina

Disciplina ideal -

Conto nº 9º

Vox clamantis in deserto.

Método de Sócrates

Sócrates ⁹ (#68) Atenas - Grécia
(469-399 a Cristo), filho de uma fabricante
de um escultor, cuja arte praticou até que deu-se à Fi-
losofia.

Colônias de férias

- psicopatas
- anormais
- Pediatría
- ortopedia

em sua zona, os ^{seus} problemas serão solucionados. 94

Esses professores saídos da Escolaⁿ Rural, por tanto com um preparo sólido, com um ^{seu} curso técnico-educativo ~~terão~~ ainda uma vantagem incomparável em face dos primeiros, daqueles que tiveram curso feito às pressas.

Quida que tenham de se espalhar pelas fazendas ou proximidades, encontrarão já um meio semi-civilizado, pela ação mesma dos ~~1~~ ou desses ~~ou~~ Escolas Normais Rurais. Seu programa é vasto e a parte prática interessará ^{um} grande círculo territorial. A ação social exercida sobre ^{a população} os habitantes rurais é digna de nota.

Ela aperfeiçoa o professor, que para atender as necessidades do país, recebe instruções em um muito espaço de tempo, não contando com o material preciso empresta seu próprio auxílio a causa educacional.

Com toda essa renovação social e econômica, com a melhoria do padrão vida do sertanejo, ~~para~~ o professor rural ha de encontrar ^{ambiente} campo para a sua ação altamente ~~positiva~~ ^{trinitica}.

Comparado na própria zona rural e com a convicção de que ali irá empregar os seus esforços, ele não se sentirá ^{ditado} desorientado, pois dia a dia cresce o numero de beneficiários, ^{aproximando-se} lembrando-se do conforto urbano encontrado nas cidades.

A vida ao ar livre, o contacto ao progresso sadio do campo e sobretudo o conforto e os resultados objetivos de sua

Seu curso geralmente de 2 anos, sob a direção pelas
 professoras do Grupo, e sob a inspeção do fiscal-
 lyzista contínuo do assistente técnico de educação.
 Tem um programa bem organizado, visando as ati-
~~vidades de tempo~~ ^{compreendendo} além das ^{diretas} ~~resolvidas~~
^{a aplicação aos demais problemas}
 indispensáveis ^{de base} das ^{noções de} ~~noções de~~ ^{trabalho} ~~trabalho~~, de a
 prática pedagógica, dos trabalhos manuais - conhe-
 cimentos sobre o trabalho da horta, do zombar e boque
 além de noções sobre fontes da biblioteca e mu-
seu escolares. As alunas ministrava-se ainda aulas
sobre arte culinária costura, etc. Foi o meio de lancã
ranço mão dava alguns estados, entre como Minas e Pernambuco
com os animadores resultados. Para a materia de leitura em um ano de estudo
o curso de grupos em um exame de admissão rigoroso.
 com uma eficiência ad tr realize o seu programa
então de modo elaborado. A ação de pr assistência
médica e dentária será permanente, e portanto mais
numerosa a frequência escolar, um dos fatores
evitando se, assim em um dos grandes malos da zona
rural, concorrendo, assim para mais elevada frequên-
cia à escola.

Para que se instalassem as escolas rur-
ais rurais na fazenda, o problema apresenta
questões de difícil resolução, tais sejam a ^{coop}
ausência de Meios e de custo, e de particulares
frequência escolar, o transporte de alunos entre
casas nascidos nessas situações.

Não entrando no desenvolvimento desse ^{análise} assunto,
que constitue assunto de uma tese, não podemos
deixar de o citar, pois dela depende a
ação, o êxito ou o fracasso do professor rural.

Portanto o meio com a cooperação
da União do Estado e dos fazendeiros que se
beneficiam pela criação da escola rural.

ANEXO 06 - FOTOS DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA NOS DIFERENTES CONTEXTOS EXPRESSADOS NO TRABALHO



Amália Hermano no Araguaia em 1956 - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury



Congresso de Intelectuais - cantando: Lourdes Maia e a bênção de Frei Confaloni - 1954.

Acervo do Professor Dr. Bento Fleury



Amália Hermano e Maria Augusta Jungmann - Goiânia - 1936. Acervo do Professor
Dr. Bento Fleury



O chafariz de Vila Boa na visão de Amália - 1937. Acervo do Professor Dr. Bento
Fleury



Lançamento do livro de Malba Tahan em Goiânia - 1957 - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury



Desfile dos alunos do Grupo Escolar de Bonfim de Goyaz, da Professora Ninpha de Moraes Lobo - 1940. Silvânia-Go Acervo do Professor Dr. Bento Fleury



Lançamento do livro de Leolídio Di Ramos Caiado. 1967 - Acervo do Professor Dr. Bento Fleury



Amália Hermanso no Rio de Janeiro no Congresso de Educação – 1961. Acervo do Professor Dr. Bento Fleur